

INTRODUÇÃO

A MEDICINA de "folk" foi por nós abordada em 1951 na monografia "*Alguns Ritos Mágicos*"⁽¹⁾ onde publicamos cerca de 1300 ritos, classificados nos três tópicos: "Abusões, Feitiçaria e Medicina Popular". O nosso interesse pelo assunto levou-nos a subdividir este último tópico em: medicina caipira, medicina preventiva, *pinga-terapia* (época em que lançamos tal neologismo), benzeduras e simpatias.

A presente monografia não se circunscreveu apenas a registrar ritos mágicos, mas, procuramos através dos métodos e técnicas da pesquisa sociológica, da abordagem que o antropólogo cultural realiza, penetrar na vida da comunidade, daí termos adotado outra divisão para a nossa medicina rústica, para nossa terapêutica colhida no folclore alagoano.

Há um "velho costume de dividir a terapêutica folclórica em: *cirúrgica* (p.e. incisões, torniquetes, cauterizações etc.) e *médica* propriamente dita; a segunda é mais usual e emprega agentes de natureza distinta: *físicos* (frio, calor etc.), *químicos* (farmacêuticos; orgânicos e inorgânicos), *biológicos* (secreções, excreções, tecidos e órgãos animais ou vegetais), *psíquicos* (sugestão), *mágicos* (cura por meio de palavras, rezas, ensalmos etc.)"⁽²⁾. Tal divisão, embora adotada por outros estudiosos do assunto, não será seguida na exposição.

Alguns autores ao estudar a história fascinante da medicina, através de milênios, para fase pré-científica apontam a existência de três estágios: *mágico, religioso*

(1) ARAÚJO, Alceu Maynard, "Alguns Ritos Mágicos", *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, vol. CLXI, 1958.

(2) Vários Autores, *Renca Folklore Puntano*, Instituto Nacional de Filología y Folklore, Buenos Aires, Argentina, 1958, p. 141.

e *empírico*. Acreditamos ser esta a melhor maneira de tratarmos o acêrvo recolhido na comunidade alagoana — Piaçabuçu, dividindo-o em *Medicina Mágica*, *Medicina Religiosa* e *Medicina Empírica*.

Ao estudarmos a terapêutica folclórica, ao observarmos o padrão de comportamento daqueles que buscam na “Medicina Rústica” a cura para doenças e mazelas, esperamos que além do nosso intento de escrevermos uma pequena contribuição da antropologia cultural à ciência de Hipócrates, estejamos também redigindo uma achega à História da Medicina Brasileira, aos seus capítulos primeiros.

Nossa pesquisa está em consonância com os demais estudiosos, porque, nesta última década, os cientistas sociais e dentre êles podemos destacar os antropólogos estão voltando suas vistas para o campo da Medicina procurando participar de conferência, seminários, simpósios ou reuniões onde são ventilados temas acêrca da contribuição que êstes poderão dar à ciência de Esculápio.

É muito recente, porém, com resultados opimos, a atenção que os antropólogos sociais estão dando às relações entre medicina e antropologia social, daí o intercâmbio entre médicos, cirurgiões, psiquiatras e antropólogos sob os auspícios de sociedades de sociologia, tendo o próprio Governo norte-americano e as fundações incrementado as atividades de estudo dos aspectos sociais da saúde e doença. O antropólogo Alfred L. Kroeber lançou em 1953⁽⁸⁾, um alentado volume, resultado do *simposium* de antropologia realizado nos Estados Unidos em 1951, cabendo a William Candill a coordenação da parte referente à medicina, “Applied Anthropology in Medicine” (páginas 771 a 779), onde se pode constatar como é palpitante e oportuno tal interêsse.

(8) KROEBER, A. L., *Anthropology Today, an Encyclopedic Inventory*, The University of Chicago Press, U.S.A., 1958, p. 771 a 779.

Não somos os primeiros a abordar o tema da medicina popular em nossa pátria, queremos, porém, situar a nossa colaboração no seu devido terreno: *Medicina Rústica* é o resultado de uma pesquisa realizada por um estudioso, afeito aos temas folclóricos e que deseja dar sua modesta contribuição à antropologia social e à medicina como ciência aplicada. É um esforço principalmente para aplinar os caminhos de compreensão que os muitos médicos palmilharão ao entrar em contacto com as classes destituídas, incultas de nossa sociedade, quer nas cidades grandes, quer nas zonas rurais brasileiras, para onde em geral se dirigem os recém-formados. Por outro lado, com êste trabalho queremos fugir de sermos catalogados entre os muitos folcloristas que trataram dêste assunto como sendo “superstições, exotismos, práticas abomináveis”. Para nós, as práticas da medicina popular necessitam melhores observações e não podemos destacá-las pura e simplesmente sem estudar o seu contexto cultural, sem participar da vida, da interação daqueles que nos deram os informes ou principalmente os vimos praticando, enfim, vivendo as experiências por nós anotadas. Nisto está a diferença entre o folclorólogo e o folclorista. O “folclorista” — e os há muitos — apenas registram a “curiosidade”, o “exotismo” e não cogita de saber a sua função social.

Poderão incorrer em êrro os médicos inexperientes não aceitando como ponto de partida certas atitudes de seus clientes e desprezar algumas práticas, como por exemplo o uso do chazinho. Jamais poder-se-á esperar que de pronto o caboclo mude tôda sua cosmologia para aceitar o que lhe determina o médico. Tal é trabalho moroso e implica noutros problemas a serem resolvidos em nossa Pátria como o analfabetismo, educação, assistência social, etc.

Além de ser um processo demorado, exige da parte do médico uma atitude de receptividade e compreensão

de certos fenômenos psicológicos que têm real importância e auxiliam. Por exemplo, o caso do chazinho: muitas vezes pode não ser útil, mal não faz, por que então condená-lo, não raro rispidamente? É preciso não desprezar nêle o efeito sócio-psicológico, pois é, sem dúvida alguma, o símbolo da dedicação. Nesta frase podemos sentir esta verdade por nós anotada: "Fulano ficou solteirão, não se casou, hoje velho e doente não tem quem lhe faça um chazinho." Por outro lado, o chazinho é água fervida, livre portanto de micróbios, o ingeri-lo mal não fará, e nos casos de desidratação é aconselhável.

O que é preciso é que haja uma certa boa vontade, interesse e simpatia para com a experiência do povo. Cabe ao cientista peneirá-la e não desprezá-la com mofas e blasonar jactando-se de seus conhecimentos científicos, de seu "anel no dedo". Tal atitude acentua a desconfiança da parte do paciente, afastando-o do médico, criando barreiras. Muitas descobertas revolucionadoras da medicina nasceram, por acaso, de uma observação. A penicilina por exemplo. Há quanto tempo que o nosso caboclo não vinha colocando a casca de queijo emborado sôbre as "feridas brabas ou arruinadas"? Coube, porém, a Alexandre Fleming a glória de descobri-la. Caso algum observador, um antropólogo social ou um "folclorista tivesse registrado êsse exotismo", quem sabe há quantos anos já a penicilina não teria poupado vidas preciosas?

Não será ridicularizando as "práticas exóticas" que o médico ganhará a confiança do cliente caipira.

Em *Anthropology Today* anotamos, à página 770, a seguinte experiência a qual transcrevemos:

"O trabalho, sumariado por Foster, relata as observações realizadas em oito centros de saúde no México, Colômbia, Peru e Brasil. Os resultados conseguidos incluem:

- 1) a discussão de medicina popular e doenças locais, tais como “mau olhado” e “susto”, bem como os conceitos de “quente” e “frio” aplicados às doenças, comida etc.
- 2) atitudes da população local em relação aos serviços oferecidos pelos centros de saúde e
- 3) as premissas culturais não formais do pessoal operador que pareciam ter grande influência no sucesso ou fracasso dos centros”.

“O fracasso dos centros em conservar uma porcentagem mais alta dos pacientes inscritos é explicado por Foster como sendo resultante de três críticas muito comuns feitas pela população local: freqüente falta de tato por parte dos doutores, enfermeiros e restante do pessoal; tempo perdido em ir ao centro; e o fracasso em tratar crianças doentes quando os exames rotineiros não tivessem sido feitos. Esta última era a mais acerba crítica e provinha, em parte, do fracasso do povo em compreender a distinção entre medicina preventiva, que era o objetivo básico dos centros, e o tratamento clínico dos doentes.”

“A tendência de médicos e enfermeiras de ignorar, até ridicularizar concepções populares de doenças provavelmente fortalecida pela crença popular de que certas categorias de doenças não eram compreendidas e não podiam ser tratadas por médicos. Os curandeiros faziam grandes negócios em todos os lugares visitados. Alguns exemplos chamaram a atenção dos investigadores em que doutores e enfermeiras conheciam os conceitos populares, não os desacreditavam e, em raras ocasiões, até os usaram. O sucesso destes indivíduos em ganhar a confiança popular estava em flagrante contraste com o pessoal de outros centros.”

“Concluindo, Foster aponta os tipos de conhecimento cultural que um administrador de assistência médica deveria ter para conseguir planejar o trabalho de um centro de saúde eficientemente. Estes incluem um conhecimento de extensão da alfabetização, a organização social familiar e sistemas de valores.”

A experiência dos antropólogos apontando a necessidade de cooperação poderá ser reforçada com a do médico G. Morris Carstairs em “Medicina and Faith in Rural Rajasthan”, registrada no sumário de seu artigo publicado em “Health, Culture and Community”(4).

“Este artigo foi dedicado aos registros de um número de lições que aprendi no curso de minhas tentativas de praticar medicina em duas vilas rurais, na parte setentrional da Índia. Fui forçado a reconhecer a seriedade de certos obstáculos na aceitação da medicina ocidental, obstáculos cuja verdadeira natureza poderia ser compreendida somente depois de eu ter aprendido bastante sobre as próprias crenças do povo a respeito de doença e cura. Foi verificado que mal entendidos podem surgir de falsas expectativas de ambas as partes, baseadas sobre diferentes teorias da etiologia das doenças, diferentes técnicas de cura e diferentes concepções do papel do médico.”

Uma vez apontada a necessidade de pesquisa e ressaltado o interesse que tem despertado, nos Estados Unidos e outros países, entre antropólogos e médicos o estudo das comunidades, daremos os dados referentes ao campo de pesquisa que nos deu os elementos para a presente monografia sobre Medicina Rústica, numa cidade alagoana, ribeirinha, às margens do Rio São Francisco.

(4) HEALTH, CULTURE AND COMMUNITY, *Case studies of public reactions to Health Programs*, Benjamin D. Paul, Editor-Russel Sage Foundation, N. Y., 1955.

Segundo Wagley⁽⁵⁾, na sua tentativa de divisão de regiões culturais do Brasil, Piaçabuçu situa-se na região da Costa Nordeste onde, podemos afirmar, a subcultura cabocla e a subcultura da cidade estão em contato diuturno, sendo difícil uma linha para delimitar uma e outra, graças ao contato hebdomadário das feiras que cada vez mais procura esfumar as bordas limítrofes entre uma e outra.

Piaçabuçu é cidade de acôrdo com o sentido que lhe dá o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, isto é, *séde de município*. É um centro com 2 075 habitantes, segundo o Censo de 1950. Para delimitar a comunidade estudada aproveitamos os limites administrativos do município, porque os limites sociológicos são mais amplos. O município tem 8 749 habitantes, assim distribuídos: no meio urbano 2 705 ou seja, 30,92 por cento do total da população, no suburbano 1 008 ou seja 11,52 por cento e no meio rural 5 036 ou seja 57,56 por cento.

A presente pesquisa foi realizada tanto no meio rural como urbano e suburbano, sendo que a recolta foi feita no meio urbano nas feiras, nas bancas dos raizeiros; no suburbano pela participação dos cultos afro-brasileiros e ameríndio e no rural, quer nas fazendas ou povoados presentes às festas e cerimônias de cunho religioso, tais como romarias, procissões, etc.

Pelo fato de empregarmos de preferência em nossas pesquisas sociológicas a técnica da observação participante, temos entrado em contato com os mais variados tipos de agrupamentos humanos, quer na orla marítima, quer no interior de nosso país: uns são arraiais, aldeotas, outros aldeias, povoações, lugarejos, vilas ou cidades. Quais as características de um e de outro tipo de agrupamento? Quais as denominações mais adequadas? Muitas povoa-

(5) WAGLEY, Charles W., "Estudos de Comunidade no Brasil Sob Perspectiva Nacional," Rev. Sociologia, Vol. XVI, Maio de 1954, n.º 2.

ções são chamadas de *cidade* e para tal basta que seja sede de município como declara o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Tomemos, por exemplo, os agrupamentos humanos do beira-mar, pois, na vasta costa litorânea brasileira, encontramos um rosário de pequenas vilas de pescadores, de povoações de jangadeiros, como é o caso nordestino — quais contas minúsculas — a pequena distância de cidades centenárias ou de capitais de Estados, constituindo tôdas o colar de povoamento. Às vêzes, um povoado como Coruripe é chamado cidade só porque é sede de município. Tanto é cidade Coruripe, no Estado de Alagoas, como Santos ou Piracicaba. Caso adotemos a terminologia do I. B. G. E. basta ser sede municipal para classificar-se como cidade. Tal critério é bastante elástico e o problema de adequação de vocábulos designativos para aldeia, povoação, lugarejo, vila ou cidade, se torna mais complicado quando se trata de um país predominantemente rural como o Brasil.

Se do ponto de vista quantitativo da população a terminologia cidade nem sempre é adequada, do ponto de vista sociológico traria, então, vários embaraços. Vejamos um exemplo palpável. Piaçabuçu, levando-se em conta o seu modo de vida sócio-cultural, seria realmente uma cidade? Ela é portadora da cultura urbana do tipo oriental, cuja vida se baseia no comércio ou na indústria? Não. Piaçabuçu é um agrupamento típico da cultura rústica, essa que constitui o modo de vida rural onde não se pode limitar em que ponto começa o campo e termina a cidade. Piaçabuçu é como milhares de “cidades” brasileiras, quer do litoral, quer do “hinterland”, onde a cultura rústica está presente, onde o homem vive da pesca, do pastoreio, da agropecuária ou da agricultura, sob o ritmo do calendário agrícola, marcando-lhe a época do plantio, colheita e vacância, onde predomina a eco-

nomia da mão para a boca, o cultivo daquilo que é o suficiente para sua alimentação, vivendo sob o signo dos santos ou deuses dêsse cosmos religioso, conjunto não raro formado pelo sincretismo de catolicismo romano, religiões africanas e indígenas, enfim catolicismo de "folk". A êsses valores religiosos que lhes dominam e regem a vida, prestam cultos, oferendas, fazem promessas e recorrem principalmente para a cura, para o restabelecimento da saúde perdida.

Em Piaçabuçu a concepção do tempo é qualitativa e não quantitativa, daí o morador da "cidade" — sede de município — ter o mesmo universo do caboclo, portador da cultura rústica idêntica à dos pescadores do mar do povoado do Pontal do Peba ou do apanhador de maçunim da praia, que vive da economia coletora, da catança como procede a maioria dos habitantes do distrito de paz de Feliz Deserto ou dos plantadores de arroz, moradores nas pontas de rua da "cidade", nos bairros "urbanos" da Paciência de Cima ou de Baixo, na rua Coréia ou no bêco da Malaca.

Tendo em vista as técnicas de subsistência, procuramos classificar os povoados do município de Piaçabuçu em cinco grupos, embora distintos quanto ao processo de se prover o necessário para viver, das variações no gênero de vida, a concepção do tempo em ambos é qualitativa.

Piaçabuçu, no presente trabalho, assume o sentido de centro de condensação maior dos portadores da cultura rústica, "cidade" onde a secularização não penetrou fundo, onde a concepção quantitativa do tempo não controla a vida de seus moradores, onde a vida industrial é praticamente nula, não passando de alguns artesanatos domésticos de mulheres rendeiras ou trançadeiras de palha de ouricuri ou piri-piri e o comércio está ensaiando os primeiros passos com a venda de côco ou de arroz e

onde o escambo é corrente, ainda, não se pode encontrar aquêlê tipo que marca o modo de vida urbano, o tipo ocidental, caracterizado pelas atividades comerciais (ou industriais) que a partir do século passado se fixou naquelas “contas magnas” do colar litorâneo e nos grandes burgos planaltinos.

A própria distinção que fazemos dos agrupamentos humanos do município de acôrdo com as atividades, ressalta a nosso ver, a característica da cultura rústica, presente tanto em Piaçabuçu — cidade sede do município — bem como nos povoados constelares da comunidade estudada. Vejamos a classificação.

A fixação do homem depende muito do que a terra lhe dá, assim *grosso modo* poderíamos classificar os povoados do município segundo as atividades nas quais se ocupam seus moradores. Teríamos quatro classes de povoados situados nas redondezas de Piaçabuçu. Há um povoado, porém, que não se classifica em nenhum dêstes grupos, será o único do quinto grupo. Êste ocupa apenas um espaço geográfico e praticamente não tem relações com a sede municipal.

O *primeiro grupo*, onde está o maior número de povoados e a maior população, chamaríamos de *Povoados do Arroz*. Há, também, nêles alguma produção de côco, mas que não ocupa os braços da totalidade de seus moradores, porque êstes na realidade estão voltados para a rizicultura: ilha do Gondim, Potengi, Paraíso, Barra do Limoeiro, Retiro, Batinga, Tumucum e algumas fazendas marginais do São Francisco que não chegam a constituir um povoado, não atingindo vinte e cinco fogos, como preceituavam as Ordenações do Reino.

A um *segundo grupo* de povoados chamaríamos dos *coqueirais*. Êstes, não muito grandes, de tamanho médio ou mesmo pequenos como Flexeiras, Dendezeiro, Urumbéba e o maior dêles Bonito, onde há uma escola rural.

A segunda cultura florescente do município é a do côco de praia ou côco da Bahia (cocos nucifera L.). A faixa litorânea é tôda de coqueirais. Algumas pequenas propriedades, ali denominadas “cercado”, ùltimamente vêm sendo compradas, aumentando os latifúndios.

Teríamos um *terceiro grupo* onde há o cultivo do côco e pesca. Os pequenos proprietários dividem seu tempo entre a pesca de peixes do mar em jangadas e a colheita de côcos. O número de sítios de coqueiros cadastrados no município, em 1950, era de 742. São pequenas propriedades. Há uns oito ou nove latifundiários de coqueirais, o restante são pequenas propriedades e se concentram nos dois povoados: Feliz Deserto e Pontal do Peba. Aquêlê muito mais importante por causa do número maior de casas e também do maçúnim de praia (marisco) ali abundante do “mês de São João até mês de Sant’Ana” (junho a julho). Incluiríamos neste grupo Pontal da Barra que nasceu da necessidade de um pôsto sinaleiro de telégrafo bem na foz do rio, onde os poucos moradores dedicam seu tempo à colheita de côco de praia e pesca de rio, abundante por causa dos peixes anadromos que do mar procuram as águas do São Francisco. A foz do São Francisco nunca ofereceu condição favorável para edificação de povoados, razão pela qual os antigos currais de gado (de antes dos flamengos) terem sido estabelecidos muitas léguas acima da foz. É claro que havia, tam ém uma determinação régia para que os creatórios se estabelecessem léguas adentro da orla marítima, mas, no caso presente, a fundamental foi sem dúvida a primeira causa apontada. Com o aparecimento do telégrafo, para se estabelecer mais rápido contato com Penedo, nessa época dominador de todo o comércio de uma vasta área, atingindo mesmo Minas e Piauí, para sinalização e auxílio que os práticos têm que dar aos navios que desejam entrar rio a dentro, estabeleceu-

se ali no Pontal, da Barra uma estação telegráfica e a respectiva vigia. Há uma única rua, cercada lado a lado por imensas dunas de areias, vinte e nove prédios, sendo vinte e sete residenciais, um onde funciona o telégrafo e outro a capela. Ali vivem 125 habitantes. A pesca é abundante e seus moradores dividem seu tempo em pescar e coletar côco de praia.

O *quarto grupo* de povoados onde a característica principal é a do cultivo de cereais. Neste teríamos Pontes e alguns agrupamentos que não chegam a atingir vinte e cinco fogos, dispostos à margem do rio Marituba.

Não ficaria completa a nossa classificação se não nos referíssemos ao povoado de Marituba que é especial, artificial. Planejado e construído ao redor de uma fábrica de tecidos, sendo o segundo em número de habitantes, com 608. Há 104 prédios, sendo 100 exclusivamente domiciliares, os demais são: a fábrica, o armazém, a escola e a capela.

Construído no município de Piaçabuçu com a finalidade de fugir do domínio do sindicato de Penedo, pois a sindicalização em nosso país tem base municipal, os proprietários da fábrica venderam as que possuíam em Penedo, edificando esta moderna tecelagem. Além da fábrica construíram a estrada que faz a ligação com Penedo. Seus antigos empregados de Penedo é que residem nas 100 casas. Não há praticamente ligação com a "cidade" de Piaçabuçu e nem com seus moradores. É um povoado voltado para Penedo e seus moradores, condição *sine qua non*, são todos empregados na indústria de tecelagem.

Piaçabuçu difere dos demais povoados enumerados — não pelo fato de ser sede de município, mas por ser o lugar onde se pode gastar dinheiro, pois é nêle que se realiza a feira hebdomadária. Feira onde, além do es-

cambo, circula a moeda. Há também na “cidade” outro centro de concentração — a matriz. Numa e noutra a população se reúne, sendo que para a feira há muito maior interesse que se completa quem sabe pelo fato de haver, nesse dia, sessão cinematográfica, oportunidade para recreação. Já nos domingos comuns, a frequência à missa é apenas de uns poucos moradores da “cidade” e raros ou raríssimos os que vêm especialmente dos povoados mais próximos para as cerimônias religiosas desse dia. Tal revela menor interesse por esse outro centro de concentração, deixando a igreja em plano inferior ao da feira.

A pesquisa sobre Medicina Rústica tendo se limitado, geograficamente, ao município de Piaçabuçu e seus povoados, foi feita no universo do caboclo, na cultura rústica como atrás caracterizamos.

A população é na sua totalidade católica romana. De 8 749 excluíam-se 18 pessoas que professam a religião cristã evangélica. A porcentagem de analfabetos, segundo dados por nós colhidos na pesquisa, é de 95 por cento em 1952. Dos 18 protestantes, 4 apenas não sabem ler porque ainda não atingiram a idade escolar. As demais pessoas inquiridas por nós e pelo agente de Estatística, Sr. Waldemar Costa, que nos prestou valiosíssimo auxílio na pesquisa, informaram professar a religião católica romana. Muitos daqueles nossos conhecidos frequentadores do Candomblé ou do Toré ao serem inquiridos afirmavam ser católicos romanos. Há na comunidade estudada apenas três espíritas, pessoas alfabetizadas que raramente assistem sessões em Penedo. Duas (casal) mudaram-se da Capital para se estabelecer em Piaçabuçu há cinco anos, e a terceira reside há quinze anos. Nunca fizeram sessões espíritas em Piaçabuçu e são contrários aos cultos do candomblé e do toré. Na população toda, encontramos um livre pensador. Este não é protestante, nem espírita, nem católico romano e como não sabe

situar-se numa religião é livre pensador. É, porém, uma das pessoas que tem verdadeira paixão pela leitura, sua sede de conhecimento é notável.

Estas práticas, que iremos mais adiante descrever, não são como pejorativamente poderiam inculcar de baixo-espiritismo e nem de espiritismo o que o grosso da população não conhece. Há, no entanto, nas cerimônias brasileiras por nós assistidas, quer no Candomblé ou no Toré, um mais intenso sincretismo de catolicismo romano e êsses cultos e práticas, do que com as espiríticas.

Não é nossa finalidade estudar êstes problemas do ponto de vista da sociologia religiosa, analisar as causas do sincretismo se são oriundas do próprio catolicismo romano ou da falta de assistência espiritual por parte dos sacerdotes da religião dominante. Êstes problemas não cabem neste estudo, embora reconheçamos a sua influência seja valiosa na aceitação e prática da medicina rústica, porque nas subculturas cabocla e da cidade, difícil é separar-se a religião da medicina. E foi dêsse contexto cultural que retiramos os dados que ora apresentamos em *Medicina Rústica*.

O estudo da "cidade" alagoana coincide em alguns pontos com o realizado em São Luís do Paraitinga (Estado de São Paulo) onde recolhemos alguns ritos mágicos⁽⁶⁾. Poder-se-ia objetar que a cidade paulista, na região cultural Montanhosa Central, situada nas altas escarpas paralelas ao litoral, nas cabeceiras dos formadores do Paraíba do Sul, diferia grandemente daquela da foz do rio São Francisco. Tal não se dá marcadamente porque o "beradeiro" ou matuto são-franciscano como o "piracuara" ou caipira vale-paraibano participam de al-

(6) ΑΒΑΪΟ, Alceu Maynard, "Alguns Ritos Mágicos", op. cit.

guns traços culturais em comum, embora a distância geográfica seja imensa e as influências regionais tenham influído.

O ambiente social de um grupo, bem como seu ambiente físico são produto de numerosos fatores históricos e regionais. Isto indica a necessidade de realizar pesquisas com o fito de se conhecer a organização social e as compreensões comuns, bem como as modalidades de comportamento que constituem o ambiente social de uma determinada comunidade. A presente monografia procurou realizar uma sondagem em profundidade esquadrinhando o tecido sócio-cultural de Piaçabuçu para verificar até onde a saúde e a doença estão entrelaçadas com as crenças e práticas. Por outro lado, procura ser um auxílio na compreensão da comunidade e suas reações ao problema médico ou ao programa de saúde que venha um dia a ser executado nesses ínvios sertões do Brasil.

Dia a dia nossa Pátria necessita mais e mais de médicos capacitados para tal sacerdócio. A nossa população desassistida está a reclamar. A presente pesquisa realizada numa "cidade" nordestina que bem pode tipificar as milhares de povoações do "hinterland" brasileiro, onde a grande maioria é assim: população desassistida sob todos os aspectos e, acrescente-se, porcentagem elevadíssima de analfabetos. A comunidade estudada — Piaçabuçu — podemos com ela, sem medo de errar, tipificar o que são as nossas cidades e o que é a nossa gente. O que acontece na "cidade" ribeirinha alagoana é a imagem do que há nas outras "cidades" brasileiras, enfim, resíduos de nossa formação etno-sociológica.

Ao médico está reservado um papel espinhoso, pois é muito mais difícil esquadrinhar o espírito de uma pessoa doente do que o da sã, daí a necessidade da antropologia para que sua senda seja mais fácil de palmilhar, ameni-

zada. Precisa o médico infundir confiança, estabelecer um leal, afetivo e amistoso "rapport" com o paciente que não raro é um adepto das práticas empíricas, mágicas ou religiosas sobreviventes na cultura rústica no que concerne à medicina. Para a melhor compreensão destes problemas necessários se torna o adestramento do médico nas disciplinas da metodologia antropológica, para não criar resistências ou temores e atingir o alvo colimado.

A adoção de tal atitude por parte dos médicos trará sem dúvida uma mudança nos padrões médicos tradicionais. Dessa união entre Medicina e Antropologia Cultural, surgirá a Medicina Social na sua mais ampla acepção.

A Medicina não está apática. Sua contribuição se faz sentir através da consideração que ela tem mostrado pelo homem nas suas atividades sociais. Ela está presente no campo da sociologia, da antropologia e sua influência tem sido sentida quer quando cura e muito mais quando previne. Maior amplitude terá quando, de mãos dadas, Medicina e Antropologia Cultural enveredarem positivamente na senda da prevenção e terapia visando o homem no desempenho de seu papel na sociedade, integrado, livre das moléstias que o atacam não só como indivíduo, mas a própria civilização. Nascerá desta aproximação, o que Medrano chama de *Medicina Social ou Compreensiva*(?).

(7) MEDRANO, Carlos Monge e VASQUEZ, Mário C., *Antropología y Medicina — Peru Indígena*, Vol. VI, ns. 14-15, Julho de 1957, Lima, Peru, p. 21. "Esta medicina comprehensiva, nunca más necesaria que hoy, época de socialización creciente y deshumanización de la Medicina" ... "Medicina comprehensiva que reclama la más noble y elevada preparación del hombre, como humanista, como técnico, como médico, como antropólogo. Por estas razones, la Antropología médica forma parte de la enseñanza en las Escuelas de Salud Pública de Harvard, así como en las Escuelas Médicas de Yale, Cornell, Washington, San Luis, Nueva York, Colorado y Carolina do Norte. Por los demás, los antropólogos han preparado el camino de la paz a la acción de los gobernantes en las colonias o mandatos, estudiando las poblaciones para humanizar, hasta donde fuera posible, las diversas situaciones de dominantes y dominados, de vencedores y vencidos, en el diario obligado contacto de tolerar-se y de vivir".

Este estudo sôbre a Medicina Rústica brasileira é a nossa modesta contribuição a essa medicina social que procura a compreensão do homem na sua mais ampla integração, do caboclo cujo protótipo descrito faz parte dêste cenário que é a “cidade” alagoana, mas que estereotipa perfeitamente o brasileiro portador da nossa cultura rústica.

I

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

O FOLCLORE que se inscreve entre as ciências do homem, não pode desprezar a história e a geografia para sua interpretação. Roger Bastide⁽⁸⁾ aponta as relações entre o folclore e a geografia, folclore brasileiro e o meio físico, as condições climáticas e estabelece através do calendário a ligação, passando da geografia física para humana, aponta a utilidade da geografia ao folclorista e insiste “se o folclorista não deve olvidar o fator geográfico em sua interpretação dos dados recolhidos, torna-se mais evidente que o que mais interessa ao geógrafo, no caso, é a contribuição que o folclore pode fornecer.”

Ao estudar o folclore brasileiro e a vida rural, Roger Bastide escreve: “É um fato evidente que o folclore constitui um elemento da *paisagem cultural* e que as variações regionais esclarecem os fatos geográficos”. Ao concluir este tópico assinala: “Da mesma maneira, só poderemos explicar a persistência da arte dos fazedores de imagens de madeira, no sertão do Nordeste, pela importância dos “ex-votos” e pela inexistência da correspondente indústria em cêra. Os “milagres” das igrejas ou das cruzeiras plantadas nos caminhos de peregrinação fazem parte, por isso mesmo, de uma combinação em que entram e interferem-se elementos geográficos (Sertão “versus” Litoral), religiosos (importância das promessas aos santos) e *medicinais (ausência da medicina racional em virtude da distribuição geográfica)*.” [O grifo é nosso].

Apontada a “interpenetração”, nas “combinações” mais ou menos estáveis, dos fatos folclóricos e dos fatos

(8) BASTIDE, Roger. “O Folclore Brasileiro e a Geografia.” — Separata do *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 8, Julho, 1951, São Paulo.

geográficos, torna-se necessário o conhecimento de alguns dados históricos e geográficos da comunidade estudada, localizemos, portanto, Piaçabuçu no tempo e no espaço.

Corria o ano de 1501 quando as gentes lusitanas tocaram a foz do rio São Francisco. Em 1548, D. João III interessa-se pela sua exploração, recomenda a Tomé de Sousa que envie bergantins a subir o rio e o primeiro Governador Geral do Brasil determina que a expedição fôsse integrada por "lingoas de terra", isto é, intérpretes. Foi, portanto, no século XVI que os primeiros contingentes de povoadores se localizaram na região são-franciscana, vindos da Bahia, Pernambuco e São Vicente. A conquista do vale, iniciada na foz pelos portugueses em 1501 é completada pelos paulistas — os últimos a chegar — quando o filho de Fernão Dias Pais, Garcia Rodrigues Pais, começa a lavar cascalhos nos riachos da Serra do Sabarabuçu, atraído que foi para aquela região das cabeceiras, pelo ouro fascinador, estabelecendo um arraial — "embrião de cidade"⁽⁹⁾.

De Gandavo são estas notas sôbre o rio São Francisco: "...Hum se chama Sam Francisco, está em dez graos e meio, o qual entra no mar com tanta furia que vinte legoas pelo mesmo mar correm suas agoas". E na *História da Província Santa Cruz*: "Outro mui notavel sae pela banda do Oriente ao mesmo Oceano que chamão de Sam Francisco: cuja boca está em dez graos e hum terço, e sera mea legoa de largo. Este rio entra tam soberbo no mar, e com tanta furia que nam chega a maré à boca, somente faz algum tanto represar suas agoas e dahi tres legoas ao mar se acha agora doce. Corre-se da boca do sul pera o Norte: dentro he mui fundo e lim-

(9) AZEVEDO, Aroldo, "Arraiais e Corrutelas". *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 27, Outubro de 1957, p. 5 — "Indiscutivelmente, porém, coube aos Bandeirantes paulistas a grande tarefa de disseminar êsses embriões de cidades, sem outras restrições que não fôsse a vontade de seus chefes".

po e pode-se navegar por elle até sessenta legoas como já se navegou.”⁽¹⁰⁾.

Provavelmente, Gabriel Soares de Souza em seu *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, segue as pegadas de Gandavo que, possivelmente, teria escrito o *Tratado da Terra do Brasil*, “no qual se contém a informação das cousas que há nestas partes”, em 1570, e diz que as povoações no rio não passam de alguns poucos currais.

Nos meados do segundo quartel do século XVI, em 1534, D. João III fragmenta a colônia portugêsa na América do Sul em capitánias hereditárias. Duarte Coelho, que num dia de São Francisco Borja havia tocado na foz do grande rio, foi aquinhoado com uma donatária. O Rio São Francisco, nessa época infestado de bretões que por ali andavam comerciando com os nativos o pau-brasil, serviu de limite à Nova Lusitânia, nome do presente régio que o fidalgo Duarte Coelho recebeu conforme a doação realizada em Évora.

Houve nessa região outrora habitada por índios (em virtude da fartura de caranguejos, camarões, peixes, mariscos, provisionadores abundantes da sua economia coletora) muita crueldade dirigida aos donos da terra por parte dos europeus invasores, notadamente o portugêes. O gentio foi massacrado nesta região do baixo São Francisco. Os herdeiros dos primeiros donatários aliaram-se aos Tupinambá e Tupinaé, arrazando nas margens do São Francisco com os Caeté. Aqui tem início a verdadeira conquista do baixo São Francisco, em 1560; é a invasão portugêsa após a carnificina dos nativos. Penedo, principal cidade do baixo São Francisco, foi erigida sôbre o sangue dos Caeté, chacinados numa verdadeira hecatombe.

(10) GANDAVO, Pedro de Magalhães, *Tratado da Terra do Brasil e História da Província Santa Cruz* (com notas de Rodolfo Garcia), (Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1924), p. 28 e 88.

Ao sul da foz do rio São Francisco é Cristóvão de Barros que, no ano de 1590, liquida cêrca de 2 000 índios e cativa o dôbro, funda um arraial na foz do rio Sergipe e doa a seu filho, Antônio Carloso de Barros, as terras que vão de um rio a outro.

Aparecem os currais de criatório de gado no baixo São Francisco, de um lado e de outro do rio até o dia em que Maurício de Nassau, tomando Penedo, ali constrói um forte sôbre a rocheira, donde domina o curso do rio numa vasta extensão, e determina que se transfiram os currais para a margem esquerda (alagoana) e sejam destruídos os da margem direita (sergipana). O deserto é também meio de defesa para o hábil administrador flamengo encastelado em ponto estratégico, por isso talou os campos e currais da margem direita. O rio era o limite dos domínios bátavos.

Nessa época surge então Piaçabuçu, povoado que apareceu devido ser ali a passagem melhor para aquêles que transitavam entre Bahia e Pernambuco.

O próprio fácies da região é caracteristicamente fluvial. A contribuição do rio para a formação do local onde a cidade hoje se assenta foi decisiva. Os sedimentos aluvionais, primeiramente pauis, tornaram-se um dia local escolhido para serem ali lançados os fundamentos de um povoado. Eis, nestas linhas, a história da geografia de Piaçabuçu.

Dizer-se que tôda a planície aluvional do município é flúvio-marinha apenas, será menosprezar a participação eólica na sua formação. As marés e os ventos alíseos carregam também areia. Muitos mangues das proximidades da foz do rio se tornam em terreno arenoso, desempenhando o duplo papel de construir e fixar o solo. Cumpre o mangue sua função colonizadora, como assevera o Prof. Pierre Deffontaines. No mangue, os crustáceos, que ajudam a fixar o solo com a sua carapaça, servem de alimentação.

Piaçabuçu foi fundada em 1660 pelo explorador André Rocha Dantas. É uma das cidades centenárias do Nordeste brasileiro. Desmembrou-se do município de Penedo. Vila criada por Lei Provincial n.º 886, de 31 de maio de 1882, somente passou à categoria de cidade em 1.º de janeiro de 1939. Seu município tem uma área de 392 km² e dele nenhum foi desmembrado. É freguesia criada por Lei n.º 359, de 11 de julho de 1859, seu orago é São Francisco de Borja e está subordinada à Diocese de Penedo. Comarca de Penedo, desde 1932, quando foi extinta a comarca de Coruripe, voltando Piaçabuçu à jurisdição daquela da qual é ainda têrmo.

Conforme a divisão por zonas fisiográficas adotada pelo Estado de Alagoas, agrupando seus municípios em cinco zonas, *litoral, mata, sertaneja, baixo de São Francisco* e *sertão do rio São Francisco*, o município de Piaçabuçu embora não viva da influência marítima, está situado na *zona do litoral*, limitando-se ao Norte com o município de Coruripe, começando pelo Oceano Atlântico, na foz do córrego Japu e daí, numa linha reta, passando ao centro da ilha do Negro, no riacho do mesmo nome, até o rio Marituba. Ao sul-sudoeste, com o município de Parapitinga desde o ponto em que o rio Marituba desagua no São Francisco até a foz dêste. Ao sul-sudeste com o Oceano Atlântico desde a foz do córrego Japu, dos seus limites com Coruripe até a foz do rio São Francisco, do triângulo do Estado. Ao Oeste com o município de Penedo. Serve de divisa em todo êste trecho o rio Marituba, em quase todo seu curso, isto é, desde os limites com Coruripe.

A sede municipal, cidade de Piaçabuçu, afastada da orla marítima cêrca de 12 quilômetros, goza de um clima tropical, com ventos vindos do mar. Sua vida não está ligada ao mar e sim ao rio. Êste é que estabelece tôdas as linhas de sua trama ecológica. É um pôrto fluvial.

Atualmente não há ancoradouro para grandes navios, porém, para pequenos, como sejam canoas de tôlda, chatas e taparicas. Os navios grandes ficam ao largo. O cais tem uma extensão de 250 metros, recentemente construído, fiscalizado pela Coletoria Federal e Prefeitura Municipal.

A altitude do município, a mais constante, é de cinco metros, entretanto, o "Morro da Favela", entre os povoados de Potengi e Paraíso, tem uma altitude de 8 metros. Por isso mesmo, por ocasião das chuvas há formação de numerosos lagoeiros ou como se diz no local "maçaiós", criando a dificuldade de se atravessar tais lagoas, mesmo a cavalo. Conseqüentemente, no município há dois tipos de estradas: a da época da sêca e a do inverno ou chuvas. Aquela, mais curta e esta mais longa, desviando-se dos "maçaiós".

Além do rio São Francisco cujo curso no município é de 20 quilômetros de extensão, desde o ponto onde recebe o Marituba até a foz, há outros rios: o Marituba que banha o município numa extensão de 35 quilômetros, desde a ilha do Negro, extremo limite com Coruripe e Penedo, até a sua confluência com o São Francisco; os riachos: Padre, Joaquim, Mumbaça, Saco, Pontengi, Batinga, Tucumum etc.

A maior de tôdas as lagoas é a Canduípe, há numerosíssimas ilhas fluviais marginando a zona ribeirinha do município, destacamos entre as maiores: Ilha da Fitinha, Potengi, Bertoldo, Bois, Gondim, Três Ilhas, Tatu, Bestas, Cágado, Bagres, do Monte.

Já nos referimos ao rio Marituba. Ele está encaixado num extenso vale, segundo a tradição oral antigo leito do rio São Francisco. Embora o rio Marituba venha desaguar no São Francisco, servindo de divisa ao município, é nas proximidades do mar, pouco abaixo dos limites com Coruripe, que êle tem a sua nascente,

num brejo. Segundo a tradição oral, o rio tinha sua foz nessa altura, justamente no local onde até hoje é conhecido por Barra Velha. As cabeceiras do Marituba, distando cerca de um quilômetro e pouco do mar, no local do povoado de Feliz Deserto, caso se abrisse aí um canal de um quilômetro até ao mar, o município seria uma grande ilha, cercada de um lado pelo mar e doutros dois pelo rio São Francisco e Marituba.

Antigos moradores da orla marítima do município afirmam que o mar está se afastando. Novos depósitos vão sendo feitos nas praias, onde as dunas são abundantes. Em Pontal do Peba, e pouco antes de se chegar ao povoado de Feliz Deserto outrora praia, hoje distando do mar de um quilômetro, pode-se ver que a plataforma marítima é rasa. Entra-se mar a dentro onde a profundidade varia de 1 a 1,50 metros. De ponto a ponto vão sendo encontrados recifes. Alguns afloram na maré vasante. Provavelmente, o próprio rio São Francisco vem contribuindo para esse "afastamento" do mar, carreando terras, arremessandô-as no Atlântico e êste devolvendo-as nas praias, dando conseqüentemente a impressão a que moradores se referiram: "o mar está se afastando".

Mesmo a mudança de desembocadura do rio São Francisco da antiga Barra Velha, para a atual, diz a tradição oral que foi após uma grande enchente quando o rio "furou" a atual desembocadura, onde era o rio Parapitinga ou lago dêsse nome. Quem sabe a tradição oral ainda viva venha favorecer ao que os geógrafos modernos chamam de êrro de Coronelli, na sua cartografia de 1698, assinalando rio Parapitinga em vez de rio São Francisco⁽¹¹⁾.

(11) Isto seria pesquisa para geógrafos e não folclorista, sociólogo que apenas teria como argumento a tradição oral para levantar a hipótese de que a atual desembocadura do rio São Francisco era o antigo Parapitinga, assinalado por Coronelli, e que a antiga foz do São Francisco era a Barra Velha, all nas proximidades dos recifes

A "cidade" de Piaçabuçu pode ser atingida por via fluvial ou terrestre. Aquela é o meio secular, ainda quando a atual ilha do Monte não se havia distanciado tanto pelo canal que o rio últimamente cavou. Entre o pequeno monte e a planície foi erigido o povoado à sombra de palmeiras que se destacavam da paisagem monótona de plantas rasteiras, vegetação de paul. Só canoas e barcos atingiam mais facilmente o povoado, porque a caminhada por terra é mais difícil. O centro do povoado, o "quadro" onde estava a capela, depois Matriz, o cemitério e as casas principais, um dia foram ficando distantes cada vez mais da ilha do Monte. É que uma das enchentes anuais cavou fundo o riacho que separava a ilha do "Quadro". Os fundos dos quintais das casas do "Quadro" que davam para o Monte da ilha há 80 anos atrás, estavam tão próximos que se "podia pedir emprestado um tição ao vizinho". Outras enchentes vieram. O Monte tornou-se a ilha do Monte. A princípio pequeno riacho separava o Monte de Piaçabuçu, hoje uma distância de mais de 500 metros. Alargou-se e o canal principal do rio São Francisco desviou-se. Primeiramente o canal, que também é a linha divisória entre os Estados passava além do Monte, hoje aquém, passa entre a ilha do Monte e Piaçabuçu. Assim sendo, por direito e seguindo a convenção demarcatória de limites, a ilha do Monte passaria a pertencer ao município de Parapitinga em Sergipe e não mais a Piaçabuçu, como ainda pertence. De monte a ilha guarda apenas o nome, pois êste foi arrastado pelas enchentes, que conforme informações, de onze em onze anos são as mais violentas e levam quase tudo de roldão.

ou baixios de Dão Rodrigo, o local próximo do Pôrto dos Franceses, enseada abrigada onde escambavam o pau-brasil. Trecho histórico onde a nau em que vinha o bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha, soçobrou, sendo posteriormente devorado com seus acompanhantes pelos Caeté.

Muitos moradores, hoje homens de 40 ou mais anos de idade, afirmam que uma das diversões de antanho, que há vinte ou mais anos era ainda comum, consistia em atravessar o rio a nado até a ilha do Monte — aventura que no dia de hoje ninguém mais se arroja a fazer.

O apêlo às lembranças do passado, resultou sempre em se confirmar que “desde que nos conhecemos por gente, só de canoa é que se chegava à Piaçabuçu, vindo de Penedo, pois o rio está aí, ninguém preferia caminhar em lombo de burro”. Recente, datando de 1945, é a estrada de rodagem. Ela tem vinte e nove quilômetros de extensão, ligando Penedo à Piaçabuçu, percorrida diariamente por ônibus.

O PASSADO DO LUGAR

Após a conquista da terra, e após mesmo o nascimento da Nova Lusitânia que o diplomata, piloto, soldado, capitão dos mares e aventureiro do Extremo Oriente, descobridor e construtor que foi Duarte Coelho, aqui levantou em terras mais próximas de Portugal — Pernambuco — estabelecendo aí engenhos de açúcar e lavoura de mantimentos, é que apareceu Piaçabuçu.

A foz do rio, como não oferece condições propícias de abrigo aos navios, foi desprezada. Aí não se estabeleceu ponto para comerciar. Piaçabuçu nasceu de uma necessidade. Entre as florescentes Olinda, Igarçu e a capitania onde mais tarde seria a capital da metrópole — a Bahia — estabeleceram-se comunicações. A por mar era custosa, rara. Iniciou-se a comunicação por terra. Mas havia um rio caudaloso a ser vencido. Foi no local onde as ilhas fluviais eram mais próximas que a travessia segura começou a ser feita.

Gabriel Soares de Souza⁽¹²⁾ refere-se ao tipo de embarcação usado pelo gentio e é claro que o europeu aprendeu com êle a utilização desta espécie de jangada de palha comprida de tabôa (piri-piri) (*Rhynchospora cephalotes* Val.). Facilitada pela abundância dêsse junco e também pela menor distância a ser vencida naquela região, para saltar o rio pelas ilhas, teve início na margem alagoana o povoado de Piaçabuçu e no sergipano o do Brejo Grande, nome mudado recentemente pelo I. B. G. E. para Parapitinga ou São Francisco como queriam os frades missionários, mas que até hoje o povo continua a chamá-lo pelo primitivo.

De ponto de passagem passou a povoado e mais tarde a cidade.

Indubitavelmente, os primeiros habitantes daquelas paragens eram os índios. Os Caeté foram escorraçados da região. As primeiras referências a respeito estão no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Souza. A bandeira de Jerônimo de Albuquerque vingou a morte do bispo Sardinha, "riscou do mapa tão incômodos gentios". Dona Brites de Albuquerque, viúva do primeiro donatário, com o massacre dos Caeté, iniciou a aristocracia rural alagoana.

Portuguêses e índios seus aliados deram início ao povoado, e como dizia o capitão-mór Alexandre de Moura "a maior de tôdas as fortalezas é viver (ou estar de bem) com os naturais". Aliaram-se provàvelmente com os Cariri (que são de origem Caraíba). Não demorou muito para que outro contingente europeu viesse reforçar a pigmentação branca na etnia nascente, o bátavo. Êste não deixou apenas o tipo aloirado na população, os olhos azuis, mas também alguns sobrenomes: Góis, Castro (que era Kaster e logo assemelhou-se ao português), Vanderlei. Embora

(12) SOARES DE SOUZA, Gabriel, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* (São Paulo), pág. 84.

não tenha se positivado o povoamento que o grande Nassau planejou, algo ficou.

É de se admitir que o negro tenha tomado parte na expedição exploradora de Jerônimo Albuquerque em 1557. Louvamo-nos em Manuel Diegues Jr. (13) e nessa época aparecido naquela paragem, para mais tarde ali também se fixar quando um século depois foram lançados os fundamentos da primeira capela em Piaçabuçu. Provavelmente, quem erigiu a capela tenha sido o comandado do Mestre de Campo, General Francisco Barreto, o capitão André da Rocha Dantas, que foi substituído pelo Tenente Antônio Jacome Bezerra(14) na investida contra os palmarinos que nessa época deviam ser mais ou menos vinte mil almas. Deve datar dessa época o aparecimento do elemento negro na população de Piaçabuçu, 1660.

Houve o cruzamento entre os três contingentes: europeu, indígena e africano.

O contingente africano teria sido considerável porque a região teve florescente cultura canavieira. Vizinha de Coruripe, do vale fértil onde vicejaram engenhos e banguês importantes na economia alagoana, capazes mesmo de atrair um contingente grande de negros para os trabalhos sedentários no qual o índio não se adaptou, quais sejam os múltiplos afazeres que se iniciam com o plantio, depois com a aristocrática, religiosa e festiva "botada" (início da moagem) até à "pêja" (fim da moagem) popular, profana e festiva também, porque nessa época se iniciava a vacância agrícola.

O banguê em Piaçabuçu constituiu um ponto de convergência de uma população numerosa de escravos. Dos engenhos de cana, apenas existem resquícios de um, assim mesmo o mais novo dêles, do qual resta somente a

(13) DIÉGUES Júnior, Manuel, *O Banguê nas Alagoas*, Instituto do Açúcar e do Alcool, Rio de Janeiro, 1949, p. 132.

(14) BRANDÃO, Alfredo, *Documentos Antigos Sobre a Guerra dos Negros Palmarinos, O Negro no Brasil*, Rio de Janeiro, 1940.

casa de purgar e os locais onde estiveram as moendas que foram vendidas há mais de trinta anos.

Não ficou sequer uma casa grande, uma residência senhorial de proprietários de engenhos como testemunhas mudas dessa época de esplendor econômico de Piaçabuçu. Os mais antigos moradores do lugar se referem aos antigos engenhos, aos banguês. Há mesmo um sítio nas proximidades da cidade que se chama "Engenho".

Piaçabuçu não podia ter mesmo origem histórica, semelhante à de outras cidades alhures, dos arraiais onde o incentivo maior para o povoamento dêses núcleos afastados do litoral fôra a cobiça, onde as montanhas de ouro, os rios de pedraria preciosa escaldavam a mente do aventureiro e eram ímã atraidor dos que se julgavam donos da terra — os lusos — e teriam a concorrência dos próprios nativos.

Piaçabuçu teve origem bem característica — uma passagem melhor por onde aventureiros cruzavam nas direções norte-sul e vice-versa. Nunca teve brasões e nem baronatos(*). Apenas alguns poucos homens de recurso que a cultura da cana de açúcar fêz surgir. Não era meio de defesa como o foi Penedo onde se acastelou Nassau, porque aqui tudo é plano e quem tinha vindo da idade dos castelos medievais grimpados nas penedias, menosprezava a planura; era um passadiço mais seguro para os caminhantes, era apenas uma passagem grande, um varadouro, ou melhor, uma passagem grande, significado do vocábulo pé-haçáb-uçu⁽¹⁵⁾.

(*) O barão de Piaçabuçu era João Francisco Machado de Novaes Melo, nascido em Pão de Açúcar, E. de Alagoas.

(15) Piaçabossu é corruptela de pé-haçáb-uçu, passagem geral do caminho. De pé, caminho; haçáb, passar, e, por não ter caso, significando no infinitivo a ação do verbo em geral, conforme a lição do Pe. Luís Figueira, em sua *Arte de Gramática da Língua Brasileira*, é — passagem, uçu, também empregado para exprimir comparativo, ou ainda mais a ação do verbo por muitos. Alusivo a ser essa passagem principal que serve, em geral, aos que ali transitam.

PINTO, Alfredo Moreira, *Dicionário Geográfico do Brasil*, (Suplemento aos Apontamentos para o), Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1935.

O HABITAT

Solo. — Quando procuramos traçar a história do nascimento de Piaçabuçu, mostrando o seu aparecimento sobre uma planura de terrenos arenosos, impróprios para culturas agrícolas, mas foi a função de pouso ou descanso dos que atravessavam o rio que deu origem ao povoado. Colocada a doze quilômetros da foz do rio São Francisco, fugindo, portanto, da faixa litorânea onde nasceram as primeiras cidades brasileiras, vejamos alguns dados sobre o rio que foi o fator determinante da posição geográfica de Piaçabuçu.

O rio São Francisco é conhecido desde os primórdios de nossa civilização e o nome ficou pelo fato de ser tocado pela primeira vez num dia (10 de outubro) de São Francisco de Borja. No mapa de Bartolomeu Velho, publicado em 1561, figurava de maneira fantasista. No de Coronelli em 1698, chamava-o de Parapitinga em vez de São Francisco, denominação dada ao lago. Já nos mapas dos séculos XVIII e primórdios do XIX há mais fidelidade na sua representação. Foi Halfeld quem fez o primeiro levantamento de Pirapora até a foz, e ele figura, portanto, no seu Atlas⁽¹⁶⁾; no geógrafo De Martonne, em Elyseé Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle: La terre et les hommes*, Vol. XIX, encontramos muitos dados sobre o rio São Francisco.

É um rio de planalto, sua altitude média é de 400 metros que só abandona junto à costa. Três elementos nesse rio são apontados pelos estudiosos de geografia: dissimetria da bacia, ausência de tributários importantes e estreitamento do vale próximo ao mar.

(16) HALFELD, H. G. F., *Atlas e Relatório Concernente à Exploração do Rio São Francisco*, Rio de Janeiro, 1800.

O curso total do rio São Francisco pode ser avaliado em 3 161 quilômetros, coloca-se pela extensão entre os vinte e dois maiores rios do mundo. É o quinto rio do Brasil. A área da bacia orça, aproximadamente, em 668 500 km². O rio São Francisco logo que nasce dirige-se de oeste para leste e mais ou menos a cem quilômetros da nascente deriva-se para leste e de Remanso a Juazeiro é quase normal ao meridiano, daí até Cabrobó segue a nordeste e daqui até a foz para sudeste. Esta é a região de nosso estudo, onde "Abaixo de Penedo, a pequena distância das margens elevam-se tabuleiros. O vale estreita-se. No eixo desenvolvem-se as vazantes, que passam gradualmente aos depósitos de vasa marinha, sobre os quais vegetam os mangues. Nesse trecho são numerosas as ilhas, tôdas formadas de acumulação". "O material transportado pelo rio forma uma depósito a certa distância da foz em posição regida pelas correntes marítimas".⁽¹⁷⁾ Razão tem Aroldo de Azevedo⁽¹⁸⁾ ao afirmar: "Nos dias atuais, a função exercida pelo Rio São Francisco é muito mais regional. Constitui, mesmo, o eixo de uma região geográfica à parte, com características próprias bem definidas".

Todo o município de Piaçabuçu é de pequena altitude. A mais constante é de cinco metros acima do nível do mar. Entretanto, o Morro da Favela, entre os povoados de Potengi e Paraíso, é de oito metros. Pode-se apreciar o fenômeno das marés no rio. O fenômeno da maré é importante porque tem relação com o suprimento doméstico d'água.

Os terrenos de Piaçabuçu não são férteis. Acontece, porém, que os depósitos de humus carregados pelo rio são transformados nos vastos arrozais das lagoas, das ilhas.

(17) MORAES REGO, Luís Flores, *O Vale do São Francisco*, São Paulo, 1945.

(18) AZEVEDO, Aroldo de, *Geografia do Brasil*, Tomo Segundo, p. 142 — 5.ª ed. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1944.

Há uma faixa de solo de cinquenta quilômetros de extensão por duas léguas de largura, junto à costa oceânica, faixa essa que chega até a cidade, e que é aproveitada para a plantação de coqueiros (*cocos nucifera*), aliás nativos.

Há também nessa faixa lagoas enormes que aparecem por ocasião das chuvas, em regiões afastadas do rio São Francisco, por exemplo, nos povoados de Bonito, Fleixeira, Dendezeiro, mas que não são aproveitadas para o plantio do arroz. É natural que tais lagoas não sejam utilizadas para tal, pois não há o humus carregado como acontece com as marginais do rio, que transforma aquêles solo arenoso em terra fértil. São lagoas — bêrço de mosquitos.

Os moradores classificam seus terrenos em *chão de praia*, *chão de lagoa e ilha*. Estes dois últimos são os mais procurados porque são realmente os terrenos férteis, úteis para a agricultura — plantio de arroz, cereais, cana de açúcar, mandioca. O *chão de praia* é o dos cajueiros. Na praia o cajueiro parece desempenhar além da função de produzir alimento em determinada época do ano, no verão (por ocasião das chuvas do caju), outra que é a de evitar em parte a formação das dunas das praias. As dunas que se movimentam com facilidade sopradas pelo vento são, em grande parte, obstadas pelos cajueiros. Além da vigilância que os proprietários poderiam exercer para o não aproveitamento do cajueiro para lenha, o próprio povo que dêle se beneficia, cuida e zela do seu não desaparecimento. E como remédio é o caju muito utilizado. Aliado aos banhos de mar, constitui o que chamam a cura pelo caju de “estação do caju”.

CLIMA

É o equatorial, semi-árido, com chuvas de inverno. “Não há na região litorânea do vale observações, levando a crer que ali tudo se dê comparando-se com o que se anota em Recife e Sergipe e mesmo na estação de Satuba em Maceió. A precipitação anual é da ordem de 1 000 mm em média e a umidade varia entre 70 e 100. O regime das chuvas de inverno tem causas ainda não esclarecidas completamente, presumivelmente relaciona-se ao regime dos ventos de monção”.

Chuvas. — As chuvas mais frequentes chegam em março, abril, maio, junho, julho, dezembro (chuvas de trovoadas em dezembro); e as chuvas escassíssimas em janeiro, fevereiro, setembro, outubro e novembro. A enchente do rio é pelos meses de janeiro a dezembro. As chuvas de inverno certamente têm relações com os ventos de monção. Meses de chuva são, portanto, maio e junho e de seca: setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro e, às vêzes, até fevereiro.

O clima é temperado nos meses de março a maio; frio em junho e julho e quente em agosto a fevereiro. A temperatura do ar máxima é de 33° e a mínima é de 25° centígrados.

O inverno que começa em fins de maio é a época das chuvas. Eles gostam e precisam das chuvas, mas temem o frio. Chamam de frio a temperatura pouco abaixo do normal que é de 32° centígrados.

É também a época das doenças. As pessoas que têm “quebraduras” atribuem ao inverno a dor que aparece nesta época. É a época do reumatismo.

ESTAÇÕES

Há demarcadas apenas duas estações: inverno e verão. “Mês de Santana é o mês de chuva”. Mês de Santana é no Hagiológico católico romano o de julho, dia 26. “Dos fins de Santana para agosto é sempre chuvoso e de tempestade. Tempestade é chuva com vento sul, vira muitas canoas”, afirmam os pescadores.

Estas são as chuvas de inverno, coisa muito esperada. Quando chove o povo anda pela chuva de maneira mais natural possível, corpos eretos, parece que não se preocupam com ela, dá-nos a impressão que têm prazer em recebê-la nos seus próprios corpos.

As chuvas de inverno não coincidem com as enchentes do rio, e sim com a época em que êle está pouco volumoso, com águas claras. Quando atinge pequeno volume d'água dizem que o rio está no “caixão”. Tanto que não há relação entre as chuvas e as enchentes: “quanto mais chuva, mais no caixão êle chega”. Ao indagar-se se vem chuva alguns respondem como o Manoel das Dores, branco, 55 anos de idade, antigo pescador: “é capaz, pois vem uns dois carocinhos de chuva”.

Em dezembro e janeiro há as chuvas chamadas “as trovoadas”. Muitas trovoadas e pouca água.

Os ventos são: “vento geral de barra a dentro” que é o de leste. Antagônico a êste é o terral, vem de oeste. Outros são: vento sul e o vento norte. O enfadonho noroeste, é mais comum em agosto. O vento que traz o mal-estar, as dores de cabeça.

Como não obtivemos dados oficiais acêrca das variações de temperatura, de acôrdo com a opinião dos moradores pode-se estabelecer que a época mais fria do ano está ao redor de São João à Santana (24 de junho) a (26 de julho) e os dias mais quentes vão de Natal até dia da Purificação (25 de dezembro a 2 de fevereiro).

Infelizmente pela ausência de elementos científicos para aferição da temperatura reinante nessa época, trazemos outras observações para demonstrar como se porta a população nessas duas estações bem marcadas: no inverno é geral o uso do paletó. Vimos muita gente com êle, os mais abastados de capa e os mais pobres, logo pela manhã, antes do sol se esquentar, com sacos de estôpa nas costas. É, como apontamos, o período das doenças, quando recorrem mais amiúde à Medicina Rústica.

A primavera não começa em Setembro, mas antes, logo após as chuvas do inverno. Nesta época após as chuvas, o verde é de um tom inebriante, inefável. Depois do inverno, quando se caminha por entre os arrozais ou nos sítios onde se cultivam coqueiros, a atenção é voltada para o encantamento da relva tôda florida que cobre como alcatifa o solo. As flôres de variegadas côres emprestam uma beleza sem igual àquela vasta alfombra verde que se estende sob os coqueirais. Poucos meses depois o espetáculo é todo outro, quando o verão se aproxima. Tôda aquela alcatifa verde e florida está ressequida, parece que o areial domina novamente. É o silêncio da areia sôbre a garridice da vida vegetal. Tudo está requeimado e sem viço. A vida vegetal se ergastula, vivendo entranhada na areia, nas raízes sômente. Bastará uma chuva para que tudo reverdeça e aquêle silêncio de morte da secura se transforme num verde gritante a atepetar a planura. Sentimos que a primavera foi uma eclosão momentânea após o inverno. Observamos o fim do inverno, depois a primavera. Esta durou pouco para dar margem a um verão mais longo. A primavera e outono são realmente menores dando maior extensão ao verão. Bem demarcadas temos duas estações: inverno e verão. Êste, mais extenso em período de dias do que as demais estações.

Por outro lado, não ouvimos nenhuma referência às estações outono e primavera e sempre colhemos estas duas: *inverno*, inverno forte, inverno bom, inverno molhado, inverno com poucas chuvas, inverno pequeno, inverno ligeiro, inverno grande e *verão*, verão duro, verão de castigar, verão comprido, verão forte, verão impiedoso.

Época de inverno é o período das doenças, afirmam os moradores de Piaçabuçu e é o frio causador de enfermidades. É também nos meses que não tem *r* e nem *s* que se deve dar remédios para as bichas das crianças, e êles estão nas imediações do inverno quando elas ficam alvoroçadas: maio, junho e julho. Acreditam que o mês aziágo do ano é agôsto.

LIMITE SOCIOLÓGICO DA COMUNIDADE

Se fôssemos traçar os limites administrativos de Piaçabuçu poderíamos resumir em poucas linhas os nomes dos povoados que ficam dentro de sua base territorial municipal, porém, pretendemos é mostrar até onde se estendem seus limites sociológicos. A teia de vida desta comunidade vai além dos restritos limites administrativos. A fim de sermos mais positivos e traçarmos mesmo uma delimitação mais objetiva, lançamos mão de dados colhidos nas feiras e nas casas comerciais. Estas, em geral, fazem suas compras por atacado em Penedo. Raramente em Maceió. As farmácias é que vão mais longe, buscando drogas, quando não as encontram em Maceió, procuram-nas em Recife ou Salvador.

Alguns caminhões de Caruaru e Garanhuns (Pernambuco) vêm comprar côco em Piaçabuçu. Sempre vêm vazios e voltam carregados de côco e arroz. O entreposto onde há maior comércio é, portanto, Penedo.

No Estado de Sergipe, seu limite se estende até Parapitinga, Carrapicho, Propriá, Darcilena, Cedro, AQUI-

daban, Pacatuba, Cabeço, Ilha da Tereza, Ilha do Sal, Ilha do Carmo, Ponta do Brejo. Daí procedem a carne do sol, vendida hebdomadariamente na feira, o sal, a farinha, a cachaça, os peixes sêcos, os caranguejos, as quinquilharias e objetos manufaturados de couro, os potes de barro, êstes do artesanato doméstico.

No Estado de Alagoas a começar por Coruripe, Penedo, Salomé, Barra de Itiuba procedem farinha de mandioca, cachaça, fumo, artefatos de couro, vasilhame de barro; e das Pedras do heróico Delmiro Gouvêa, longínqua cidade ao lado da Cachoeira de Paulo Afonso, procede a rêde indispensável onde os mais ricos descansam o corpo cansado.

Os negócios são realizados em Piaçabuçu e se, porventura, há algum depósito ou cheque, servem-se dos bancos de Penedo onde há uma agência do Banco do Brasil.

No caso de doenças, aquêles que econômicamente podem vão à Penedo para consultar médicos, raramente vão a Maceió ou Salvador. Os pobres, às vêzes, seguem para a Santa Casa de Penedo, onde há muito custo conseguem um lugar, pois está sempre superlotada, daí, então, a larga utilização de Medicina Rústica. Do ponto de vista religioso, Penedo é sede de bispado.

Últimamente, após o aparecimento da estrada de rodagem ligando Piaçabuçu a Penedo, dois proprietários de caminhões, saem semanal ou quinzenalmente indo até Garanhuns ou Caruaru no Estado de Pernambuco levando côco para ser vendido na feira e de lá trazendo algumas pequenas encomendas. Um outro proprietário de caminhão fêz três viagens para o sul: duas para trazer “candanges” — retirantes em “pau de arara” e uma única e decepcionante vez para êle, trazendo côco e mudas de coqueiros para vender no Rio de Janeiro e em São Paulo. Enfim, uma tentativa de alargamento dos contatos economicos, dos limites “sociológicos” de Piaçabuçu.

Esporadicamente, passam por Piaçabuçu alguns viajantes de firmas comerciais. Alguns destes nos contaram que a praça não comporta mais do que uma ou duas visitas anuais.

Do ponto de vista cultural estão ligados à Maceió, donde recebem seus jornais alguns poucos assinantes, e o ensino primário que tem base estadual, é superintendido por elementos residentes na Capital.

Os limites sociológicos podem ser assinalados através dos contatos semanais, permanentes de elementos que vêm para o comércio na feira que se realiza da noite de sexta-feira para sábado. Na realidade é na feira que se estabelecem contatos duradouros porque são renovados semanalmente. As encomendas, os pequenos favores são trocados pelo que vêm de longe com os da terra, estabelecem-se assim liames, ligações que a princípio têm caráter econômico e que podem passar a sentimentais, afetivos reforçadores de uma teia de vida invisível, consequentemente espraiando num largo espaço geográfico os limites sociológicos da comunidade rural de Piaçabuçu, palco onde recolhemos o material folclórico que irá documentar nossa monografia.

A "CIDADE" DE PIAÇABAÇU

Na última "cidade" brasileira, à margem esquerda do rio São Francisco foi que se desenrolaram os fatos folclóricos registrados nesta monografia. Principalmente em sua feira, iniciada ao entardecer de sexta-feira até meio-dia do sábado seguinte, nesse centro de convergência da população da comunidade, tivemos oportunidade de recolher grande parte do acervo de dados adiante alinhados em Medicina Rústica. Foi na feira onde vimos, ouvimos e gravamos as "receitas" do Doutor das Raízes, do Curador de Cobras. Descreveremos as impressões registradas por ocasião de nosso primeiro contato com a

cidade que seria o ponto onde fixaríamos residência para nossa observação participante.

Saindo-se de Penedo, num ônibus, ali conhecido por “sopa” ou “marineti”, onde se apinham mais de 60 pessoas nos seus 36 lugares, atravessa-se a parte alta da cidade que é o bairro do Cajueiro Grande, segue-se a direção da estrada de Maceió, logo que se deixa a cidade, toma-se a estrada à direita. Ainda estamos nos confins da cidade de Penedo. Daqui se avista distante uma faixa prateada — é o rio São Francisco. A condução entra numa estrada arenosa; ao lado a vegetação do agreste se apresenta mirrada. Por aqui não há caatinga. Atravessa-se pelo povoado da Tapera e Capela onde casinhas paupérrimas se levantam sôbre a alvura da areia. Há um brusco desnível na estrada. É o vale Marituba. A vista se perde na imensidão. À direita os arbustos próximos vêm obstar a confirmação do vale com o rio São Francisco, mas à esquerda a vista se perde na distância morumbi, o verde do vale ao longe se torna azulado, o azul do céu se torna esverdeado e dêste grande vale há uma pequena linha, quase imperceptível que os separa — é a trança do coqueiral, porque se não fôsse esta esteira de verde mais escuro, era o verde do mar que se via, todo debruado de branco nas areias da praia lá nos confins da Barra Velha.

O verde vale do Marituba é pontilhado aqui e acolá pelos animais: aqui pacíficos bovinos ruminam, ali mirrados cavalos pastam, acolá mansos carneiros pintalgam com a brancura de sua lã a paisagem bucólica. Um número incontável de aves, umas cruzando os ares, outras pachorrentas a catar o gado pastando. Canários da terra pipilam nos picos dos postes telefônicos. Andorinhas chilreantes parecem notas musicais no pentagrama dos fios telegráficos. Nas águas tranqüilas, claras e transparentes do Marituba, pode-se ver grandes peixes, camarupins, robalos nadando. É um rio piscoso. Atravessan-

do-se por uma ponte de madeira, passa-se o povoado do Retiro, depois Marituba. Este é um povoado completamente diferente dos outros citados, contrastando com as palhoças, as casas de alvenaria fronteiras a uma fábrica de tecidos de algodão. Foram vencidos vinte quilômetros, mais nove estaremos em Piaçabuçu.

Agora, a estrada arenosa, cheia de “catabios” (solavancos), parece uma fita estreita entre a vegetação agreste. Aqui a fábrica de tecidos ainda não devastou as matas em busca de lenha para mover suas máquinas. Ao seu redor, porém, o deserto já se iniciou. A vegetação foi pouco a pouco transformada em cinza nas fornalhas insaciáveis. Desflorestar é o lema. Reflorestar, nunca.

A paisagem rasteira há pouco vencida, calcinada pelo sol inclemente e devastada pelo homem, é agora substituída pelo verde de um matiz raro que só o nordeste brasileiro sabe vestir sua vegetação com êle. Atravessa-se um riacho e ao galgar uma pequena elevação divisa-se ao longe por entre o verde escuro das cabeleiras dos coqueirais, destacando-se, duas tôrres de campanário, brotando entre as copas de palmeiras e superando-as, único prédio que as vence em altura.

Aos nossos pés um tapete verde, de um verde diferente, se desenrola numa grande extensão. Aqui e acolá o dourado dos cachos faz desenhos quadriculados nessa esteira, descomunalmente plana — é que ela tem a nivelção das águas de lagoas. Ali está uma enorme lagoa de arroz. Entre esta lagoa e o rio está encravada a cidade.

À esquerda do viajor um casario pobre, côm de palha envelhecida, se ergue sôbre dunas de areia, há muito fixadas pela vegetação. É a Paciência de Cima, subúrbio, onde até a água é escassa, proveniente de cacimbas.

Daqui para a “cidade”, quilômetro e pouco de estrada. Atravessa-se uma ponte, há um riacho, estuante na época de inverno — das chuvas — e pantanoso no verão, na sêca. Debaixo de altos coqueiros, há um

choupanal rasteiro e pobre, a maioria é mocambo de palha, poucas são de paredes de barro e um apenas coberto de telhas, porque nos demais o telhado é de palha de coqueiro. É a Paciência de Baixo. No meio dos coqueiros aquêles tugúrios pobres foram aparecendo como que envergonhados de tanta singeleza, diante do espetáculo de côres e movimento das fôlhas verdes dos coqueirais. As palhas do telhado têm côr de terra e parecem mais escuras porque um inverno com poucas chuvas passou sôbre elas.

Chegamos. Aqui é o nosso primeiro contato com a cidade. Uma rua longa — a rua Nova como é popularmente chamada. A primeira casa que nos chama a atenção é o Pôsto Policial onde funciona a Delegacia de Polícia e é o “Quartel”, denominação popular. A fragilidade da cadeia e o desatavio, a inadequação é de estarrecer, enfim é o retrato fiel da organização policial da cidade. O exterior bem reflete sua organização e função. O ônibus continua e novos aspectos se desenrolam à nossa vista: aqui é um Pôsto de Saúde, prédio moderno e confortável, as casas de alvenaria se comprimem uma ao lado da outra na rua longa e calçada por grandes lages de pedras.

Entrando numa praça ampla e desprovida de qualquer vegetação, a não ser a grama rasteira e falha, o ônibus pára. O viajor chegou ao ponto final de sua viagem. Aqui é Piaçabuçu e estamos no “Quadro” tradicional onde a cidade nasceu. Lá no fundo um prédio escolar. Aqui perto a Matriz, arquitetura de muito mau gôsto, reforma que foi feita da fachada linda e barroca que possuía, segundo as fotos antigas. Dentre o casario térreo, de côres vivas, as mais variadas, se destaca o “Sobradão”, o “sobrado mal assombrado”, que ainda guarda em sua fachada a fisionomia do tempo do Império e nas suas paredes a solidez da construção centenária. É o único prédio assobradado da cidade.

Do "Quadro" ao rio apenas uma centena de passos. Ali está o rio, o São Francisco, o rio lendário. Sim, os moradores desta cidade de Piaçabuçu vivem em função do rio. Foi o humus que êle deixou nas lagoas por ocasião das enchentes periódicas, quando ela se escoou, que se transformou nos loiros cachos de arroz — principal riqueza econômica do município, nos últimos quarenta anos.

O sol está perto do ocaso. A cidade é agora tomada de assalto por uma multidão de pessoas pobres, mal tratadas, desnutridas, um número proporcionalmente muito maior de mulheres, descem dos barcos que as levaram para o afã diário nas lagoas e ilhas circunvizinhas. À beira do rio meninas e mocinhas abastecem de água os potes de barro. A luz do sol poente, quase horizontal sôbre aquelas figuras humanas a recolher o precioso líquido à margem do rio, dá-nos a impressão de uma tela animada de Rembrandt. Um aguadeiro canta velho côco:

*"Ô Lampião
cadê sua mulé,
o soldado carregô,
foi deixá no Nazaré."*

Ao lusco-fusco algumas pessoas ainda passam com potes d'água equilibrando na cabeça, e tal exercício diário dá às mulheres linhas harmoniosas ao seu talho físico. Anoitece. E o rio vai também dormir. Dormir e acordar para os mil e um encantamentos que o luar trará. O rio vai ficar tranqüilo porque os moradores de Piaçabuçu não vão revolvê-lo com remos e quilhas de barcos, êles vão repousar. Repousar para no dia imediato voltar à labuta diária. A cidade vai ficar temporariamente abandonada porque um grande exército de trabalhadores estará, logo ao dealbar do dia, nas lagoas e ilhas.

A primeira impressão de viajor é de que ali só existe coqueiral. Mas, as primeiras cenas do entardecer revelam outro aspecto, o real — a chegada dos trabalhadores do arroz. Se por um lado há o latifúndio dos coqueirais, na faixa ao lado do Atlântico, por outro, há a plantação do arroz que emprega cêrca de dois têrços da população do município. É o arroz em Piaçabuçu é consequência do humus, é o rio São Francisco que transformou aquêlê vasto areial há poucos séculos tomado do mar, em terra fértil e dadivosa. É o rio que é a vida. É o rio que lhes dá o trabalho. É o rio que proporciona o melhor aproveitamento do solo pelo trabalho do homem. É a atividade dirigida que apareceu com o plantio do arroz. É o rio que lhes dá o pábulo para o espírito nas suas lendas, crenças e encantamentos. É o rio que lhes dá o alimento, o peixe, o camarão, o caranguejo e o marisco. É o rio que lhes dá as lágrimas aos olhos quando traga seus entes queridos. É o rio também que lhes dá a alegria de viver.

Do núcleo inicial de casas ao redor do “Quadro”, onde outrora existia uma pequena capela erigida por André da Rocha Dantas, sob a invocação de São Francisco de Borja, a primitiva da vila e, ao lado desta o “sagrado”, isto é, o Cemitério, o povoado se estendeu no sentido oeste para leste. Único rumo por onde o povoado se desenvolveu porque ao sul está o rio São Francisco e ao norte lagoas e brejos.

Primeiramente teve um pequeno desenvolvimento no sentido sueste, mas logo um latifundiário obstou seu crescimento além do Bêco do Calumbi, então seguiu francamente direção leste.

O povoado cresceu desordenadamente, sem um plano preestabelecido. Tal crescimento é devido ao fato de certos proprietários que não desejam vender a particulares lotes de terrenos aguardando a desapropriação por

parte da Prefeitura, o que para êles será um bom negócio, dependendo apenas do Prefeito. A cidade cresceu apertada entre o rio e as lagoas e, hoje, mesmo na direção leste já está novamente vedada de se expandir.

No "Quadro" estão os prédios principais da cidade. A antiga capela há muito desapareceu. A matriz que fôra construída há cento e vinte anos mais ou menos, sofrera uma reforma há cêrca de vinte e poucos anos passados. Sua fachada hierática foi substituída por outra desataviada. Nessa época destruiu-se também o jardim fronteiro; na praça algumas árvores seculares foram impiedosamente derrubadas — é a dendroclastia.

Ao lado da antiga capela existia o cemitério, o primeiro do povoado. Há mais de cinqüenta anos foi mudado para o local onde hoje se encontra, distando do "Quadro" cêrca de quatrocentos metros. Onde fôra o antigo cemitério com enorme portão de ferro, se ergue hoje o atual Grupo Escolar, prédio com seis salas de aula.

A cidade tinha nessa época como principal pôrto a foz do riacho Coitizeiro, que na maré alta permite a entrada de muitos barcos, e com a vazante, podem ainda ficar sêco para reparos ou mesmo facilitar o desembarque de carga mais pesada.

Os constantes desabamentos da barranca do rio, chegando mesmo a destruir uma parte velha da cidade nas imediações da foz do Coitizeiro, levaram a um Prefeito, aliás nessa época Intendente Municipal, a descarregar neste local mais de uma centena de barcos carregados com grandes pedras. Posteriormente, foi construído o atual cais do pôrto que mede duzentos e cinqüenta metros havendo três escadas para desembarque.

Os desabamentos têm realmente "comido" parte da cidade nos pontos que margeiam o rio. Já em 1897, Teodoro Sampaio, em seu Diário de Viagem, quando no

dia 12 de agosto passou em frente do povoado de Piaçabuçu, no vapor “Juquiá”, em direção a Penedo, registra: “os engenhos de açúcar denunciam-se ao longe pelo penacho de fumo que se escapa das altas chaminés. A vila de Piaçabuçu apresenta-se à distância por entre ilhotes baixos, cujas barrancas desabam ao passar da embarcação que nos conduz”(19).

Nas proximidades da desembocadura do riacho Coitzeiro já pela facilidade de abrigo para os barcos, se localizaram duas “fábricas de arroz”, são moinhos de beneficiar. Uma terceira veio posteriormente localizar-se nas proximidades do atual Mercado Municipal.

As melhores casas da cidade estão localizadas no “Quadro” e rua do “Açougue”, hoje José Leonel, nome de antigo chefe político local. Esta rua fica próxima do rio, começando numa pequena praça que dá para uma das escadas mais movimentadas do cais.

Muitas ruas têm um nome na placa, apenas na placa. O nome popular continua, ou porque grande parte da população é analfabeta ou principalmente porque a *tradição não se extingue de um dia para outro*. A rua José Leonel continua sendo a rua do Açougue porque ali há um açougue público para carnes de vaca, peixe, porco, carneiro e aves.

A rua José Leonel termina, com uma extensão de oitenta metros, numa praça onde fôra há pouco construído um grande Mercado Municipal, porém pouco ocupado pelos negociantes e feirantes. É nesta praça e na rua do Açougue que se realiza semanalmente a feira. Da praça do Mercado Grande, ainda próxima do rio, sai a rua de Baixo cujo nome da placa é Tamandaré. É uma rua tôda curva. Numa extensão de cem metros em linha

(19) SAMPAIO, Theodoro, *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina: Trechos de um Diário de Viagem*, São Paulo, 1905.

reta, casinhas de alvenaria se ajuntam uma ao lado da outra como que espremidas por falta de espaço. Depois desta centena e pouco de metros de rua vem um bêco transversal que faz ligação com o rio, é o Bêco do Chico Caboclo, e o nome da placa é Travessa Tamandaré, boa parte dos moradores do arredor do Cemitério e Coréia vem abastecer-se d'água aqui, e as lavadeiras dessa zona também o palmilham. A rua de Baixo segue direção leste, recurvando-se fazendo mesmo um grande cotovêlo. Novo Bêco, o do Calumbi. É o último bêco por onde o povo pode abastecer-se d'água e também comunicar-se com as ilhas onde trabalham. É mesmo chamado o "Pôrto do Calumbi". Por ali, nas primeiras horas da madrugada, e ao entardecer, passa boa parte da população que segue para as ilhas mais próximas da foz, para o trabalho no arroz.

A cidade precisava crescer. Na confluência da antiga estrada para Feliz Deserto, teve início a rua João Pessoa que o povo teima em chamar de Rua Nova. Nesta nos três primeiros quarteirões foram construídas casas de alvenaria, de lado a lado da rua. Hoje está quase toda calçada. Nas proximidades do "Quadro" o calçamento é de lages grandes e agora, recentemente, é de paralelepípedos. Duas transversais, também calçadas pelo sistema antigo, apareceram nas que "correm" atrás da igreja, a Cel. Pedro Góis e mais a leste a Rua Clementino do Monte. Ruas estas que facilitam a comunicação dos moradores da rua Nova com o rio para o abastecimento d'água. Este é realmente o grupo das primeiras ruas da cidade. Depois ela cresceu desordenada. Ruas curvas, "corimboques", isto é, ruas tortuosas e esburacadas, bêcos estreitos, vielas que ora tomam o nome de uma árvore, ora de um morador antigo dêsse trecho. Assim é que se pode dizer que um é o nome popular e outro o oficial, da placa. Vejamos alguns:

<i>Nome Popular</i>	<i>Nome Oficial</i>
Quadro	Pça. São Francisco de Borja
Rua da Malaca	Maris e Barros
Ponta da Várzea	Rua Marcílio Dias
Rua de Baixo	Rua Tamandaré
Bêco do Chico Caboclo	Travessa Tamandaré
Rua de Empresa	Rua Senador Francisco Silva
Rua da Amendoeira	Avenida Silvino Melo
Rua da Santa Cruz	Rua Flávio de Carvalho
Rua do Bacalhau	Rua Joaquim Távora

A aparência da cidade é agradável, embora reflita a sua pobreza e desconforto. É totalmente plana. Não há água encanada e nem esgotos. A luz elétrica é fornecida pela Prefeitura, consumida na sua maior porcentagem pelos moradores do “Quadro” e arredores e pela iluminação pública das ruas. As casas pobres não usam iluminação elétrica e há muitas bodegas que usam ainda o candieiro de gás (querosene).

De quando em vez, quando lavra um incêndio numa das ruas pobres, como Cruiri, por exemplo, várias casas são atingidas pelo fato de serem de palha e construídas uma ao lado das outras. Acontece também que, em geral, o incêndio se alastra porque nas casas a água existente é parca, nunca mais do que um pote de cinco a oito litros.

Não andam animais soltos pelas ruas da cidade, a não ser nas ruas pobres onde se pode ver algumas galinhas. Desenvolveu-se um policiamento rigoroso por parte dos fiscais da Prefeitura quanto à presença de jumentos soltos mórmente ao anoitecer e domingos. Um dos motivos principais dêsse zêlo foi o espetáculo da “cobertura” das fêmeas pelos machos em plena praça pública, que recebeu severas críticas de certas famílias. Outro é a zombaria (o que não deixa de pesar na balança) que os viajantes e pessoas doutras cidades vizinhas fazem a respeito de Piaçabuçu, quando querem se referir, jocosamente e espicaçando o orgulho dos seus moradores: “sua

terra é muito 'adiantada' (atrazada) lá o jégue é relógio, a galinha cisca para frente e perú dá coice". Caso esteja na praça algum jégue e êle zurre, estando uma pessoa de fora, sorri. Os da terra presentes entreolham-se porque estão sabendo que o visitante está "mangando", caçoando, "o relógio está marcando hora". Êste é também um dos motivos que tem levado a um zêlo indormido para com a retirada ou apreensão e imediata comunicação ao dono dos pacientes jumentos soltos, ao anoitecer, após o trabalho diuturno.

A parte central da cidade, o "Quadro", é rodeado de casas de côres vivas e alegres, porém sem jardins, porque tôdas se comprimem umas às outras. É um trecho também despido de árvores. Já para o lado das ruas pobres, há muitos coqueiros e algumas árvores que deram os nomes populares às ruas: Cruiri, Cajueiro, Oitizeiro, Amendoeira, Ariticum.

Os quintais são arborizados e em algumas casas há nêles bons jardins, plantações de flôres e pequenas hortas. Mas, é a presença dos coqueiros nos quintais das casas pobres que, ao se avistar de longe a cidade, nos dá a impressão de apenas um coqueiral, estas desaparecem sob os coqueiros.

As duas únicas árvores "públicas" que existem no cais do pôrto são o ponto de reunião dos "boa-vida", de alguns comerciantes, bodegueiros donos de armazéns vizinhos e outros que ali, protegidos pela sombra amiga, na hora da canícula, batem um papo, enquanto alguns desocupados dormitam sôbre a pedra do calçamento, porque a sesta é uma instituição. A ela todos pertencem.

O aspecto da cidade varia com as horas. Pela manhã, mui cedo, mesmo antes do sol despontar, por ocasião do trabalho na lavoura do arroz, as ruas já estão movimentadas. São os trabalhadores que demandam as lagoas e ilhas. Mais mulheres do que homens. Algumas mulheres trazem no regaço seus filhos pequeninos. Há cho-

ros de crianças e recomendações para as que ficam. Logo depois, meninos e meninas cruzando as ruas em direção às escolas. Outros brincam na rua sob as vistas cansadas dos avós, semi-inválidos.

Pelas ruas alguns meninos de doze a catorze anos com seus pregões estentóricos anunciam cantando ou gritando o pão quentinho, a macaxeira, o cuscus de arroz.

— *Óiii pam... óiii pam... tá quentinho.*

Este pregão e mais outros se repetem ao entardecer, são vários.

Aguadeiros começam a carregar o precioso líquido. Nas escadas, nos pôrtos os aguadeiros enchem as latas de querosene e as carregam duas a duas, atravessadas numa vara, seguem num passo “troteado”, para, como dizem, aliviar o pêso. Vão alegres, cantando ou assobiando.

Ao meio-dia saem as crianças das escolas.

Há um silêncio grande na cidade — é a hora da sesta. Todo mundo dorme.

Vem a tarde. Bem antes do anoitecer chegam os trabalhadores do arroz. Cruzam em sentido contrário as mocinhas com os potes d’água na cabeça, vão gárrulas, em rancho, conversando para buscar água. Entardece. Nas ruas pobres, mulheres sentadas nos batentes das portas de suas casas ou em esteiras de piri-piri, “catando” a cabeça uma da outra. Revezam-se. Não é o cafuné, é a procura de piolhos e lëndias. Outras mulheres ninando crianças. Outras trabalhando em bordados. Lá pelas bandas do Oitizeiro uma senhora faz chapéus de palha de ouricuri. Uma velha na rua do Ariticum bate os bilros em sua almofada. É uma velhinha, arcada pelo pêso dos anos e por causa da posição incômoda a que se obriga ficar em tão mal pago mister — é a mulher rendeira — tão decantada hoje pela música radiofônica.

Nas portas das bodegas, os cachaceiros; e os há muitos. Uns discutem e outros — como são gentis os

bêbedos desta “cidade” — insistem para que tomemos “um martelo de cachaça, porque aquela é da boa”.

Um môço afia sua peixeira. Mulheres deitadas na areia, outras sentadas de qualquer jeito mostrando as partes pudendas. Bem aqui é a “Coréia”, onde há o meretrício. Dois bêbedos discutem. Mulheres mexericando a vida alheia. Numa bodega tocam cavaquinho e violão... e cantam.

Entremos nesta rua calçada. Na porta de uma casa de alvenaria, quatro homens sem paletó jogam dominós. Mais adiante outros jogam gamão. Algumas pessoas sentadas em cadeiras, chupam roletes de cana. As cascas vão ficando ali na sargeta... e os bagaços também.

Anoiteceu. É costume dos moradores ficarem nas portas de suas casas, sentados, conversando até a hora de dormir, o que fazem muito cedo porque a vida começa com o dealbar do dia.

É noite. As ruas estão desertas. De dentro de uma casa ouve-se o ranger dos ferros de uma rêde a baloiçar e uma voz feminina cantarolando um dorme-nenê, um acalanto:

*“Dorme Suzana
qu’eu tenho o que fazê,
vou lavá e gomá
camisinha pra você, ê, ê, ê, ê,
Suzana é um bebê,
i, i, i, i, i,
Suzaninha vai dormir.
Dorme Suzana
qu’eu tenho o que fazê,
vou lavá e gomá,
camisinha pra você, a, a, a, a,
Suzana quer apanhá,
i, i, i, i, i,
Suzaninha vai dormi.”*

II

MEDICINA RÚSTICA

AO ADOTARMOS a adjetivação que viesse qualificar o tipo de Medicina estudado tivemos em mente a definição dada pelo antropólogo paulista Antonio Rubbo Müller⁽²⁰⁾ para CABOCLA: “Termo comum, servindo para indicar, de um lado, os indivíduos ou grupos, tendo um *modus vivendi* inteiramente rústico e, de outro lado, suas qualidades. Etnologicamente, êsses indivíduos ou grupos resultam da mistura de estoques autóctones, europeus e africanos; os tipos opostos do branco e do negro e, mais raramente, do nativo, aí subsistem, mas com uma intensidade menor e variável. São encontrados no litoral e no interior, assim como nos aglomerados urbanos; êles constituem uma parte considerável da população”.

A medicina que ora estudamos é cabocla no sentido de ser praticada por moradores do litoral e do interior, moradores do meio rural ou urbano, conforme aquela definição. Não seria medicina *sertaneja* porque estaria restrita a uma pequena região do nordeste, do vale do São Francisco. Medicina cabocla seria mais extensa. Embora Piaçabuçu, distante duas léguas da foz do rio São Francisco, esteja relacionada em parte com o ciclo do gado onde encontramos costumes e tradições antigas de caráter permanente, já fixados, poderíamos então denominar a presente monografia de “*Medicina Sertaneja*”. Ela reflete, porém, a vivência de um grupo humano muito maior, poderia ser *Medicina Cabocla*.

(20) MÜLLER, Antônio Rubbo, *Ritos Caboclos no Estado de São Paulo — Sua Natureza e sua Função Social*, n.º 2-A, da série Estudos de Antropologia Teórica e Aplicada, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Julho de 1956.

A adjetivação *cabocla* nos traz, porém, dificuldades. Baldus e Willems⁽²¹⁾ assinalam vários significados para *caboclo*, citando Recalde, Martius, Stradelli, Friederici, Koch-Grünberg e finalizam assim o verbete: “Nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, o termo é aplicado ao sertanejo, brasileiro por várias gerações e ainda não assimilado ao estado de civilização importada nas cidades, por exemplo, ao chamado caipira e ao cabra (v. i.) do nordeste”.

O fato de um vocábulo não ter o mesmo significado em todo o Brasil levou-nos a rejeitar a adjetivação para nossa “Medicina Cabocla” evitando assim um termo restritivo. Pensamos em usar “Medicina Popular”, mas o *popular* dá a impressão de que é a medicina científica que decaiu, que se tornou plebéia. E o fenômeno assinalado é diferente, não há apenas a degenerescência de práticas científicas do passado, da ciência medieval, há certamente evolução ou não delas, como há também interação, há atuação de um grupo sobre outro, enfim, vários fenômenos sociológicos sucederam através dos tempos no habitat brasileiro, houve contribuição de europeus, negros e índios.

O vocábulo escolhido é RÚSTICO — *Medicina Rústica*. Traz aquêle sabor latino de *rusticus*: relativo ou próprio do campo. *Medicina Rústica* no seu sentido lato, sem restrições de côr ou miscegenação, não será portanto apenas as práticas de um grupo de filhos de índios como se poderá pensar quando no norte brasileiro se usa o vocábulo *caboclo*. Repudiamos também os vocábulos *matuto*, *caipira*, por envolverem juízo de valor. Isento de preconceitos será o termo adjetivamente RÚSTICO, signifi-

(21) BALDUS, Herbert e WILLEMS, Emílio. *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1989 — Verbetes: Caboclo, p. 86.

cando *relativo ao meio rural, próprio de um país eminentemente rural como é o nosso Brasil.*

A medicina rústica é o resultado de uma série de aculturações da medicina popular de Portugal, indígena e negra. Necessário se faz um conhecimento das influências que ela sofreu: os antecedentes pré-ibéricos, lusos, ameríndios⁽²²⁾ e africanos. Não se deve olvidar os antecedentes que a medicina popular negra recebeu, quando em contacto com a África branca — os mouros. É, sem dúvida o novo ambiente, os novos contatos culturais, proporcionaram não só ao branco, mas também ao negro, o transplantar, bem como ter novas experiências com os elementos que o ameríndio e o novo *habitat* lhes ofereceram. O pajé ameríndio, o feiticeiro negro, o bruxo europeu certamente tiveram suas técnicas de lidar com o sobrenatural, num dado momento em contato. Após tais relações, a interpenetração de técnicas, hoje seria difícil distinguir qual é puramente indígena, negra ou branca. Restam de concreto para nossas análises o curandeiro, o raizeiro, o curador de cobras, a benzinheira que poderão dar algo que nos indique, em parte, a origem étnica de sua técnica empregada. Vasta seria a bibliografia a ser compulsada para comprovar o que acima afirmamos, seria buscar Lery, Thevet relatando a cura através de chupar a parte da ferida ou chaga. Ainda hoje, em Piaçabuçu, quando “a cobra ofende o paciente a primeira cousa que se deve fazer é mascar fumo ou lavar a bôca com gás (querosene) ou cachaça e chupar o lugar, procurando tirar o veneno”. É Stradelli ou Herbert Baldus que apontam o uso do sôpro do pajé sobre a parte

(22) MENEZES, Jayme de Sá, *Medicina Indígena*, Livraria Progresso Editora, Salvador, Bahia, 1957, p. 44, o A. afirma: “De tal maneira astutos, os indígenas, guiados pelos instintos, foram, tanto quanto puderam, valendo-se dos recursos que a natureza lhes oferecia ao manejo empírico da medicina — que se tripartia em *animista, naturista e mágica*”.

ferida. Hoje o benzedor Luís Brinquinho assopra a cabeça da criança para sair o "ar de vento" ou "ar do sol". Farto manancial é encontrado em Gabriel Soares de Souza sôbre a fumigação, presente no toré. Nós, na qualidade de observador participante, fomos várias vêzes defumados pelo presidente do Toré. Apontar a influência portuguesa, seria reproduzir dados desde José Leite de Vasconcelos até Jaime Lopes Dias, desde Teófilo Braga até A. Jorge Dias, atualmente dedicado a estudos africanos na Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português, pesquisando em Moçambique.

Os primitivos, os povos da antigüidade⁽²³⁾ e mesmo muitos contemporâneos nossos acreditam que a doença e a morte são conseqüências de determinadas fôrças místicas, mágicas, punição de deuses, corpos estranhos introduzidos no organismo humano trazendo sua destruição total (morte) ou causando distúrbios (doenças) e prejuízos.

Às várias maneiras de se obter a cura na região do baixo São Francisco denominamos MEDICINA RÚSTICA. Vasta é a seára dessa medicina e nela queremos respigar aproveitando o material folclórico recolhido em recente pesquisa sociológica por nós realizada numa comunidade alagoana — Piaçabuçu — onde permanecemos de julho a dezembro de 1952 e posteriormente o mês de julho de 1953.

Tentaremos, portanto, uma classificação para o estudo da Medicina Rústica em *Medicina Mágica*, *Medicina Religiosa* e *Medicina Empírica*.

(23) PRADO, A. de Almeida. *As Doenças Através dos Séculos*, São Paulo Médico Editora Ltda., São Paulo, 1944, p. 119: "Diante da morte, como da doença, a humanidade manifestou em todos os tempos a mesma perplexidade dolorosa e o problema do além a empolga sempre, tanto quanto o da doença e do sofrimento. É que na realidade êles se tocam, pelo menos nos aspectos acessíveis aos nossos sentidos e a nossa imaginação... a medicina apareceu como o instinto de conservação oposto à aniquilação individual".

Para cada tipo de doença há um determinado remédio, enfim, a causa do mal está sempre no sobrenatural, daí haver uma certa unidade entre os três tipos de *Medicina Rústica*. A nossa divisão é mais para finalidade didática, não é estanque, e suas linhas divisórias não são intransponíveis: ora um remédio pode situar-se na medicina religiosa, outras vezes na mágica, bem como na empírica. As doenças e suas causas nos induzem a saber melhor qual o tipo de medicina onde as classificamos. Assim, a cura de uma doença provocada pela quebra de um tabu (medicina religiosa) terá que se processar através de um ritual. Não importa que entre nesse ritual, por exemplo, o uso de um vomitório ou chazinho (medicina empírica). Não havendo, portanto, uma linha demarcatória rígida, foi mais pela etiologia e pela terapêutica que nos valem para classificar os dados da medicina folclórica alagoana do vale do rio São Francisco.

Embora para tôdas as nossas três divisões de *medicina rústica* a causa do mal esteja no sobrenatural, não nos foi possível precisar qual delas é a mais antiga, e a ordem adotada (medicina mágica, religiosa e empírica) não significa, portanto, posição de precedência. O que nos interessou sobretudo foi distinguir as causas das doenças, a sua etiologia: entre os praticantes do toré (religião indígena) ela é *mágica*, já entre os do candomblé (religião afro-brasileira) é de ordem *religiosa*. O atual toré alagoano descende de cerimônias religiosas indígenas, guardando ainda alguns vestígios como sejam a preparação da jurema, da “couina” e o “dar de comer ao maracá”, defumar. Na fase presente, no toré, quando os “caboclos ou encantados baixam para enramar”, trazem conselhos, curam, dão notícias de pessoas distantes ou desaparecidas, pode-se perceber perfeitamente que o

toré se tornou prática religiosa dos membros das classes destituídas do baixo São Francisco e ao mesmo tempo *medicina mágica* dos desassistidos. No candomblé a *medicina é mística, é sacerdotal*, sua terapêutica não é mágica e sim *religiosa*. Em Piaçabuçu não tivemos oportunidade de ver os rituais lavagem de contas ou limpeza de corpo, porém, presenciamos o ritual de Xapanã⁽²⁴⁾, deus da mitologia iorubana, portador da varíola, recebido no terreiro com tições de fogo e brasas vivas, curando ou evitando o ataque de bexigas àqueles fiéis que na “brincadeira de candomblé” prestam-lhe culto cantando seu “linho” e dançando. (V. Fig. 1, no fim do volume). Assim é recebido o “médico dos pobres”, como afirmou Edison Carneiro⁽²⁵⁾. “O Orixá africano Xampanan, no Brasil, teve de se dividir em Ômulu e Óbaluayê, que hoje correspondem aos santos católicos São Lázaro e São Roque, santos da saúde”.

Definição: *Consideramos Medicina Rústica o conjunto de técnicas, de fórmulas, de remédios, de práticas, de gestos que o morador da região estudada lança mão para o restabelecimento de sua saúde ou prevenção de doenças.*

No quadro adiante damos um esquema da *Medicina Rústica*, suas divisões, seus remédios ou técnicas empregados e os oficiais ou agentes da cura.

(24) Do ritual, da chegada de Xapanã fizemos um documentário cinematográfico em 16 mm “Kodackrome” e o pintor popular Miguel Arcanjo da Silva pintou a óleo um quadro que pertence à iconoteca do Autor.

(25) CARNEIRO, Edison, *Negros Bantus*, Biblioteca de Divulgação Científica, Civilização Brasileira S/A., Rio de Janeiro, 1937, p. 90.

MEDICINA RÚSTICA

Medicina Mágica

	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
BENZEDURA.....	Reza, gesto, oração	Curador Curador de cobras Rezador Benzedor "Benzinheira"
SIMPATIA.....	Práticas, gesto, palavra Transferência Açoterapia Susto	Comadre "Assistente" "Os mais velhos" Pais
PROFILAXIA MÁGICA.....	Relique, patuá, benti- nho, amuleto, santi- nho, talismã	
TORÉ.....	Adivinhação mágica, procura do nome da moléstia Defumação Uso de ervas	Presidente do toré
CATOLICISMO BRA- SILEIRO OU "DE FOLK".....	Promessa, romaria, no- vena, confissão	Santos e divindades padre beato e milagreiro

Medicina Religiosa

	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
CANDOMBLÉ.....	Adivinhação simbólica, procura da divindade ofendida para homenageá-la	Pai ou mãe de santo
	Terapêutica ritual	Xapanã

Medicina Empírica

	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
FITOTERAPIA.....	Cházinho Meizinha Lambedouro Garrafada Cataplasma Tópico — unguento Purgante Vomitório Suadouro	Doutor de raízes- Comadre "Entendidos" "Os mais velhos"
EXCRETOTERAPIA..	Fezes, saliva, leite, cêra do ouvido	-
DIETA.....	Comidas especiais, alimentos proibidos, quentes ou frios, "carregados"	
BALNEOTERAPIA..	Banho externo e interno, "ajuda"	
SANGRIA.....	Bichas	Barbeiro
PIRÓTICA.....	Brasas	O interessado

PINGATERAPIA — panacéia folclórica. Suas técnicas: Curtimento, mistura, massagem e inalação.

MEDICINA MÁGICA

A *medicina mágica* procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobrenatural no doente, ou estirpar o mal que faz sofrer. Compreende *benzedura*, *simpatia*, *profilaxia mágica*, *toré* e *catolicismo-brasileiro*.

Há uma diferença entre *Benzedura* e *Simpatia* (Ver *Apêndice n.º 1*) embora ambas sejam do ritual protetivo, isto é, conjunto de gestos, rezas ou palavras com as quais se procura obter a cura, proteção da saúde ou prevenção de males.

A *benzedura* só é feita por oficiais especializados, assim teremos o Curador de Cobras (especialista), o Curador e o benzedor (clínica geral).

A *simpatia* é uma forma de secularização da benzedura. A *simpatia*, pode-se dizer, é uma forma láica, a sua execução não depende de um oficial especializado, qualquer pessoa poderá executá-la. Nisto está a sua diferença da Benzedura.

Em geral, pensa-se que a *simpatia* cura, protege e previne. É um ritual acompanhado de mímica e palavrório especial: palavras, não raro, incompreensíveis, cabalísticas outras, frases sem nexos. A *simpatia* não precisa, como a benzedura, ser executada por uma pessoa especializada. Não somente o Benzedor ou a Assistente (parteira) a faz e ensina. Qualquer pessoa "leiga" pode executá-la. Está mesmo nisso uma diferença marcante entre benzeduras e simpatias, no fato de que as primeiras não podem ser feitas por "leigos", e o benzedor não as ensina, a não ser em dias especiais, para um "iniciando": isto é, quando o benzedor pressente sua morte, na Sexta-feira Santa, dia 25 de março, dia dos Mortos ou dia de Natal. Caso ensine noutras épocas, perderá a força para realizá-las. Ficará "quebrado". Ao passo que as sim-

patias podem ser ensinadas a qualquer momento e não implica na perda de fôrças. Algumas benzeduras passam a ser simpatias. É mesmo um processo de secularização daqueles ritos o fato de passarem de *benzeduras* para *simpatia*. Justificam essa profanização, dizendo que o benzedor fulano, recebeu a intuição de ensinar e que não perdeu a fôrça, não ficou “quebrado”, fato temido pelos curandeiros, daí a reserva por êles mantida quanto ao ensino das rezas de benzedura, a não ser nos cinco casos especiais acima apontados.

A *Benzedura* e a *Simpatia* são empregadas largamente. Por meio das rezas (Ver *Apêndice n.º 2*), gestos, palavras, fazem desaparecer o motivo ou a própria doença. O curador, rezador ou “benzinheira” têm o poder de fazer passar de um ser humano para animal ou daquele para uma cousa, é a *transferência*, técnica muito usada. Não precisa ser “especialista”, benzedor ou curador, uma pessoa qualquer afetada, por exemplo, de erisipela basta esfregar o batráquio no local da doença que ela sarará, pois o mal passará para o sapo, ou o asmático que pesca um peixe, cospe na sua bôca e o solta novamente n’água levando o mal. Dos resultados positivos desta prática não conseguimos colher dados; ela continua a ser executada. A sua razão de ser respousa na lei da magia da transferência. Outras vêzes é a “benzinheira” a pessoa que tem fôrça para mandar o quebranto para as “areias gordas do mar sagrado”.

Simpatia é também a maneira de se curar os doentes, os loucos. Toma-se uma rêde, arrumando-a como se fôra para transportar defunto; colocam dentro dela o louco e preferivelmente o pai deve dar-lhe uma violenta surra de tabica (lasca de madeira), vara de marmelo ou correia de couro cru.

Açoterapia é o emprêgo de instrumentos cortantes feitos de aço utilizados então para cortar determinados

males. Ao benzer o quebranto, uma pessoa fica ao lado da que está com o mal, pergunta-lhe então o curador, "que corto", esta responde-lhe riscando o chão, "eu corto quebranto". Quando uma aranha ou abelha picou, deixou o ferrão, basta colocar uma faca ou canivete que êle cortará o veneno. Uma batida na cabeça levanta um galo, para cortá-lo, basta colocar uma faca sôbre êle. É a açoterapia onde as qualidades e função daquele instrumento são utilizadas mágicamente para a cura. Açoterapia⁽²⁶⁾ é denominação usada por Florestan Fernandes, um dos primeiros sociólogos brasileiros a estudar os fenômenos mágicos, dando uma real e científica contribuição aos estudos das práticas simpáticas e medicinais dos indícios favoráveis ou desfavoráveis, de "virtude" existente na magia branca ou criada pela magia negra.

Os meios de cura empregados pelos curadores, benzedores e "benzinheiras" são *rezas*⁽²⁷⁾, orações e benzeduras acompanhadas de gestos para que se obtenha o efeito colimado. A gesticulação é indispensável.

(26) FERNANDES, Florestan, "Aspectos Mágicos do Folclore Paulistano", *Revista Sociologia*, Vol. VI, n.º 2, 1944, p. 82.

(27) As *rezas* nem sempre são usadas para fins medicinais, para a cura das mazelas do corpo. Elas também auxiliam na busca da felicidade, do amor, do dinheiro. Para êste último caso, no primeiro dia da lua nova, quando estiver perto de se pôr, é costume generalizado pegar uma moeda e com ela apontar para a lua e dizer:

*"Deus te salve lua nova
tu que nasce no poente
quando fôr que vieres
me trazes desta semente."*

A seguir faz o sinal da cruz três vêzes, com a moeda na mão. "Não demora muito", disse Porfírio, "que enrica logo".

Na "busca do amor", prática muito usada pela moça solteira, reza-se um Padre Nosso e uma Ave Maria para Santo Antônio, formula-se um pensamento e põe-se fogo num pedaço de papel. A moça, a seguir, solta-o no chão e começa a dizer: "Um pedacinho para Santo Antônio; um pedacinho para Santo Antônio..." Caso o papel se queime todo, fica triste porque não se casará mais; porém, se ficar um pedacinho, a moça ficará muito alegre porque há esperanças de se casar.

Invocações diárias, pequenas frases às vêzes, são proferidas nos casos de se pedir interferência dos santos; como o do barqueiro que sobe no mastro, agarrando as velas, no meio da calmaria, assobia fino

O curandeiro não ensina as suas rezas, a não ser em casos especiais, como já apontamos. O benzedor às vêzes ensina; pela repetição não muito velada nas casas de família, outros poderão aprendê-las. É o benzedor o maior disseminador do ensino de simpatias e algumas rezas medicinais. Ao ensinar, acrescenta que os gestos são muito importantes na consecução dos fins almejados⁽²⁸⁾.

Auxiliar indispensável nas benzeduras é o rosário; as mulheres quase sem distinção, principalmente as mais idosas, usam-no como se fôra um colar. Rosário de contas azuis e brancas, nêle infalivelmente é encontrada a mochilinha ou bentinho, envólucro de pano onde no interior se encontra bem dobradinho um opúsculo com orações (Ver *Apêndice n.º 3*), comprado nas feiras, nas bancas de raizeiros ou onde vendem literatura de cordel.

As parteiras usam o rosário para com êle, ao rezar sôbre o ventre da parturiente, ir fazendo cruces. O tipo de rosário mais comum na comunidade é aquêle comprado em "Juazeiro do Padrim Cirço": contas minúsculas brancas e azuis, medindo mais ou menos um metro de comprimento, adquirido também numa casa de artigos religiosos, em Penedo, pelo preço de Cr\$ 10,00 quando bentos e pela metade, aquêles que não receberam água benta da igreja do Padre Cícero.

e prolongado e diz, depois: "São Lourenço, barba de ouro, coração de vento". Há também esta outra maneira de pedir: "São Lourenço manda dois vintens de vento". Nestes dias, porém, usualmente pedem com moeda de outro valor, isto é, "dois tões de vento", o "tões" quer dizer tostões.

Para passar a chuva, quando chove muito algumas pessoas colocam um naco de fumo sôbre uma estaca e dizem: "Santa Bárbara passa esta chuva e êste pedaço de fumo é seu." Pequenas frases, às vêzes, valem por uma reza.

(28) PIERSON, Donald, *Branços e Pretos na Bahia, Brasileira*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1945, p. 317: "As 'rezas', isto é, as palavras mágicas pronunciadas ao mesmo tempo em que se faz um gesto sôbre a parte afetada do corpo, são também muito empregadas. Crença comum é a de que o pai de santo pode, desta maneira, curar mordida de cobra".

O rosário que o benzedor Luís Brinquinho traz em sua algibeira é de contas de “lágrimas de Nossa Senhora”. “Rosário branco e azul é de mulé”, afirma Luís Brinquinho (o homem que sabe curar ar do tempo melhor do que ninguém, basta rezar uma vez, dizem os informantes). O “ramo de ar”, “ar de estupor” é como designam paralisias diversas. “Ar no rosto” por causa do golpe de ar, é a perda parcial de movimentos dos músculos faciais. Às vêzes, ao “beber água no sol e não na sombra, a pessoa está sujeita a tomar um golpe de ar”. Para curá-lo só benzedura. O remédio específico é reza. Procura-se o ar que deu e reza-se em cima. Para isso, o especialista é Luís Brinquinho, que também benze “sol na cabeça”, cefaléia muitas vêzes provocada pela insolação demasiada. A benzedura não deixa de ser no fundo uma psicoterapia.

Doente de “sol” procura logo o benzedor. Em Piaçabuçu o mais eficaz é Luís Brinquinho qu assim procede: “coloca na cabeça do doente um pano branco e uma garrafa branca cheia d’água até ao gargalo; vai rezando, benzendo, quando a doença começa a sair a água ferve”, Maria Gabriel confirma ser Brinquinho o melhor rezador e, adiantando, informou que o Dedé, membro da família dominante, também sabe rezar para curar doente de sol”.

Afirma Etelvina Conceição: “Para curar mau olhar, benze-se. Rezando-se como se deve, o mal é curado”.

“Para se curar mau olhar, quebranto, reza-se e depois dá-se um purgante de vassourinha com pingo de óleo”, aconselha Maria Gabriel. E não falta uma simpatia para completar o efeito do benzimento: “deve-se usar uma figa para evitar olhos maus; dente de jacaré é muito bom para isso”.

Outra fórmula de benzimento para quebranto: “sôbre a cabeça da criança com um raminho verde (o que vimos, casualmente era jurumeira, poderia ser de arruda,

guiné etc.) enquanto fazia cruzeiros, rezava. O benzimento para surtir efeito deve ser executado durante três dias seguidos de manhã, com a criança ainda em jejum. No primeiro dia, com uma fôlha, no segundo com duas, no terceiro com três. Quando é arruda ou guiné o benzimento é feito com um pequeno galho. Deve-se ter o cuidado de lançá-lo n'água corrente, atirando com as costas voltadas para o rio, sem olhar para traz, mandando que em nome de Deus, dos santos e da Virgem Maria que o mal siga para as águas do mar sagrado, deixando a vítima da moléstia sã e sossegada."

Eis uma reza cuja finalidade é curar o quebranto. A "benzinheira" sôbre a cabeça da criança, fazendo gestos, diz:

*"Suzana sua mãe le teve,
sua mãe le há de criá,
quem quebranto le pois
eu tiro, com um, com dois.
com três hei de tirá
o quebranto e mau olhado
e a menina Suzana fica sarado.
Si fô nos olhos da menina
Santa Luzia é quem vai tirá,
si fô na cabeça da minina,
é São Pedro quem vai tirá
si fô nos ouvido da minina
é Santa Polónia quem vai tirá
si fô no pescoço ou na garganta
é São Braz quem vai tirá,
si fô na cacunda da minina
Nossa Senhora do Rosário quem vai tirá
si fô no corpo da minina
Nossa Senhora do Perpétuo Socorro quem vai tirá,
si fô na barriga da minina
é o Divino Espírito Santo quem vai tirá,
si fô no braço ou na mão da minina
é São Sebastião quem vai tirá,
si fô na bunda, no pé, na perna da minina
é São Pedro e São Paulo e os anjo do ceu e o
meu Padrim Cirço (Padre Cícero) e*

*a minha Nossa Senhora Mãe dos Home
e os ares quentes, os ares frio
ares de vento, ares le arrenego,
em nome do Padre, da Virge, de todos os Santos
que se quebre todos os quebranto
com tres Padre Nosso e treis Ave Maria, Amem."*

Outras orações não nos foram reveladas pelos benzendores porque acreditam se tal fizerem, a não ser em dias especiais do ano, ou melhor do Calendário religioso, perderiam a fôrça para curar. A obtenção da oração acima foi feita tendo o pesquisador hàbilmente escondido o microfone do gravador de som, em cima de um "santuário" (oratório pequeno), ficando num quarto vizinho, esperando que se processasse o benzimento. Nos três dias, os textos gravados iam sendo comparados, até deixarmos o que acima está por julgarmos o melhor. Devido à pronúncia entre dentes e palavras resmungadas, algumas, só muito mais tarde, pudemos conseguir quando a "benzinheira" se tornou nossa amiga e confidente. "Eu tenho uma reza para quebranto, eu vou ensinar para a Sra. D. Dindinha, mas olhe, não ensine a ninguém", foi a nossa recomendação. Quando começamos a ensiná-lhe, ela disse "ouvi dizê que há uma assim", e ao repeti-la compassadamente pudemos corrigir nosso texto. O pesquisador, às vêzes, precisa usar certos subterfúgios, todos porém, devem ser sempre lícitos. Pesquisar é uma arte também que envolve subtilezas.

Os benzimentos não são feitos sòmente para os seres humanos, os animais têm também a felicidade de recebê-los. Para benzer animais, em geral, só homens são encontrados para tal serviço. Assim é que se benze o animal para curar bicheira, com benzimento pelo *rastro* e pelo *ar*.

Registramos alguns remédios aconselhados pelas "benzinheiras", pelas comadres e "entendidos" (Ver *Apêndice n.º 4*). Não apenas remédios são ensinados, mas

também crenças ou observações que devem ser praticadas para evitar os males e perigos (Ver *Apêndice n.º 5*), quer para si, quer para seus animais, casa etc.

Susto. — O susto pode produzir muitos males: uma pessoa torna-se gaga, tartamuda por causa de um susto. Um susto depois de uma refeição na qual se comeu lautamente, provoca a morte, quando não, uma congestão cerebral. O susto pode provocar abôrto, como pode provocar loucura em consequência de suspensão de regras. Mas, o susto é também usado como remédio. Uma criança gaga, quando se procurou curá-la, vários remédios foram empregados debalde, o que se deve fazer, então, é pregar-lhe um grande susto para sarar.

Melhor do que qualquer simpatia para curar soluço é o susto. Uma pessoa quando está soluçando, prega-se-lhe um susto, cessa imediatamente. Criança nova quando o soluço não pára, depois de se ter pregado fiapos de baiêta com saliva na testa, é bom pregar-lhe um susto assoprando seu rosto ou dando-lhe a impressão que está caindo.

Quando o susto é grande, faces lívidas, pernas bamboleantes, dá-se para a criança e mesmo para o adulto, um gole d'água ou uma pedra de açúcar para acalmar as lombrigas que também ficaram assustadas... Por isso não se deve assustar crianças que tenham lombrigas, para que elas não as ponham pela bôca e narinas, deixando de sair pela via natural que seria a anal. Mas há um remédio especial para curar as lombrigas: "Coloca-se pólvora numa tijela. Risca-se um fósforo e atira-se. Levantam aquelas chamas. A criança que vive enlombriçada deve estar perto. Ela se assusta com aquilo. Coloca-se então água na tijela e dá para a criança beber. As lombrigas deixarão a criança. Ela ficará sã".

PROFILAXIA MÁGICA

Sob a denominação de *Profilaxia Mágica* arrolamos os elementos materiais portadores de "virtude", capazes de prevenir e evitar doenças e perigos. Fazem parte do ritual protetivo e são profiláticos: patuá, relíquia, bentinho, santinho e amuleto. Já o talismã é ativo quanto à função e se enquadra como elemento do ritual produtivo.

As incertezas da vida, a doença, o medo do futuro, a necessidade de algo material que se traduza em proteção leva grande maioria de homens e mulheres da comunidade de Piaçabuçu a munir-se de elementos palpáveis, amuletos profiláticos, cuja finalidade é dar-lhes segurança, proteção. Os rituais protetivos manifestam-se através de medalhas de santos, patuás, mochilinhas, anéis bentos, rosários do "Padrim Cirço", figas, dentes de jacaré, pele de determinados animais, casco ou chifre de veado, pata de coelho, ramos de árvores, bentos ou não, garrafas de água benta, pedras da gruta de "São Bom Jesus da Lapa", cordão umbelical, letras, meia-lua, imagens de santos em *vulto* (escultura) ou *registro* (estampa).

O patuá é um pequeno envólucro que contém uma oração escrita num pedaço de papel, mas que não precisa ser lida para surtir efeito, basta estar em contato com o corpo da pessoa para protegê-la, é a sua função animista. Enrola-se muito bem o papel da oração (impressa, geralmente, poucas vezes copiada, manuscrita); em seguida coloca-se dentro de um saquinho de pano e dependura-se no pescoço. O patuá também é conhecido por bentinho quando traz lascas de santo cruzeiro, farrapos da batina de "Meu Padrim Cirço". Algumas pessoas mais antigas fazem a seguinte distinção: bentinho é o que traz oração escrita, é dependurado no pescoço e relíquia o que traz pedacinho de dente de jacaré, prêsã de aranha. Afirma Porfírio Santana que a gente de hoje

não faz distinção entre patuá, bentinho e relique, para ela tudo é patuá. Difere, porém, e com o qual não se confunde pelo fato de ser maior a mochilinha, trazendo, no entanto, no interior também uma oração. Ela não virá numa correntinha ao pescoço como acontece com o relique e patuá e sim prêsa a alguns fios, barbante ou faixa ficando, para surtir efeito, encostada ao corpo, geralmente sôbre a região lombar do portador. A mochilinha às vêzes é feita de couro o que jamais acontece com o patuá ou relique que são de pano. É muito comum comprarem no raizeiro, que também é vendedor de literatura de cordel, as orações impressas que serão usadas tanto no patuá como na mochilinha. Nas bancas das feiras há farta venda dessas orações, adquiridas a Cr\$ 0,50 (cinquenta centavos) as de oito páginas impressas, as de dez ou dezesseis páginas custam um cruzeiro. São depois de adquiridas dobradas em três, costuradas num pequeno envoltório de pano e presas a seguir ao pescoço (patuá) ou na cintura (mochilinha), por barbante. Com o uso elas se tornam sujas, e assim depois de certo tempo são lançadas à água corrente, pelas costas, sem olhar o fim que teve. A duração destas mochilinhas varia muito, de pessoa para pessoa. (V. Fig. 2, no fim do volume).

O opúsculo, medindo sete e meio centímetros por onze e meio, traz mais ou menos em média vinte e cinco linhas em cada página contendo às vêzes uma só oração, outras duas ou três. Em tôdas elas pode-se ler a recomendação de que devem trazer sempre junto de si para que surtam efeito. A tipografia editôra de tais orações, localiza-se em Juazeiro do Norte — Estado do Ceará. Sua disseminação é enorme, principalmente nesta região onde o número de analfabetos sendo considerável, impossibilitados pois de copiar as orações, por apenas alguns níqueis podem comprá-las e assim preparar o seu amuleto indispensável — um bentinho.

O **relique** é um pequeno saco de pano contendo objeto portador de força especial: por exemplo, as prêsas de aranha caranguejeira por causa da eletricidade que possuem, são ótimas para curar dores de dentes; três formigas saúvas para curar asma; alho para curar ton-turas; frasco pequeno com mercúrio para propiciar a queda de piolhos (*pediculus capitis* L.) e chatos (*pediculus pubis*); para dor de ouvido, guiso de cascavel. A criança para ter bons dentes deve ter um dente de jacaré no relique. Em ambos os casos, pode-se perceber a finalidade médica mágico-simpática.

Parece que os mais desassistidos da fortuna se apegam aos amuletos com maior anseio de encontrar amparo e proteção, também contra doenças, assim é que êles trazem prêsos por um barbante, raramente por uma correntinha, ao redor do pescoço, medalhas de santo, figas carântulas, nômimas, dente de alho, Agnus-Dei, breve, veneras, "sino saimão" (signo de Salomão — a Pentalfa), verônicas etc. Ali presentes, às vêzes, amuletos e jamais um talismã, porque amuleto tem finalidade medicinal, o talismã não. O amuleto tem função sanitária, ao passo que para o caboclo o talismã auxilia-o nas conquistas amorosas.

Amuletos, como os santinhos bentos, figas, são objetos mágicos passivos, cuja finalidade é defender, proteger, guardar o seu protetor; já o *talismã* tem força ativa, para fins determinados, para a realização de seus desejos, como por exemplo o ossinho da canela de socó, para as conquistas amorosas, eróticas.

Dentre os amuletos⁽²⁹⁾ mais comuns podemos destacar quatro: medalha de santo (as preferidas são as

(29) Conso, Raffaele, *Gli Amuleti Calabresi*, in *Almanacco Calabrese*, 1957. "Dal latino "amollri" e non dall'arabo "hamalet", como si é pensato, la voce amuleto, generalmente, indica o piccoli oggetti che i superstizionali portano addosso per salvaguardarsi dal temuti ma-

provenientes do “Juazeiro do Padrim Cirço”), figa (em geral de guiné), “sino-saimão” (estrêla, signo de Salomão) e meia-lua.

Os homens usam, às vêzes, alguns dêstes amuletos pregados nos cós da calça por um alfinêta de gancho isso quando junto aos amuletos, está um talismã. Quando porém os usam no pescoço, por ser visível, então sem talismã, com um barbante sujo pelo uso e, ao entrar n'água, se tem necessidade de nadar, viram, colocando-os sôbre a nuca, e jamais sem antes o terem beijado. Dizem que ao nadar, não devem ficar para baixo, perto do “nó de Adão” (garganta), pois a pessoa pode afogar-se por causa dessa falta de respeito para com os bentinhos e demais amuletos.

As mulheres, além do costumeiro e indispensável rosário de contas brancas e azuis — “do meu Padre Cirço” — trazem, também, algumas medalhas de santos e outros amuletos num barbante, à guisa de colar.

As crianças, desde os primeiros dias de vida, trazem amuletos que seus pais, avós ou padrinhos colocam. São amuletos sanitários⁽³⁰⁾.

São amuletos profiláticos as pequenas mechas de algodão embebidas em óleo de lâmpada do Santíssimo ou gôta de água benta, geralmente guardadas em casa ou carregam consigo em caso de viagem. São usadas tais

lefici. Nel parlar comune, gli amuleti sono spesso confusi col talismani, dall'ebraico “tselem”, immagine (grecco “telesma”, arabo “tilasm”); ma tra gli altri la differenza esiste, sebbene non sempre si tenga presente”.

“Gli amuleti sono legati alle superstizione mediche, per profilassi sia fisiologica, sia magica, giaché, come tra i primitivi attuali, anche in passato tra noi, maleficio e malattia si equivalevano; onde, talvolta, gli amuleti sono scambiati col feiticci, dal portogueses “feitço”, a sua volta derivato dal latino “facticium”, col significato di oggetto incantato”.

(30) Corso, Raffaele, op. cit., “Amuleti sanitari sono le collare di corallo per il colore rosso, che si ritiene adatto contra l'itterizia”, (p. 23).

mechas para curar dôr de ouvido e em alguns casos que se suspeite de feitiço nada melhor do que uma partícula de hóstia consagrada para quebrar tais encantos. Isto é na atualidade mais raro, por dois motivos: Maria Xangô já não vive mais, não há quem se deva temer ostensivamente a descoberto como aquela "feiticeira" e por outro lado, a vigilância que os padres exercem evitando que o próprio sacristão forneça partículas a quem possa pedir.

Quando a cachumba grassa na "cidade" há uma verdadeira romaria de crianças que passam pela igreja para colocar uma gôta de água benta no lenço que lhes envolve o rosto. (V. Fig. 3, no fim do volume).

Homens e mulheres de melhor condição econômica em geral trazem numa correntinha em tórno do pescoço medalhas de santos, figas de ouro ou de coral etc. Observamos que, em geral, os homens traziam medalhinha com a effigie de São Jorge Guerreiro.

Na feira, indagamos de um "ourives", vendedor de correntinhas, medalhas e outros objetos de metal quais eram as mais vendidas e êle nos explicou: "As muleres casadas, mais velhas, procuram sempre a medalhinha de N. S. do Perpétuo Socorro; as mocinhas, a do santo que está na moda, agora tôdas elas tem procurado a de N. S. de Fátima, está tendo uma saída danada; os homens só procuram São Jorge. Tanto mulé como homem, todos compram figas. As medalhinhas de santo levam até a igreja, põe água benta em cima, fica benzida também. Quando compram anel, para benzê-lo é só colocar no dedinho da imagem de N. Senhor Morto".

Perguntamos se benziam as figas usando o mesmo processo, respondeu: "a figa já tem fôrça por si mesmo, não precisa benzer. Criança que usa figa, num pega quebranto. Eu vendo figa de ouro, de prata, de coral, de marfim, de osso, de vidro, de pedra, de madeira, mas nenhuma delas tem mais fôrça do que a que é feita de

guiné. A que é feita de pau da jurema é também muito forte. O que é preciso é que ela seja feita no dia certo, senão ela terá fôrça igual à destas outras. A figa que é feita na sexta-feira tem fôrça mucha. Leve esta figa, é de guiné, feita na sexta-feira ela é de esconjuro, afasta inveja e todos os males. É sempre bom trazer uma figa. Caso o senhor perda ela, não procure, pois levou todo o mal que ia cair sôbre o senhor. Leve uma vermelha, que dá sorte, se quiser leve uma prêta que é contra mau olhado, mas essas é melhor para seus filhos, para evitar quebranto. Nós já não pegamos mais mau olhado, as crianças sim. De vez em quando alguma muler pode botar mau olhado na gente... mas o sr. sabe o que elas tão querendo... não precisa figa para resolvê...”

Os amuletos encontrados na comunidade são os seguintes: medalhas de santos, pequenos crucifixos, figas, signo de Salomão (hexalfa e pentalfa) meia-lua, dente de alho, dente de jacaré, pele de cobra, de teiú, pena de macuco, pêlo de capivara, pele de sapo, mão de tatu, pata de veado e de coelho, anel (bento no dedo da imagem de N. S. Morto), conchas, cavalo marinho (hipocampo), chifre de carneiro, chifre de boi, guiné, juremeira, arruda, breves, as mochilinhas (com orações enroladas ou dobradas, envoltas por pano e usada encostada no corpo do crente), relique (com prêsa de aranha ou espinho de ouriço), azougue (mercúrio) num frasco, contas, ferradura (muito rara na região, por ser um vasto areial) letras ou palavras escritas, vintens de Santo Antônio, sementes, contas, rosário, tesoura aberta (por ocasião do parto), cordão umbelical, pedaço de mortalha de “anjinho”, prego de igreja velha, pedaços de batina do Padrim Cirço, água benta, palma benta, carvão da fogueira de São João, guiso de cascavel, terra de cemitério, mascotes feitas de chifre, tostão trocado das esmoladas ao Senhor Morto por ocasião da Semana Santa.

Também é amuleto o espelhinho que os vaqueiros ou os “cabras” usam nos seus chapéus. Pode-se “pensar que nos reisado também sejam enfeites; aquilo não é enfeite, é porém amuleto cuja função é fazer voltar de onde partiu o mau olhado. E quando é de retorno é tão forte que trará a morte de quem o praticou”, afirmou o mestre do reisado e guerreiros.

É muito comum o uso de amuletos na região, de nada bastou a velha proibição de seu uso, conforme determinava a Ordenação Filipina em seu Livro Quinto, tomo quarto. Em Pernambuco, Lins e Silva, em “Pedras Verdes” (Recife, 1928) no capítulo “Amuletos” p. 33-38, propõe a seguinte divisão: físicos e químicos. Os físicos compreendem: fetichicos, medicamentosos, religiosos, amorosos-eróticos e alegóricos emblemáticos ou simbólicos. Os químicos são: fetichios e medicamentosos. A classificação acima levou em conta o elemento material, ao passo que a nossa a *função*. Quando tem função *passiva*, de defesa, proteção é amuleto, quando tem função *ativa* é talismã.

TALISMÃS

Os amuletos raramente são escondidos. O mesmo não acontece com os talismãs; êstes, para não perderem o seu valor e efeito certo, devem ser carregados em segredo, muito bem escondidos. Alguns por descuido deixam a descoberto os pedacinhos de osso de canela de socó. Alguns moços trazem o bico do anu prêto. Êste é sem dúvida o mais oculto dos talismãs. Seu portador torna-se irresistível às mulheres que aborda, elas se entregam sem demora. Mas, é preciso que ninguém saiba ou veja que o portador matou um anu e tirou-lhe o bico. A pedra de bucho (benzoar) além de talismã é remédio para opilação e poderoso afrodisíaco.

Acreditamos que o talismã só tenha valor para a pessoa que o fêz, ou o que foi seu portador em vida. O pescador Julinho Margarida, quando morreu, foi enterrado com um talismã que trazia⁽³¹⁾, tomaram cuidado de tirar um anel que trazia. “Não presta enterrar com jóias”, afirmou um dos presentes, ao vestir o defunto.

TORÉ

No *Toré* faz-se a procura do nome da moléstia e adivinhação mágica. Além da defumação usam ervas e dentre elas se destaca a jurema em cujos poderes mágicos os sertanejos acreditam piamente. É, portanto, medicina mágica cujo oficial e executor é o presidente do toré, também chamado “mestre” do toré.

O toré é de origem ameríndia, onde as pessoas buscam remédios para suas doenças, procuram conselhos com os *caboclos* que “baixam”. O mestre⁽³²⁾ defuma, receita, aconselha. Certamente é o mesmo catimbó dos arredores das capitais e grandes cidades nordestinas, onde os des-

(31) GRANET, Marcel, *Études Sociologiques sur la Chine*, Presses Universitaires de France, Paris, 1953, p. 192-198: “Le mourant, comme l'enfant naissant, est déposé sur le sol. Lorsque l'on a recueilli le dernier souffle sur de l'ouate, quand on a en vain rappelé l'âme-souffle qui, la première, s'en va, tous pleurent autour du mort couché sur la terre (de même, sur le sol, pendant trois jours, l'enfant vagit); comme on met le nouveau-né sur le lit, on y met le mort et on l'y habille; au mort, comme au petit garçon, on donne un talisman de jade: on le lui fait tenir dans la bouche”.

(32) Otávio Mole do toré disse a Zé Velho, dirigente do candomblé do Castelo: “o dotô é dos nossos, êle mostrô a lei que agarante o funcionamento da nossa brincadeira. Êle chamô o sargento e disse, olhe Sargento, aqui tá a lei do Governo (Constituição) e você não pode aprulbi os homem brincá no candomblé. O dotô falô qui si houvé argum aborrecimento, é prá falá com o dotô Juiz de Direito, êle deu um papé com o número da lei do Governo”.

O pesquisador, na verdade, mostrou ser ilegal tôda e qualquer perseguição aos cultos religiosos, baseando-se no artigo 141, § 7.º, da Constituição de 1946. Foi uma medida tomada junto às autoridades de Piaçabuçu que surtiu efeito. O próprio Prefeito, de alto espírito democrático, frequentou com o pesquisador os vários terreiros, tornando-se “ogam” do candomblé do Castelo e assistiu reuniões e trabalhos de Toré.

tituídos da fortuna procuram como oráculo para minorar os penares e desditas.

Quando afirmamos que Toré é o mesmo Catimbó, Pajelança, fizemos porque, neste vasto Brasil, as denominações de uma dança, de uma cerimônia variam de região para região. Em Alagoas, na foz do rio São Francisco, em Piaçabuçu, Toré é o mesmo, o mesmíssimo Catimbó onde além das funções medicinais fitoterapêuticas são encontrados os elementos fundamentais dêste, herdadas do índio: a jurema e a defumação curativa. Basta ler os estudos de Oneyda Alvarenga⁽³³⁾, de Roger Bastide⁽³⁴⁾, Gonçalves Fernandes⁽³⁵⁾, Luís da Câmara Cascudo⁽³⁶⁾ ou Eduardo Galvão⁽³⁷⁾ para que se veja a semelhança entre o Catimbó, Pajelança e o Toré que nós registramos. (V. Fig. 4, no fim do volume).

No Toré de Piaçabuçu, os “caboclos” para “baixarem na terrêra”, precisam ser chamados na “piana” por meio de um canto — “linho” ou linha e batidas do maracá. O mestre, dirigente do toré, não usa indumentária especial a não ser um cocar de penas, chamado por êle de “capacete de índio”. Os membros do toré se reúnem às quartas-feiras e sábados, logo após o sol se pôr. É a reunião — a “chamada”. Após a reunião onde várias pessoas tomam parte (15 ou 19), há uma outra, que é o

(33) ALVARENGA, Oneyda, *Catimbó*, Discoteca Pública Municipal de São Paulo, 1949, p. 85.

(34) BASTIDE, Roger, *Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*, op. cit.: “O catimbó não apresenta o aspecto festivo do candomblé. Não tem sua riqueza litúrgica, nem seu clima de alegria”.

“O catimbó não passa da antiga festa da Jurema, que se modificou em contato com o catolicismo, mas que, assim transformada, continuou a se manter nas populações mais ou menos caboclas, nas camadas inferiores da população do Nordeste”.

(35) FERNANDES, Gonçalves, *O Folclore Mágico do Nordeste*, Civilização Brasileira, S/A., Rio de Janeiro, 1988, p. 85.

(36) CASCUO, Luís da Câmara, *Meleagro*, Agir, Rio de Janeiro, 1951.

(37) GALVÃO, Eduardo, *Santos e Visagens*, Brasillana, vol. 284, Cap. V — Pajelança, p. 118.

“trabalho da ciência”, assistido apenas por cinco ou seis membros mais importantes, ou melhor, mais adiantados no “trabalho”. A êste “serviço de mesa” aos não iniciados não é permitido participar, a não ser os que “tem sangue de índio, sangue reá”. Há outra reunião, às vezes anual, que é a do “banquete dos maracá”, “onde só os antigo pode cumê”, reservada exclusivamente para os provados frequentadores, “filho dos filhos de aldeias”. Estas práticas e outros traços culturais deixados pelos índios, como a fitoterapia⁽⁸⁸⁾ podem ser constatados na região do baixo São Francisco.

Uma das características do atual toré que se relaciona bem de perto com as crenças indígenas é o processo da manifestação dos “caboclos” no terreiro; são espíritos de vivos que estão em aldeias distantes. “Quando são chamados, lá na aldeia onde eles moram (os vivos) caem em sonolência para poder comparecer onde foram chamados”. No toré não invocam “espírito branco”, isto é, espírito de pessoas que morreram. Nisto diferem do espiritismo, onde invocam o espírito de pessoas que desencarnaram. No toré descem só “caboclos” e também alguns “juremados”. Juremado é o que está nos ares, quando ainda vivo bebeu jurema ou ao morrer estava sob uma juremeira. O juremado é um espírito em processo de “caboclicação” (santificação), não é perigoso como o espírito branco. O juremado pode freqüentar aldeias e descer nos torés. Nos torés somente trabalham aquêles

(88) FERRARI, Alfonso Trujillo, “Situação Atual dos Kariri de Pôrto Real do Colégio, Revista *Sociologia*, Vol. XIX, n.º 1, 1957, p. 80: “Das plantas mais conhecidas na farmacopéia dos Kariri pode ser salientada a vassourinha (*Gephalanthus scoparius*) com o emprêgo tanto do “botão” como da “muda” contra o “mau olhado” e “ventre caído”; o “Bom-nome” (*Eloedendron caulifolium*) “que tomam para fermento” (menstruação); a erva cidreira (*Melissa officinalis* Sin.) para dor de estômago como sedativo; “juazeiro” (*Ziziphys joazeiro*, Mart.) em chá para febre; “sambacaita” (*Hyssopus cryspapilla*) para dor de cabeça e também para o reumatismo; alfazema (*Lavandula spica* L.) para blenorragia; “jarinha”, para ventre caído”.

que têm sangue de índio. Branco ou negro nêles não entram. Os juremados são os que possuem sangue índio e tomaram jurema⁽³⁹⁾, estarão ao pé da juremeira, uma espécie de purgatório católico romano, donde com o auxílio e trabalho dos demais membros do toré poderá tornar-se um espírito benéfico, isto é, um “caboclo”. Seria uma mistura de crença católica romana — existência de purgatório e kardecista, isto é, o desenvolvimento do espírito através da reincarnações aqui seria da “juremação”.

O “caboclo” é chamado no toré através de seu “linho”, de seu canto, porém, quando desce um juremado, embora não seja chamado não é repellido porque para êle será feito um trabalho que o aperfeiçoará. O aperfeiçoamento do juremado começa pelo fato dêle ir compondo um “linho”. O momento que seu “linho” fique conhecido, basta um dos presentes lembrar um

(39) A jurema (*Pithecolobium tortum*, Mart.) é uma árvore da família das leguminosas, mimosáceas, considerada pelos caboclos (matutos nordestinos) uma planta sagrada. Suas folhas secas são usadas para defumação. Casca e folhas em infusão na cachaça é a bebida dos “encantados”. “O pé de jurema é amarração dos espíritos brancos; a casa que o tem plantado no quintal, não pode ser atacada por espírito branco. Um estranho ou pessoa inimiga não deve se aproximar de um pé de jurema no quintal. Al daquele que tocar num pé de jurema sem autorização do dono da casa. Um galho de jurema é proteção. Nisto muito se assemelha ao uso da planta (palma) benta que os católicos levam à igreja nos domingos de ramos e ela fica com o “mana” capaz de afastar raios, trovões e chuvas pesadas, para tal precisam ser retiradas de oratório e queimadas.

Com a jurema se prepara o jurubari, a bebida dos “encantados”, dos “caboclos”. Em três garrafas diferentes coloca-se em cada uma delas, jurema, imburama de cheiro (Torresia acreana, Ducke), Juça (Caesalpinia ferrea, Maur.) em infusão na cachaça dá a “côina”. Durante algum tempo estas plantas ficam em infusão. Para se preparar a jurubari, mistura-se num frasco um pouco de mel de abelha e pode-se colocar também sangue real para os índios, isto é, mata-se um frango, tira-se o sangue e mistura-se naquela beberagem”. “É para dar força ao trabalho, os caboclos quando se manifestam, tomam e ficam contentes”.

A jurema quando é preparada com a casca ela é de côr avermelhada, côr de vinho e quando feita com as folhas é esverdeada.

O tronco da jurema é o lugar de segurança, uma espécie de céu, de paraíso para onde vão os bons, os caboclos que só praticaram o bem, os que sabem dar bons remédios.

pedaço da melodia para que êle se manifeste no terreiro. O juremado tem que ter sangue índio. Branco ou negro que tenha tomado jurema não ficará juremado. "Os mestiços dêles com indígenas sim, porque terão um pouco de sangue de índio". Negro e branco quando morrem são espíritos brancos aos quais recusam receber no toré. Para que êstes não se aproximem, nas "pianas" colocam flexas, assim o "espírito branco não pode chegar". A jurema, árvore sagrada, só será benéfica aos que possuem sangue de índio. Anualmente, um dos membros do toré, de sangue índio, poderá participar da reunião "matecai", na aldeia de Ouricuri, lá pelas bandas de Pôrto Real do Colégio⁽⁴⁰⁾, como não há mais aldeias de índios nos arredores do Piaçabuçu para lá se dirigia antigo membro do toré, hoje falecido.

Outro traço indígena que o *caboclo* ou *encantado* tem que apresentar ao manifestar-se é a sua coroa, isto é, um feixe de cabelo no alto da cabeça, cabelo duro, estirado de índio. "A pessoa canta quando o encantado baixa nêle". "Todos encantado têm que mostrá sua coroa". Adianta o informante Durval Farias: "não se pode trabalhá cum nada nos bolso e nem nada nos pé, porque quando os caboclinho desce qué sê como era vivo, cum os pé descalço, e nós arregaça as calça para ela não sujá porque os caboclinho também não quiere roupa, tano livre, fica enramado".

(40) Em Pôrto Real do Colégio há um grupo de índios Cariri, aldeados sob os auspícios do Serviço de Proteção dos Índios. Com referência a essa reunião, o informante José dos Santos Bravo, branco, morador em Colégio disse: "Os caboclos (índios) de Colégio passam o sábado de Alelula e só voltam na segunda-feira no Ouricuri. Eles têm uma aldeia nesse taboleiro onde dançam o Toré. All ninguém penetra, só os que têm o sangue dêles. É preceito êles ficarem nesses dias separados das suas mulheres em pequenas cabanas. Não recebem brancos e nem pretos para o seu toré. Só aceitam os índios. Os próprios vaqueiros evitam passar pelo tabuleiro da aldeia dêles no Ouricuri, pois passando perdem o sentido, ficam variados da cabeça". A festa do ouricuri ou "Matecai", é um ritual sagrado que está desaparecendo. Atualmente, de Piaçabuçu nenhum descendente de Cariri está participando.

O dirigente do toré é o Presidente. Há sempre um ajudante, um acólito. Ao Presidente “compete assistir a reunião, enquanto os outros ficam manifestados, êle fica de lado para evitar atrapalhações, é para evitar os cantadores de linha”, isto é, os que cantam e não sabem dar definição do que cantou. A direção está realmente em suas mãos. Êle é o dirigente.

O presidente, o acólito e demais membros do toré, do sexo masculino, afirmam *não ter contato sexual com mulher* nos dias anteriores às reuniões e trabalhos no terreiro. Isto deve ser observado, afirma Artur Francisco da Cruz, para “poder pegar o encanto”. “Também nesse dia *não se pode bebê bebida alcoólica, e é preciso tomá banho*”. É a ablução, portanto influência moura. Índio também gosta de banho. Facilitou o sincretismo.

No toré não há indumentária especial. Há apenas o “capacete de índio” que é um cocar que o Presidente usa durante os “trabalhos”, além disso coloca a tiracolo um enfeite de penas, tira os sapatos ou “bostocos” (tamancos), dobra as barras da calça até a altura dos joelhos. Os demais colocam um rosário — são os cintos dos meninos — usam dar uma volta só, “apoiado”, isto é, a tiracolo. O rosário de duas voltas é nagô de candomblé, por isso cuidam dar “uma volta só para os caboclinho”⁽⁴¹⁾. Os que recebem o encantado, colocam antes o rosário *apoiado* (a tiracolo), defesa para não receber espírito branco que às vêzes pode querer se manifestar, zombando mesmo das flexas que estão sôbre a piana. Êstes podem entrar pelas “esquerdas”, daí não permitir sua entrada.

(41) “A plana (planha) não pode ficar no escuro, por isso fica uma luz permanentemente acesa. Apagam-na sômente quando há luz do sol, em outras casas, porém, passa dia e noite acesa”.

Antes das perseguições dos “perna prêta” (soldados da polícia) o toré era realizado no terreiro, ao ar livre, num espaço entre a porta da casa e um cruzeiro. Atualmente, a reunião se faz no interior da casa. Num canto da sala há uma mesa coberta por um dossel onde predomina a côr vermelha e há enfeites de papel de sêda. Este conjunto, mesa e sobreceu, é chamado “piana”. Sôbre a mesa há uma táboa onde estão riscados o signo de Salomão (aqui é uma estrêla de sete pontas) e uma cruz; uma “campa de campos verdes”, isto é, uma sinêta, um cachimbo — “gaita” — para defumação, um maracá, três velas cada qual pertencendo a um guia: Cruz Roxa, Serra Grande e Zé de Lacerda, uma vela de juremado que queima e não deixa cair pingo; há um copo d’água que é a *vitrina*, charutos, azeite dendê, mel de abelha, duas estatuetas de barro de índios com flexas, jurema, latinhas contendo pó de jurema, fumo, incenso, benjoim e alecrim queimados no “gaita” (cachimbo) para a defumação. Pregado no dossel há santos “em registro” (gravura) de São Jerônimo, Santa Bárbara, Santo Onofre, São Cosme e Damião, Senhor Bonfim, São Jorge, Santa Teresa, Santo Antônio de Lisboa (que é do imperador e depende da pedra), padre Cícero, um retrato de Alan Kardec e um quadro onde se vê a artista de cinema Maureen O’Hara, num filme no deserto, dizendo o informante que ela é de outra “aldeia” e um crucifixo. Sob a piana há uma vela acesa, é a “vela que dá a firmeza para os trabalhos”.

O t r a b a l h o

Para ter início o “*Trabalho*”, nome que dão à reunião — o presidente aproxima-se da mesa, sôbre a vitrina (copo d’água) coloca sete pingos de vela “que é o traço que representa a cruz do Cristo. Outras vêzes, coloca pingos na vitrina para formar a corôa de São Jorge”.

No toré há o pedido do auxílio de Jesus e dos Santos, ao passo que no candomblé não. No toré ouvem-se muitas frases do jargão católico romano, no candomblé não.

Trabalhando com sete aldeias: Laje Grande, Barro de touá (que é o massapê), Jurema, Pedra Branca, Uurubá ou Urubatã, Amazona e Iemanjá, o presidente observa na vela que é para o Ogum de Ronda, e o semblante da vela é que dá o sinal do que vem para enramar se é contra ou a favor. Isto é preciso porque de vez em quando aparece um espírito branco, com o qual precisam ter cuidado. Atira um pouco d'água de uma quartinha sôbre a piana, reza um Padre Nosso, Ave Maria, Salve Rainha em intenção dos bons trabalhos, persigna-se e começa a cantar:

“Em campos verdes (bis)
Ó meu Jesus (bis)
Em campos verdes (bis)
Ó meu Jesus (bis)
Madalena baixada
ao pé da cruz,
rezando êste bendito
implora a Jesus.”

Enquanto cantam, dançam com o corpo curvado, ficando o tronco quase horizontal ao solo. Cantando fazem o sinal de cruz, benzendo-se:

“Abre-te mesa, em campos verde,
Cruzêro, cruzêro divino,
Com as fôrças de Santa Barba
e os de sino meu pai Sinhô,
Jesus Sinhô, Pai Criadó
em tronco de Jurema
sinhores mestre confessô
abrindo os tronco da Jurema.”

Balançam os maracás na altura da cabeça. No toré não há a presença de membranofônios como acontece no Candomblé. Ali está presente o idiofônio herdado dos índios — maracá — (dos guaraní) que acompanha alguns dos cantos. Quando algum “caboclo” está relutando em baixar, o maracá é tocado com mais intensidade e mais próximo do ouvido da pessoa que irá receber o “encantado”. Ele mesmo balança o maracá, tirando som e dando ritmo. A parte agógica inicia do *moderatto* quase *allegretto* até alcançar o *vivace*; na dinâmica começa num pianíssimo crescendo até ao forte. E o canto continua com outra melodia:

*“Santo Antônio de Lisboa
que morô no imperadô
que no dia vinte e nove
mucho coro me custô,
abre campana das campina azi
os caboco de Jurema
vem guiado por Jesus.”*

Canta com a sineta na mão. Entre um canto e outro, o acólito faz soar a sineta como se faz na hora da consagração da missa católica romana. O som das sine-tas, sinos e campanas, desde a Idade Média, acreditam ter o poder de afastar o demônio. Por isso permanecem nos cerimoniais religiosos.

*“Malunguinbo, ó Malunguinbo
caboco índio reá,
com as fôrça de sinhá Luxa
e o nosso Pai Celestiá,
abre as porta qu’eu te mando
sete pedra imperiá,
com a fôrça de Salomão
nosso pai celestiá.”*

Malunguinho é o dono da chave, o que abre os caminhos, sua presença é necessária. Com êste “caboclo” presente para abrir as portas da jurema, para abrir os caminhos e portas da direita (lado bom) e fechar o da esquerda, por onde podem penetrar os maus, se dá, no Toré o sincretismo com as fôrças católicas representadas em Santa Bárbara ao abrir a mesa e Malunguinho, uma espécie de ligação entre os espíritos e os que ali estão presentes, é a ponte sobrenatural, mágica. Será Malunguinho uma espécie de acólito ou de sacristão que auxilia no cerimonial? Ele é “caboclo índio reá”, isto é, índio verdadeiro.

Ao terminar êste canto, o contra-mestre do toré, que está com a palma da mão direita na água que foi espargida da moringa sôbre a mesa, acaba caindo em transe. O presidente diz que seu auxiliar ficou “enramado” e o caboclo que baixou é Pedra Roxa. O “encantado” diz: “meu denço, meu coró”. O presidente propicia jurema ao caboclo que baixou bebendo-a com indizível prazer. A seguir pede o “meu gaita”, isto é, o cachimbo — vai ter início a defumação.

A defumação medicinal

No fornildo do cachimbo são colocados pedaços de fôlha de jurema, tabaco, alecrim, incenso. Aceso o cachimbo, é colocado ao contrário na bôca do contra-mestre. Na bôca coloca o fornildo, assopra, fazendo a fumaça sair pelo canudo (cânula). A defumação é feita primeiramente da cabeça, desta para os pés, depois braço direito, a seguir esquerdo, parando mais tempo na esquerda, por onde podem entrar os maus. Vira depois o defumando e faz as defumações pela frente da cabeça aos pés. Em algumas pessoas, o Presidente, depois de defumadas pelo auxiliar, pega nas mãos e dá três puxões

para baixo. A defumação é um processo de cura e também para livrar de maus olhados, função preventiva e curativa.

Ao defumar uma pessoa não é permitido ter os pés calçados e deve também desmanchar os cabelos. Desceu um caboclo, e ao defumar o pesquisador disse: “os bostocos”. Imediatamente o presidente esclareceu que era para ficar descalço, pisando no chão: — “O chão é sagrado, só se pisa nêle com os pés descalços”, disse mestre Artur. Tal ordem é idêntica à: “solve calceamentus de pedibus tuis lucus enim, in quo stas, terra Sancta est.”

Cantou-se o “linho” de Pedra Roxa e o caboclo se retirou, ficando o aparelho que o recebeu com os braços para cima. Assim é preciso disse o Presidente, para que êle siga o caminho dos ares para chegar na sua aldeia.

O “linho” cantado:

*“Vamo apanhá
a cinza Roxa
interêço,
corta páu machadim,
tira o mé,
esta é a abelha uçu
esta não é.”*

Outros caboclos baixaram, enquanto o contra-mestre tocava o maracá, e o Presidente dava licença para cantar o “linho”. Quando desce um, a primeira coisa que se faz é cair em decúbito ventral, apoiando-se nas duas mãos, bate a testa no solo, à esquerda e depois à direita bem próximo da luz que fica sob a piana. É o cumprimento, a saudação. Tal atitude nos faz lembrar a de muçulmanos em oração.

Alguns caboclos pedem, quando baixam: “bota meu óleo de pau (mel), bota meu casco amarelo (azeite dendê) e três pingos de vela”. Estende a mão e o Presidente ali coloca um pouco de mel, azeite dendê e espermacete da vela, o *enramado* lambe gulosamente a palma da mão.

O caboclo Serra Grande pediu licença para cantar seu “linho”. Ao baixar pediu “me dá meu gaito”, a seguir defumou os presentes. Molhou o “gaito” na jurema com cóuina para dar mais fôrça. Baixou o “caboclo Leonardo” da Aldeia de Caniné, suas primeiras palavras foram: “Santa Barba Virxe, São Jorge, Meu padrim do Juazeiro, graças a Deus Jesus Maria, José nos dê fôrça”.

Algumas pessoas ficam completamente tomadas, ou melhor enramadas, ficam semi-conscientes, dizem que estão *sombreadas*; outras quando o encantado as toma completamente, é preciso ser despertadas por meio de um apito. “O somido do apito vai chamar o espírito da que está enramada, porque êle está longe, noutra aldeia, e em seu lugar se encontra o espírito do caboclo antigo”. No toré às vêzes uma pessoa fica inconsciente por muito tempo durante a reunião. O presidente a deixa de lado, pois o espírito dêle está trabalhando noutra aldeia, aldeia onde moraram seus antigos, seus avós, por isso mesmo o dirigente não atrapalha. No final do trabalho, caso ainda não tenha voltado, com o apito vai chamando seu espírito para que volte, até que se torne consciente. Ê a seguir defumado pelo caboclo que baixou num dos membros, ou melhor, no acólito.

Após as defumações, o presidente cuidadosamente recolhe as cinzas que sobram no fornildo dos cachimbos (gaito) para enterrar em lugar onde não deve ser pisado, ou melhor, como sempre faz, lançar às águas do rio que “levarão as cinzas para as águas do mar sagrado”.

O encantado quando *enrama* aquêles que o recebe fica de olhos abertos e imediatamente cumprimenta, transmite sua mensagem, responde perguntas.

Esperam a chegada, de Aruanda, do menino. Para recebê-lo precisam colocar o rosário não “apoiado” (a tiracolo) e sim a guisa de cinto. É um caboclinho que vai baixar para encerrar os trabalhos. É Malunguinho quem vem fechar a cerimônia. O presidente balança o rosário e o atira sôbre a táboa onde está o signo de Salomão e olha; depois pede o “cipó prêto”, isto é, o charuto. Joga água do copo em cruz, na frente da casa onde passam os bons e maus. Coloca nova água no copo. Retira os pontos, isto é, as velas e as coloca sob a piana.

Cantam:

*“Em campos verdes,
rezando êste bendito,
fechando os troncos da jurema,
fecha-te mesa.
Fecha-te mesa
num campo verde
senhora nossa ei,
em nosso reino,
cruzêro, cruzêro divino,
com a fôrça de santa Barba
e os de sino
meu pai sinhô,
fechando os tronco da jurema.”*

Fazem uma pequena pausa, com outra melodia cantam:

*“Malunguinbo, Malunguinbo
fecha as porta, da direita
para os contrário não vim cá,
fecha as porta da esquerda*

*para os contrário num vim cá,
para os contrário num festejá,
com as fôrça de santa Barba
e nosso pai celestiá," etc.*

Este é o último canto do toré, após o qual todos praticantes se retiram:

*"Oi vamo nos embora
para nossa aldeia,
cetroá de juremêra.
Adeus princesa
todos os encantos
já vão embora.
Adeus princesa
fique com Deus
e Nossa Senhora.
Como vão subindo
como vão voando, cetroá,
como beija-fulô, cetroá."*

Nesta sessão houve cura, defumação, consultas. Do toré de Piaçabuçu não presenciamos as reuniões reservadas do "banquete dos maracás", onde as comidas não levam sal e não se come aquilo que possa fermentar, é uma prática que nos faz lembrar as festas dos pães ásimos dos judeus. É uma reunião "particular do decumê (comidas) dos maracá, preceito que os velhos deixaram".

Também não presenciamos a sessão de fechar o corpo, aliás, numa das defumações que Sr. Artur nos fêz, convidou-nos para o fechamento do corpo. Como havíamos combinado com o Prefeito para participarmos juntos de tal cerimônia, fômos transferindo as datas até que viajamos e não "fechamos o corpo", embora já tivéssemos dado a garrafa de cachaça para o preparo da couina, com

as fôlhas da jurema (*Acacia jurema*, Mart.) e outros "agradados".

No toré a simplicidade está presente na ausência de traje e alimento especiais. Sem atabaques, apenas o maracá. Não é em si cerimônia religiosa, mas, graças ao sincretismo toré-candomblé há a tendência de tomar caráter sagrado. E quanto mais se aproxima do candomblé perde não apenas o maracá, mas o cachimbo e a fumaça curativa, sempre presentes no toré. Em compensação ganha atabaques, sinetas, campanas e idiofônios metálicos. É que o negro quando veio para o Brasil já estava na era do metal, o índio não. Este tinha o maracá, o cachimbo e as plantas aromáticas que se misturam ou não, ao tabaco para a fumarada terapêutica.

No toré, reafirmamos, a direção é do "Presidente": recebe os "encantados", éle é quem toma realmente a direção dos "trabalhos", ao passo que no candomblé, é um filho ou filha de santo que "cai no santo", sem a predeterminação do pai ou mãe de santo. Não podemos afirmar se é o caráter, as determinantes raciais do negro ou a do branco (mestiço ou descendente de índio) que influem na hospedagem dos orixás e "caboclos" quando baixam no terreiro ou na piana (mesa do toré). Aquêles se manifestam através de uma abundância de movimentos, de sons guturais, êstes, os "caboclos são mais calmos, joviais, atenciosos, são visitas bem comportadas cuja presença nos dá a impressão de que a sua finalidade única é receitar, dar conselho".

A duração de uma sessão de toré é muito menor do que a de um candomblé⁽⁴²⁾. Enquanto o Toré funciona às quartas e sábados e não vai além da meia-noite, o can-

(42) NINA RODRIGUES, R., *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*, op. cit.; "Até às quatro horas da madrugada, prolongaram-se as danças na sala, onde houve manifestação de diversos outros santos", p. 82.

domblé tem início no sábado à tarde e muitas vezes é dia claro de domingo e ainda os orixás, através dos filhos e filhas de santo, dançam nos terreiros. O domingo é também o dia dedicado ao descanso do corpo que “pinoteou”, executou todos os possíveis e inconcebíveis movimentos que a coreografia clássica desconhece.

CATOLICISMO BRASILEIRO OU DE “FOLK”

Procuramos com esta designação evidenciar uma parcela da religião católica romana, justamente aquela seguida pelas pessoas menos esclarecidas que nas suas práticas religiosas revelam o sincretismo de fórmulas mágicas, telurismo, medicina e religião⁽⁴³⁾. Aquêles que assim agem, fugindo do preceito cristão — “misericórdia quero e não sacrifício”, procuram através de penitências, oferendas propiciatórias, promessas, conseguir algo da divindade⁽⁴⁴⁾. Também não se deve confundir o catolicismo brasileiro ou de “folk” com a doutrina ou práticas da Igreja Católica Brasileira, chefiada pelo bispo de Maura, D. Carlos Duarte.

No catolicismo de “folk” é muito difícil distinguir o que é religião e o que é medicina. O apego a um determinado santo é pelo fato dêle ser uma divindade ou porque proporciona a cura de uma determinada mazela?

(43) RAMOS, Artur. *O Folclore Negro do Brasil*, Editora Casa do Estudante, Rio de Janeiro, 1954, p. 80. “...Nenhuma religião subsiste em estado puro. Ao lado do seu triunfo aparente, há elementos subterrâneos, supérstites, de velhas crenças e de velhos ritos. Estabelecem-se dêste modo as lutas entre o legítimo culto e as práticas antigas, agora consideradas heréticas e privadas”... “Quando intervêm a interpenetração cultural, um trabalho psicológico subterrâneo, de extraordinária importância, começa a se processar. Acontece na psique coletiva o mesmo que na psique individual. Os velhos elementos não desaparecem. São recalçados e incrustam-se no inconsciente coletivo. Tornam-se privados. E entremostam-se como *sobrevivências* ou *superstições*”.

(44) FRAZER, James George. *La Rama Dorada*, Fondo de Cultura Económica, México, 1944.

Os milagres realizados pelos santos da devoção pessoal, revelam sempre a cura de uma doença. Vai ser feita uma operação, o paciente ou a família não querem a intervenção cirúrgica, do médico, pedem então socorro ao santo. O santo é no caso o maior concorrente do médico. A religião assim praticada está em oposição à medicina científica, espera-se a cura sem a necessidade da intervenção do facultativo e os milhares de fracassos não são conhecidos e nem tampouco relatados. As curas miraculosas sim.

Alguns casos, quando o médico interfere, é comum perguntar-lhe qual o santo de sua devoção. Quando coincide, ficam tranquilos, submetem-se à intervenção.

O comum em Piaçabuçu é relegar o médico para plano secundário e buscar com os santos a cura ou alívio para seus males, fôrças para superar suas moléstias de corpo e da alma.

Um dos elementos que ajudará a explicar o catolicismo de "folk" está na impossibilidade do homem portador da cultura rústica de controlar certas fôrças da natureza. O homem da cidade, do meio urbano, depende menos delas do que o da roça onde a maioria dos aspectos da vida rural são condicionados pelo meio físico. Sua dependência é marcante, daí praticar atos que compensem tal impossibilidade, fazendo rezas, promessas etc. E, por outro lado, no meio rural é mais fácil encontrar companheiros, graças a maior solidariedade reinante, as ocupações⁽⁴⁵⁾ não são muito diferenciadas, os objetivos e experiências comuns fá-los mais unidos, bem como a época e tempo para tais práticas em geral são os mesmos, coincidem para todos os membros da comunidade o que os estimula para a continuidade e perpetuação de tais usanças.

(45) SMITH, T. Lynn, *Sociologia da Vida Rural*, C. E. B., Rio de Janeiro, 1940, p. 88.

Os curadores, benzedores, rezadores, presidente de toré, pai de santo em determinadas épocas recorrem à religião para adquirir mais fôrças através da confissão. Jajaba, pai de terreiro do candomblé, no dia 15 de agôsto confessou. Pernambucano, assim era chamado Artur Francisco da Cruz, o presidente do Toré que funciona à rua do Socorro, também confessou nesse dia. Entrevistados, ambos disseram o que resumimos: “quando a gente tem um trabalho grande e precisa de mais fôrças é bom confessar e comungar”.

Santos e divindades seriam então os oficiais da medicina mágica. E muitos padres, sem o saber, se tornam os ministradores das “fôrças” e “virtudes” a muitos dirigentes de toré, candomblé ou curadores que na igreja aparecem em determinados dias com o fito exclusivo de recebê-las. O curador, o benzedor para conservar sua fôrça e adquirir mais, para conseguir quebrar certos encantos, para poder realizar certos “trabalhos difíceis”, vão à primeira missa das sextas-feiras, com três dentes de alho na bôca. No momento da elevação engolem o alho: estão aptos para realizar grandes trabalhos de magia.

“A mãe do padre F. cada vez que ficava doente, com dor de cabeça, com ar do vento, lá ia o Luís Brinquinho rezar sôbre ela. O padre sabia e nunca disse nada, pois reconhecia o valor do Luís Brinquinho”, disse Tônha, “depois, que mal pode haver, o Luís Brinquinho benze é com o rosário, não é com ramo de planta como fazem as “benzinheiras”, por isso o padre nunca achou ruim, também pudera, êle não cobrava nada, e o remédio de farmácia é sempre caro e o padre sovina como era não gostava de gastar nem um derréis de mel coado”.

O pesquisador constatou a presença de benzedores, curadores e membros do toré às missas de sexta-feiras. Era o único dia da semana em que Luiz Brinquinho estava pre-

sente: rosário na mão esquerda, cabisbaixo e na “elevação” engolia alguma cousa, seu rosto se desanuviava, retirando-se em seguida lépido a caminho da ponta da rua onde morava.

P r o m e s s a s

Em Piaçabuçu é comum na zona urbana e muito mais na zona rural, o apêlo ao sobrenatural como meio e reforço para a realização de intentos. Tal crença no poder da intervenção do sobrenatural manifesta-se sobretudo na confiança nos milagres de determinadas entidades, os santos. Como forma retributória a essa intervenção miraculosa ofertam elementos materiais — *os ex-votos* — concretizando dessa maneira, o agradecimento da graça recebida. (V. Fig. 5, no fim do volume). Ex-voto, promessa ou “milagre”, nome êste comum na região, é um quadro, imagem, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, jóia, fita, mecha de cabelo e principalmente escultura em madeira etc., que se oferece e se expõe nos lugares dos “acontecidos” — cruz⁽⁴⁶⁾, santa cruz, capela, igreja, salas de milagres, em regozijo de uma graça alcançada. A oferta é posterior à benção recebida, é pagamento. Dizem mesmo “pagamento de promessa.”

Entre os males que afligem o homem, a doença é o mais comum. A doença é ainda para muitos ocasionada pela introdução de um corpo estranho e para sua expulsão, também há necessidade de uma fórmula mágica. O restabelecimento da saúde é sempre procurado por todos os meios, e quando as dificuldades econômicas impedem que a ciência intervenha, as crenças mágicas dificultam

(46) LE BRAS, Gabriel, *Études de Sociologie Religieuse* I Tomo, Bibliothèque de Sociologie Contemporaine, Presses Universitaires de France, Cap. VII — Sur l'histoire des croix rurales, 1955, p. 97. — “Que la croix soit le symbole capital de l'ortodoxie, cela n'empêche point qu'autour d'elle fleurissent les superstitions”.

a ação médica, o “remédio” é apelar para o sobrenatural. E é na doença que o santo vale mais. Uns mais do que os outros. Há santos⁽⁴⁷⁾ especializados na cura de determinadas moléstias. (V. Fig. 6, no fim do volume).

O fiel promete, no caso de se curar, de ter a roça e plantações protegidas, de obter boas pescarias, ofertar algo ao santo de sua devoção. Uma vez realizada a cura, o devoto se vê na obrigação de pagar a promessa feita. Dessa transação com o sobrenatural, às vêzes, resulta a confecção de peças artísticas como sejam: os “ex-votos”. Quase sempre impossibilitados de comprar uma peça industrializada, como sejam, as de cêra, vendidas nas casas especializadas de artigos de religião e que funcionam ao redor dos templos católicos, o agraciado procura executar uma peça esculpindo-as geralmente na madeira. Nesta região onde há abundância de madeira mole como o mulungu, cajazeira e outras, há, portanto, uma grande quantidade de ex-votos esculpidos em madeira. Acontece que nem todos podem trabalhá-lo em madeira, daí resultando outros tipos e formas de ex-votos. Apresentam, assim, substitutivos para essa forma popular de pagamento da dívida ao poder superior. E é claro que o próprio meio geográfico condicione o maior número de um determinado tipo e não o estoque racial influa, pois negros, caboclos e brancos esculpem ex-votos de madeira, nesta região. Poderíamos, *grosso modo*, classificar os ex-votos em elementos materiais do ritual mágico protetivo

(47) BASTIDE, Rogre, *Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*, Empresa Gráfica o Cruzeiro S. A., Rio de Janeiro, 1945, p. 31. “O barroco, em oposição à abstração protestante, multiplica o culto dos santos. Sobre todos os altares laterais, há nichos enquadrando êsses semi-deuses, êsse séquito santo do Senhor, de modo que nenhuma ação possa ficar no terreno do profano. Todas as funções da vida ficam, por essa forma, santificadas, pois os santos são os funcionários, os ministros de Estado do Senhor. A espinhela caída, as doenças da vista, as moléstias da pele, a procura de um marido, encontrar um objeto perdido, salvar-se de um naufrágio, impedir o raio de cair sobre a casa, tudo tem seu santo, seu protetor e seu chefe”.

e produtivo. Seriam *protetivos* todos aquêles que, segundo a própria denominação nos diz, visam uma proteção. A cura é uma proteção da saúde ameaçada. A escultura de um pé, de uma cabeça, em madeira, é um ex-voto protetivo. A oferta de uma mecha de cabelo, uma oferta primicial de grande valor, porque as forças que atuam sôbre o crescimento são por êles desconhecidas, visa obter proteção para o ofertante. Chamariamos de ex-votos do ritual produtivo todos aquêles ofertados, como retribuição ao pedidos feitos para produção de melhores roças, melhores pescarias. É óbvio que não pode haver uma linha rigorosamente marcante a dividi-los em quais são os produtivos, quais os protetivos. As promessas não visam apenas a proteção do homem, mas também a dos animais e a melhor produtividade das plantas.

Na estrada que leva a Feliz Deserto, na santa-cruz do Cigano, recolhemos ex-votos de cerâmica, de madeira, e pano, de cêra, flôres de papel, fitas, desenhos, pinturas e mechas de cabelo. (V. Fig. 7, no fim do volume). Há uma abundância de cabeças de madeira. Em casos de febres costumam representar o corpo todo ou apenas a cabeça. Pelo fato de localizarem na cabeça a "vontade de trabalhar", vontade essa que fica abolida devido a doença, há uma quantidade enorme de ex-votos representando uma cabeça. Últimamente, em Piaçabuçu, um artista popular está se especializando em fazer cabeças de barro cozido, sob encomenda para que os fiéis possam pagar suas promessas. Cada cabeça pintada custa três cruzeiros. É uma nova indústria doméstica, complementar.

Na matriz de Piaçabuçu não encontramos ex-votos, porém em Feliz Deserto sim. Embora o clero tenha proibido por ordem de um bispo a representação por meio de figuras e pinturas dos milagres obtidos, sendo só permitidos os ex-votos de cêra, porque êstes serão revendidos

pelos padres e reverta em benefício monetário da Igreja, em Feliz Deserto, recolhemos vários ex-votos esculpídos e pintados. Neste, o vermelho representa a dor, a ferida, aliás é a côr de Satanaz, conforme as crenças da Idade Média. E como a doença é o resultado de uma intervenção satânica, o vermelho, na pintura dos ex-votos a representa. (V. Fig. 8, no fim do volume).

Em nosso estudo "Ex-votos"⁽⁴⁸⁾ procuramos classificar as "promessas" quanto à forma em *simples*, *antropomorfos*, *zoomorfos* e *especiais* (adornos ou jóias) e segundo o propósito, em *protetivos* e *produtivos* e de acôrdo com a execução, em *materiais* e *imateriais*. A nossa experiência em Piaçabuçu leva-nos não apenas a modificar a nossa classificação, bem como apontar um tipo de ex-voto que não é em pagamento de benção recebida, portanto, não é posterior, mas antecede, seria o ex-voto *preventivo*. A finalidade é aplacar a ira de uma divindade ofendida ou para que não venha a ser injuriada, não tendo recebido a devida consideração manifesta através de um mimo. O ex-voto preventivo antecede ao que possa acontecer e no caso de doenças êle evita: a oferta a Xapanã como descrevemos, o presente de flôres, sabonetes, perfumes à Janáina e ao deixar como "agrado" um naco de fumo na proa da canoa para o Negro d'água.

Ao tipo de ex-voto que nós denominamos preventivo, premunitório, Castilho de Lucas⁽⁴⁹⁾ chama de *ex-voto pagão*, em oposição aos ex-votos cristãos.

(48) ARAÚJO, Alceu Maynard, "Ex-votos ou Promessas", *Habitat*, (Revista das Artes no Brasil, 82 cents. X 23,5) São Paulo, 1952, p. 42-48.

(49) CASTILLO DE LUCAS, Antonio, "Ex-votos Medicos", *Separata de Literatura Médica*, Madri, 1958, p. 45-50. O A. classifica os "ex-votos em Cristãos e Pagãos. Os cristãos em agradecimento e se classificam em: vestes, luminarias, orgânicos, ortopédicos, alfaias, figuras antropomórficas, lápides e quadros ou pinturas votivas. O ex-voto pagão é para aplacar a ira e não castigue mais a pessoa com a enfermidade".

Ao ex-voto preventivo não o chamaríamos de pagão porque para nós envolveria juízo de valor e a pesquisa antropológica nos tem mostrado que tôdas as formas de ex-votos não são encontradas na primitiva religião, são práticas dos povos aos quais costumamos, graças ao nosso "bias", aos nossos preconceitos chamá-los de pagãos. E, os ex-votos, em qualquer grupo humano que sejam encontrados, em qualquer tipo de cultura ocidental, revelam resquícios de cultos primitivos⁽⁵⁰⁾, são formas anímicas de magia e simpatia que expressam o desejo do ser humano, tal qual êle fazia na arqueocivilização em agradecimento da cura recebida ou de afastar a ira agradando a divindade para que ela não tenha um mau intento ou proporcione a cura, como em Piaçabuçu ainda fazem: para Xapanã não alastrar a peste das bexigas, para o Negro d'água não chupar o sangue do canoeiro enquanto dorme na canoa, para Janaína não levar o pescador para o fundo do mar e lhe dar o abraço sedutor, porém fatal, acender uma vela para Nossa Senhora Mãe dos Homens para que a espôsa tenha parto normal ou ofertar uma cabeça de madeira à capela do santo de sua devoção. (V. Fig. 9, no fim do volume).

Deve-se entretanto observar que há uma diferença entre o tipo de ex-voto *preventivo* e aquêle outro *sacrificial*, isto é, onde há a morte de um animal como se faz no candomblé, imolação de cabritos e galinhas para os despachos. No Toré matam um frango para misturar seu sangue na beberagem especial, bebida pelos "encantados".

No candomblé e no toré o sacrifício é de um animal, ao passo que há o tipo pessoal de sacrifício, que os crentes

(50) Na antiga dispensação hebraica, o *Antigo Testamento* registra em I Samuel, 6: 4-5 e 18 quando os filisteus devolvem a arca aos hebreus, para *expição de culpa* e para *curar o mal de hemorróidas* e do *ataque de ratos às plantações e celeiros*, juntam ex-votos sendo: cinco anus representados com hemorróida, feitos de ouro, um para cada príncipe, Asdod, Gaza, Askelon, Gath e Ekron e também ratos de ouro, segundo o número de tôdas as cidades dos filisteus, pertencentes aos cinco príncipes. Em a nova dispensação tal não é mais

chamam de “sacrifício ou penitência”, embora não seja conforme o que Cristo preceituou, pois afirma “misericórdia quero e não sacrifício”⁽⁵¹⁾, tais devotos continuam a praticar o ex-voto *imaterial sacrificial*, a caminhar descalços nas procissões, usar cilício, fazer jejuns, isolar-se, formas pessoais de ex-votos praticados na comunidade alagoana, que revelam a persistência no catolicismo de “folk” das práticas curativas e preventivas primitivas.

Graças ao cumprimento de promessas tem surgido algumas capelas na comunidade, é o caso da atual Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens em Feliz Deserto. Após o naufrágio, um embarcação que se salvou, prometeu erigir uma capela à padroeira da cidade onde nasceu em Portugal, Feliz Deserto, a Nossa Senhora Mãe dos Homens, santa que até então não pertencia ao rol dos protetores domésticos da região alagoana. Outras capelas surgiram motivadas pela cura. Aliás êste motivo votivo é comum na região sanfranciscana, F. Altenfelder Silva assinala em Xique-Xique⁽⁵²⁾. Ao redor da capela surge um povoado; fenômeno idêntico estudamos no Estado de São Paulo⁽⁵³⁾.

R o m a r i a s

Uma das formas comuns de pagamento das promessas é a romaria. Além da romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa ou Juazeiro do meu “Padrim Cirço”, em Piaçabuçu existe a romaria no último domingo de setembro

encontrado, há condenação de tais providências curativas pelo fato de não coadunarem com o cristianismo. É providência econômica e não cristã.

(51) “Misericórdia quero e não sacrifício”. Evangelho Segundo São Mateus: 9: 18.

(52) ALTENFELDER SILVA, Fernando, *Análise Comparativa de Alguns Aspectos da Estrutura Social de Duas Comunidades do Vale do São Francisco*, I, P., Paraná, 1955, p. 20.

(53) ARAÚJO, Alceu Maynard, “Cruz, Santa-Cruz e Capela”, *Revista Paulistânia*, n.º 24, Julho de 1948, São Paulo, p. 34-37.

à Feliz Deserto para buscar Nossa Senhora Mãe dos Homens, data esta que coincide na atualidade com o fim da colheita de arroz, principal produto do município, início da vacante agrícola da região e, por outro lado, com a “*dominga dos negrinhos baiano*”, quando os antigos escravos da região encerravam o ano com alegres cantos, conforme expressão do informante Lôzinha.

A romaria a Feliz Deserto é anual e organizada pelo próprio vigário. Dizem os velhos moradores que “pegou influência desde a cheia da Januária”. Data coincidente com o início da cultura de arroz na região e abandono da cultura de cana de açúcar. (V. Fig. 10, no fim do volume).

No final da cerimônia religiosa, dirigida pelo padre Antonio Lima, presenciamos a compra de fitas curativas. Terminada a reza, padre Lima ficou junto à santa que estava sôbre uma mesa, no centro da nave, vendendo rosários, santinhos, enquanto João o sacristão e espôsa vendiam pedacinhos de fita da santa aos fiéis. Era a antropometria miraculosa, pois a fita media ora a altura ora outra parte do corpo da imagem. Diziam “quero *trocar* um pedaço da fita santa”. Cinquenta centavos, um pedaço do tamanho de uma polegada, e Cr\$ 1,00 o dôbro. Eram os tamanhos mais comprados, por serem os mais baratos. Tal fita é às vêzes queimada e o pó é usado para doenças. Principalmente para colocar o pó na cova do dente cariado. “É um santo remédio”. Outros guardam aquela fitinha como lembrança, “na doença, na dor, colocam-na em cima”.

Praticamente levada a efeito por cearenses “aves de arribação” é a romaria até Juazeiro do “meu Padrim Cirço”. Nela seguem apenas dez ou catorze pessoas no máximo, embora haja, em Piaçabuçu, um bom número de devotos do taumaturgo cearense — Padre Cícero Romão Batista, nascido no Crato a 24 de março de 1844 e faleceu em Juazeiro a 20 de março de 1934.

Penitentes

Passam, de quando em vez por Piaçabuçu certos tipos, de cabelos hirsutos, barbas intensas, alpercatas sertanejas, roupas esfrangalhadas ou cingindo túnicas qual cenobitas, corda amarrada na cintura, longos rosários no pescoço, olhar parado, dizendo palavras incompreensíveis, poliglotismo, ora trechos de rezas de permeio — são os *penitentes*.

As crianças mais novas ao verem um tipo tão diferente dos demais, correm e se agarram às saias da mãe⁽⁵⁴⁾.

Há penitentes, em número cada vez mais crescente nas regiões assoladas pela desgraça, pelo flagelo das sêcas. João Góis, um dos moradores que mais tem viajado pelas caatingas, fêz a seguinte observação acêrca dos penitentes: “Lugar pra dá dêsses penitentes é lá pros lado do sertão bruto de Pernambuco, lá pelo agreste. A gente vai pela estrada e sempre topa com êsses cabras da peste. São uns coitados, aprenderam alguma cousa de religião no catecismo, crescem mais um pouco, si êles já tem um parafuso de menos, quando a miséria aperta, o estômago grita de fome, comida é manga de colete, começam com novena pra chuva, de tanta reza e fome acabam metendo a cabeça pelo mundo. Não sei si o senhor reparou a conversa dos penitentes é sempre a mesma, todos êles andam caminhando, caminhando para se encontrar com Jesus, outros dizem que receberam ordem de Jesus, e a gente acaba encontrando muitos malucos que se dizem que são o Cristo. Penitente tem uma telha de menos. Uns

(54) Tão grotescas as figuras dos penitentes que chegam a meter medo nas crianças. As mães, com o intuito de castigá-las, dizem: “Não faça isso sinão eu chamo um penitente para pegar você”.

Outras vêzes, quando uma pessoa está com a barba ou cabelo por fazer, dizem: “até parece penitente”.

falam atrapalhado, uma língua estranha, vivem com crucifixo e medalha de santo pendurados onde podem, metem umas batinas de franciscano que êles mesmos arrumam. Êsses penitentes são uns coitados. A gente fica com dó dêles e mata a fome dêles. Uns dão dinheiro outros comida e êles vão por aí cumprindo o fado”. João Góis, sem o saber, traçou uma rápida biografia do penitente da gênese da vida dos líderes carismáticos que pululam pelo hinterland brasileiro.

Durante o período que o pesquisador estêve em Piaçabuçu teve oportunidade de avistar três penitentes que por lá passaram. Um dêles quando o pesquisador se aproximou, saiu gritando — “aí vem o Cão, o Cão em figura de gente, é o Judas que vem para prender um devoto, um penitente da graça de Nossa Senhora”. Correu vertiginosamente. Mais tarde, informaram que temeroso procurou atravessar o rio, para que “aquêle homem de pincez (óculos) não prendesse um devoto mandado por São Severino dos Ramos”. O mesmo impecilho aconteceu com outros dois penitentes que julgaram ser o pesquisador alguma autoridade policial. Posteriormente, em visita ao povoado de Cabeço, Estado de Sergipe, foz do rio São Francisco no Pela-pau, rapidamente o pesquisador conseguiu falar com um penitente. Disse que recebera ordem de se encontrar com Jesus no santo santuário, sua missão era “apreciosa”, que a “Virxe Siora” havia ordenado sua penitência. Não se conseguiu saber donde vinha e para onde ia. De quando em vez falava palavras incompreensíveis, dizia serem as palavras dos apóstolos mortos sem passar pelo purgatório, porque o leite da Virgem tinha caído nos santos olhos (ou óleos). Às nossas perguntas respondia sempre com as mesmas frases, os mesmos provérbios de cunho religioso, uma linguagem esotérica. Observou-se na maneira de falar, no gesticular, nas mãos sem parada, gestos efeminados.

Ha, morando no município, um que se intitula — “Eu sou o Cristo Santos Reis”. Vive na roça, trabalha na lavoura, lá nos confins do Município, no povoado dos Pontes e de quando em vez aparece em Piaçabuçu. Vem profligando os erros dos seus conterrâneos, que ninguém quer ouvir a palavra, pois “Eu sou o Cristo Santo Reis. O povo precisa penitenciar-se”. Nas noites de luar vai a uma esquina, reza, reza, persigna-se, sae falando sòzinho. Na feira, formam roda para ouvir-lhe as arengas. Êste “penitente” é mais motivo de chacota, passa alguns dias assim, volta para a roça, trabalha normalmente. Não é bem característico como penitente porque êle não sae da comunidade em viagem. Ali permanece, e tal se dá há muito tempo, segundo informações colhidas. De quando em vez aparece o “Eu sou o Cristo Santos Reis”. Tôda sua conversa gira em tórno de assunto religioso. Não pode ser tomado como penitente porque um dos móveis de sua atitude não é a miséria, a fome, como sóe acontecer nos demais casos, pois aparece bem trajado e bem nutrido. Também não é atacado de poliglotismo, fenômeno comum entre os penitentes do nordeste brasileiro. Santos Reis é apenas um “endemoninhado”, é o que afirmaram.

Contam que de Piaçabuçu saiu, há anos, um môço como penitente. Trabalhava numa lagoa de arroz, num dia, uma enchente levou tudo o que possuía, parte da ilha onde morava foi arrasada. “Ficou meio lelé, disse Maria Chagas, o pobre saiu por aí, por êste mundo de meu Deus, cantando reza, falando línguas diferentes, virou penitente”.

Beatos e milagreiros

Medicina e religião estão inter-relacionadas e no meio rural tal fenômeno pode ser aquilatado e verificado melhor. Bastaria um rápido olhar sôbre certos fatos que

abalaram a opinião pública brasileira com o aparecimento de um Antônio Conselheiro, de um monge João Maria no Paraná ou do espertalhão Beato Lourenço — herdeiro do “Padrim Cirço”. Seria fastidioso enumerar as Santa Marcelina dos Coqueiros, os João de Camargo de Sorocaba, o “meu Padrim Cirço de Juazeiro” ou os padres de Urucânia, enfim um cortejo de beatos, de milagreiros, mulheres ou homens, de “padres virtuosos dotados de mediunidade” como afirmam alguns estudiosos desses fenômenos, “padres cuja fôrça mediúnica êles mesmos desconhecem a sua origem e a atribuem à crença nos santos dos quais são devotos” .

Este aspecto não nos interessa discutir: fôrças mediúnicas ou fôrças de sugestão capazes de levantar doentes, o que nos interessa é o fato de que tais curas estão ligadas ao culto religioso e isto auxilia a comprovar que medicina e religião estão intimamente ligadas na cultura rústica brasileira. Difícil será separar uma da outra. As práticas religiosas visam agradecer curas recebidas. Até que ponto a religião tem se valido desta mística para suas finalidades, para construção de seus santuários etc., também não é o pábulo dêste trabalho. O que se pode contar é o número de fiéis analfabetos, andrajosos, sujos, nenhum se esquece de levar o rosário e a peixeira, assim são os doentes que buscam os santuários em busca de cura e outros para agradecer as curas recebidas. A romaria tem sua origem na ida ao santuário para agradecer a cura ou em busca de graça para restabelecer a saúde perdida ou se forma por causa da notícia da existência de um milagreiro em determinado local.

De permeio com os milhares de romeiros são que irão apenas para agradecer as benções da cura, seguem doentes e muitos de moléstias contagiosas. Em Bom Jesus da Lapa ou em Juazeiro do meu “Padrim Cirço” só para citar as mecas do catolicismo romano do nordeste, do vale do

São Francisco, o que nos impressionou foram os leprosos⁽⁵⁵⁾, os tuberculosos⁽⁵⁶⁾ “a lançar flôres vermelhas de seus louvores” pela bôca, como lemos em um folheto de literatura de cordel, ali comprado, os chagosos com as pústulas expostas onde môscas pousavam e depois iam para sentar-se sôbre as iguarias, “baganagens”, “troçados” de feira com os quais os romeiros se alimentavam, adquirindo-os por preços “que custam os olhos da cara” nas barracas ao redor dos santuários. O problema do contágio deve ser considerado e acrescente-se, graças à promiscuidade. Promiscuidade que é acendrada para evidenciar que “nóis sêmo pobre sem orgúio” (somos pobres sem orgulho), isto é, bebem no mesmo copo, comem em prato comum, dormem na mesma esteira etc.

Este seria um aspecto do problema a ser enfocado. Apenas o sanitário, porque o social é causador de desgra-

(55) LOURENÇO FILHO - Joazeiro do Padre Cícero, 2.^a ed., Cia. Melhoramentos, São Paulo.

No excelente trabalho sôbre o “Padrim”, à página 29, se refere aos contágios dêsse contato entre romeiros: “Muitos vão doentes, atacados dos piores males, ou se contaminam em viagem. Vimo-los em promiscuidade com leprosos ou boubaticos. E êsse vae-vem contínuo, pelo interior dos sertões, explica porque certos pontos do sul do território cearense, de tão bom clima, apresentam uma verdadeira synthese da nosologia de todo o país”.

“São assim, os pobres romeiros, em nome de Deus, Inconscientes semeadores da morte e da loucura...”

(56) CARVALHO, Carlos Alberto de, *Tradições e Milagres do Bonfim*, Bahia, 1915.

Ao descrever os mendigos o A. assim escreve: “No Bonfim, lugar de piedade e devoção, a arte de pedir está tão generalizada que ao assomarmos o adro em dia de sexta-feira ou de domingo, afigura-se-nos um hospital ao ar livre. Livre, dizemos nós, porque é no descampado, à luz ímpia do sol ou ao açoite das chuvas, que essa barreira de devotos estende a mão, estira a perna e exhorta à esmola... pondo a parte os que esmolam por indústria, os há, em maioria, que são leprosos, que expõem mazelas, que expelem pús para as sargetas por onde pisamos, bafejam gases mefitivos à nossa passagem, projetam-nos perto do rosto os seus perdigotos contaminados de bacilos de Koch, ou repugnam ao estômago mais forte, exibindo deformidades, secreções purulentas ou elefantíases monstruosas”.

Os cegos, dentre êles o Maximiano, antigo aguadeiro...

Finaliza o parágrafo assim: — “O adro cheirava a incenso e hoje tresanda a feridas”.

ças maiores. Os que se referem aos santuários poderiam contar com o auxílio imprescindível das autoridades eclesiásticas, dos padres, para os debelar ou minorar pelo menos⁽⁵⁷⁾. De maior repercussão e que tem sido resolvido pela polícia e, às vêzes, até Exército Nacional, é o do beato e do milagreiro. E o milagreiro só é milagreiro quando realiza curas. Com as suas curas êle reforça na mente do caboclo os liames entre religião e medicina. Podem afirmar que tal seja resíduo de credence, de "superstição", de misticismo, de fanatismo, de beatice, mas o que não se pode negar que tudo isso tenha um rótulo e é catolicismo-brasileiro. Êste difere e nem poderia deixar de ser, do catolicismo romano.

O remédio para êstes males sociais são dois: alfabetização, educação e não polícia, espancamento como sóe acontecer. Êste vasto hospital que é o nosso país, como disse Miguel Couto, esta frase dolorosa quando ouvida pelos brasileiros, tem sua razão de ser e nos impressiona pela veracidade quando se presencia o espetáculo de doença e miséria ou nas romarias provocadas por beatos ou milagreiros. Êste vasto hospital precisa de escolas. Escola para ensinar a ler; ler para arejar a compreensão humana, ler para educar-se; educar-se para não andar de braços dados com as credences, com o misticismo caboclo tão vesgo que leva a episódios como os de Ca-

(57) BRAGA, Alberto Vieira — *De Guimarães: tradições e usanças populares*, Espozende, Portugal, 1924.

O Autor registra em *Medicina popular e cautelas supersticiosas*, à página 307 e à 376 aponta uma solução: "O padre entra, muitas vêzes, na função humanitária de prestar os seus serviços, dando conselhos e receitando em muitos casos certas drogas conhecidas de botica.

Êstes serviços do padre, que não passam quase nunca dum prudente receitar de coisas sabidas, é menos funesto do que o resolver curandeiro, quando entre de aplicar mezinhas numa inconsciência perigosa.

Os serviços dos padres poderiam ser de mais rasgada utilidade, se no curso de seus estudos fôsse posta a obrigação duns conhecimentos rudimentares de medicina e receitaário e isto mesmo para a função dos seus auxílios reduzida e em casos vulgares e de somenos gravidade".

nudos, de Curitiba ou este recentíssimo de Aparecida do Norte, há pouco denunciado na Assembléia Legislativa Paulista pelo deputado Cid Franco, registrado no Diário Oficial do Estado de junho de 1957. Apontaríamos outros fatos que se relacionam ao fanatismo, baseados e documentados, apenas nos "A B C" que ouvimos cantar pelos violeiros quer em Juazeiro, quer em Bom Jesus da Lapa, repetidos por milhares de romeiros quando de regresso. Em nossas longas horas de travessias nas gaiolas ou nas canoas de tôldas no baixo São Francisco ouvimos muito e anotamos alguma cousa. Acreditamos nos fatos narrados, na sua fidelidade porque os violeiros são em geral os melhores e mais fiéis órgãos da opinião pública, dignos de serem explorados pelos antropólogos sociais, pois traduzem de maneira palpitante o que vai na alma da gente do povo, chegando a endeusar beatos e milagreiros. Estes em geral apresentam, além das outras, anomalias sexuais, praticam e recomendam a poligamia, desvios de nosso padrão de cultura, decantados pelos poetas e improvisadores dos quais o sertão está cheio.

Antônio Conselheiro, monge João Maria e outros, socorriam precipuamente os doentes e famintos, daí o grande sucesso deles ou de qualquer outro milagreiro que assim proceda. O caminho mais curto para se atingir a alma e a admiração do povo inculto é curar-lhe as mazelas. Esta é a arma que a medicina social também deverá usar e dela valer-se: combater a doença, a fome e dar-lhe apoio moral que é a assistência psicológica.

Procuramos arrolar nos tópicos acima as práticas da medicina mágica e podemos adiantar que os moradores do meio rural praticam mais intensamente, pois os habitantes das cidades grandes já não têm muitas oportunidades para executar determinadas usanças, mas, por outro lado, as práticas generalizadas são resíduos culturais,

sobrevivências observadas não apenas em Piaçabuçu, mas em quase todo o Brasil por causa da sua formação.

Esta parte sobre medicina mágica podemos concluir lembrando as palavras de Georges Gurvitch — “A religião utiliza, sem cessar, a magia para seus fins específicos, não há dúvida tampouco de que a magia, sobretudo a evoluída, utilize a méudo a religião para seus fins propícios”.

MEDICINA RELIGIOSA

As doenças provindas da quebra de um tabu ou desobediência de uma determinação divina ou ainda a sanção punitiva de um ser superior terão sua cura através de uma terapêutica ritual, é portanto medicina religiosa. Faz-se uma adivinhação simbólica para saber qual é a divindade ofendida e assim, através de ritos propiciatórios, homenageá-la. Tal se dá no Candomblé. Poder-se-ia pensar também na religião católica romana onde há determinados santos especialistas na cura de certas doenças. Assim, São Sebastião curador de feridas, São Roque cura e evita pestes, São Lourenço dor de dentes, São Braz salva de engasgo, Santa Luzia cura os males da vista. É na doença que o santo vale mais e estas especializações nos fazem lembrar as Corporações de Ofício da Idade Média. Mas, as promessas feitas a tais santos para se conseguir a cura não seriam de ordem religiosa, mas sim mágica, daí já têmos incluído na medicina mágica — as promessas.

Apresentaremos a descrição de duas sessões por nós assistidas em Piaçabuçu. A primeira será de um Candomblé onde estão mais puros os traços de culto religioso e a seguir descreveremos um onde há sincretismo torécandomblé. Foi, porém, nesse terreiro que tivemos oportunidade de presenciar a homenagem a Xapanã, deus da mitologia de Iorubá. Recebido com alegria, todos can-

taram seu linho evitando assim que essa divindade portadora da varíola a espalhasse como castigo entre os participantes da “brincadeira do sítio do Castelo”.

C a n d o m b l é (58)

No candomblé (V. Fig. 11, no fim do volume) há o culto dos grandes deuses que vivem num mundo misterioso. O culto a êsses deuses tornou-se numa religião de iniciação, onde há reclusão para admissão. É a religião africana trazida para o Brasil pelos nagô, bantu, gêge etc. Atualmente muito modificada devido ao sincretismo religioso motivado pelos contatos culturais: influências advindas de nossos índios e dos brancos. É claro que no candomblé a religião domine a magia, não é a cura das moléstias o seu principal elemento. Isto o distingue do toré. A finalidade primordial dos candomblé é através do êxtase com que os homens possam penetrar nesse mundo dos deuses, num mundo cheio de mistérios, por meio da dança selvática e do canto monótono, ao som de atabaques, membranofônios batidos vigorosamente, retenir de campas — dança⁽⁵⁹⁾ e cantos caminhos pelos quais atingem o êxtase

(58) Duas definições de candomblé: de Nina Rodrigues: “*Chamam-se candomblés as grandes festas públicas do culto yorubano, qualquer que seja a sua causa*”; de Roger Bastide: “*O candomblé é uma família mística que se superpõe às famílias carnavais*”.

Nina Rodrigues, R., *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*, Biblioteca de Divulgação Científica, Vol. II, Civilização Brasileira, S. A., Rio de Janeiro, 1935, p. 141. Bastide, Roger, *Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*, Empresa Gráfica “O Cruzeiro”, Rio de Janeiro, 1946, p. 50.

(59) HONORAT, Michel Lamartinière, *Les Danses Folkloriques, Haïtiennes*, Imprimerie de L'État, Port-au-Prince-Haïti, 1955.

Neste excelente estudo pudemos constatar os pontos de semelhança entre as danças rituais do candomblé com as danças sacras: radas, congos ou petros hatianas.

“Les adeptes du Vodou ou vodouisants les dansent en l'honneur des divinités de l'Olympe vodouesque au cours des ceremonies ou de fêtes religieuses. Et au moment de la crise de possession, le loas ou dieux les dansent aussi. Pour être plus explicite, les danses sacrées suivent la division rituelle du Vodou”.

místico. Os orixás, vindos ao encontro dos mortais proporcionam alegria, cuja chegada é saudada com cantos, ao baixar cumprimenta os presentes, transmitem conselhos, abraçam seus conhecidos. Depois que o orixá recebe a sua "linha" para deixar a filha de santo na qual esteve manifestado, é preciso um "despacho". *Os conselhos podem ter o caráter de indicação para curar doenças, prevenir contra perigos que ameaçam a saúde* ou o êxito nos negócios. Demoram para transmitir a mensagem, mas geralmente todos a trazem.

A pessoa quando em êxtase, e pelo fato de ter baixado nêle um santo, fica às vêzes com a fisionomia acentuadamente deformada, olhos cerrados ou semi-cerrados, respiração ofegante, movimentos exóticos. As alterações fisionômicas assumem às vêzes características cada-véricas, outras ficam em convulsões no chão, quase sempre dançam de maneira selvática. Aquêles filhos-de-santo, quando bailam se tornam todos membros de uma confraria mística. Quando estão tomados pelos orixás, não são mais os mortais com os quais convivemos em Piaçabuçu que estão dançando, mas sim os próprios deuses da África que ali estão⁽⁶⁰⁾. Os movimentos rítmicos, os corpos revoloteiam, a música enreda a todos, os cantos são envolventes. "O candomblé não é um método de excitação de fenômenos patológicos, porém uma técnica de contrôle social de vida mística". O poder fisiológico do ritmo musical provoca estados cinestésicos e dá aos participantes aquêle estado de sonolência, outras vêzes de exaltação.

(60) BASTIDE, Roger. *Cavalos de Santo, Estudos Afro-Brasileiros*, 3.^a série, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, U. S. P.; Boletim n.º 3, São Paulo, 1953, p. 37: "Agora não são mais os negros, os mulatos, e muitas vêzes também os brancos são os deuses da África que dançam. Os movimentos adquirem uma beleza rítmica que até então não tinham, os corpos esposam a música dos três tambores, dobram-se, viravolteiam harmoniosamente, os músculos são oferendas líricas, os braços sinuosidades sensuais", p. 37.

Pequeno é o papel que a medicina tem no candomblé, pois os deuses não são utilizados em benefício dos vivos, Roger Bastide afirma que tal se dá “porque o candomblé não é religião de consumo”⁽⁶¹⁾.

A reunião do candomblé é hebdomadária, a “nossa brincadeira não faz mal para ninguém, não sei porque é perseguida”, afirma o pai-de-santo do candomblé.

Logo após o início da feiça, após terem suas compras feitas, homens e mulheres tomam banho no rio⁽⁶²⁾. É a ablução para penetrar no lugar santo. Banham-se e ao entardecer se dirigem para o local distante da cidade. Não vão em grupos, mas isoladamente. Em geral as mulheres passam sobraçando alguns embrulhos — são as vestes. Quando passa alguma mocinha, de lenço amarrado na cabeça é filha de santo que está sendo feita, seus cabelos foram raspados⁽⁶³⁾, há pouco ela estêve reclusa, é uma inicianda. A iniciação favorece a perpetuação do candomblé.

(61) BASTIDE, Roger, “Medicina e Magia nos Candomblés”, *Boletim Bibliográfico*, n.º XVI, Departamento de Cultura, São Paulo, 1959, p. 12: “O candomblé, ao contrário, utiliza de preferência as técnicas africanas — a religião domina a magia — o sincretismo é menor e não aparece verdadeiramente senão fora do cerimonial africano, na consulta particular — a cura das moléstias não é essencial e por conseguinte não faz tanta concorrência à medicina científica quanto o catimbó”.

(62) Maria Gabriel contrariada disse: “Não gosto de lavá rôpa na vespra de saúdo (véspera de sabado), lá está aquela negrada do xangô se lavano, tirano as inhaca. Eles devia se lavá é quando saê da terrêra, pois rolam no chão que nem baié (pôrco), mas de tardinha antes das Ave-Maria é essa lavação que não para. Havia um delegado aqui que os negrinho saia dágua êie prendia, pois êle sabia que êles lá era batê xangô”.

(63) DORNAS FILHO, João, *A Influência Social do Negro Brasileiro*, Editora Guaira Ltda., Curitiba, 1943, p. 56: “Isso talvez seja em consequência de profundas semelhanças que existem entre alguns pontos do catolicismo e o fetichismo negro, como o banho lustral, que os judeus adotam para a purificação (o batismo católico) a que os iniciados a *filho de santo* também são obrigados a se submeter; *assim como a raspagem da cabeça do ritual católico, a que são obrigados as freiras e os frades*. O preceito da abstinência de carne de certos animais (tabu temporário) também é comum às duas religiões, não se falando nas intrusões referentes a objetos de culto: Xangô é Santa Barbara, Oxum é São Jerônimo, São Jorge é Oxossi, como o Senhor do Bonfim na Bahia é Obatalá... (O grifo é nosso).”

Reunem-se num local afastado onde possam bater os atabaques⁽⁶⁴⁾, os tambores, cantar os seus cantos acobertados das perseguições policiais. Nesse local (“terrêra”) sob um barracão de palha de coqueiro, medindo mais ou menos oito metros por cinco, num canto, na frente, há uma pequena mesa coberta com uma toalha muito alva e engomada — é o Canzoal — sôbre ela uma vela, o cálice de Santa Bárbara, uma pedra de ráio (machado lítico dos índios) e duas estatuetas de Janaína, onde ela está representada repousando sôbre as ondas. A sereia na sua metade peixe, a cauda, é tôda prateada e a parte mulher, em côres imitando a pele humana, cabelos longos e esverdeados, seios abundantes e excitantes. Os braços da Janaína parecem convidar para um abraço afetuoso. Entre as duas Janaínas, um crucifixo medindo quinze centímetros.

Apresentam-se todos com trajes especiais, porém todos descalços: a côr verde é de Locô, e a mais clara é de Dona Janaína e a vermelha é de Xangô. O pai-de-santo quer que o chame de “zelador dos iníquices”, de calça azul marinho, larga faixa verde passada pelo ombro esquerdo e por baixo do braço direito, as côres azul-marinho e verde são de Ogum, a mãe-de-santo, saia amarela bem rodada, com anáguas, bata (blusa branca) de cetim lamê, turbante azul, pano da Costa, muitos colares, destacando o colar de palha fina trançada com um pingente enfeitado de búzios, é o “quelê”, outro colar com os “fios de assentamento de Oxum”, pulseira onde predominam pequenos caramujos coloridos e alguns berloques de prata, no braço direito traz “contra-gunzo”, brincos e braçletes, disse que o amarelo é côr de Oxum. Apre-

(64) PIERSON, Donald, *O Candomblé da Bata*, Editôra Guafrá, Ltda., Curitiba, 1942, p. 23: “Os atabaques são indispensáveis em tôdas as cerimônias. O som grave do tambor maior, é entrecortado pelos tons mais agudos do tambor médio e do menor. O ritmo é caracterizado por um sincopar monótono e interrompido, variando de acôrdo com o orixá invocado”.

sentaram-se também paramentados os demais vinte e dois membros de Candomblé. As mulheres com saías rodadas, faixas amarradas na cabeça. Os dois homens, além do pai-de-santo, com colares de contas e pequenos búzios. Os tocadores de atabaque vestiam trajés comuns. (V. Fig. 12, no fim do volume).

Tem início a cerimônia no "Terreiro de São Jorge". (O zelador disse que o santo da cabeça da mãe-de-santo é Oxum-do-lá). Agora êle empunha o cálice de Santa Bárbara: é um cálice de madeira, pintado de vermelho, dentro está a pedra da santa. Retine o agôgo. Começam a cantar. Os atabaques são batidos e um circunstante diz ser um toque de nagô. Canta primeiramente o zelador, depois ouve-se o côro. Cantam e dançam:

*"É um tatá
que nos lá de um,
ora que nô zi lá de cô,
é um tatá
are de cbê ca nê
de um nenê
que lá de cô."*

São duas colunas de dançadores. À frente estão pai e mãe de santo. A duração de cada canto varia entre 10 a 20 minutos. Êles se sucedem. Cai uma filha de santo, possuída, outras a amparam. Manifesta-se um orixá.

*"Que Deus vos salve,
bandêra divina,
que Deus vos salve
bandêra reá,
que Deus vos salve
todos oxossi
dentro dêste canzoá."*

(Ao repetir, vai saudando os inquices, tatá oxossi, minha mãe etc.). Agora é a mãe de santo quem tira a linha.

*“Ogum de lê
ta-ra-ta-tá
Ogum dê.”*

E o côro responde:

“Vamo zoiá.”

Sôbre uma esteira de piri-piri caem estrebuchando duas filhas de santo e o zelador, ao cantar, faz o “encruso”, isto é, passa as mãos em cruz no dorso delas.

“Salve sinhô rei”

Salve sinhô rei,
salve, salve
salve sinhô rei salvadô.”

“Ogum venceu a guerra”

Ogum venceu a guerra
já mandei oiá, oiá,
Ogum venceu dilê,
já mandei oiá, oiá.”

Muda o ritmo das batidas, um informante nos explica: “êsse é um toque gêge, arrepare como êles vão pinateá. Êsse que desceu é um inquice que gosta de pular”. O tocador de atabaque maior, José Galdino dos Santos, abraça lùbricamente o seu membranofônio, dando a impressão de estar possuído de uma excitação genésica, enquanto o tocador de adjá, sonolentemente, tine o idiofônio de percussão indireta por meio de um prego de caibro.

*“Um dinha nê, um dinha nê
d’Aruanda ê,
lagêro tão grande,
tão grande d’Aruanda ô.”*

A descida de um orixá é saudada efusivamente, como se fôra velho conhecido⁽⁶⁴⁾, a filha-de-santo aproxima-se e cumprimenta os presentes, dando a mão de maneira diferente da comum: palmas e palmas da mão se encontram, depois ambos seguram os polegares, voltam ao apêrto de mão comum, repetem três vêzes. Foi um iabá que se manifestou, dizem, ser Imelê, a mãe de Xangô. Todo se ajoelhavam e beijavam-lhe a mão. A seguir outra baixou, foi Janaína, dona Janaína e houve uma euforia entre os membros femininos do candomblé. Chamava as demais filhas de santos de minhas "Tainha". (V. Fig. 13, no fim do volume).

"Cosme e Damião"

Cosme e Damião
sua santa já chegô,
veio do fundo do má,
Janaína le mandô."

Cantavam para Dona Janaína, quando inesperadamente, onze filhas de santo saem correndo e entram numa lagoa — lagoa sagrada — conforme informação de um presente. Ao passar, o pai de terreiro molhou a cabeça das filhas, com água da quartinha.

*"Tainha deu,
tainha abalô
cadê a sereia
que aqui não chegô."*

*"Rainha das água
que aqui não baxô."*

*"Iemanjá, prá que mandô
me chamá, ê?"*

(64) VALENTE, Waldemar, *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*, Brasileira, Vol. 280, São Paulo, 1955, p. 125: "Quase todos os orixas, segundo a crença ioruba, foram criaturas humanas."

*Iemanjá só fia
do locô do má, ê."*

*"É Iemanjá
Ogum nasceu fia é,
ê Iemanjá
pra que mandô me chamá."*

Um canto festivo se fêz ouvir, era um encantado que baixava no terreiro, disseram ser o Boiadeiro. Outros mais, até que a lassidão atacava a todos os membros do candomblé, dealbava o dia.

"Atirei"

*Atirei o quêia,
atirei bari
pra areia do má."*

"Babalorixá"

*E babalorixá, e ô (bis) . . .
ei cagé,
canjerê oi cajé." (bis)*

Houve um despacho para Exu, criado de Xangô. Exu é uma espécie de estafeta que leva a Xangô os desejos dos filhos de santo, dos demais mortais. O zelador falou em uma linguagem incompreensível, "na língua dêle (Exu) é que entende, fora disso não adianta", afirmou uma filha-de-santo.

Noutra reunião do mesmo candomblé, foram cantados êstes versos pela filha-de-santo (mais tarde donada-terrêra, mãe-de-santo) Maria da Glória:

*"Dona Janaína
princesa do má,
e do das água,
de mamãe maitá."*

*"Dona Janáina (bis) (côro)
o ke na na é o."*

*"Saia do má
minha sereia,
saia do má
vamo brincá
na areia."*

*"Sae do má
sereia boa,
saia do má,
vamo brincá
na coroa."*

*"Sae do má
sereia minha,
sae do má,
vamo brincá
na linha."*

Noutra oportunidade, entrevistando Maria da Glória afirmou que Iemanjá tem três filhas, são sereias, duas são filhas de homem, uma porém não é. Essa é filha mais velha, está para se casar com um Negro d'água. Afirmou também que a Mãe Iemanjá nunca fica velha. Nas informações a cerca da vida dos deuses do candomblé⁽⁶⁶⁾ há grande coincidência com a história da vida dos milagres dos santos católicos romanos⁽⁶⁷⁾.

Este "canzoal" se desfez com a saída de pai-de-santo e sua espôsa que se mudaram para o Estado de São

(66) RIBEIRO, René, "Cultos Afro-brasileiros do Recife", *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco*, Recife n.º especial, 1952, p. 56: "Encontram-se também casos em que a identificação é feita à base das semelhanças porventura encontradas entre incidentes (reais ou lendários) das vidas dos santos católicos reminiscentes de atributos e funções dos deuses africanos".

(67) VICTOR, J. B. de, *As Flores dos Santos* (Acta dos santos martyres), Pôrto, Portugal, 1868.

Paulo (São Vicente). Com a retirada, em princípios de setembro, vieram disputas e desentendimentos entre os que desejavam dirigi-lo. Uma ameaça de morte levou duas famílias a mudar-se para Penedo. O candomblé esfacelou-se. Alguns passaram-se para outros terreiros, mas como há muitos ciumes entre os membros dos diversos candomblés, êste deixou de existir, não se reuniu mais.

As outras formalidades das festas a que iríamos participar, neste candomblé, o qual consideravamos o mais puro dentre êles deixaram de ser assistidas, como: *dar comida para obter saúde*, *fazer santo*, *lavagem das contas*⁽⁶⁸⁾ por causa de perseguições, maus negócios, *troca de cabeça*, despachar o ebó. Mestre João era considerado o melhor olhador para lavagem das contas. Aliás, Jajaba, membro de outro candomblé é tido como substituto de Mestre João para *lavagem de contas e consultas*, será um grande babalorixá. E convém lembrar que no candomblé a adivinhação é simbólica e não mágica.

Sincretismo Toré-Candomblé

Foram descritos os terreiros de Toré e Candomblé, nos quais há maior freqüência de elementos indígenas (no Toré) e africanos (no candomblé). O que iremos agora descrever é o que mostra presença de elementos de um e de outro. Naquêles e nestes há também elementos do culto católico romano. Ali temos presente o fogo, a água, o óleo, os santos, o rosário, a cruz, o signo de Salomão, as manifestações dos espíritos bons e dos

(68) QUERINO, Manuel, *A Raça Africana*, Livraria Progresso Ed. Salvador, Bahia, 1955, p. 77: "Lavagem de contas — Dessa data em diante a pessoa, cujas contas foram lavadas, está isenta de perseguições, fica bem de saúde, livre de adversidade e de ser arrebatada pela mãe d'água". A lavagem das contas é preceito obrigado para quem não quer *dar comida à cabeça* ou *fazer santo*".

espíritos maus, a dança, o ritmo, o movimento dos pés, o movimento das mãos, o condutor de tôda a cerimônia e enfim um verdadeiro singretismo religioso.

O terreiro do Castelo funciona há mais de 20 anos nesse local e antigamente, não sabem há quantos anos, na ponta da Várzea (cidade), próximo da Capela de São João Batista. O pai-de-terreiro é Zé Velho também conhecido por Chico do Candomblé, seu nome é José Francisco Carlos. Branco, de 65 anos de idade, "brinca de candomblé" há mais de 45 anos. Disse, aos 18 anos sofrer muito de insônia, vivia doente, entrou então para o candomblé. Viajou até a África a bordo do Maraú, passou lá seis meses, regressando procurou "canzoá sério" para trabalhar. Continuando sua entrevista, disse Zé Velho: "eu não tenho não candomblé porque este requer sete tambores. O meu é toré e eu tenho só um tambor. Só temos dez pessoas que tomam parte no toré. Vim de Aracaju, faz oito anos e entrei para esta brincadeira aqui no Castelo, eu sou vaqueiro do seu Vitor Araújo, e por causa do policiá não podemos batê, há muita perseguição para o meu terrêro".

O dono do terreiro, Zé Velho, apresentou o Presidente da "brincadeira", João Sebastião, vulgo Jajaba, prêto retinto, 36 anos de idade, que disse ter entrado para o candomblé quando tinha seis anos de idade, na cidade de Laranjeira — Estado de Sergipe. Disse ter viajado por Propriá, Aracaju, Estância, Lagarto, Riachuelo, Carmo, Rosário do Catete, onde sempre frequentou terreiros de candomblé⁽⁶⁹⁾.

(69) Jajaba no ser entrevistado disse acerca das perseguições da polícia e que só há um tambor, "não temos tambor grande por causa da galhofa do pessoal daqui. Umás pessoas chamam o nosso terreiro de xangô, outros de candomblé e outros de toré. Em Colégio, é que há um toré. Lá há Toré e encantado. O sol entrou, começa o toré. No Ouricuri — onde há caboclos (índios) se reúne uma vez por ano". Os santos principais para abrir a mesa são: "Santa Bárbara, São Cosme e Damião, senhor São Jorge. Sem estes não pode haver mesa. Não tem imagem em vulto porque não podemos trocá, por isso são em

O terreiro do Castelo dista da cidade cêrca de uma légua. Funciona aos sábados à noite (19 horas), numa casa de barro e telhado de telha portuguêsa. Há uma sala grande na frente, onde está a mesa, medindo 3 metros por 4,50 metros. É "a terrêra" como êles chamam; nessa casa que é ao mesmo tempo residência do Sr. Chico, há mais um quarto, um corredor que liga à cozinha.

Aguardávamos o início quando chegou um filho de terreiro e beijou o solo sob a mesa onde havia no chão uma vela acesa. Deu três beijos. Entre um e outro virava o rosto para o lado como se estivesse auscultando o chão, encostando a testa e ouvindo a seguir no solo. Tal atitude nos faz lembrar a saudação muçulmana.

Na pequena sala "terrêra" há uma mesa coberta por um dossel vermelho, de papel de sêda, todo enfeitado de flôres de papel e algumas fitas é o "Canzoal", onde havia os seguintes objetos: uma estrêla de sete pontas, feitas com os rosários. No centro da estrêla um copo d'água, recoberto por uma toalhinha bordada. Quartinha

quadro". Defumação só fazem às quartas e sábados. Incenso sômente é usado quando vem de Sergipe, fazem então com jurema e alecrim e os colocam no incensador. A defumação é feita só da cabeça. "Quando desce um caboclo eu fico manifestado. O espírito separa-se. Se sae pela esquerda o espírito entra pela direita e se sae pela direita entra pela esquerda. Quem trabalha pela esquerda é para fazer o mal e quem trabalha pela direita é para fazer o bem. A umbanda é do bem é a linha da Rainha de Umbanda filha de Locô, encantado do mar. Tem no mar, todo de uma família só: Janaina, Sereia Estrêla, Sereia Rosa, Talinha, Peixe Marinho, Admim e Bêgue. O Bêgue é menino encantado. Aldela é um centro que êles formam no meio da mata, é uns tabuleiro no meio da mata onde êles moram. As aldeias são de cabôco, de africano, de gêge, de nagô, de índio. São os *espírito de vivo*. Só chegam quando a gente está dormindo. Um espírito de morto chega também no candomblé, mas não chegam muito. E para chegarem leva disciplina, por isso temos a palmatória no canzoá. Malunguinho rei das matas é espírito de vivo, chamam, êle estando dormindo vem. O espírito de morto vem, à pessoa cae, outros ficam adoentados e é preciso que o dono da terrêra arretire. O espírito de morto, depois que leva muita disciplina fica juremado. Fica com mêdo e não faz o que quer fazer. Acorrenta com orações, por meio do livro de São Cipriano. O espírito depois de juremado fica manso e aparece sem fazer estrago. O espírito branco e o de caboclo não se unem, porque o espírito branco é morto e o de caboclo é vivo. O espírito branco é o da pessoa morta só chega na terrêra para fazer presepada. O espírito de caboclo, não".

com água, vidros com azeite dendê, mel de pau, cachaça, uma táboa de 35 por 25 centímetros envernizada numa das faces onde estão desenhados o signo de Salomão (sino Samão) e uma cruz, o signo de Salomão é para os pontos cantados; uma palmatória (lepré) para surrar os que fazem coisas mal feitas, charutos, dois vinténs e um pequeno búzio (caramujo), um cofre, panos, toalhas, cabaça, maracá, alguns presentes que trouxeram: velas, bananas, ovos, um vidro com água bem clara, água benta, isto é, água do mar que é a *Vidência* (a água do mar é sagrada, bebem três goles). Curam, disse-nos o pai-de-santo. Havia um cofre (era um boi de barro de cerâmica de Carrapicho) e três velas acesas, os “pontos”. Cada vela era *ponto* de uma divindade. Na parede encostados quadros de Santa Bárbara, ao centro, por ser o santo principal Senhor do Bonfim, São Jorge, Cosme e Damião, Santo Antônio de Lisboa. Havia também três aventais tricolores com alças, à guisa de bolsas, são as “tanga” ou “capanga”. A pessoa que dança com êles é a “capangueira”. A “capanga” é colocada a tiracolo, um de cada lado. Os aventais nos fazem lembrar os aventais maçônicos, com as abêtas coloridas, dos graus perfeitos. As côres dêles são: vermelho, rosa e azul. Aliás, no candomblé presenciamos alguns gestos, cumprimentos e reverências que nos fazem lembrar certos momentos ritualísticos do templo de Salomão. Há certos momentos no candomblé que se assemelham às provas ritualísticas que os filhos de Hiram praticam ao ingressar e para reconhecimento nos graus filosóficos. Havia uma garrafa com salsa da costa, raíz de velame branco e aguardente. Disse mestre Chico que aquilo é um remédio de lá: “colocam-se aquelas raízes e fôlhas na garrafa de cachaça e a enterram junto à biqueira da casa, três dias. Toma-se banho com êle e também serve para beber como garrafada”. Entrou uma filha de santo e disse boa-noite aos presentes. O pai do terreiro ficou bravo com ela,

rallhou e disse: “não se dá boa-noite a ninguém, faça sua obrigação primeiro que é saudá o canzoá”.

O mestre apanhou uma vela e deixou cair seis pingos dentro do copo d'água. Ficaram sobrenadando e no centro, um pingo de azeite dendê. Chegam mais duas filhas de santo, colocam sôbre a mesa seus presentes: ovos e bananas, para os caboclinhos que descerem. Benzem-se, fazem a obrigação beijando o solo em decúbito ventral, depois cumprimentam a todos os presentes.

Todos os participantes ficam defronte à mesa. Ao centro o Presidente, um prêto retinto, chamado Jajaba; à direita a “luxa ou lôxa”, que é a mãe do terreiro e mais ao lado o pai do terreiro. Fazem pelo sinal da cruz, vai ter início a “brincadeira”, como dizem. A “lôxa” tira o “linho”. Linho é o canto. (Lôxa é dona do terreiro. A contra-lôxa é ajudante. Para se tornar lôxa é preciso que a pessoa que tem o poder de ficar manifestada tome certos banhos e faça determinadas defumações). A “lôxa” é prêta e é espôsa do “dono da terrêra”. Zé Velho é homem branco. Vai ter início o canto. A “lôxa” começa e os demais ajudam a cantar:

*“Abre-te mesa do Rio Verde
Cidade de Jurema
é dos Campos Verde
Santa Terêsa me acenda esta luz
Caboclo de Jurema
vem guiado por Jesus
Meu Deus Sinhô
Jesus pai Criado.
Abre os troncos de Jurema
Senhores Mestres foi quem mandô.
Abre-te mesa do Rio Verde,
Cidade de Jurema
É dos Campos Verde } bis*

A seguir o Presidente balança fortemente um maracá. O tocador de tambor (atabaque) mudando o ritmo de suas batidas, a "lôxa" inicia:

*"Malunguinho, Malunguinho,
caboclo índio reá
abre as portas da Jurema
pro seu mestre trabaiá,
fecha as porta da esquerda
prós contrário não vim cá."*

Repetem êste "linho" três vêzes. Malunguinho é o primeiro caboclo a descer. A "lôxa" o recebe. Ela se torna tôda "esquenza", cabelos desgrenhados, olhos a saltar das órbitas, o lábio e face num ritus, sae cumprimentando aos presentes, dizendo: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo". Estende a mão, cumprimenta normalmente e antes que se separem as mãos do amplexo, segura o polegar do cumprimentado, êste deve fazer o mesmo. Soltam-se as mãos e vai "salvar" (cumprimentar) a outro. Quando mudam de linho, Malunguinho ainda fica "baixado" na lôxa.

Colocam outro "linho":

*"Que bendita seja a hora
que Jesus Cristo nasceu
Ele nasceu em Belém
quem lôva Jesus sou eu."*

Um dos presentes fica manifestado. Ao tomar o "cavalo", o caboclo que "baixou", percebe-se que a respiração do cavalo-de-santo é ofegante. Enquanto manifestado uns ficam de olhos semi-cerrados ou cerrados e outros de olhos esbugalhadamente abertos, quando descem caboclos juremados.

Novo “linho” é pôsto. Jájaba, presidente, assumindo as funções de “pai-de-terrêra” coloca um gorro na cabeça. Começa a cantar.

O côro, isto é, todos os demais membros do candomblé, fazem genuflexão e levantam, movimento que segue o ritmo do canto:

“Ô lirê Ô lirê
ô lirê, ô lirê.”

Esclareceu o mestre Chico que em seu terreiro êles trabalham com caboclos de 27 aldeias.

As mulheres e todos os presentes estão descalços. Antes de se iniciar a sessão, o presidente mandou que elas deixassem os tamancos e sapatos.

Novo “linho” é colocado.

“Salvo, salvo (bis)
salvo os cabôco na aldeia.” (bis)

Cantando em solo o “salvo, salvo” ao que responde o côro “salvo os cabôco na aldeia”. Canto e dança demoram cêrca de meia hora. Enquanto o solista dizia “salvo, salvo”, cada vez que o côro ia cantando, saudava uma nova entidade. As saudadas, foram estas: “Salvo, cabôco da aldeia, Salvo Sinhô Presidente, a Lua, a mãe d’água, Mestre Auxanda, Dona Lindaura, Tupiguari, Seu Capangui, Cabôca Véia, Xapanã, Sossafá, Larigiranda, Senhor da Mata, Aruanda, Velho Pixu, João Sabetudo, Cão da Mata, Na Bahia, Axué, Senhores Mestres, Minha Mestra, Ibari, Quilombá, Igasaca.

O mestre pegou um charuto, acendeu-o e deu-o para a mãe-de-terrêra. Nesse momento tôdas as mulheres foram beijar o chão, enquanto só os maracás e tambores tocavam. Vem uma das filhas e abraça o pesquisador batendo primeiro o ombro direito com o nosso esquerdo

e depois o seu esquerdo com o nosso direito, dando-nos um tríplice abraço.

Mudando de canto começou Jajaba, mestre do terreiro:

*“Santa Bárbara (solo)
Salvando a Deus primêro
O corodá (côro)
Senhor do Bonfim.” (solo)*

Forma-se uma roda. Ela gira em sentido lunar, isto é, sentido inverso ao dos ponteiros do relógio. O canto prossegue. O solista vai dizendo a quem saudar e o côro repete:

“Salvando a Deus primêro, ô corodá.”

Foram saudados pelo solista os seguintes:

*“Salvando nossa Lage Grande
Salvando Sete Encruzilhada,
Oi chegando na minha terra (solo)
Salvando todos os encantado,
Salvando a Deus primeirô, corodá (côro)
Salvando Mestre Janaina,
Salvando o Peixe Marinho,
Salvando o Mestre Capuêra,
Salvando nosso rezadô,
Salvando nossa laje.”*

Enquanto dançavam, uma filha de santo, a contralôca, com o colar de rosário no pescoço, deu-lhe mais uma volta, encurtando-o para ter mais facilidade nos movimentos, foi o que pensamos, mas, informaram-nos que ela ia receber um nagô, daí duas voltas: caboclo é uma volta só.

Mestre Jajaba joga dois vinténs sôbre a mesa (e também o pequeno búzio), olha e continuam dançar.

Ele está olhando para ver se há algum espírito branco querendo entrar na terrêra. Jajaba é o babalaô.

Abre uma lata que está sôbre a mesa e tira uns pacotinhos. Nêsses embrulhos há incenso. Cobriu o copo d'água com uma pequena toalha branca. Entra então um membro do Canzoá com uma lata queimando incenso, incensando as pessoas à altura da cabeça, qual turíbulo, com a latinha fumegante defuma a todos os presentes.

A dança continua e Jajaba continua a cantar:

"A fé que tenho na Santa Virxe."

O côro continua:

"Salvando a Deus primeiro, coroa."

"Quando eu cheguei na terrêra, coroa." (solo)

Cessa o canto. Tôdas as mulheres estão ofegantes, uma delas respira com tanta dificuldade que até parece faltar-lhe o ar.

Logo recomeçam. Disse Mestre José Véio que desceu o espírito de um índio. Ele coloca seu "linho".

Para o canto não há consulta coletiva, mas aquêle que está manifestando canta primeiro e os demais repetem o que êle cantou, ou fazem o estribilho com apenas algumas palavras.

O que estava manifestado cantou:

"E a Jurema gemeu." (côro)

O solo é algo incompreensível como se fôra um gemido.

Observamos que o mestre está com uma boina vermelha. A toalha branca sôbre o copo tem a forma de uma estrêla. É uma linda toalha de linho, bordada cuidadosamente.

Em Laurinda, espôsa do Mestre-da-Terrêra, baixa Julita, a caboclinha. Ela fazia gestos e falava como se fôra uma menina. A seguir juntou a cabeça com a de outra mulher. Explicaram que assim fêz para manifestar as duas meninas.

Novo "linho" foi cantado:

"Oi, na aldeia de samambáia" (solo)
"Eu estava no mato." (côro) (bis)

E o solo alternando, continuou:

"Oi na aldeia pra trabaiaí
Oi na aldeia de arranca tôco,
Oi na aldeia de capangá."

E as filhas-de-santo, batendo um ombro no outro do seu companheiro, continuam cantando:

"Oi trabaio com Exu,
Oi na aldeia de laje
Oi na aldeia de Itapicuru,
Oi na aldeia Zemulu."

Cessaram canto e dança. Todos ofegantes.

Outro "linho" cantado por uma mulher, ajoelhada frente à mesa:

"Quem bebeu Jurema
e logo se embriagô
foi a cabôca véia
é a luxa do Xangô."

"Eu bem que não queria vim
pra que foi que me chamô
foi a cabra véia
foi a luxa do Xangô."

Foi uma senhora que cantou só, sem haver canto de côro. O mestre do terreiro deu-lhe a beber jurema⁽⁷⁰⁾.

Quando baixa a Janaína ela quer beber água. Então a quartinha que está sôbre a mesa lhe é entregue. Dizem que se a Janaína der com um pote grande, bebe tôda água que êle contenha. Por isso mesmo dão-lhe a quartinha. (É interessante ver a relação entre candomblé e objetos de barro, inclusive presentes de “louça de barro ofertados aos pais-de-terrêro”).

Baixa outro caboclo, coloca seu “linho”.

*“E oi a lá de sê. (bis) (solo)
Filho de santo
cai na roda
que dirá você.”*

Constatou-se que dos presentes que estão “brincando” no candomblé cinco são caboclas e cinco são prêtas; um prêto cantador (mestre Jajaba), um branco, tocador de maracá, um caboclo tocador de tambor e um branco tocador de maracá.

Todos vestem trajes comuns e estão descalços. Houve uma cerimônia de tirar os sapatos antes de iniciar a função.

O Mestre-de-Terreiro, até aquêle momento “presidindo” os trabalhos, passou a direção para Mestre Zé Velho (o dono-da-terrêra) homem branco. Jajaba cruzou o braço duas vêzes, levantou as mãos e os maracás soaram, e deu início a um canto. A melodia foi “botada” e agora o solista só se exprime por sons guturais, incompreensíveis, ao passo que os demais em côro, cantavam:

(70) ANDRADE, Mário, apud Alvarenga, Oneyda, *Catimbó*, op. cit. p. 10: “Esta árvore brasileira fornece aos catimbós uma “bebida estimulante usada exclusivamente na cerimônia e ainda se emprega como estupefaciente místico, fumada em vez de bebida (...). E também existe no catimbó o reino da jurema, que é uma das regiões bemaventuradas dos ares”.

“Vamo guerreá”. Foi o Caboclo Guerreiro que se manifestou. O mestre apanha uma espada de madeira e entrega a Jajaba nesse momento manifestado nêle o Guerreiro. Segura a espada com a mão direita e na esquerda um quadro com a imagem de Santa Bárbara. A espada tem no copo amarrada uma fita vermelha. Fica sòmente o Guerreiro no centro e os demais presentes cantam, enquanto Jajaba executa uma dança magnífica, uma das mais linda peças coreográficas nativas a que temos assistido. Surpreendente! Os movimentos, os saltos dão-nos a impressão de que êle levita. O canto vai num crescendo, há um verdadeiro paroxismo, uma verdadeira histeria domina a todos. O solista encosta a espada na cabeça de um dos presentes e êste fica manifestado. O caboclo Guerreiro manifestou-se e nêles manifestaram-se outros guerreiros da família dêle. Terminou a dança verdadeiramente frenética. Espetáculo inesquecível de uma coreografia complicada e invulgar.

Baixa num rapaz amulatado claro, o caboclo Dêú⁽⁷¹⁾ que dizem ser um menino lambão. Apanha um ôvo, quebra-o na testa e come-o cru. Enlambuzou-se todo. Começou a lamber as mãos e dedos. Alguns dos presentes assim se referiam: “Você é lambão”. Uma outra pessoa dá a Dêú uma banana. Êle a esmaga entre os dedos e a esfrega com as mãos, depois começa a lamber os dedos e a mão. Outra pessoa referiu-se ao caboclo que tinha baixado: “Você é seboso Dêú”.

O Dêú é um caboclo menino, cantou algo incompreensível e o côro respondia: “Oi Cosme e Damião”, outras vêzes, cantavam: “Cosme cadê Damião”. Agora

(71) Grafamos Dêú e não dôú como é grafado por Roger Bastide, Edison Carneiro (Candomblés da Bahia, p. 40), porque foi assim que o ouvimos pronunciado. Aliás, em nossas gravações em fita magnética, feitas *in loco* verificamos exatamente a pronúncia local de Dêú.

BASTIDE, Roger, Contribuição ao estudo do Sincretismo Católico-Fetichista, *Sociologia*, n.º 1, Boletim LIX da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, U. S. P., São Paulo, 1946, p. 20.

todos cantam e batem palmas para os três meninos, Dêú e os anárgiros, também chamados “os meninos gêmeos”:

“Cadê Dêú? (solo)

– Cosme, Damião.” (côro)

“Dêú na aldeia, (solo)

– Cosme e Damião.” (côro)

“A estréla d'alva (solo)

– Cosme, Damião.” (côro)

“A papa-ceia (solo)

– Cosme, Damião.” (côro)

“Cosme, cadê Damião?

– Damião vem d'Arunanda.” (côro)

“Cosme, cadê o Damião? (solo)

– Vem vencê linha d'umbanda.” (côro)

Continua o canto enquanto o mestre joga os vinténs e o pequeno búzio para ver se há algum espírito branco. Novo canto, o mestre pede ao tocador de tambor: “quero batida de nagô”. É um ritmo diferente que até agora vinham batendo e o canto é mais agudo, algumas vezes em falsete. Desce um caboclo e bota seu “linho”:

“Sou um caboclinho

que veio de aroêra (bis-solo)

quando eu chego na terrêra (côro)

eu não gosto de brincadêra.”

Mestre Jajaba foi trocar de roupa, ao chegar arregaça a calça, até à altura do joelho, como para dançar toré. Retira tudo que há nas algibeiras, porque os caboclos não querem que tenham qualquer coisa nos bolsos.

Desce outro caboclo e põe o seu “linho”:

*“Tava sentado
lá no pé de emburama (bis-solo)
batendo meu toré
Brincando com as caninanas.” (bis-côro)*

Mestre Jajaba benze as mãos com azeite dendê, faz uma cruz nas palmas das mãos e nos pulsos, depois coloca as mãos na chama da vela. Agora só há duas velas acesas. Uma terminou.

Baixou um africano nagô, chamado Herculano. O que fala é incompreensível, dizem ser em língua nagô. Está apoiado num bastão. Seus gestos são de um negro idoso, capengando, vem saudando os presentes: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Tem início o canto do “linho” do africano nagô. O solista vai proferindo parte do seu “linho” e o côro intercalando canta:

O solista canta:

*“Vim dançá cururu
negro macumbeiro
negro de macumba
negro feiticeiro
negro de macumba
dentro do xangô
negro de minha terrêra
oi negro do fandango.”*

Depois o solista canta outras coisas incompreensíveis. Baixa um caboclo e o chamam de “seu Peixoto”. Vários ajoelham e pedem-lhe benção, beijando-lhe a mão (do manifestado). Deram-lhe uma garrafinha com cachaça. Segurou um quadro de Santa Bárbara e beijou a testa da “mãe-de-terrêra”, em quem se manifestou o seu Peixoto. Uma pede-lhe a benção, ela cruza as duas mãos sobre a sua cabeça.

Terapêutica ritual

A seguir mestre Jajaba pede uma batida para Xapanã⁽⁷²⁾. Começa o canto em solo:

*“Olariô, lecô
êle é pai de fogo.” (solo)*

O côro canta, alternando:

*“Olariô, lecô
Xapanã de fogo chegou.”*

O solo prossegue:

*“Olariô, lecô
êle vem de Aruanda,
fazê obrigação, lecô,
fazê devagá, lecô.
Olariô, lecô
já deu meia noite,
olariô, lecô
o galo já cantô.”*

Enquanto estão cantando entra Mestre Zé Véio, “pai-do-terrêro” com dois tições de fogo, um em cada mão. Vem dançando, pulando, sapateando. Faz os cumprimentos para o Canzoal e depois quebra os tições deixando as brasas no chão. Apanha uma brasa viva, a mastiga e come enquanto dança sôbre as brasas, apagando-as tôdas. Antes de retirar-se cruza os braços três vêzes, defronte do canzoal.

(72) NINA RODRIGUES, R., *Os Africanos no Brasil*, Brasillana, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1945, p. 362. “Chaponan, o orichá ou deus da varíola, um dos mais conhecidos. É antes uma divindade das pestes ou epidemias e em particular da varíola. A extensão do culto dêste orichá entre nós é verdadeiramente extraordinária. Em épocas epidêmicas, a cidade apresenta-se coberta de sacrifícios — milho torrado com azeite de dendê e pillado ou não, que são lançados em todos os pontos em que as ruas cruzam”.

O solista com o colar a tiracolo balança o maracá. Há silêncio e éle determina que os pedaços de carvão que ficaram devem ser recolhidos e lançados n'água do rio, onde ninguém mais possa pisá-lo. Dada a ordem cruza os braços três vêzes.

Há um pequeno intervalo de dois minutos, quando Mestre Jajaba dá um viva a Santa Bárbara. Baixa o caboclo Tupinambá. Enquanto o manifestado sola, o côro canta:

“Ê Jurema”

O solista vai alternando:

*“Oi êste santo é de Jurema,
oi o tronco da jurema
oi a vorta da jurema,
êsse tombo é jurema,
oi o tombo da jurema,
com a fôrça de Jesus,
Nosso Pai Celestial.”*

O manifestado tomou um cálice de jurema. E o canto prosseguiu:

*“A folhinha da jurema
nós vamo apanhá.”*

Os demais cantadores e dançadores lançaram um novo estribilho:

*“A folhinha da jurema
a fôlha da jurema.”*

E assim fixou o canto, aliás o novo estribilho para a mesma melodia. Saindo o caboclo Tupinambá, manifestou-se o caboclo Capueira. Foi festejado. Cantou-se seu “linho”:

*“Minha santa Bárbara
eu já vô imbora
pra Jerusalém
está chegando a hora.”*

O côro repetiu-o. Depois, defronte à mesa cantou:

*“Senhora luxa
eu já vô imbora
para minha aldeia,
está chegando a hora.”*

Nesse interim uma filha-de-santo parece desacordar. Tem uma estremelique e atira-se de costas no que é segura pelos demais. Mestre Jajaba toma uma vela e derrama um pingo de espermacete em sua testa e em cada pulso, primeiramente no direito e depois no esquerdo.

Voltam a cantar, os maracás batem freneticamente, o manifestado canta:

*“De terrêra
eu já vô imbora.”*

As mulheres cantam:

*“Santa Bárbara
eu já vô imbora
para Jurema
tá chegado a hora.”*

O manifestado pegou nós dedos de um filho-de-santo e puxou-os para baixo, estalando-os. Saiu o caboclo. Mestre Jajaba fica novamente manifestado, diz: “E viva todos orixá”. Chegou um caboclo, índio. O canto é quase incompreensível. O solista assim canta:

*“E nha ê, nha ê, nha ê
ê nha ê, nha ê, nha á.”*

O solista alterna com o côro:

*“Caboco índio
que anda fazendo aqui?
Ai, ando na terra aléia (bis)
procurando minha ciência.”*

O solista repetia seu “nha ê” e o côro cantava:

*“Com fôrça de Jesus (bis)
Nosso Pai Celestia
Com a fôrça de Jesus (bis)
Nosso pai Oxalá.”*

O índio começou a fazer o gesto de que está atirando com arco e flexa. Explicou o “presidente” que êle quer um arco para brincar e que não estão prevenidos para dar-lhe o arco e flexa. Uma pessoa caiu no chão, e Mestre Jajaba cruzou as mãos em cima para que ela se levantasse. Disse o presidente que se não cruzar, não se levanta. Uma pessoa que ali estava, que não é filha de terreiro, cai estatelada no chão. Disseram que foi um espírito branco que a tomou. Deu trabalho para que ela voltasse. Estava estirada no chão, a face repuxada e o corpo retesado. Examinámo-la. Estava rígida. Outra pessoa caiu por cima dela para domar o espírito branco. O dono da “terrêra” disse que aquilo tinha acontecido porque é uma mulher faladeira. Antes de tirar o dono-da-terrêra disse: “quero saber quem é êsse filha da... espírito branco, que por aqui veio?” Lidou para retirá-lo, não conseguindo. Pediu a um dos presentes que lesse um trecho do livro. O livro é o de São Cipriano e está sôbre a mesa. Nosso companheiro de visita ao candomblé, Dr. Antonio Machado Lobo, Prefeito de Piaçabuçu, leu um trecho qualquer do livro. O espírito branco despachou-se. O dono-da-terrêra dirigindo-se a nós disse: “espírito branco aqui não brinca”.

Baixa outro caboclo, bota seu "linho":

*"Entrada de jacutáia,
eu vi dois índio reá,
eu estava trocando frexa (bis)
no portão de Juremá."*

Algumas observações mais colhidas enquanto dançam: o solista Jajaba tem uma gola pregada em sua camisa comum, com alfinêtes de gancho. Disse que há 8 anos êle bate "terrêra" aqui, já bateu em Bonito, disse ainda que Mestre Zé Véio sofre muita perseguição da polícia. O atual delegado não o tem perseguido, pois quando precisa de uma montada para seus soldados, vai pedir-lhe por empréstimo. Dizem que Jajaba tem três mulheres, vive com as três: Clotilde, Julita e Maria. Afirma que pode viver com as três porque nenhuma delas recebe o mesmo orixá, não há proibição. Enquanto assinalávamos as observações acima, desceu Zé Baiano, manifestando-se numa filha-de-santo. Zé Baiano foi um cabra de Lampeão, morto pelos soldados. Dizem que êle "ferrava as mulheres na cara". (Marcar com ferro em brasa). É um espírito branco que está sendo juremado. Cada vez que desce está sendo disciplinado, juremado como dizem, apanha de leprê (isto é, palmatória).

Quando Zé Baiano estava se manifestando, no canto contou sua história, tendo morrido sob o pé de uma juremeira, onde foi assassinado porque estava bêbedo. Cantou-se então:

*"Que alegria
que alegria
o Zé Bahiano (bis)
vem chegado da Bahia." (bis)*

*"No tempo que era vivo
eu fazia minha perversidade (bis)*

*eu pegava as criancinha
e as unia na ponta da espada.”*

*“Só me mataro
porque estava bêbo
estava arriado
num tronco de juremá.”*

*“Adeus, adeus,
o Zé Bahiano vai s'embora
fique com Deus
e Nossa Senhora.”*

*“Adeus, adeus eu vou voano
quenem um passarinho,
acabô-se a festa
desmanchô-se o ninho.”*

*“Adeus, adeus
Zé Bahiano
vai embora.”*

Cantou o manifestado, solando e o côro a seguir cantou:

*“Adeus, adeus
Zé Bahiano foi imbora
fique com Deus
e Nossa Senhora.”*

Nas indicações antropomórficas de alguns caboclos, pode-se perceber que são caracterizados com os traços que tinham aqui na terra. Por exemplo, Zé Bahiano vem com sua roupa de couro, o uniforme de “cabra macho” do bando de Lampião. Vem alegre e infundindo alegria aos presentes através de seu linho que é vivaz, o que não é comum no toré, um convite à dança.

Desceu outro espírito branco, o de Maria Bonita, mulher de Lampião. Ela também está sendo juremada.

Foi cantado por Maria Bonita, que nada disse a não ser uma vez manifestada, procurar a todo custo uma arma, uma peixeira, um punhal, para brincar:

*“Vamos’imbora
para a terra da Conceição (bis)
Maria Bonita (bis)
dentro dêste Canzoá.”*

*“Raio e Corisco
travejei e trovoada
Ai Maria Bonita
dentro dêste Canzoá.”*

Retirou-se Maria Bonita que se manifestou num homem, um mulato claro, irmão de Jajaba:

Outras notas sôbre candomblé:

“Quando alguém abusa ou quer fazer qualquer mal”, disse Zé Véio, “eu chamo a serpente e ela vem por aí se arrastando para qualquer um”. Tomou uma quadro onde há a imagem de São Jorge e mostrou a serpente que está dominada, ao lado do dragão, pelo grande santo dos candomblés — São Jorge Guerreiro.

— A dança é feita com o pé todo no solo, sendo a batida forte feita com o calcanhar, mas o que bate ao solo com predominância é o calcanhar. Ao mudar o pé fazem apoiando-o na ponta.

Uma môça teve uma dor. O dono-do-terreiro para curá-la colocou um pingo de vela na testa da mocinha, quando ela estava manifestada. “Isso é para que o espírito fôsse e levasse a dor junto”.

— Exu é o espírito do mal, espírito mau, para o mal.

— Os que praticam o candomblé ou toré em Piaçabuçu, continuam a frequentar a igreja, assistir às missas,

batizar seus filhos na religião dominante. Vários inquiridos dizem que “aquilo para mim é uma brincadeira e a igreja do padre é a religião”.

Zé Véio disse que trabalha com 27 aldeias, de cada uma vem um caboclo. Jajaba ontem afirmou que êle brinca com 62 aldeias. Uma filha-de-santo entrevistada disse: “quando se manifesta, sendo espírito branco, fico fria, quando eu recebo caboclo eu fico quente e até suo. O meu espírito se afasta, fica de banda. Quando recebo espírito branco, a gente fica com os olhos fechado e o espírito juremado com os olhos aberto. Com o espírito cabôco com os olhos aberto”. Disse mais que: “Cigano Metério é do Egito e só gosta de vinho do Pôrto, jurubari é para caboclos índios. Outra que aqui baixa e gosta muito de mim”, disse a informante “é a Francisquinha, é neta de nagô da Costa d’África.” Para se tornar mãe-de-santo tem que ficar seis meses sem marido (abstenção sexual), como dizem “agora tô rezando”. “Quando a gente está com rosário no pescoço não se pega espírito branco. Quando a gente pega um ‘cabôco de casco’ a gente se morde todo. Enxuquerê é um cão (diabo) pretinho e só serve para fazer o mal. Êle tem mêdo do rosário”.

Apenas como ilustração inserimos os versos cantados no Xangô do Alto da Paciência:

*“Oi vamos apanhá guabiraba
lá na mata da Juremá.”*

*“Arubũ da serra negra
não aliza mais a pena,
Oia o reis, coam, coam...”*

*“Si tu tá arrependido
qu’eu já vô te levá,
uma tijela miudinha, engraçadinha
lá nas onda do má.”*

*“Umbanda, umbanda,
Trabalhando nessa mesa de umbanda.”*

*“São Jorge é bom cavalêro
é facêro no andá
quem não faz o que êle manda
êle dá e torna tomá.”*

*Pois eu venho na minha barquinha
lá pela onda verde do má,
eu venho de longes terra
o meu barco já pode navegá.”*

*“Cabôco de Mina sô eu,
eu venho do meu juremá,
eu venho de terras longe,
meu barco é do verde má.*

Para fechar o canzoal, cantaram:

*“Oi viva São Cosme, São Damião,
o dono da mesa é o Jurubatão.”*

*“Nos dá um bom oxílio
pá mesa do Ajucá.
Um é a ré um. (bis)
dois é um a ré á,
três é um a ré um,
cinco um a ré á.”*

Neste candomblé, xangô como disseram, notamos muita semelhança entre as melodias dos “linhos” e as da Marujada (Chegança de Marujos).

Ao ouvirmos as saudações a Cosme (73), lembra-nos que os dióscuros são patronos da classe médica.

(73) CASTILHO DE LUCAS, Antônio. *Folklore Medico-Religioso, Hagiografias Paramédicas*, Madri, Espanha, 1958, p. 67, e do mesmo autor — *Folkmedicina* — Editorial Dossat, S. A. — Madri, 1958, págs. 180-183.

São irmãos, um era médico e outro farmacêutico, simbolizavam a união que deve haver entre médico e boticário. São gêmeos, andam sempre juntos e quando baixam no terreiro do candomblé, duas pessoas os recebem: "São Cosme e Damião, juntos vem e juntos vão". A êles fazem grandes festas nos candomblés a 27 de setembro de todos os anos, aproveitando a data do agiologio católico romano.

Num dos candomblés de Piaçabuçu, onde notamos também o sincretismo com o Toré, a constituição dêle era a seguinte: Presidente — Antonio Porffrio Santana, Pai do terreiro — José Francisco Carlos, Lôxa-auxiliar — Maria Doralice, Dona do Terreiro — Maria Senhorinha dos Santos, Filho de Santo — José dos Reis, Filhas de santo que estão sendo "feitas" (havia várias Marias Conceição). O pesquisador foi escolhido "ogam" do terreiro e aceitou o pôsto de honra que lhe foi confiado.

MEDICINA EMPÍRICA

Medicina empírica é a que se utiliza das ervas, das comidas especiais, das massagens, dos banhos, dos excretos, com o fito de restabelecer a saúde. A fitoterapia é largamente utilizada: das plantas, tôdas as partes, dumas as raízes, doutras o caule, a casca, fôlhas, flôres, frutos, sementes e resinas. Tanto na medicina mágica, na religiosa como na empírica, as plantas não curam por causa de suas qualidades terapêuticas, mas principalmente pelas suas "virtudes" e para que não as percam, necessário se faz submetê-las quando no preparo dos remédios a certos rituais. Quando praticam defumações utilizam-se de plantas colhidas em determinados dias e luas, fugindo à obediência de tais determinações e preceitos resultará na sua ineficácia. O que não se deve desprezar é o valor da sugestão que acompanha estas puçangas tôdas.

Fitoterapia

A fitoterapia é em parte herança que os índios nos legaram. Dêles recebemos a maioria dos nomes das plantas e suas utilidades e ainda utilizam suas experiências na farmacopéia rústica.

A fitoterapia é em parte influência do índio porque nem só êle se curava com as plantas, podemos reforçar a asserção reproduzindo Sérgio Buarque de Holanda⁽⁷⁴⁾: “Não faltam, finalmente, aspectos de nossa medicina rústica e caseira que dificilmente se poderiam filiar, seja a tradições européias, seja a hábitos indígenas. Aspectos surgidos mais provàvelmente das próprias circunstâncias que presidiram ao amálgama dêsses hábitos e tradições. A soma de elementos tão díspares gerou muitas vêzes produtos imprevistos e que em vão procuraríamos na cultura dos invasores ou na dos vários grupos indígenas. Tão extensa e complexa foi a reunião dêsses elementos, que a rigor não se poderá dizer de nenhum dos aspectos da arte de curar, tal como a praticam ainda hoje os sertanejos, que é puramente indígena — e só nêsse sentido se torna explicável a opinião de Martius — ou puramente europeu”.

Joaquim Ribeiro⁽⁷⁵⁾, no capítulo sôbre Medicina Popular, afirma: “A medicina do Bandeirante tinha de ser a mesma ou quase a mesma do selvagem. Na cidade, é certo, valia-se de cirurgiões e “curandeiros”. Nos matos, nos ermos sertanejos só havia uma única farmácia: a flora”.

(74) BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio, *Caminhos e Fronteiras*, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1937, p. 90.

(75) RIBEIRO, Joaquim, R., *O Folklore dos Bandeirantes*, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1946, p. 87.

Na medicina popular brasileira posteriormente apareceu a influência negra⁽⁷⁶⁾, destacando-se entre as plantas o uso da maconha (Ver *Apêndice n.º 6*), do azeite dendê e uma lista grande de comidas curativas e alimentares outras: quiabo, gerimum (abóboras e morangas), o xuxu (que faz baixar a pressão arterial) azeite dendê, nós de cola e o caterê ou galinha de Angola. O tabagismo (Ver *Apêndice n.º 7*) é herança indígena, mas a fumação não podemos dizer seja de origem brasílica, pois a prática da defumação é também encontrada entre os africanos e mesmo entre os brancos. Afinal, queimar incenso é defumar. Os europeus certamente aprenderam com os indus, pois êstes queimavam ervas olorosas ou estêrco com a finalidade de afastar os espíritos, afinal, limpar o ambiente para propiciar melhor momento de religiosidade é o que se visa nos templos católicos, tendas ou terreiros, quando se queima incenso ou alecrim e jurema (V. Figs. 14, 15 e 16, no fim do volume).

Ao lado do conhecimento generalizado das plantas e de seu poder medicinal pela maioria de seus moradores, há na comunidade o hábito de se ter em casa, na horta, ou mesmo quando esta não exista, uns poucos pés de ervas medicinais para os remédios de emergência, para o preparo dos chazinhos e outros "remedios".

É bem provável que o hábito de cultivar ervas medicinais nas hortas das casas tenha provindo dos portugueses que além de introduzirem plantas européias⁽⁷⁷⁾, "da Índia várias espécies de Scitaminias foram trazidas

(76) NINA RODRIGUES, R., *O Animismo Feitichista*, op. cit., p. 97. "Mas não se creia que só negros e ignorantes frequentam os terreiros e candomblés em busca de tratamento aos seus males. Todos nós médicos sabemos a frequência com que os doentes, à revelia do assistente, ou despedindo-o sob o pretexto mais fútil, vão se entregar aos cuidados feiticeiros, vão se tratar com folhas do mato, no eufemismo da frase consagrada".

(77) MARTIUS, C. F. P. von e Spix, J. B. von, *Viagem pelo Brasil*, I vol., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938, p. 260.

às chácaras dos portugueses e são quase tôdas empregadas como remédios". A afirmação de Martius nos revela, por outro lado, que nem tudo que sabemos da fitoterapia foi ensinado pelo índio.

O **chàzinho** é um remédio para tôdas as idades, tomado desde o recém-nascido até o adulto nas vascas da agonia. Quase sempre adoçado com açúcar, raramente não é doce ou leva uma pitada de sal; tomado túbio ou quente. Em geral quente requer resguardo, túbio ou frio, não.

O **chàzinho** é preparado com água fervida, portanto, esterilizada. Algumas vêzes, coloca-se a parte da planta (raíz, fôlha, semente etc.) n'água e leva-se ao fogo até ferver, outras, espera-se a água ferver para mergulhar os "preparos". Às vêzes, o **chàzinho** precisa levantar uma, duas ou três fervuras; há também indicações de que é o bastante levantar uma só vez e a seguir abafa-se, isto é, retira-se do fogo colocando-se uma tampa a fim de reter vapor d'água fervente. Ao registrarmos, mais adiante, os "preparos" da banca do raizeiro, o leitor terá a indicação das plantas usadas nos **chàzinhos** e outros.

A **meizinha**⁽⁷⁸⁾ é remédio preparado à base de plantas levando de mistura mel de abelha. Em geral é só para crianças. As plantas mais usadas: puejo, hortelã, macela e camomila.

Lambedouro é feito com açúcar. Leva-se ao fogo água e açúcar, ferve-se até tomar consistência vítrea. Coloca-se geralmente sôbre uma fôlha ou casca medi-

(78) O significado de "meizinha" na comunidade difere daquele registrado por Fernando São Paulo: "Meizinha — tão somente corresponde a tôda substância, a elemento químico, destinado a referida finalidade". *Linguagem Médica Popular no Brasil*, 2 vols., Rio de Janeiro, 1936. O A. assinala outro vocábulo — "remeido — é qualquer agente, é tudo que extingue ou minora o sofrimento".

cinal, expõe-se ao sereno por três noites seguidas e depois dá-se para a criança lamber.

A garrafada é preparada com o cozimento de fôlhas, raízes, de sementes é enfim uma mistura de várias ervas. Geralmente adoçada com açúcar e de preferência o prêto ou mascavo. É remédio de adulto e principalmente de pessoas do sexo masculino. Em "Doutor de Raízes" anotou-se uma receita onde o leitor poderá ver as plantas empregadas numa garrafada.

O cataplasma nesta região é em geral feito com farinha de mandioca (no sul o comum é com fubá, no Estado de São Paulo, por exemplo) misturada com raspas de raízes ou cascas moídas ou sementes e fôlhas trituradas. Emplastro tão quente que às vêzes chega a queimar a epiderme.

Os tópicos diferem dos cataplasmas porque são frios e na sua composição levam em geral graxa, gordura de animais ou vegetais de mistura com sementes ou outras partes da planta, trituradas, são os unguentos. Muitas vêzes o tópico é apenas a graxa de um determinado animal: gordura de cascavel para reumatismo, sêbo de carneiro. A excretoterapia utiliza-se muito nos tópicos, por exemplo, cêra de ouvido no local donde se tirou um bicho de pé, para não arruinar, fel de boi para tirar estrepe, têia de aranha com unto no corte, no umbigo do recém-nascido. Razão do mal de sete dias, tétano umbilical.

Na comunidade, o sal é largamente usado como remédio. Elemento indispensável que se reveste de caráter sagrado nas cerimônias religiosas desde prístinas eras e ainda está presente no ritual de batismo na igreja católica romana. Nas antigas cerimônias oficiais dos persas era o sêlo da imutabilidade do juramento; ao sal foram comparados os discípulos do Cristo; dêle nasceu o salário,

mais valioso do que a moeda. Elemento de tanto valor foi também utilizado como remédio. O próprio monopólio do sal no Brasil⁽⁷⁹⁾ foi certamente um dos fatores favoráveis para que o povo lhe emprestasse maiores poderes mágicos e terapêuticos. Ao mudar de casa êle é o primeiro a entrar e é levado cuidadosamente para o seu lugar definitivo na cozinha. "O sal no saleiro" ao entrar em casa deve ser o primeiro". É cousa que não se pede e nem se dá emprestado, *troca-se*.

A finalidade curativa do sal é largamente empregada na comunidade: para dôres de dente, salmoura. Para gargarejo, nas compressas de salmoura sôbre qualquer choque traumático que se leve, a presença do sal é o indispensável agente curativo: "Sal, limão e pólvora é tiro e queda para impingem".

Há também as curas mágicas: para curar berrugas, passar sal sôbre elas e lançá-lo depois ao fogo. Uns aconselham sair correndo para que não se oiça os estálidos. Não os escutando sarará.

É para as ondas do mar salgado ou sagrado que os benzedores enviam os maus olhados e invejas o que não é desejado é endereçado para um lugar tão distante onde também não se ouve o canto do galo. É o poder do sal, capaz de quebrar todos os encantos e prender as doenças ou espíritos indesejáveis. É nas ondas do mar sagrado que os membros do candomblé vão banhar-se, pois elas têm um poder todo especial do sal para quebrar os encantos e reforçar os poderes. Há candomblézeiros que tomam trinta e três ondas e se retiram a seguir. E estava feita "obrigação", dizia Bento Silva, fumando um vasto charuto na praia.

É com o sal, que nos três cantos de uma casa se faz o seguinte processo de purificação e afastamento de pe-

(79) ELLIS, Myrian, "O Monopólio do Sal no Estado do Brasil" (1831-1801), *Boletim* n.º 14 da Cadeira de História do Brasil, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1956.

rigos, ao atirar pequenas pitadas a pessoa diz: “Em nome da Virgem e todos os santos, que sejam quebrados todos os encantos”.

Os purgantes — o mais comum é o óleo de rícino, já usado no Egito para curar prisão de ventre⁽⁸⁰⁾. É remédio para tudo.

Em Piaçabuçu, qualquer doença já se sabe — purgante no doente. Para qualquer dor de cabeça, mal estar passageiro, lá vai purgante. “Há dias uma senhora sofreu uma batida sôbre o supercílio esquerdo, imediatamente o olho ficou vermelho. Noutro dia para acabar com o vermelhidão do olho, entrou no purgante. Ainda purgante é remédio para tudo e, em tom jocoso, acrescentou o informante: o olho continuou vermelho”. Tomado para declarar a doença.

Vomitório — o mais comum é o de ipeca (*cephaelis ipecacuanha* Rich) papaconha como dizem, a poáia (outro nome popular de ipecacuanha), preparada na casca de laranja que se leva ao borralho.

Suadouro. — Às vêzes não é apenas o cházinho que serve para provocar a exsudação e sim a combinação de várias ervas, tomadas à noite e noutro dia precisa resguardo. A quebra do resguardo, neste caso, afirmam, traz conseqüências sérias, até a lepra. “Quem abusa de resguardo de suadouro pode desmanchá a massa do sangue, fica co’a a doença de São Lazo (Lázaro)”. A sudoterapia é largamente empregada pelos adultos.

O “Doutor das Raízes” é o primeiro a fazer certas recomendações a respeito dos rituais, das observâncias que precisam ser tomadas no preparo, aplicação ou uso do remédio e do “resguardo”.

(80) LIBERALI, C. H., “O Rícino na Antiguidade”, Separata da *Revista Flora Medicinal*, Ano VIII, n.º 8, 1941.

Excretoterapia

A excretoterapia lança mão de excretos para promover a cura de determinadas doenças: urina para curar machucaduras internas, leite de peito para doenças da vista ou lombriga assustada, misturado com alho macerado, o primeiro cuspo da manhã para curar feridas bravas, bem como fezes quentes de vaca, “jasmim do campo” (fezes de cães) para curar sarampo, esperma, muco nasal, cêra de ouvido etc. Na magia positiva dois excretos são largamente usados: catameniais e fezes humanas. Estas “práticas imundas” ainda tão comuns em nosso país, a história nos conta que eram observadas e praticadas pelos egípcios. O uso do excreto para curar não é simples influência do nosso índio, os europeus já o empregavam. Tão vasto é o assunto e seu uso no Brasil que há um livro de folclore sôbre tal medicina do povo⁽⁸¹⁾.

Vários são os remédios feitos com fezes humanas. Desde o mecônio — “ferrado” dos recém-nascidos — onde o fluído vital parece ser mais forte do que os do adulto. Dos animais e aves também são utilizadas medicinalmente.

Cobra mordeu, não sendo “curado de cobra” está mesmo exposto a ser ofendido e até que o curador chegue, bebe fezes humanas dissolvidas n’água ou querosene e coloca ôvo cozido sôbre o local.

Apareceu no rosto algumas espinhas malignas, nada melhor do que as próprias fezes ainda quentes.

A urina humana tem maior número de emprêgos na excretoterapia: cortou, feriu-se, lavar o local com a própria urina; para dor de dentes “a bica do remédio

(81) ANDRADE, Mário, *Namoros com a Medicina*, Ed. Globo, Pôrto Alegre, 1939.

está a três palmos abaixo” é só aparar e bochechar; para terçol, urina de menina, serve também para outros males da vista, pois Santa Luzia abençoou a urina, dizem; caiu, machucou-se internamente, no ventre, beber urina; abelha ou marimbondo pegou, urina misturada com fezes de galinha; para curar icterícia, urinar num trapo e colocá-lo no fumeiro ou num casco de côco e deixá-la ao sol, quando evaporar tudo, o doente estará são; espinha arruinada, lavar o rosto com urina de criança do sexo oposto ao do doente, repetir três, sete ou nove dias. A primeira urina do recém-nascido cura lepra. Para a mãe ser feliz a vida tôda deve passar a fralda com a primeira urina, no seu rosto. No caso de erisipela, colocar urina quente do pai ou da mãe na perna, sempre o progenitor do sexo oposto ao do doente.

A urina, fonte de remédios usados para várias finalidades curativas, pode ser usada para fins destrutivos: “mijar na porta de alguém em cruz, para atrazar na vida”. Observam, no entanto, três cousas perigosas: não se deve urinar no fogo, n’água e nem do lado que o sol está, certamente prejudicará tal fonte vital: secará a urina, ficará com dôres na bexiga, quem urinar no fogo, e na água e contra o sol é pecado. E a maior afronta é prometer que vai “mijar na cova”, isto é, na sepultura.

Ainda na excretoterapia há os remédios feitos com as fezes de animais: bosta de vaca ainda quente misturada com mel de abelha ou azeite dendê ou óleo de côco, para queimaduras. Do mesmo animal, dissolvida no leite para curar asma. E para geofagia nada melhor do que urina de vaca mistura com leite. O pai de uma menina que comia terra nos deu esta informação. Ele é “sãopauleiro”, isto é, já residiu em São Paulo, e ao nos contar o remédio disse: “O leite fica com o mesmo gôsto e cheiro do leite que se bebe em São Paulo”. Adiantou-nos também: “Eu curei a minha maleita bebendo urina de

vaca na cachaça e mais junça e pó de café de fedegoso. Deve-se tomar na hora que bate a tremedeira. Urina de vaca é um remedião, é preciso saber empregar, não vê que até para alvejar roupa ela serve, ela não é adubo também? O que não presta é pisar na urina dos animais, dá mijação nos pés”.

Do cão, o “jasmim do campo” para curar sarampo e varíola, é remédio clássico...; do coelho, da cabra, as fezes também são medicinais e do gato para curar terçol ou apenas esfregar o ânus do felino no olho. E das aves: do papagaio para curar dor de ouvido, do corvo para males do estômago, de galinha para curar espinhas do rosto... e os jovens usam-na porque também faz crescer o bigode. A pessoa tendo unheiro, lá vai o dedo para dentro do ânus do galo ou melhor da galinha choca, por ser mais quente.

Aliás, não deixa de ser excretoterapia o introduzir o dedo na vagina da mulher quando é picado por abelha, vespa ou marimbondo e usar o pano do período catamenial para enrolar o dedo doente.

Na excretoterapia há também remédios feitos com sangue, por exemplo, o de boi para curar tuberculose, ir até à matança (matadouro) e tomar um copo na hora do animal ser sangrado; sangue de tatu no banho para curar sarnas e com êle ainda se prepara uma pasta que nos faz lembrar o “sangue de saturno” preparado com o sangue de basilisco, remédio tão disputado na Idade Média. Com o sangue de galinha prepara-se uma bebida especial usada no Toré de Piaçabuçu, uma bebida só para iniciados.

Os excretos, fezes de boi, são usados para defumação, cuja finalidade é afastar os ares maléficos, os espíritos errantes.

Saliva, cuspo da manhã, isto é, logo que se levanta, antes de falar qualquer palavra, cuspir sôbre a ferida, é remédio.

Dar a ferida para cachorro lambar, pois êle é animal que Deus ama. São Lázaro era lambido por cachorro. Não dizem cão, porque êste vocábulo, na região, é sinônimo do diabo⁽⁸²⁾. Animal de Deus é o cachorro.

Cuspo é sagrado, é curativo. Quando escarram no chão, passam o pé em cima para que o Cão⁽⁸³⁾ não se utilize dêle para o mal. "O que é que o rico guarda e o pobre joga fora? É a adivinha popular sôbre o muco nasal. Joga fora mas cobre logo e quando querem fazer o *mal feito* para uma pessoa rica é fácil, é só apossar-se de um lenço, ali está o que o rico guardou..."

Dieta

Algumas doenças são curadas apenas com o regime alimentar usando comidas especiais. Por exemplo, glândulas sexuais de galo, bode e touro para homens idosos, para levantar o tonus, carne de frango macho só deve ser comida por parturiente que teve filha do sexo feminino, franga quando do outro sexo, *gia de padre* (espécie de rã) para os males da garganta. Há, ao lado das comidas especiais, uma série de tabus alimentares que devem ser observados para que não fiquem doentes.

Comida especial é a que se prepara com a crista do galo para curar as pessoas que urinam na cama. O galo é madrugador, anunciador da aurora, por isso, sua crista transmite ao doente a vontade de levantar-se cedo e não terá, portanto, enurese.

(82) Peixoto, Afrânio, *Miçangas*, W. M. Jackson Inc. Editôres, Rio de Janeiro, 1944, p. 119: "Cão, nome deprimente do Diabo, que se evita chamar pelo próprio apelido: como "cão" há "capeta", "sujo", "tinhoso", "felo", "excomungado", "pé de pato", "Romãozinho".

(83) Cascudo, Luís da Câmara, *Meleagro*, op. cit., p. 99.

Alimentos proibidos. — À primeira vista poderia parecer que num local onde o alimento é escasso não deveriam existir tabus alimentares. Tal não sucede. Há alimentos proibidos, pelo menos em determinadas ocasiões principalmente para as mulheres, bem como os há para o homem, quando êste contrai certas moléstias — as “doenças de mulher”. Há comidas quentes e frias, perigosas conforme a ocasião de ser ingerida.

Há, por parte dos moradores de Piaçabuçu, verdadeira reserva quanto à carne do caterê (galinha de Angola). Comem-lhe os ovos, porém, a carne não. Há muitas galinhas de Angola que morrem de velhas, utilizam apenas seus ovos. “A carne é carregada, muito quente, faz mal. Quem sofre de reumatismo é um perigo, que sofre espinhas é de impropar, quem tem tumôres papuca logo (brotam, vem a furo). Quem sofre do coração não deve comer caterê. Para criança caterê é um veneno, dizem as “benzinheiras”. Mulher não deve comer pé de galinha comum para não ficar bisbilhoiteira”.

Há frutas que também não servem em determinadas ocasiões, por exemplo, quando se está resfriado não se deve comer banana prata, pinha (anôna ou ariticum), pois são frutas frias, fazem mal. A manga e cajá “dão impaludismo”, não se deve comer. Enquanto a criança está sendo amamentada só pode tomar leite ou “engrossantes” (farinhas), fruta é cousa proibida para elas. Logo que a criança inicia a se alimentar com as comidas de adulto e mesmo na fase anterior não lhes dão gêma de ovo para evitar “desarranjo”.

A mulher menstruada não deve comer as seguintes cousas: ananás, mamão, laranja, pinha, limão, gerimum (abóbora), quiabo, maxixe, pois são comidas frias, bem como não beber nada gelado. O leite também não deve ser tomado porque produz “flôres brancas” ou “funga-

ções". Não deve costurar em "máquina de pés", não montar cavalos ruços e ruço-pedrés porque prejudicam a saúde. Foi citado ao pesquisador um caso de uma môça do Brejo Grande que montou até chegar à Feliz Deserto (8 léguas mais ou menos), estando menstruada, passando a não gozar mais saúde. A mulher menstruada, de "boi", não deve comer cousas azêdas e mesmo qualquer alimento que leve côco, nesse período lhe fará mal.

Os homens com moléstias venéreas têm um grande resguardo pelas comidas carregadas, assim é que evitam certos peixes, caranguejo. Das bebidas alcoólicas abandonam só a cerveja, a cachaça não, pois acreditam que esta não lhes faça mal. Há outras observâncias como seja a de comer determinadas comidas e depois tomar álcool, sua mistura é um veneno. Não chupar melancia à noite — é um perigo. A própria laranja é perigosa chupada à noite: "A laranja pela manhã é ouro, de tarde é prata e à noite, mata".

Ouvimos várias referências sôbre o sarapatel, comida feita de miúdos de porco. É um prato saboroso, mas espalhou-se a crença de que quem o come, não deve banhar-se naquêlê dia, é um perigo. Apontam casos de pessoas que morreram por causa de tal abuso.

Dentre as comidas do lugar, a mais afamada é a "buchada", mas há para ela uma condição especial: — "buchada sem um martelo de cachaça, faz mal", portanto, antes e depois da opípara buchada há libações alcoólicas para evitar que esta lhe faça mal.

Outro tabu alimentar é aquêlê observado de não comer carne às sexta-feiras, bem como por ocasião da Semana Santa, observação absoluta de tal princípio — não comer carne de vaca ou de bicho de carne vermelha, porque é pecado. No dia da Hora, (Ascensão do Senhor) também não comem carne vermelha, só de peixe.

B a l n e o t e r a p i a

Herança dos índios e nisso ensinaram brancos e negros a tomar banhos para se curar. A índia dava à luz e lavava-se imediatamente, curavam febres e outros males com águas frias de lagos e rios e mesmo do mar. A hidroterapia é uma instituição indígena. O banho é um ritual curativo e nos faz lembrar a ablução.

Não são meros banhos de limpeza e sim os de remédio com a cocção de raízes, plantas etc., banhos quentes, mornos ou frios, com sal ou não. Sal e cinza misturados n'água do banho têm a finalidade de quebrar os encantos, os possíveis males que tenham sido feitos ao paciente, são banhos externos atualmente usados em Piaçabuçu. Além do banho da hidroterapia externa há a lavagem interna, as *Ajudas*.

A ajuda (clisteres) é feita com água fervida e talos de couve ou outros "preparos". Sal torrado está sempre presente nas "ajudas" também conhecidas por "chá de bico". Antigamente ministradas com o canudo de mamona que se introduz no ânus e o líquido era injetado por uma bexiga de boi, tudo adrede fervido. No tempo de dantes, chá de bico e sangria com bichas, sanguessugas, eram os primeiros remédios a serem tomados pelo paciente, nos informa Pedro de Castro.

Banho é remédio quando a água foi fervida com plantas aromáticas ou de virtudes curativas e é tibia ou morna a frieza. Banho de cheiro indispensável para o recém-nascido. Para que tenha sorte: alfavaca, capim santo, hortelã ou cidreira. Banho de defesa, mais comum para adultos: arruda, alecrim, giné, santa-Bárbara ou juremeira. Das plantas, principalmente as fôlhas são cozidas, coadas e depois aspergidas da cabeça aos pés, fazendo cruz, pela direita e depois pela esquerda.

Banho interno é “para arreventar as tramelas do c.” para os “trazeiro empitado”, para prisão de ventre.

Das divisões didáticas que propomos para a Medicina Empírica, sem dúvida a Fitoterapia é a mais largamente empregada, é mesmo a parte mais importante da farmacopéia folclórica. Ela está também presente na medicina mágica, bem como na religiosa.

Sangria

Já está mais ou menos fora de uso a flebotomia em Piaçabuçu desde que um velho barbeiro faleceu há mais ou menos quinze anos. Seu filho até há bem pouco fazia as sangrias e aplicava as bichas. Mudou-se depois para São Paulo e um farmacêutico há pouco falecido continuou apenas com as sangrias, pois as bichas ficaram desacreditadas até para furúnculos e abscessos.

Lançavam mão da flebotomia duas vêzes por ano. Para pneumonias, pleurises, sangue remoso, suspensões, sangue novo, lá ia o doente ao barbeiro para fazer a devida incisão na veia da barriga da perna. A prática da sangria não deve ser atribuída como exclusivamente ao indígena porque fazia escarificações no corpo. Os brancos também as faziam, os “físicos lusitanos” eram aplicadores da sangria. Aplicam largamente ainda hoje nos animais cavalares e muares a sangria. Cavalos aguado é com sangria que sara.

Pirótica

Pouco comum e pode-se dizer em desuso é a prática certamente herdada dos índios de curar pelo emprêgo do fogo. O remédio de emergência para mordedura de cobra era queimar com um tição em braza “o local da

ofensa". Certas feridas bravas, como último recurso, o remédio era tentar a pirótica, cauterização feita com ferro em braza. Neste caso, havia tempo para se avermelhar a lâmina de uma faca velha ou pequena barra de ferro, noutra o tição era providencial. Aprenderam certamente com os cariri que povoaram a região.

Foi abandonado também o uso que se fazia de curar pneumonia da seguinte maneira: da altura dos ombros até metade das costas, esfregava-se sebo de carneiro e depois passava-se um tição em brasa, o mais demorado e próximo possível que o paciente pudesse suportar. Para ciática ainda tal usança está em voga, preferem, porém, esfregar graxa de capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris* Erxl.).

A prática pirótica ainda está em voga para o tratamento de animais "descadeirados". Quando há "esquartejamento", um desarranjo nos quartos trazeiros dos muares, impossibilitando-os de andar, esfregam sebo de carneiro ou de vaca e passam o tição em braza, chegando mesmo tostar o animal.

Homem cuja impotência "generandi" lhe traz dissabores e vergonha, unta o escrôto e região púbica com sebo de bode "senta-se sôbre brasas vivas", isto é, aproxima-se o mais possível de um "caco" (vasilha de barro em forma de alguidar) cheio de brasas. Em alguns casos, quando o paciente não é portador de azoospermia, dizem dar certo, daí a repetição de tal prática. É provável que certos portadores de anomalias na ejaculação, dispermatismo ou aspermatismo, pelo auxílio psíquico de tal providência, o bom êxito de tais práticas e a própria correção na oligospermia, tem servido para a propagação de tal usança, remédio secreto que os "tira da vergonha de não ter filhos". Provavelmente de tal prática nasceu o dito popular: "fulano está sentado em brasas".

Pirótica mágica é a cura procurada pelos reumáticos e encarangados, quando nas fogueiras de São João, pas-

sam com os pés descalços sôbre brasas. Na comunidade estudada⁽⁸⁴⁾, bem como noutras regiões do Brasil⁽⁸⁵⁾, assinalamos tal prática medicinal coincidente com o solstício do inverno. No Brasil, São João é o santo reverenciado com fogueiras e no seu dia, empresta à caieira em seu louvor os poderes curativos de reumáticos e encarregados, bem como não queimarão os pés dos que, tendo fé no Batista, passem descalços sôbre brasas.

Há uma forma de pirótica mágica que ainda persiste até hoje e que pode ser presenciada anualmente no dia 3 de fevereiro, dia São Brás⁽⁸⁶⁾, por ocasião das missas matinais das cidades interioranas brasileiras, quando o padre, após a celebração do sacrifício, cruza duas velas acesas, encostando-as na garganta de um dos fiéis e pronuncia o seguinte rogo que se encontra no Ritual Romano: "*Per intercessionem Sancti Blasi, Episcopi et Martyres, liberet te Deus a malo gutturis, et a quolibet alio malo*". Finaliza com a invocação da divindade trina, prevenindo assim dos males da garganta aos fiéis que se submetem.

De idêntica origem, provindo dos cultos pirolátricos, é também o ritual da recepção de Xapanã no terreiro: o dirigente vem para o terreiro com tições de fogo, conforme descrevemos em *Terapêutica Mágica*, onde o fogo tem função curativa.

(84) ARAÚJO, Alceu Maynard., *Escôrço do Folclore de uma Comunidade Alagoana*, Monografia premiada na XI Concurso "Mário de Andrade", promovido pela Discoteca Municipal de São Paulo, 1956 (no prelo). Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo.

(85) ARAÚJO, Alceu Maynard *Poranduba Paulista*. Vol. I, Festas, Edição da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, S. Paulo, 1958, p. 98.

(86) Assinalamos em "Ciclo Agrícola, calendário religioso e magias ligadas às plantações", p. 58, bem como em outra monografia de nossa lavra, "Alguns Ritos Mágicos". O médico santacatarinense Osvaldo R. Cabral, em sua monografia, assinala tal usança em Santa Catarina e afirma: "A bênção de São Brás é muito usada no Brasil e também em Portugal, Espanha, Itália, Suíça, Áustria e sul da Alemanha, entre outros países". "A Medicina Teológica e as Benzeduras", Separata da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n.º CLX, Abril-Junho de 1957, p. 61.

O lançar ao fogo para que consuma certos objetos causadores de doenças e malefícios, oriundos de feitiçaria, é pirótica mágica. Nesta enquadra-se também a queima de velas para determinados santos aos quais pediram a cura das doenças. Na vela desenha-se ou escrevem o local doente e coloca-se a vela para queimar. Há devotos que medem com uma fita, depois a queimam na vela que foi oferecida àquela imagem. E esperam a cura, sem tomar outras providências. É também uma forma de antropometria milagrosa, como disse João Ribeiro⁽⁸⁷⁾, aquela providência de tirar a medida das imagens. Como apontamos, em Feliz Deserto, por ocasião da romaria de Nossa Senhora Mãe dos Homens, os fiéis adquirem pedaços de fita com as medidas de santa para fins curativos.

PINGATERAPIA

Adotamos o neologismo "*Pingaterapia*" para designar a panacéia folclórica na monografia que trata de alguns ritos mágicos numa cidade paulista⁽⁸⁸⁾. Embora em Piaçabuçu o nome mais comum seja cachaça e não pinga, conservamos o "*Pingaterapia*", neologismo que para nós já possui alguns anos de vida. A pinga faz parte da deuteroze brasílica. Em geral, pelas muitas cidades brasileiras que tivemos o privilégio de conhecer nos mais distantes rincões de nossa Pátria, é "ali que se prepara a melhor do Brasil". Daí os muitos "apelidos" para tão nefasto produto cuja função medicinal é "*Pingaterápica*". Aliás, acreditamos seja o produto que maior número de nomes possua; até loas cantam-lhe seus prodígios e dão-lhe louvores. (Ver *Apêndice n.º 8*).

(87) RIBEIRO, João, *O Elemento Negro*, Editôra Record, Rio de Janeiro, 1939, p. 126.

(88) Monografia do Autor, "Alguns Ritos Mágicos".

O nome mais comum é *cachaça* (V. Figs. 17 e 17-a, no fim do volume), há porém outros pelos quais é também conhecida: imaculada, faisca, isca, água que boi não bebe, água que passarinho não bebe, lapringa, limpa, lisa, malafo (no candomblé), couina (no toré), môça branca, menina de azul, mamãe de Luana (Loanda), teimosa, santinha, martelada (é um martelo de cachaça) sipa, pé de briga, lambada, mata-bicho, mijo santo, óleo, perigosa, pura, a limpinha, limpa goela, suor da cana torta, januária (é marca famosa indicadora da proveniência), giribita, meladinha, mindorra, abrideira, bom pra tudo, aço, azulada, azuladinha, de colarzinho, berinata, branca, branquinha, sem nata, caiana, caninha, cobertor de pobre, sete virtudes (também é nome de marca famosa), cipó, danada, pé de ouvido, fogo molhado, cospe fogo, tira-prosa, tira-teima, cura-tudo, pra-tudo, graxa, fecha-corpo, mamadeira⁽⁸⁹⁾.

Duas misturas populares de cachaça são: o "Quente" ela é um vermute ou outra bebida colorida e o "cachimbo", cachaça, mel de abelha e gôtas de limão. Este nos faz lembrar a bebida predileta dos Aweikoma o "Móng" que Herbert Baldus⁽⁹⁰⁾ descreve e na qual o mel de abelha é o ingrediente principal.

Muitas são as virtudes suas: no calor refresca e no frio esquenta; abre o apetite e engana o estômago quando com fome; dá coragem e alegra os "brabos". Na medicina popular tem lugar de destaque servindo para curtir, para fazer massagens, para misturar com outros "preparos" ou para inalação.

(89) CALAZANS, José, *Cachaça Moça Branca*, Secretaria de Educação e Cultura, Bahia, 1951. Um dos mais completos estudos sobre o folclore da cachaça. O A. no final de seu livro publica um vocabulário deveras interessante.

(90) BALDUS, Herbert, "Bebidas e Narcóticos dos Índios do Brasil", *Revista Sociologia*, vol. V, n.º 3, 1948, p. 161 a 169, São Paulo.

Curtimento

O curtimento é feito com a colocação da planta (ou suas partes) numa garrafa ou litro. Só deverá ser tomada após determinado número de dias: três, sete, nove, quinze ou vinte e um. Observam também as fases da lua para o preparo e curtimento.

Há também precauções quanto à posologia: três goles de cada vez. Verifica-se sempre a presença de números cabalísticos⁽⁹¹⁾, quer no preparo, quer para a ingestão do medicamento.

Mistura

A mistura é feita com infusão de plantas, às vêzes com drogas de farmácia e até elementos outros como por exemplo, pitadas de cinza, terra de cemitério, cordão umbelical torrado. Umbigo de recém-nascido é cousa que se não joga fora: tem alta finalidade medicinal, por isso é guardado.

Massagem

Para massagem é mais comum a cachaça com alcânfora. Tem várias aplicações nas massagens nos pulsos das pessoas que sofrem dos nervos, ataques ou "chiliques".

Inalação

Para fazer inalação quando misturada com vinagre ou alcânfora para curar dor de cabeça, resfriados e também evitar desmaios.

(91) No Egito o número cabalístico em medicina é o quatro, ao qual atribuíam uma virtude mágica especial, como nós atribuímos ao número três. Erman. Adoif — Aegypten und aegyptisches Leben in Altertum — apud Dr. Ernest Hemeneter. "Atas Ciba", n.º 8, Ano VIII, março de 1941, Rio de Janeiro.

“P i n g a f o b i a”

Na própria Pingaterapia são encontrados os remédios para curar o terrível vício da embriaguês, em cujo preparo há qualquer cousa de magia. O embriagado com três pingos de limão no ouvido despertará, mas para deixar o vício, eis algumas receitas: torra-se a moela de galinha prêta e dissolve-se na cachaça. O resguardo é um tabu: nunca mais poderá comer carne de galinha prêta, caso o faça, voltará o vício. Outras receitas: terra de cemitério, pingos de sangue de urubu, cavalo marinho (hipocampus), minhoca ralada, deixar a carne de vaca magra de milho durante 15 dias, colocar uma pitada de ácido tartárico. Em qualquer dos casos acima, a via é sempre cachaça. Na excretoterapia há uma receita para curar o vício: titica de galinha na cachaça. Deve-se dar quando o paciente já estiver bem “chupado” a fim de não perceber o que é que está bebendo.

A cachaça — panacéia vulgar, é merecedora de um melhor estudo na medicina popular brasileira.

C a c h a ç a

*“Cachaça é moça bonita
Ainda bebida de luxo
ela bate comigo no chão,
eu bato com ela no bucho.” (Loa de Cachaça)*

A cachaça é muito usada. Serve para esquentar, para esfriar, para abrir apetite, para as comidas gordurosas não fazerem mal, para melhorar a voz, para matar as tristezas, afogar mágoas e saudades, para dar coragem para brigar, para evitar um resfriado. Além destas há uma infinidade de usos e benefícios até medicinais atribuídos à cachaça.

Há na comunidade muitos cachaceiros inveterados que nada fazem, ou melhor prestam pequenos serviços para ganhar apenas o suficiente para beber. (V. Fig. 18, no fim do volume).

Em Piaçabuçu, grande número de bodegas vendem somente cachaça e nada mais. O velho Pedro de Castro disse: "Quanto maior é a pobreza de uma região, maior é o número de bodegas e de cachaceiros. Homens esqueléticos, inchados, paquidérmicos no andar, sorvem diariamente a cachaça. Quando não conseguem o dinheiro pelos pequenos serviços prestados, pedem um "agrado", esmolam, mendigam para poder beber. Não fazem um obséquio para o próximo sem esperar um "agrado". O "agrado" é uma importância em dinheiro. O senhor me dá um agrado ou senão pode deixá pago na bodega do Lulu um quente."

Hábito enraigado entre a população, é o de ingerir cachaça. As pessoas de melhor condição econômica preferem o uso de cerveja ou vinho.

Houve, por ocasião do carnaval de 1953, um concurso para saber qual seria o concorrente capaz de ingerir maior porção de cachaça. Dentre os 18 concorrentes saiu vencedor o telegrafista. Nesse concurso participaram elementos de destaque social da cidade, um alto funcionário estadual, que foi classificado em terceiro lugar. É desolador relatar tais fatos, porém, por eles poder-se-á aquilatar o quanto é disseminado o uso da cachaça.

É grande o cortêjo de misérias que o uso da cachaça acarreta. Pedro Manuel já teve casa de negócios, disse um informante, hoje vive na cachaça. "Dizem que a esposa dele abandonou-o porque não tem mais dinheiro, vive com um velho. Pedro Manuel vivia jogando com o Sérgio. Não sabia jogar, o Sérgio limpou seu dinheiro e hoje nem quer saber do Pedrinho. Ele é bom pedreiro, mas agora vive aí na cachaça desde que amanhece. Anda

pedindo dinheiro para beber, chegou a êsse grau de tristeza. Não tem vergonha de pedir um óleo (cachaça) até para desconhecidos”.

É muito comum no Brasil, como já apontamos, quer no norte, nordeste ou sul as pessoas ao se referirem à cachaça preparada no local como sendo a melhor do país. Em Piaçabuçu não poderia deixar de acontecer o mesmo. O velho e saudoso João Gama narrou que “Dona Ana das Barreiras tinha um processo para preparar cachaça ficando esta uma verdadeira delícia. Ela chegava a mandar corote de cachaça até para Portugal. Em Maceió e Recife, havia doutores que esperavam ansiosos a cachaça daqui. Hoje nem alambique temos! O segrêdo do preparo morreu com ela. E foi uma pena, pois agora só temos bebidas de fora”.

Muitas vêzes é a cachaça mais preferida do que o pão, ou melhor a farinha de mandioca. O trabalhador braçal depois da semana árdua de trabalhos de sol a sol, quando recebe os minguados níqueis se dirige ao povoado, à feira levando um pequeno picuá ou samburá para trazer farinha de mandioca que é o seu alimento básico e o inseparável litro para comprar cachaça.

Convite para beber cachaça. — É muito comum o convite para beber cachaça ou um “quente”, isto é, mistura de aguardente de cana com vermute ou outra bebida amarga de infusão de fôlhas, frutos ou sementes, dando colorido à bebida. O “cachimbo” está mais ou menos excluído disto por ser mais uma bebida caseira, é um aperitivo doméstico e não de boteco.

“Rodada”. — A “rodada” é o cerimonial no qual o participante precisa dizer loas à cachaça. Na “rodada”, aproximam-se do balcão de uma bodega, e num copo comum o bodegueiro entorna a cachaça até quase transbordar. A pessoa de quem partiu o convite da “rodada”, tomará o copo, derramará um pouquinho no chão e dirá:

“êste é para os santo”, e o dará a um dos companheiros, o qual, tomando um gole passará depois o copo para outro. É a “rodada”.

Às vêzes, por causa da “rodada” acaba acontecendo algum crime. Se a pessoa que oferece já está mais ou menos embriagada, e uma qualquer se recusa a beber, tem acontecido surgir aí um desentendimento e consequentemente a “peixeira” entra em ação, porque a pessoa que oferece espera que não haja recusa por parte de ninguém. Às vêzes, de nada vale a recusa “já tomei o meu gole”, o que oferece espera que a pessoa, pelo menos, tome o copo e faça que bebe.

Loas. — As loas de cachaça se dão em geral por ocasião de alguma festa ou mais comumente quando há a ajuda vicinal que é o “batalhão”. Reunem-se várias pessoas e ao passar o copo ou cuia de cachaça, proferem uma loa. Há também na maconha idêntico cerimonial. A pessoa ao tomar o gole de cachaça profere uma loa, a que recebe faz o mesmo ao passar a outra e assim vão se sucedendo elogios versificados, improvisados ou não, à cachaça. A loa é uma forma lúdica muito em voga nesta comunidade.

As loas de cachaça colhidas em julho de 1953 foram gravadas em fita plástica de gravador “Ampro”. Dela participaram: Porfírio, Sabino, João Sacristão, Mané das Dores e Juvêncio.

Loa de cachaça

Porfírio, tomando o primeiro gole, disse:

*“Do copo eu não recuso
e nem eu deixo de bebê.*

Bebe eu, bebe você,

*Bebe Dão Pedro Segundo,
vem do começo do mundo*

e não é defeito o bebê.” (Ver Apêndice n.º 8)

III

CAUSAS DAS DOENÇAS

ALÉM DAS CAUSAS apontadas no II Capítulo e que repousam no sobrenatural e das que advêm da promiscuidade ou da falta de higiene (Ver *Apêndice n.º 9*), em Piaçabuçu algumas vêzes constatamos a crença de que certas doenças são provenientes de fenômenos atmosféricos, por exemplo, trovoadas, ventos, outros atribuem aos eclipses, estrélas cadentes e os mais idosos aos cometas. Algumas pessoas atribuem a gênese de certos males como originários dos “ares pesados que as lagoas exalam”, ao mau cheiro das águas podres, do “bafo” de certas cobras, do olhar do sapo, do canto da determinada aves agourentas. Seria interessante estudar a relação entre os astros⁽⁹²⁾ e as doenças, o que não foi possível fazê-lo por causa do tempo de permanência na comunidade não ter sido mais dilatado e outros problemas sociológicos a serem estudados nos impediram. Procuramos, por outro lado, fazer uma relação dos mitos ali conhecidos. Desconhecê-los é não ter uma visão completa dos padrões culturais da comunidade. Para a psicanálise tem importância especial o conhecimento dos mitos, para a antropologia cultural revelam atitudes e padrões de comportamento.

Para que se tenha idéia do mundo mental dos moradores de Piaçabuçu, procuramos anotar os seres e fôrças misteriosas que povoam a mente da sua grande maioria. Entre a camada de gente mais simples concluímos

(92) CASTILLO DE LUCAS, Antonio, “La Astrologia y sus Predicciones Medicas”. Revista *Semana Medica Española*, Madri, Espanha, 1941, p. 468 a 472.

ser crença geral, já entre os alfabetizados, membros da família dominante, algumas pessoas põem em dúvida a existência de tais seres, porém, afirmam: não abusamos.

Eis a razão pela qual a criança aprende desde muito cedo que há, além do mundo que nos rodeia, de cousas palpáveis, outro que "tem encantamento". Nas conversas à noite, pode-se ouvir a experiência dos mais velhos que tiveram encontros com seres sobrenaturais. As histórias contadas vão passando de uma geração para outra. "O rio tem muitos encantamentos" é o que diz o velho Mané das Dores, quando, numa noite de luar, sentado à porta de seu casebre, narrou os fatos que se passaram em sua labuta sobre as canoas para ganhar o pão nosso de cada dia. Prosa vae, prosa vem, outros presentes contaram suas experiências. Apareceram nas narrativas os mitos primitivos e os secundários. Dentre os primitivos vejamos os que foram mencionados: "Lubisóme", mula sem cabeça, mãe de ouro, mãe d'água, fogo corredor, zumbi. Há mitos locais que estão sempre ao lado de narrativas as mais variadas de envultamento, encantamentos, aparições, vozes que se ouvem sem saber donde vêm.

Mané das Dores narra de como viu o lobisóme: "Eu saí de casa com vontade de ir ao mato, cheguei detraz do cantêro, me abaixei e estava fazendo o serviço e dali há pouco chegou um porco roncando como que queria cumê o estêrco. Eu peguei um bucado de areia sacudi no porco, eu abaixado mesmo, quando sacudi a areia, êle avançô para me pegá. O mêdo que eu tive foi demais corri com as calças na mão, e êle correu atrás, veio me botá na frente do cemitério. Dizem que é um homem que vira lobisóme, cunforme de cachorro, de gato, de boi, de cavalo. São bravos, não atacam, êles fazem mêdo. Dizem que a mulher que tem sete filhos homem, sem ter muler, um tem que virar. Quando o menino começa a querer pegar outro, para que não se encante, é preciso

tirar sangue dêle. Dá-se uma pancada, tira-se o sangue. A pessoa que vira lubisóme, sabe que vira. Ela anda de quatro pés. Quando êle não está virado lobisóme, noutros dias, êle é comum, não faz diferença dos demais. Um sempre tem que ser lobisóme, a mulher que tem sete filhos homens. A que tem sete mulher, uma vira bruxa, não precisa namorar padre para que seja. Eles se encantam. A mula sem cabeça é mulher casada que teve relações com o padre. É também chamada mula de padre. Outras atribuem às môças que andam com padre o fato de se transformarem em bruxas ou mula de padre. Para que haja desencadeamento delas precisa o padre rogar por elas antes de elevar o cálice na hora da missa”.

“A mãe d’água”, conta o velho Mané do Dores, “sae fora d’água para colhê feijão. A metade de corpo de moça, metade de corpo de peixe, andam muitas juntas. A mãe d’água costuma sair onde há pedras e também nas ilhas. Elas cantam muito bonito. Encontraram, uma porção dela na roça de feijão, apanhando feijão verde para comê. Gostam de feijão de corda e fava. O cabelo, dizem que é muito grande, quando mergulha o cabelo fica em cima d’água”.

“O fogo corredor é uma tocha faiscante. Se chamar o nome de “fogo corredor” êle vem e queima quem chamou”. (V. Fig. 19, no fim do volume). É verdade, narra Mané do Dores, completando a explicação de Francelino sôbre o fogo corredor: “vi um fogo corredô, fui acendê um cigarro nêle, daí êle acendeu e eu caí. Êle foi então para a proa da canoa. Eu me vali de Jésus e êle saiu e foi em cima de um coqueiro. Quando cheguei em casa, derrubei a porta e minha mulher se assustou. Então ela perguntou-me que era, eu lhe disse é o fogo corredô, olhe êle em riba da estaca. Ela olhou e viu, clareando tudo. Ali ficou até o dia clareá da madrugada”.

Outro nome pelo qual o fogo corredor é conhecido é João da Lavínia, “é uma tocha de fogo que, ao correr atrás da gente ouve-se o bater dos ossos da caveira”.

“A mãe de ouro é uma bola de fogo que se desloca de um lugar para outro. No ponto que ela cai, pode-se ter certeza aí há um tesouro enterrado”.

“O Zumbi é um menino prêto, tem a forma de gente, de homem; para outros é um tôco pequeno, se chamar êle vem em cima da gente. Gosta de fumo e corre nos matos ralos atrás de meninos que vão procurar frutas selvagens”. Outras pessoas ouvidas a respeito do zumbi nos deram a impressão de haver grande semelhança com o Saci Pererê ou mesmo Curupira.

Na região do baixo rio São Francisco, encontramos o Negro-d'água propiciador de pesca abundante. O seu costume é sair à noite e atacar o pescador que está dormindo em sua canoa. A maneira mais fácil de agradá-lo é deixar fumo na proa. Além de não atacar o pescador, o ajudará para que tenha uma boa pescaria. O negro d'água ataca e quando o faz é muito perigoso. Êle sufoca a pessoa e chupa-lhe o sangue. Para evitar que ataque é preciso deixar fumo e ao dormir ter o cuidado de esconder as unhas.

“Ê um prêto descomunal, muito grande, cabeça disforme, dois homens dando os braços não abraçam a sua cabeçorra tão grande que ela é. Vive nos lugares ermos e mais profundos do rio. Mané do Dores disse já o ter visto “andando numa coroa do rio, numa noite clara de luar. As vêzes êle sai d'água e vai espojar nas margens, nas ilhas, e como é brincalhão gosta de ver desbarrancar as terras da margem. Muitas vêzes lá perto da foz, aparece algum pescador morto, a gente chacoalha o finado e só se ouve um troque-troque dos ossos, não tem uma gôta de sangue, foi o Negro d'água quem chupou, não

teve cuidado de esconder as unhas e nem deixou naco de fumo”.

É hábito comum de se contar estórias de Trancoso, da Gata Borrallheira, além dêsses contos, as narrativas das visões, dos envultamentos, preenchem as horas de lazer, principalmente à noite. O rio é sempre povoado pelos “encantados”: bons e maus. Entre os maus não figuram as fadas, porque estas só fazem parte de contos, que as mulheres narram à noite. É na conversa dos homens que se tem maior oportunidade de se ouvir estórias de encantamentos. São lugares assombrados, visões, avisos, onde há visagens.

Miguel Cabeção conta que no Sobrado do Quadro aparece “visage”. É uma “visage” que tem aparecido para várias pessoas: um velho de barbas brancas que foi dono daquele sobrado. Ele aparece porque deixou algum dinheiro enterrado e enquanto não revelar para alguém não vai cumprir o seu fadário. “Em 1952 quando estava lá no Sobrado ouvi chamá pelo meu nome. Eu respondi e ouvi alguém subir uns degraus. Depois não ouvi mais nada. Depois apareceu meu pai e perguntei para êle se tinha estado ali há pouco, o velho deu a palavra de que não estava. Tenho certeza que foi a visage que me chamô”, concluiu Miguel Cabeção. “Um dia que o Dotô Alceu estava morando lá, nós ficamos trabalhando até duas horas da madrugada. O dotô me cunvidô para eu dormi na rêde. Não consegui dormi porque lá pelas tantas apareceu alguém e balançô a rêde. Eu pensei que fôsse o Dotô. Acordei e perguntei para êle se êle estava me chamando. O Dotô garantiu que não. Deitei outra vez. Balanciaram a rêde. Eu peguei a esteira e fui acabá de dormi ali rente do Dotô, pois êle dormia sòzinho naquele Sobrado assombrado e nunca teve mêdo”.

Certa vez convidamos o raizeiro Odilon para nos visitar no Sobrado, numa noite que viera para a feira,

de sexta-feira para sábado, pois queríamos gravar, em fita magnética, uma entrevista sua. Quando entramos pelo corredor escuro, o "Doutor de Raízes" pediu-nos que acendesse um fósforo ou lanterna porque ali acostumava aparecer um velho de barbas brancas que fôra dono daquele Sobrado. Posteriormente, quando regressamos àquela comunidade, verificamos que havia gente morando no antigo Sobradão. Contaram-nos que desde que de lá saímos nunca ninguém soube mais de que alguém tivesse visto algum "envultamento" ali. Várias pessoas nos disseram que não sabiam como tivemos coragem de morar naquele "Sobrado assombrado" e nunca ter visto nada. Outros disseram que foi um negócio para a pessoa que nos cedeu o Sobrado para morar, pois a partir de nossa saída, outras procuraram para alugar, o pesquisador havia quebrado o "encantamento" do Sobrado.

Cecília de Melo, senhora branca, contou: "Meu sôgro antes dêle se casar com minha sogra, êle se envultava e se escondia e depois aparecia. Virava bicho para assustar as mulheres nas casas. Aparecia muito na Ilha de Gondim. Diziam que brincava, tomava o cachimbo das mulheres. Mataram meu sogro com um batim". Êste depoimento de Cecília dá-nos a idéia de que seu sogro se transformava lobisómem, porque, certa vez disse que êle era amarelo como quem é encantado.

Os pedidos de batismo feitos pelas crianças que morrem pagãs são comuns. Nos *Cemitérios dos Pagãos*, feitos nas encruzilhadas, há sempre pessoas que ouvem vozes pedindo batismo. Para facilitar é que enterram na biqueira da casa, pois na comunidade não enterram no cemitério municipal crianças que não sejam batisadas, estas são enterradas nas biqueiras das casas ou no cemitério dos pagãos, nas encruzilhadas de estrada. Quem não é batizado não tem direito ao "sagrado", isto é, o cemitério que graças à República é secular.

“Não se deve responder vozes que nos chamam e sim dizer: “Deus o leve”.

Miguel Arcanjo da Silva narrou o fato de uma aparição ocorrida com um barbeiro que cometeu um uxoricídio: “Um barbeiro que desejava uma cadeira americana e não tinha dinheiro, falou a muler e esta disse que arranjava a metade do dinheiro com o tio e de fato conseguiu. Depois de conseguir a cadeira, a muler precisava pagá o tio e daí pediu dinheiro ao marido, quando este no momento em que ela estava deitada displicentemente em seu colo, ele passou-lhe a navalha no pescoço. Depois enterrou-a debaixo da cama. Porém, o espírito da mulher (ou melhor ela, a muler) aparecia a uma conhecida e pedia que a desinterrasse. Ao aparecer tanto, esta conhecida foi ao Capitão (Delegado de Polícia) e daí este indo ao local descobriu o crime, porque para todos que perguntavam pela muler, ele mentia dizendo que tinha ido viajar”.

Há uma opinião a respeito da maçonaria bastante disseminada na região da foz do rio São Francisco. A lavadeira, Antonia Panã, preta de 40 anos de idade, contou: “Maçona veste capa de ferro, tem unha de ferro e bate as sete partidas do mundo. Do Penedo vai a muitos lugares. Maçona é um homem que não gosta da lei de Deus. É só o corpo que vira, ele fica vivo, à noite é que vira e depois torna a se desvirar. A pessoa sabe que vira. Dizem que em Penedo tem maçona. Não fazem mal a ninguém, não bolem com ninguém. Maçona não rasga o povo, vive cumprindo o fado dele. Só homem é que pode ser maçona. Mulher vira bruxa porque é namorada de padre. Outros dizem que é mula de padre. É que nem burro, tem casco. A muler que namora padre vira mula, não tem cabeça, tem quatro pés, só vira à noite”.

Uma experiência colhida na comunidade é a de que muitas pessoas após afirmarem ter visto um negro d'água, o fogo corredor ou um envoltamento quando o pesquisador procurou esmiuçar melhor os fenômenos, procuraram dizer não se lembrar bem, ouviram outros narrar, foi um seu parente mais velho e contador que havia ouvido de outro, tal estória. As linhas mestras da narração de um mito são mais ou menos idênticas, foi o que se constatou a contento. A psiquiatria não liquida apenas com o exorcismo, mas com estas crenças também.

Crença generalizada é a que assinalamos acêrca do arco-íris. No meio rural ela é mais acentuada, recusando-se alguns informantes a comentar sôbre o fenômeno, por causa do respeito ou mêdo do arco-íris. Passar perto dêle e assobiar é falta de respeito, êle pode chupar o abusão que assim proceder. O arco-íris furta água do rio ou do mar, "Bebeu, encheu, matou a sêde, acabou-se". Quando se demora a desfazer-se, colocam paus, pedras ou mesmo sementes (milho, feijão, arroz) no chão em linha reta, ou simplesmente fazem um risco, bem reto, "sem tortura" êle desaparece. "Arco-íris é que nem cachorro sem dono: come, enche o bandulho e logo vai se embora", disse Sabino ao ver o arco-íris. O informante disse mais: "não presta apontar para êle e quem por baixo passar sendo homem, vira mulher, sendo mulher vira homem".

Ao relacionarmos as crenças acima tivemos em mira mostrar que tais crentes só podem acreditar que a doença não provém de causas naturais. A analogia é patente!

Na comunidade, ainda outros agentes de doenças poderão ser encontrados no mundo vegetal e animal. Além da urtiga (*Urtica urens* L.), grandemente perigosa só quando desempenha casualmente as vêzes de papel higiênico, e isto é mais um motivo jocoso para enfeitar as estórias; árvore realmente temida é a aroeira (*Schinus*

molle L.) Algumas pessoas não podem passar sob seus galhos e nem aproximar-se muito dela, ficam com um grosseiro no corpo. É comum, para evitar tal prurido ou ardor, ao passar por perto, dizer-lhe: — “Bom dia, comadre!”

No mundo animal é que encontramos os causadores e portadores de enfermidades ou males. Dentre os causadores, a coruja cujo canto é temido por ser agourento, traz a morte; outras aves servem até para remédio, como a pena da macuca para defumação. Mas as cobras são as inimigas irreconciliáveis do homem e criações. Estas são as cobras venenosas conhecidas em Piaçabuçu: jaracuçu traíra, prêta, amarela, escura e pico de jaca; cobra verde; coral branca com vermelho, prêta e cinzenta; papavo; salamanta, corre-campo; sucurujuba; apaga-braza; cascavel; cobra de veado; surucucu; duas cabeças; papabarata; jararaca do rabo branco; mata-boi; papagaio; mija-sangue; jericoá grande, cipó e de coqueiro; costela de vaca; talo de aninga e papa-vento.

O sapo é temido e seu “mijo” é pior do que veneno de cobra; para que não aconteça alguma desgraça o melhor é vê-lo antes do que êle nos veja. Remédio bom é abrir um sapo e colocar sôbre a perna onde se tenha erisipela. A “gia de padre” um tipo de rã, que “para coaxar alto anda sòzinha, não há igual”, é um tipo de rã muito procurada para curar os que sofrem de males da garganta — “ela dá boa voz”, lei de semelhança.

Dentre os insetos os causadores de doenças, de dores terríveis e imediatas são: lacraia, aranha, escorpião, marimbondo ou vespão. E têia de aranha é hemostático de emergência. Há os insetos que transmitem doenças. Nem todos crêem na transmissão de moléstias pelos insetos; mas já está havendo uma campanha educativa nesse sentido. Sem dúvida a escola primária, mormente o grupo escolar, tem contribuído largamente: a môsca é hoje com-

batida. Ainda na roça, ela é espantada e quando porventura cai na comida, dizem: vamos tirar daqui esta pimenta de asa". E para curar terçol ainda o "remédio é esfregar a bunda de môsca".

Há grilos, baratas, pulgas, percevejos do mato e domésticos, muquiranas, ácaros que produzem sarna e seus irmãos maiores os carrapatos, chatos e piolhos. Comum é a catação de piolhos da cabeça das crianças. Poucos usam pente-fino, os meios de transmissão continuam. Dizem que "pobreza e piolhos andam juntos". Em Pontal do Peba, em 1952, quando lá permanecemos uma semana em pesquisas, só no mês de outubro morreram oito pessoas de tifo. E é bem provável que as môscas não tenham sido as únicas culpadas na transmissão da febre, os piolhos também. Ainda é muito disseminado o hábito de catar piolhos. Sábado à tarde, as mães sentam-se em esteiras de piri-piri na frente da casa, colocam seus filhos com a cabeça reclinada e em seus regaços e iniciam a catação de lêndias e piolhos, estalando-as nos dedos. Não confundir a catação com o delicioso cafuné. Como há muitos cachaceiros, ouvimos Pedro de Castro proferir o seguinte refrão: "Cachaceiro, polhento e sujo são três pessoas em uma só".

A barata é também usada como remédio, faz-se chá. Mas a pessoa ao tomá-lo não pode saber que está tomando chá de baratas. Pessoa covarde "tem sangue de barata". Pessoa tonta "é barata que caiu no melado".

Grilo denuncia a morte, por isso quando canta dentro de casa tratam de matá-lo, mas chá de grilo torrado cura criança que urina na cama e é para apressar criança que demora a falar, neste caso lei de semelhança.

As môscas varejeiras são as culpadas dos bernês que dão nos animais de pêlo. O mosquito transmissor da malleita é combatido com fumigações, porisso queimam fezes de gado no interior das casas. Há outros mosquitos cujos

nomes populares são: prego; mole; jetinga; motuca vermelha, amarela, e prêta que é mui grande; maroim ou pintador. Há nas ilhas tanto mosquito que algumas delas não podem ser habitadas devido à quantidade dêles à noite. Há um processo mágico para que as môscas abandonem a casa. Para se verem livres delas, assim procedem no Dia da Hora (Ascensão do Senhor), colocando ramos verdes nas portas das casas para que as môscas e demais insetos desapareçam. Balançam os ramos de árvore e dizem para as môscas: "Vão para casa dos amancebados"⁽⁹³⁾.

Na comunidade há vários casos de elephantíase, a temível filariose transmitida pelo mosquito.

As formigas são uma verdadeira praga, atacam as roças e liquidam com o alimento. Quando elas "ferroam, é só botar uma lâmina de aço em cima, que corta a dor". Açoterapia e lei do contato. Mas a formiga é remédio para a vista, principalmente a miudinha, tomada junto com o açúcar. No tempo do içá não há prato melhor quando torrado ou paçoca. A abelha doméstica (*Apis mellifica* L.) é usada por ocasião do inverno, para picar as pessoas atacadas de reumatismo.

DOENÇA E SUA CURA

O descuido, a falta de higiene, o desconhecimento de normas levam às vêzes a grassar na comunidade doenças infecciosas. Quando estávamos na comunidade, em Pontal do Peba, só no mês de outubro morreram oito pessoas devido ao tifo, e na cidade, morreu um môço, quarto caso dêste ano. Várias pessoas ficaram doentes porque beberam leite de vacas contaminadas de

(93) ARAÚJO, Alceu Maynard. "A Família numa Comunidade Alagoana", Revista *Sociologia*, Vol. XVII, n.º 2, São Paulo, 1955, p. 124.

febre aftosa. O leite além de ser trazido sem os requisitos higiênicos, a sua distribuição nas poucas casas do Quadro é feita de maneira descuidada. A sífilis campeia. As moléstias venéreas são muito comuns entre os moços pouco mais que adolescentes. Numa roda, certo dia, onde estavam seis rapazes, todos haviam tido ou tinham blenorragia ou sífilis. Um deles, Pipi, disse: "Já tive 18 gonorréias. A primeira que tive foi a que mais soufri. Agora, eu a apanho, tomo logo penicilina e já estou são. Acontece que de agora em diante as doses de penicilina têm que ser maiores. A primeira dose que tomei foram 200 000 unidades. Agora preciso é de milhões. Mas, também ficou são".

A experiência sexual pré-marital dos moços é, em geral, feita com rameiras ou então mulheres que "dão". Há várias que "dão". São conhecidas e apontadas. Há também as "reservadas", as "coisinhas reservadas" que só andam com os homens casados. Um rapaz contou-nos acerca de uma "coisa reservada": "Pois é, eu andava com aquela fulana que só ia com homem casado e ela passou-me uma carga daquelas. "Muitos homens casam-se e transmitem às suas mulheres as moléstias venéreas. Crianças que morrem logo após o nascimento; outras ficaram cegas por causa de moléstias venéreas.

Há pouco foi instalado um Pôsto de Saúde sob os auspícios do *Serviço Especial de Saúde Pública* e de há alguns anos a Legião Brasileira de Assistência vem prestando serviços relevantes no que concerne à falta de recursos às parturientes e cuidando dos recém-nascidos até 12 meses.

Há muitos casos de tuberculose na cidade e muita gente atribui tais doenças ao trabalho na fábrica de tecidos no povoado de Marituba, cujo regime era das 5 horas da manhã até 19 horas e um salário mensal de Cr\$ 495,00. Posteriormente, começaram a fazer novo horá-

rio das 7 às 11 e das 12 às 16 horas. Bastaram alguns casos de tuberculose, para que os moradores da cidade se desinteressassem completamente de ir trabalhar nela, aliás situada a duas léguas da sede municipal.

É sobretudo na doença que o homem reconhece a fragilidade humana. Para o restabelecimento da saúde perdida recorre a todos os meios possíveis, principalmente aos mágicos, religiosos e empíricos. “Nem tudo se quer, a gente pode, é por isso que o doente faz de tudo para se curar”. Recorrem frequentemente ao sobrenatural estabelecendo relações que em geral consistem em troca de favores. O apêlo é feito ao santo e há uma promessa de pagar aquela benção ou milagre recebido. Aliás, é muito mais barato oferecer uma cabeça de madeira a uma capela, a um santuário, do que pagar um preço exorbitante por um remédio e a consulta de um médico, é o problema econômico a clamar pela socialização da medicina.

De Piaçabuçu alguns peregrinos foram pagar promessas. Das romarias encontradas em demanda às mecas religiosas, do alto Rio São Francisco, Lapa ou lá distante o Juazeiro, do Padre Cícero, os seus componentes são em geral gente doente e sem recursos. O desejo de recuperar a saúde perdida os leva a uma romaria, porque é a fé que os move. Os caminhos desses peregrinos são assinalados pelas muitas cruzes. Cruzes que ficam a marcar as estradas batidas de sol, molhadas de lágrimas. Muitos não chegam a atingir o fim colimado — o santuário de Bom Jesus da Lapa ou o “Juazeiro do Padrim Cirço”.

Na parte final desta monografia escreveremos algo sobre o uso de metáforas⁽⁹⁴⁾ e provérbios nas doenças e curas, o refraneiro da medicina. O adagiário por nós

(94) CASTILLO DE LUCAS, Antonio, *Adagiário da Farmácia Vegetal*, Separata do Jornal Médico, VII (159), 325-326, 1946, Pôrto, Portugal.

recolhido é farto em pornografia daí deixarmos de lado certas referências, embora lembremo-nos que Mário de Andrade em "Namoros com a Medicina", disse no prefácio: "Os olhos são bem mais ásperos que os ouvidos, e aceitam com mais facilidade a descrição de uns tantos escaminhos da vida". Assim teríamos muitos como êste: "Óleo de rícino bem tomado, rebenta tramela do c. mais trancado". É bom parar por aqui.

O NOME MAIS COMUM DAS DOENÇAS

Nesta região, as doenças são conhecidas geralmente por um nome popular ao qual poderíamos também chamar de regional⁽⁹⁵⁾. Além dêsses nomes, poderíamos dizer que existem os "apelidos" das doenças, pois há a crença de que, chamando-se pelo seu verdadeiro poderá causar prejuízos, dores ao portador dela. Assim, não se deve dizer morfêia ou lepra e sim doença de São Lázaro ou mal de São Lázaro para que o achagado não venha a sofrer dores. Outras vêzes surge o "apelido" para encobrir a vergonha do seu portador, assim é que enquanto os moços se vangloriam de ter dezenas de gonorréias, os casados ou já idosos, se referem às "doenças de mulher", "doença apanhada", "loucuras da mocidade".

Vejam os nomes de algumas doenças: *desmantêlo* — regras menstruais; *maligonia* — manchas arroxeadas no corpo; *nascida* — espinha, tumor ou furúnculo; *passageira* ou *caseira* — dor de barriga acompanhada de diarréia; *veias quebradas* — varizes; *sete couro* — infecção que dá em geral no calcanhar e precisa ser cortada a epiderme sete vêzes para ficar sã; *ar do sol* — congestão; *dor de*

(95) TEIXEIRA, Fausto, *Medicina Popular Mineira*, Editôra "Organização Símons", Rio de Janeiro, 1956. Em excelente dicionarização o A. reúne em ordem alfabética o nome de 83 doenças e os vários remédios para sua cura.

veado — no baço, também chamada *dor na passarinha*; *barriga fôfa*, *obrando água*, *obrando vermelho* — são câmaras de sangue; *pustêma na cabeça* — resfriado; *constipação* — gripe; *papeira* — parotite infecciosa; *trazeiros sujos* — diarréia; *gastura* — indisposição estomacal, asia; *sezões*, *maleita*, *carneirada* ou a *febre*, *malaria*; *reumatismo*, *artrite gotosa*; *espinhela caída* — a reintrância do apêndice xifóide provoca vômitos, astenia; *gôta serena*, *catarata* (outros ao em vez de dizerem *blenorragia* ou *gonorrhéia* dizem *gôta serena*, quem sabe confundem com *gôta matutina*); *ventosidade*, *acumulação de gases no estômago* ou *intestinos*, são também os *flatos*; *empachamento*, *obstrução*; *mal de sete dias* — tétano umbelical; *nó nas tripas* — vôlvulo; *puxamento*, *asma*, *bronquite*; *hética* ou *magrinha* ou *a que seca*, *tuberculose*; *gôta* ou *ataque de espuma*, *epilepsia*; *sangue novo*, *urticária doença de muler-dama*, *blenorragia*.

Algumas doenças têm o nome que nos revelam a sua etiologia: *mijação*, provocada pelo constante pisar na urina de animais, *papeira*, porque “o papo incha”, o pescoço fica entumecido, *ó largo*, uma moléstia semelhante à hemorróida, atualmente pouco comum, curava-se antigamente sentando-se em jejum em alguma peça de aço: machado, olho de enxada. Seria o *maculo*, retite gangrenosa que ataca principalmente os negros? Praticavam a açoterapia ou as leis de semelhança influíram: o olho do machado ou da enxada, formas de ó?

O RESGUARDO

No resguardo há sempre qualquer cousa de mágico, pois a sua inobservância pode produzir uma doença incurável. Os portadores de sequelas de certas moléstias são apontados como quebradores de um resguardo. Às vezes, um remédio não é tão forte quanto ao resguardo;

outras vezes, certos remédios tomados, mas cujo resguardo não é obedecido é completamente ineficiente. Há no resguardo um fundo sobrenatural.

Em geral o resguardo traz uma série de proibições e dentre elas, sem dúvida, a principal é a alimentar, daí as comidas *quentes* ou *frias*, aquelas evitadas quando há doenças do sangue (furúnculos, espinhas) e estas nos casos de resfriado, parto e convalescença.

O maior indicador de resguardo é sem dúvida o Doutor das Raízes. A quase totalidade de seus remédios vem acompanhada do infalível resguardo, não olvidando nunca de apontar os perigos de sua "quebra".

No termo "quebra" podemos divisar uma relação com a magia. Nesta é que há a "quebra dos poderes" de uma determinada pessoa ou coisa: curador quebrado, talismã quebrado.

O resguardo quebrado traz consequências desastrosas. O raizeiro Odilon apontou-nos entre outras a seguinte: "Certa pessoa ficou leprosa em consequência da quebra de um resguardo. Ela tomou um suadouro muito forte. Noutro dia apanhou friagem, comeu comida fria, desmanchou a massa do sangue e ficou com a doença de São Lázaro".

Em Piaçabuçu o caso mais conhecido de quebra de resguardo é o da muda Cícera. Dizem "os filhos da Candinha" que sua avó lhe deu, quando menina, um violento purgante de jalapa. Antes do efeito, Cícera entrou n'água e daí ter ficado em consequência muda o resto da vida.

Há também a crença de que um resguardo quebrado, que trouxe sérias consequências, de sete em sete anos estas tendem a desaparecer ou agravar-se. Daí, nessas ocasiões, certas pessoas procurarem repetir a dose de remédio tomado, observando, porém, rigorosamente o resguardo, tendo em mira eliminar a seqüela da "quebra" aconte-

cida há sete anos ou múltiplo dêste. Aquêles que obtêm melhoras prosseguem na repetição, observando cabalisticamente os anos.

A abstinência sexual que o curador de cobras faz no período que sae para fazer curas é também uma forma de resguardo. Ofendido de cobra terá como resguardo a abstinência sexual. O resguardo nos faz lembrar que algo ficou da cultura indígena, pois êle é semelhante à couvade, onde há repouso e abstinência de certas comidas.

OS "PREPAROS"

Ê na feira, onde hebdomadariamente o doutor das raízes instala o seu "consultório": o local é indicado pelos fiscais municipais (que recebem a devida taxa), em geral, bem no centro da praça fronteira ao Mercado Municipal. Ê um "consultório" muito simples, geralmente chamado pelo povo de "*banca do raizeiro*": um caixão de querosene onde trouxe os "preparos" lhe serve de assento, à frente estende uma ou duas esteiras de piri. Ê sentado no seu caixão que o raizeiro dá as suas receitas. Banca não existe, mas ali no calçamento estende as esteiras, sôbre elas distribui as raízes, fôlhas, cascas, lascas de madeira, frutos, sementes, penas de aves, couros, escamas, enfim os remédios mágicos, religiosos e naturais usados quer na medicina mágica, religiosa ou empírica. Aquêles que se tratam buscando na medicina empírica os remédios para seus males têm na banca do raizeiro o pábulo para os çazinhos, meizinhas, garrafadas, lambedouros, cataplasma, tópicos, purgantes, vomitórios, suadouros, banhos etc. Nelas não são encontradas apenas comidas especiais, pois até material para a excretoterapia já encontramos: fezes de cachorro (jasmim do campo). Além dos "preparos" é comum sôbre a esteira do rai-

zeiro encontrar-se farta literatura de cordel⁽⁹⁶⁾, opúsculos de orações, figas de madeira ou de coral, latinhas com pregos, agulhas, linha, berloques etc.

Adiantou-nos o “Doutor das Raízes” que em certas épocas do ano faltam alguns “aperparos”, daí periodicamente visitarmos sua banca para registrar os novos remédios que porventura aparecessem. Adiantou-nos que, conforme “os tempos”, tem mais saída uns remédios, outros menos, razão de ir à mata buscá-los só na “percisão”. Certos “aperparos” dependem da estação, por exemplo algumas flôres silvestres, frutos e sementes. Determinados paus ou cascas precisam ser tirados na lua certa, outros durante a quaresma e há cousas que só terão efeito, “tiro e queda”, quando colhidos ou preparados na sexta-feira da Paixão. A posição do sol também deve ser observada, principalmente quando se trata de raiz, algumas requerem ser arrancadas “a pulso”, fazendo fôrça, outras tiradas, isto é, descoberta a terra ao redor e puxada sem gemer, ora antes do sol nascer, ora antes do meio dia, ora na bôca da noite, outras à noite de determinada lua.

Na banca do “Dotô Adilão”, conhecido e afreguesado raizeiro que aparece semanalmente em Piaçabuçu encontramos os “preparos” adiante enumerados; daremos em primeiro lugar o nome popular ou como regionalmente é conhecido, quando possível seu nome científico e a seguir para que êle serve:

1) ABACATEIRO — (*Persea gratissima* G.) — A fôlha do abacateiro para soltar as urinas e curar as doenças dos rins e bexiga. Faz-se chá, toma-se frio tôdas as vêzes que tiver sêde, substituindo a água pura.

2) ALÇAÇUS — (*Glycyrrhiza glabra* L.) — Também chamado “cipó do céu”. Usa-se a raiz da qual se faz chá, para tosse.

3) ALCATRÃO, SABÃO DE — Para coceiras e tirar o mau

(96) ARAÚJO, Alceu Maynard, “Considerações Sôbre a Literatura Oral em Duas Comunidades Brasileiras”, *Revista Sociologia*, Vol. XIX, n.º 4, outubro de 1957, p. 259 a 324 — Vd. p. 306 a 319.

“fedor do sovaco”, mau cheiro das axilas.

4) ALECRIM DE TABOLEIRO — (*Rosmarinus officinalis* L.) — Galhos e fôlhas usados no chá para curar febres, bronquites, defumador de casas e das pessoas, evitando “mau olhado”.

5) ALECRIM DE VAQUEIRO — Faz-se chá para barriga inchada, digestão parada.

6) ALFAZEMA — (*Lavandula spica* L.) — Faz-se chá. A defumação para desinfetar quando a criança nasce e também é usado no chá para dôres de barriga pós-parto. Usado para mulheres que quebram resguardo, na falta das regras. Para curar dor de dentes mistura-se com fumo de cigarro ou coloca-se no cachimbo.

7) ALHO, PALHA DE — (*Allium sativum* L.) — Defumador contra “ar do tempo”.

8) ALMISQUEIRA — *Styrax glabratum*, Schott) — A resina reduzida a pó é colocada sôbre o estômago. Cura de dôres de estômago.

9) AMEIXA, RAÍZ DE — (*Prunus doméstica*) — Põe-se no vinho branco a goma. Usado para curar sífilis.

10) ANGÉLICA — (*Guetarda angelica*) — Chá forte é abortivo, usado também para cortar febres e males do útero.

11) ANGICO, CASCA DE — (*Piptadenia rigida*, Benth) — Xarope para tosse, para o catarro do peito despregar. A

raspa em infusão usada para dôres em geral.

12) ANIL, (pedra) — Para clarear roupa e também para a cura da rubigem de cachorro, mistura-se no pirão.

13) ARRAIA (peixe) COURO DE — Torra-se e dá para cachorro beber; não terá loucura (hidrofobia).

14) ARRIOLE — Quebra-se a semente e faz-se o chá com pó branco do seu interior. Para dor de mulher, dor de estômago, cólicas: torra-se a semente e faz-se chá. Tomando-se vinte e um dias seguidos é bom para o fígado.

15) ARROZ — (*Oriza sativa*) — Diurético e refrescante para os intestinos.

16) ARRUDA — (*Ruta graveolens* L.) — Para qualquer malefício. Para defumação, contra mau olhado, para banhos.

17) BÁLSAMO MARAVILHOSO (comprado na farmácia e revendido pelo Doutor de Raízes). Inalador para dor de cabeça.

18) BARBATIMÃO — (*Stryphnodendrum barbatimão* Mart.) — Faz-se chá para “dor de mulher” e “arroxar as carnes”.

19) BATATA DE PURGA — (*Ipo-meia altissima* M.) — Faz-se chá, garrafada no vinho branco e cozimento para banho. Usado como repescante das urinas e refrêco para sífilis. Rala-se a batata e põe-se em

garrafa com água, é purgante. A goma de batata é usada no vinho branco para curar o "calor da sífilis".

20) BAUNILHA — FAVA DE — Torra-se e faz-se chá. Serve para quem sofre do coração e também para abaixar febres.

21) BOM DOS ARES (casca) — Põe-se a casca n'água para serenar e noutro dia dá-se para curar tosse.

22) BONINA, GOMA DE — (*Mirabilis jalapa* L.) — Usada no vinho branco para curar reumatismo.

23) BRANDÃO (raíz) — Rala-se e põe-se no vinho. Usado para cólicas uterinas.

24) BUJI — ERVA (capim) que brota com as chuvas de inverno, coloca-se na cachaça para curar sífilis. Há também o pau-de-buji, cuja raspa na cachaça tem a mesma serventia.

25) CABACINHA — (*Eugenia Theodorae*, Kjk) — Corta-se em quatro partes. Joga-se três partes fora. Uma parte põe-se no vinho. Usado para doenças venéreas.

26) CABACINHO — RAÍZ DE (*Momordica bucha*) — Põe na cachaça $\frac{1}{4}$ de uma raíz. Serve para curar reumatismo.

27) CABEÇA DE NEGRO — (*Anona coriacea* M.) — Raspa torrada para sífilis, tomada no chá. Colca-se também na cabeça.

28) CAFÉ (fôlha de café) — Para dor de cabeça, na testa.

29) CANELA — (*Cinnamomum zeylanicum*) — Para suadouro, chá para descer as regas atrazadas.

30) CASCO DE CÁGADO DA CAMPINA — Torra-se e faz-se chá. Usado para "falta de ar" e também para curar asma.

31) CAMBOATÁ — A raspa do pau para curar dor de barriga.

32) CAPEBA (fôlha de) — (*Piper peltatum* L.) — Para "dureza", faz-se chá. Dureza é fígado empelotado, amarelo nas faces, boca amarga.

33) CARRAPATEIRA (óleo de) — (*ricinus communis* L.) — Passa-se na fôlha de pinhão rôxo e coloca-se na testa, para dor de cabeça.

34) CATINGUEIRA-RASTEIRA — Usado como afrodisíaco. Os homens colocam lascas de galho sêco na cachaça.

35) CATUABA (casca de) (*Ilex conocarpa* Reis) — No vinho para fraqueza sexual, impotência.

36) CAVALO MARINHO (*Hippocampus*) — Torrar, moer e depois tomar. Serve para curar asma e falta de ar.

37) CIDREIRA — (*Melissa officinalis*) — Calmante, sedativo. Chá para acalmar os nervos.

38) CIPÓ D'ALHO (*Adenocalymma alliaceum* Miers) —

Usado no banho para “des-carregar o espírito mau do corpo” da pessoa que “sofre do espírito”; também para banho, é para cortar o mau olhado.

39) CIPÓ CHUMBO — (*Cuscuta umbellata* H. B. K.) — As mulheres usam-no no chá para curar cortimento, flôres brancas.

40) CIPÓ DE MILÂNIA — Raspar e fazer chá. Usado para dôres, mal-estar em geral.

41) CIPÓ DE SALSA-BRASIL — Chá para “desmantêlo de mulher”.

42) CIPÓ DE VAQUEIRO — No vinho ou n'água, serve para curar doenças venéreas.

43) COELHO (couro de) — Defumador contra o ar do tempo.

44) COENTRO — (*Coriandrum sativum* L.) — Para gripe e resfriado.

45) COMINHO — (*Cuminum cymirrum*) — Para tempêro de comida.

46) CRAVO DO REINO (sementes de) — (*Eugenia caryophyllata*, Thumb) — Masca-se o cravo para curar dor de barriga.

47) CRISTA DE GALO — (do gênero *Amaranthus*) — Machuca-se a flôr e a fôlha. Tira-se o sumo e aplica-se (em seguida ou depois) para lavar ferida. Querendo, pega-se o bagoço com o sumo e aplica-

se na ferida. Para feridas, golpes, etc. Bebe-se também o sumo. A pessoa que bebe deve ficar de resguardo um dia inteiro: comida leve (carne de sol assada e arroz d'água). Serve também como anti-vermes.

48) CROÁ (semente de) — (*Sicana odorifera* Naud) — Faz-se chá. Usado para “dor de mulher”, para mulher que tem “bichas”.

49) CUIRI-BRANCO (ou crui-ri) — Toma-se uma fôlha de crui-ri-branco, cozinha-se com açúcar e faz-se “lambedor”. O lambedor é mel grosso. Também pode-se fazer outro remédio para curar pneumonia. Pega-se cupim (térmita), cozinha-se com açúcar até ficar um mel grosso. As crianças gostam de lambedor.

50) CURA-TUDO — Pau cuja raspa em chá cura qualquer dor.

51) DEFUMADOR PRÊTO — Queima-se sôbre a braza. Serve para evitar mal, inveja em casa e desinfeta tudo.

52) DENDÊ (azeite de) — (*Elaeis guinéensis* Jacq.) — Usado para “mal de monte”, um vermelhão que dá na pessoa, passa-se em cima das “perebas”.

53) ENDO — Torra-se, faz-se chá, para curar congestão.

54) ENXÔFRE — Faz-se pomada para curar coceira e sarna.

55) ERVA DOCE — (*Pimpinella anisum* L.) — Das sementes faz-se chá para curar dor de barriga de criança e adulto.

56) ESPINHO BRANCO (raíz de) — Chá para segurar “desmantêlo”, excesso de regras.

57) ESTRÊLA DO MAR — (*Equinodermo marinho*, asteroíde) — Torra-se, mói-se e põe-se aquêlo pó n'água morna e bebe-se. Serve para curar tosse brava e puxado de peito. É bom também para “desmantêlo de mulher”, excesso de regras.

58) EUCALIPTUS — Faz-se chá das fôlhas. Usado para febres. A tintura de eucalipto, cheirar para dor de cabeça.

59) FEDEGOSO — (*Tiaridium alongatum*, L.) — (da planta sômente se usam a raíz e a semente). Torra-se a semente, mói-se e depois prepara-se como café. Serve para puxado (asma), anemia e dor de cabeça. Põe-se a raiz n'água ou ferve-se, fazendo chá, para dor de cabeça, resfriado e gripe.

60) FIGO (fôlhas de) — Chá para os males do fígado.

61) FUMO — (*Nicotina tabaco*) — Hemostático, vomitório. Fumo de corda para surrar feiticeiro, quebra os encantos dêle.

62) GENGIBRE — (*Zingiber zingiber* L.) — Com álcool para esfregação no lugar dolorido. Macera-se e põe-se de

infusão no álcool. Usado nas massagens de dores musculares.

63) GERGELIM (sementes de) — (*Sesamum indicum* L.) — Pisa-se, soca-se bem, tira-se o leite, põe-se no vinho branco e toma-se. A semente pisada, depois de tirado aquêlo leite que foi para o vinho, coloca-se ou esfrega-se sôbre o lugar inchado.

64) GINDIROBA — Quebra-se o fruto, rala-se a massa interior, prepara-se o chá. Usado para dor de estômago, dor de mulher, dor de barriga, congestão, etc.

65) GIRASSOL (sementes de) — (*Helianthus annuus*) — Torra-se e faz-se café. Serve para “ar do tempo”. O chá da semente, serve para curar epilepsia, na sua primeira manifestação.

66) GRAÚNA (casca de) — Faz-se chá para hemorróidas.

67) GUANDU OU GANDU — espinho o cabelo de *Cytisus caianus* Lin). — Torra-se e do pó faz-se chá para curar tosse brava. Usa-se como defumador. Serve para cotucar dente que dói ou misturado no fumo do cachimbo, depois de fumado coloca-se na cova do dente cariado.

68) HORTELÃ — (*Mentha viridis* L.) — Contra gases intestinais, antiflatulento.

69) IMBURAMA DE CHEIRO (semente de) — (*Torresis*

acreana) — Pode-se mascar para dor de cabeça, faz-se chá para regras.

70) JACARÉ (banha de) — Usada para curar ferida, para esfregar sôbre o ventre nas cólicas uterinas. Para dor de dentes e até dentada de cobra. Para curar "caseira", colocá-la no café. "Caseira" é uma queadura na barriga.

71) JACARÉ (couro de) — Defumador contra "ar do tempo".

72) JACARÉ (dente de) — Encastado, usa-se no pescoço para evitar "dentada de cobra" e "mau olhado". Dente de jacaré fêmea para homem e macho para mulher, "senão não faz efeito".

73) JACARÉ (mão de) — Defumadoiro contra congestão.

74) JALAPA — (*Ipomoea megapota*) — Purgante violento, cuidado ao usar.

75) JALAPINHA (raiz de) — (*Ipomea sinuata* Ortega) — Para dor de barriga, caseiras e dor de estômago.

76) JASMIM (fôlhas de) — (*Jasminum officinale*) — Faz-se chá, toma-se para descer as regras atrasadas.

77) JASMIM DO CAMPO OU JASMIM DE CACHORRO — (fezes de cachorro sêca), faz-se chá para reventar sarampo das crianças.

78) JATOBÁ — Casca ralada em chá para falta de ar.

79) JIBÓIA (gordura de) — (*Constrictor constrictor* L.) — As mulheres tomam-na para evitar filhos. Caso os intestinos delas se dêem com as gorduras, elas terão os "tempos certos" do contrário não, podem até morrer. (Aqui há duas: uma delas se deu bem e nunca teve filhos, outra tomou e morreu, informou o Doutor de Raízes).

80) JERICÓ (raiz de) — Faz-se chá para curar reumatismo.

81) JUCÁ — (*Caesalpinia ferrea* L.) — Contra tosse, bronquites. Hemostático.

82) JUNÇA — (*Cyperus esculentus* L.) — Coloca-se na cachaça, sômente para dar gosto e abrir o apetite.

83) JURUBEBÁ (raiz de) (*Solanum paniculatum* L.) — Chá da raspa. Para crianças, "lambedouro"; para males do fígado.

84) LARANJA — (*Citrus aurantium*) — Da casca chá para dor de barriga, indisposição estomacal.

85) LARANJEIRA (raiz de) — A raspa para curar feridas.

86) LIMÃO — (*Citrus medica*) — Na cachaça para curar resfriado.

87) LINHAÇA (sementes de) (*Linum usitatissimum* L.) — Pisa-se e faz-se chá. Serve para curar quem está com a "obra empitada", prisão de ventre, "dores caseiras".

88) LOSNA — (*Artemisia Abisinthium*) — Na água fria para dor de barriga.

89) LOURO — (*Laurus nobilis* L.) — (fôlha de) — Usada para inchação. Chá de louro bem apurado é bom para fazer dormir (narcótico), cura insônia e dôres violentas. É condimento usado no feijão e carne.

90) MACAXEIRA BRANCA (goma de) — põe-se no vinho branco, toma-se para curar sífilis, contra calor da sífilis.

91) MACELA — (*Achyrocline satureoides* D. C.) — Faz-se o chá das fôlhas, o melhor porém são as flôres. Cura dores no corpo, mal-estar, enxaqueca e dor de dente infantil, primeira dentição. Também a MACELA GALEGA (*Anacyclus aureus*), esta só de encomenda, pois é comum tê-la no quintal ou horta.

92) MACUCO (pena de) — Torra-se e bebe-se. Usada para curar o “ar concentrado”. É defumador contra insetos.

93) MALVA ROSA — (*Althaea rosea* Cav.) — Faz-se chá para curar “mula”, blenorragia, “doenças de mulher”.

94) MAMÃO — (*Carica papaya*) — Chá das fôlhas contra empachamento. O leite para curar criança que tem geofagia.

95) MANÁ — (*Fraxinus ornus* L.) — Chá para curar tosse.

96) MANACÁ (raiz de) — (*Brunfelsia Hopeana* Benth) Usada como chá, garrafada ou na cachaça. Serve para reumatismo, “esquentamento”, blenorragia.

97) MANGABA (raiz de) (*Hancornia speciosa* Gomes) — Faz-se chá da raspa para curar congestão.

98) MANJERONA — (*Glechon spanthulata* Benth.) — Para curar feridas. Para banho usa-se a fôlha ou o sumo.

99) MANJERICÃO — (*Ocimum minimum*) — Para banho de cheiro.

100) MARMELEIRO BRANCO — Faz-se chá. Usado para curar feridas, afinar o sangue.

101) MASTRUZ — (*Senebiera pinnatifida* D. C.) — Usa-se tudo menos a raiz. O sumo contra reumatismo, pisaduras, pancadas, golpes. Nas fraturas, encana-se com uma “taboca” (táboa) e envolve-se com mastruz. Quando fôr usado para curar vermes, deve-se ficar de resguardo um dia. Também usado para curar animais.

102) MELÃO DE SÃO CAETANO — (*Monordia charantia*) — Desinflamatório.

103) MILHO (cabelo de) — Usado para que a catapora e sarampo saiam, rebentem.

104) MOSTARDA — Crua não se deve dar. Torra-se, estala e faz-se o chá. Usada para a cura “de ar” e para purgante.

105) MULUNGU — (*Erythrina corallodendron*) — Calmante para tosses e para os nervos.

106) NOZ-MOSCADA — (*Myristica fragans* Hout) e PIXILINGA — Rala-se e sempre misturada, faz-se chá para tôdas dôres.

107) "PAPACONHA" (ipeca-cuanha) (*Chephaelis ipeca-cuanha* Kich) — Faz-se chá para calor dos intestinos, para "berebas", para bronquites.

108) PARREIRA (tronco de) — (*Cissampelos parreira* L.) Rala-se, faz-se chá abafado. Suadouro. Para tôdas as dôres.

109) PARREIRA (fôlha de) — Para o fígado, para quem está com inchação, para cólica uterina, faz-se chá. A raiz de parreira da praia, faz-se para febres.

110) PAU-BRASIL — (*Caesalpinia echinata* Lam.) — Faz-se chá ou toma-se com cachaça. Usado quando "faltam os tempos" isto é, as regras menstruais. Deixa-se a lasca dentro do copo d'água e toma-se seguidamente.

111) PARIPAROBA — (*Heckeria umbellata*) — O óleo para reumatismo, para esfregação. Da fôlha faz-se chá para o fígado.

112) PAU CAPITÃO — Para pessoas que sofrem da vista, a raspa de infusão na cachaça.

113) PAU FERRO — (*Esenbeckia leiocarpa* Eng.) — Faz-se chá da casca para curar quedas ou batidas violentas.

114) PEDRA-UME — Usa-se no banho, para "arrouxar as carnes", apertar mais a vagina para as relações sexuais.

115) PEGA-PINTO — (*Boerhavia hirsuta*) — Usam-se duas ou três raízes: ferver, depois tampa-se e deixa-se descansar até esfriar. Para dor de cabeça, febre, gripe, doenças venéreas.

116) PEIXE ELÉTRICO (óleo de) — Poraquê (comprado na farmácia e revendido pelo Doutor das Raízes). Inalador para dor de cabeça.

117) PIMENTA DA COSTA — Pisa-se e faz-se chá. Usado para regras menstruais dolorosas.

118) PINDAÍBA (sementes de) — (*Xylopiya muricata* Vell) — Faz-se chá, para dôres uterinas, de barriga ou "dor de corda".

119) PINHA (carôço de) — (ata ou ariticum) — Pisa-se e tira-se o sumo da água para tirar piolhos da cabeça (97).

(97) Diz-se que se passar por debaixo de um pé de pinha, caem os piolhos. (Note-se a semelhança de uma pinha com a cabeça de um negro). Há também algo de magia simpática: quando a pinha amadurece as sementes caem ficando a casca ainda prêsa. As sementes assemelham-se aos piolhos.

120) PINHÃO — (*Jatropha curcas* L.) — Faz-se chá com o miolo depois de pisado. Serve para “puxado”, falta de ar, vomitório, para doenças venéreas. Para *criança* — dois caroços quebrados ao meio, joga-se uma parte fora; para *adulto* — três e joga-se uma parte fora. Emplastro para inchação. O pinhão rôxo é remédio para curar dor de cabeça.

121) PITANGA (fôlha de) — (*Eugenia pitanga* Kiaresk) — Faz-se chá, toma-se para despregar o catarro do peito.

122) PIXILINGA — Purgante “consertado”, misturado, com óleo de ricino e noz-moscada.

123) POEJO — (*Mentha Pulegium*) — Para meizinha. Só traz quando encomendam. Costuma dar a muda para os fregueses plantarem em casa.

124) QUEBRA-PEDRA — (*Phyllanthus niruri* L.) — Prepara-se como chá e pisado. Chá, para batidas, quedas, pancadas. Pisado: expreme-se o *sumo* numa xícara, com açúcar cristal, deixando três dias no sereno. No último dia o *sumo* fica embaixo. Recolhe-se só o que está em cima e pinga-se no olho. Sòmente para a vista, tirar manchas, anélide ou névoa no olho.

125) QUIABO — (*Hibiscus esculentus*) — Torram-se as sementes e mistura-se no café. É remédio para tosse.

126) QUILOQUIADO — Tira-se tôdas as sementes, corta-se em quatro partes. Usa-se sòmente com vinho, para doenças venéreas.

127) QUINA — (*Cinchona Calysay*) — Para cortar febre.

128) QUITOCO — (*Pluchea quitoc* D. C.) — Sòmente faz-se chá: para dor de cabeça, febre, comêço de gripe, dor de barriga.

129) ROMÃ (fruto da *Punica granatum*) — Faz-se chá da casca, para gargarejo. “Gargolejar” nas dôres de goela.

130) RAPÔSA (couro de) — Afugenta os percevejos. Defumadouro.

131) RUIBARBO — (*Rheum palmatum* L.) — Para sífilis, boubá.

132) SABUGUEIRO (sementes de) — (*Sambucus nigra* L.) — Misturado com viola e sene, faz-se chá contra gripe e tosse. A flôr pisada e posta no vinho branco, para avivar a voz. As flôres são usadas para chá e quando na pinga, cachaça, para curar gripe.

133) SALSA DA COSTA (raiz de) — Faz-se para curar dôres na “guela” (garganta) e sífilis. É bom refrêscô das urinas.

134) SALSAPARRILHA — (*Smilax papyracea* Poir) — Quentura do sangue, sífilis, boubá.

135) SAMBACAETÁ — (*Hys-sopus cryspapilla*) — Como chá, para dor de cabeça. O sumo serve para reumatismo e cortes.

136) SENE — (*Pleurophora anomala*, St. Hil.) — Faz-se chá para gripe e febre. Serve para facilitar o parto e falta de regras.

137) SUCUPIRA — (*Borodichia virgilivides*) — Na cachaca, para o coração.

138) TARTARUGA (banha de) — Esfregar nas juntas doloridas.

139) TEIÚ (couro de) — (*Tupinambis tequixim*) — Defumador contra "ar do tempo."

140) CASCA DE PAU DE TEIÚ — (*Jatropha opifera*) — Cozinha-se ou coloca-se no vinho branco. É refrêscico para o calor da sífilis.

141) TIPI — (*Petivera tetrandia* Juss) — Faz-se chá. Usado para reumatismo nas juntas.

142) URUCUBA (sementes de) — (da família das Miristicáceas) — Rala-se e faz-se chá, tomado para dor de barriga e cólicas.

143) URUCUBA — (embira de) — Chá para quem sofre dos rins.

144) VASSOURINHA — (*Scoparia dulcis*) — Para benzi-mentos.

145) VEADO (chifre de) — Raspa do chifre de veado colocado n'água fria para ir tomando. Cura a "caseira" dor de barriga sem parar e obra-se pouco". Caseira é prisão de ventre.

146) VELAME — (*Croton campestris*) — Purgante.

147) VELANDINHO (fôlha de) — Cozinhar, beber e para se lavar. Usado para soltar o catarro do peito, também para inchação.

148) VIOLA — Para apressar a dentição das crianças, faz-se um colar.

Grande é a procura de ervas na banca do raizeiro porque estas sòmente têm valor medicinal quando colhidas no mato, no sertão. É do consenso geral: raizeiro de confiança observa dias, meses, lua etc., para buscar plantas no mato. Ai daquêlê que assim não proceder, cairá em descrédito!

Pode parecer estranho a ausência de jurema na banca do raizeiro. Odilon explicou-nos: "Só por encomenda e ela não pode ficar exposta aos olhares de todo mundo.

Ela não é vendida, é *trocada*. Aliás, é o mesmo vocábulo usado quando se trata de santos, fitas antropométricas dos santos, bem como do sal. O que é sagrado não é vendido, é *trocado*.

Algumas pessoas participantes do toré afirmam que a jurema tem valor aquela plantada em casa onde há "piana", e quando há necessidade de sua colheita no mato, quem a deve fazer é exclusivamente o presidente do toré. Para que não desmereça o seu poder mágico, ter-se-á que observar não apenas o local onde é colhida, mas principalmente quem a vai colher. E jurema, a couina, não é beberagem para curar, não é garrafada, é a bebida que dá uma nova vida, que transporta os juremados para um mundo melhor.

IV

OS OFICIAIS DA MEDICINA RÚSTICA

Como se processa o ensino. Quando se tornam “mestres” ou profissionais. A “carreira” ou hierarquia. Localização dos “consultórios”.

O CUPA PRIMEIRO LUGAR entre os agentes de cura — profissionais quanto aos remédios — o Curandeiro. Segue-se a êle o benzedor e a “benzinheira”, Doutor de Raízes, Curador de Cobras. Depois virão: O “Doutor Farmacêutico” e o Médico. Dêstes dois últimos trataremos sucintamente na monografia, apenas para indicar a posição secundária para a qual estão relegados pelos que adotam a Medicina Rústica.

Daria um capítulo interessante a importância da farmácia na vida social, política e administrativa do lugar. Na farmácia é que se reúnem as figuras de proa do lugar, os “grandola”, para a tertúlia, para a conversa que aborda todos os assuntos, desde as “últimas piadas”, farta em pornografia, a vida alheia, problemas políticos, administrativos e os mexiricos, as futricas, os disque-disques nascem sempre onde estão as “cliques”, as “panelinhas” funcionando, conhecida pela sigla DIVA: Departamento de Investigação da Vida Alheia.

Na farmácia reúnem-se sempre os mesmos figurões do lugar, e é claro, os que são da mesma facção política; não faltará um “sapo”, “sem eira e nem beira” para ouvir a conversa e depois “quem conta um conto, aumenta um ponto”, fermentar, azedar o que ouviu. Na farmácia um pesquisador social pode perfeitamente tomar o pulso

político da comunidade. De quando em vez, aparece uma criança para interromper a tertúlia animada: “Minha mãe mandô buscá um tustão de camomila e um cruzado de maná”.

PROFISSIONAIS QUANTO AOS REMÉDIOS

O curandeiro⁽⁹⁶⁾ é uma espécie de oficial sagrado que penetra no mundo do sobrenatural. Abaixo dêle está o benzedor. O curandeiro também benze porque foi um estágio pelo qual passou. Com o tempo, com o lidar com os males físicos que afligem ao homem consegue entrar em contato com fôrças superiores. A sua atuação se reveste de gestos, às vêzes, de trajés especiais, de orações e o uso de implementos religiosos como sejam: cálice, garrafas cheias de certo líquido com vegetais em infusão ou cobra mergulhada em álcool, velas acesas, rosários, santos, toalha no pescoço, à guisa de paramento.

C u r a n d e i r o

O *curandeiro* impressiona o doente. Ao entrar em sua casa há sempre uma pequena mesa, onde, ao lado de santos, há velas acesas, há rosários, azeite de dendê, água, raízes, sementes etc. A consulta é feita. O curandeiro precisa primeiro “olhar a doença”, ver o mal que

(96) RAMOS, Artur, *O Negro Brasileiro*, Brasillana, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1940, 2.^a edição, p. 218: “O curandeiirismo também tem uma origem mágico-fetichista. Aliás, a medicina nasceu do empirismo sacerdotal. O feiticeiro também é o *medicine-man*, o homem medicina do grupo social primitivo. Estas funções se separaram, no Brasil. O *medicine-man* virou curandeiro”. “Tôdas as práticas da medicina de feitiçaria obedecem às leis citadas de Frazer, da *magia imitativa* e da *magia simpática*. Maxwell, estudando a magia médica, divide-a em três categorias: 1.^a, medicina divinatória (prática de diagnóstico e pesquisa do remédio); 2.^a, medicina talismânica (preservativo por meio de talismans, etc.); 3.^a, medicina simpática (terapêutica mágica).

existe e se é algum mal feito que êle precisa cortar. Realiza uma série de perguntas até os sonhos precisam ser conhecidos e isto nos faz lembrar a psicanálise. Após a consulta as orações, as rezas, o benzimento, os conselhos e tabus a serem observados, há os remédios, as receitas, as garrafadas que êle mesmo prepara. Êle é o possuidor do segredo de como prepará-las. Deve-se além do conselho dado para tomar aquela garrafada, observar certas recomendações como sejam evitar determinadas comidas, fazer defumações na casa etc. Não registramos nenhuma condenação ao curandeiro local como sói acontecer com os de outros lugares⁽⁹⁹⁾.

Os curandeiros, na comunidade estudada não existem mais, declarada ou abertamente, porque é grande a perseguição que lhes move a polícia. Foi a muito custo que pudemos descobrir o mais importante dos curandeiros. Provavelmente, seu filho ficará, no futuro, com a herança de tão larga experiência e enorme clientela, pois essa é uma linha normal de transmissão da herança. O atual delegado de polícia não tem perseguido. O Curandeiro como o anterior, porque êle mesmo o procura para a cura de suas mazelas. O curandeiro é um profissional que vive exclusivamente da prática do curandeirismo. Razão tinha o médico e antropólogo Artur Ramos: "Os curandeiros ainda pululam em vários pontos do Brasil. O seu desaparecimento não está condicionado à simples repressão policial, mas ao trabalho lento da cultura".

(99) REIS, Artur Cezar Ferreira, *O Seringal e o Seringueiro*, Documentário da Vida Rural, n.º 5, Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1958, Cap. XXIV: "O curandeirismo a que se haviam habituado, valendo-se da "ciência" dos pajés e do que a experiência lhes ensinava, não deixou de existir nos seringais. A flora e fauna regionais, ricas, de acesso imediato, facilitavam a preparação das "mezinhas".

"Os curandeiros... Foram, é certo os responsáveis, vêzes e vêzes, pelo aumento dos índices de mortalidade. Nem por isso, no entanto, deixaram de ser chamados, ouvidos e obedecidos nas indicações e nos tratamentos que fixaram".

B e n z e d o r

Na comunidade há vários. Tanto benzedores, como “benzinheiras”.

O papel do benzedor é muito mais restrito do que o do Curandeiro. Sua “profissão” não passa de rezar sôbre a cabeça do doente. Não receita remédios, apenas benze. Os gestos que pratica são todos idênticos ao da religião dominante: reza fazendo sinal da cruz.

Não é preciso que o doente vá até sua casa para que êle o benza; executa sua benzedura na própria casa do enfêrmo ou em suas peças de roupa. Suas rezas, na maioria das vêzes, deturpação das orações oficializadas pela Igreja Católica Romana, entremeadas de palavras incompreensíveis, resmungadas, do latim o mais estropiado que possa ser concebido.

B e n z i n h e i r a s

As “benzinheiras” são as especialistas em rezas sôbre crianças. Os benzedores tanto benzem crianças como adultos de ambos os sexos. Benzedor e “benzinheira” são os maiores ensinadores de simpatias. A simpatia qualquer pessoa poderá executá-la, basta ter fé, assim dizem. Há, portanto, três graus no processo de obter-se a cura interpellando o sobrenatural: o primeiro através de *simpatia*; o segundo, por meio de *benzedura*; e o terceiro em que há *benzeduras acompanhadas de um receituário*. Neste terceiro caso, benzeduras e receitas que só terão efeitos quando executadas pelo Curandeiro.

A “benzinheira”, o benzedor, são um grau intermediário entre o mortal comum e o Curandeiro: acima daquêle, abaixo dêste. Se um dia passam a Curandeiro, deixam de benzer nas casas dos próprios doentes, terão êstes que ir ao seu encaço. Em geral o Curandeiro vive

dessa profissão, o Benzedor não. Ele tem outro ofício e executa as suas benzeduras, primeiramente de modo gratuito, só depois é que recebe “agrados”, isto é, pequenos presentes.

Há na comunidade alguns benzedores e muitas “benzinheiras” especialistas em curar moléstias de criança. Em geral as “benzinheiras” também são “assistentes”, isto é, parteiras.

Nossa assistente de pesquisa sociológica, Srta. Natália R. Bettencourt teve a seguinte experiência: “Tenho sentido dores de cabeça. Hoje, enquanto repousava um pouco, à tarde, chegou uma velha, minha amiga, D. Zelinda, a rendeira. Mostrou-se triste com isso, logo perguntou-me se eu acreditava em rezas. Eu lhe respondi afirmativamente e ela mandou que eu me sentasse. Em seguida, com o auxílio das duas mãos, as quais passava continuamente em minha cabeça, conduzindo-as para trás, fazia gestos como jogasse fora a dor. Isto era acompanhado de orações em voz baixa. Antes me perguntara se eu sabia, talvez fôsse sangue na cabeça ou “ar de sol”.

Os meios divinatórios para se conhecer uma doença interna que o benzedor lança mão quando vai benzer uma doença de “ar”, são os mesmos usados no toré: procedem a adivinhação mágica.

Certa “benzinheira” que também é “assistente”. (V. Fig. 20, no fim do volume). parteira das mais experientes da cidade, disse ter aprendido muitos remédios na leitura do “Lunário Perpétuo”, onde há astrologia, medicina, história e pelo que pudemos ler em seu usado e amarelecido volume, provérbios e outros ensinamentos. É por isso que alguns matutos repetem frases inteiras numa linguagem clássica, há os que até decoram o Lunário Perpétuo. A “benzinheira” D. Dininha o considera livro de muita sabedoria.

Os benzedores recebem os ensinamentos, em geral, de um seu antepassado, aprendeu com os “mais velhos”.

O cego-pedinte da feira (V. Fig. 21, no fim do volume) reputado como o melhor benzedor de crianças de braço, disse ter aprendido com seu finado pai as rezas para benzer. Não sabendo ler, mesmo quando enxergava, nunca teve oportunidade de ler o “Lunário Perpétuo”, mas citava alguma coisa que aprendera de oitiva, coisas lidas pelo “finado framacête”.

Na realidade, os benzedores e suas práticas se enquadram no conceito daquêle provérbio popular: “precaução e água benta não faz mal a ninguém. São inofensivos⁽¹⁰⁰⁾”.

Curandeiro, benzedor, doutor de raízes, curador de cobras em geral são analfabetos. Na comunidade em estudo, apenas dois benzedores sabiam ler e escrever. Um era D. Dindinha, outro era um môço, membro da família dominante. O único curandeiro, dois doutores de raízes e um curador de cobras são analfabetos. Um dos doutores de raízes, sem saber ler, conhecia pela capa os títulos de livros de literatura de cordel que também vendia em sua banca de raizeiro. Era um raizeiro novato. Os demais benzedores entrevistados eram analfabetos. O curandeiro, algumas vêzes, em suas consultas, receitava um papelzinho com letras. Vimos alguns papéis de patuás, não eram letras, eram rabiscos. Aproveitou, e muito, foram as cédulas de candidatos a postos eletivos ao govêrno. Assim é que recortava algumas cédulas com algumas letras e entregava ao doente, em geral, outro analfabeto que religiosamente encapava aquêle pedacinho de papel e o dependurava no pescôço, para receber o “mana” de que estava impregnado.

(100) CABRAL, Oswaldo, A Medicina Teológica e as Benzeduras, *Revista do Arquivo Municipal*, Vol. CLX, 1958, p. 75: “São os benzedores filhos ilegítimos da medicina teológica. A parte que lhes tocou na secular herança, azinhavrou com o tempo, desvalorizou-se com os progressos da medicina científica. Mas, sem dúvida, de todos os que exercitam a arte de curar à margem da ciência, são os mais inofensivos e menos perniciosos”.

As giganas poderiam ser chamadas de *benzedadeiras itinerantes*. Quando passam pela cidade, além de ler a “buena dicha”, depois de ter contado o futuro para as pessoas, sempre acham que a consulente precisa de um benzimento, pois “está com um mau olhado, há algo atrapalhado em sua vida que a sua benzedura é o remédio salvador”.

“Doutor de raízes”

Embora entre os membros da população haja conhecimento disseminado do uso de certas plantas há os que se especializam na sua procura no mato e venda nas feiras. É sempre o homem que se dedica a tal afazer: chama-se “Doutor de Raízes” ou “raizeiro”.

Parece que a idade influi no título. Em Piaçabuçu havia permanentemente na feira dois raizeiros. O mais velho, caboclo, de 47 anos de idade, sempre chamado “o Doutor de Raízes” ou “Doutor”. O mais môço, rapaz de 25 anos, era mencionado apenas como “o Raizeiro”. Indagando de um “consulente” que estava com “dor na passarinha” (baço) e que acabava de consultar o “doutor das Raízes”, nos disse: “Bem, o outro é muito môço, não tem grande prática, ainda é raizeiro, mas o Odilon, aquêle é o Doutor de Raízes, conhece tudo quanto é erva do mato”. Os próprios doentes nos revelaram a hierarquia.

Nas várias feiras nordestinas por nós visitadas, a banca do raizeiro é sempre do mesmo estilo: uma esteira de piri-piri, estirada no solo, sôbre a qual são colocadas pequenas “rumas” de raízes, de cascas, de sementes, de cipós, de penas de aves, de carapaça de tatu e cágado, unhas de veado, unhas e dentes de capivara, chifre, pele de cobra, latas com pós de certas madeiras ou sementes, banha e, infalivelmente, um enorme corno de boi, cheio de torrado, o indispensável “rapé”.

O “Doutor de Raízes” que há 15 anos aparece hebdomadariamente em Piaçabuçu dá-nos a impressão de ser uma pessoa de 60 anos ou mais. (V. Fig. 22, no fim do volume). Ao entrevistá-lo disse-nos: “Envelheci mucho por causa da vida⁽¹⁰¹⁾ que levei”. A fim de mostrar pormenorizadamente as atividades e seu “mundo mental”, apresentamos no Apêndice uma entrevista do “Doutor de Raízes”. (Ver *Apêndice n.º 10*).

Não há uma divisão nítida entre os “profissionais” benzedores e “Doutor de Raízes”, êste entra, às vêzes no campo profissional daquêle fazendo algumas rezas de benzedimento. É provável que a diferença maior entre êles esteja na divisão empregada pelo raizeiro quanto à natureza dos remédios empregados por êle, classificando-os em: *frios*, *frescos* e *quentes*. Os remédios *frios* são essências, líquidos voláteis, substâncias aromáticas, adquiridas em geral na farmácia; os *frescos* contra a “quentura do corpo” ou “calor do sangue” “papôco da pele” (furunculose); os *quentes* são os suadouros. O raizeiro, por outro lado, jamais se esquece de mandar que se observe o “*resguardo*”. Fundamental nos tratamentos do doutor de raízes é a dieta, o resguardo, ao passo que jamais o benzedor os encarece. “Resguardo quebrado, cura desfeita”, (não conseguida) nunca mais se consertará aquêle doente”, afiançou o Doutor de Raízes.

Vejamos a banca do “Dotô de Raíz”, Odilon Campos. Numa esteira grande, em latas, coloca a sua “farmácia”. Tem para vender: raízes, sementes, cascas, flô-

(101) Quando môço, cheio de vitalidade, fôra capanga do Coronel Né Rocha, senhor de engenho em Pernambuco para quem fizera vários “servicinhos”. Os “servicinhos” era matar o desafeto principalmente político. Perseguido pela policia escondia-se noutro Estado. Abandonou a profissão de “cabra”, porque certa feita, quando o Coronel Lucena varria do sertão os cangaceiros, teve que ficar escondido numa loca de pedra por uns 60 dias. Tendo recebido uma carga de chumbo no pelto, depois de muitos dias entre a vida e a morte, resolveu abandonar definitivamente a profissão de cabra, para dedicar-se à profissão de seu pai, e que também fôra de seu avô — “curar” por meio de raízes.

res, ervas medicinais. Vende também perfume que êle mesmo prepara, vaselina (comprada em latas grandes) e condimentos para cozinha (pimenta do reino, colorau etc.). É de côr bronzeadá. Ao seu lado na feira, fica um rapazola, também com raízes, pentes, literatura de cordel, bugigangas, que já se diz entendido: porém, as consultas são feitas com o Odilon que dá o remédio e para que serve (V. Fig. 23, no fim do volume).

Eis umas receitas do Doutor de Raízes: “Cerveja prêta, goma de batata, goma de bonina, de velande, macaxeira branca, de ameixa, goma de pau camarão; coloca-se nito e cristal mineral para pegar ponto, creme de farmácia, no vinho branco. Enterra-se três dias, a garrafa do vinho onde tudo foi misturado. A garrafa fica com a bôca de fora. Depois de três dias tira-se, vai-se tomando. Êste serve para sífilis, para pele, feridas, calor”.

Garrafada de nove misturas: goma de batata, bonina, macaxeira branca, pega-pinto, caramelo de farmácia, é feito no vinho ou na cerveja, goma de ameixa, goma de jalapa, goma de papaconha branca. Serve para reumatismo, dôres nas juntas (V. Fig. 24, no fim do volume).

Uma senhora veio pedir-lhe remédio para os filhos que estão com muita tosse e queria dar um que não lhes fizesse mal. O Sr. Odilon aconselhou que collocasse raiz de “Bom dos ares” n’água e deixasse para serenar e noutro dia desse para a criança. Não pode dar peixe para a criança uns cinco dias, porque é a “carne que faz mal”.

Curador de cobras

O perigo do ofidismo é grande no meio rural. Muitos dos que embora vivendo na cidade, trabalham na roça, podem ser inscritos entre os que estão ameaçados pelo perigo das serpentes.

Várias são as espécies encontradas e grande é a quantidade de cobras, principalmente do terrível jaraçu, da cascavel.

Para a cura usam às vêzes o fumo sôbre a própria mordida, ou come-se toucinho, ou bebe-se gás (querosene) ou benzimentos, rezas e simpatias. Porém, há uma pessoa a quem recorrer na maioria das vêzes, é o Curador de Cobras. Sua presença é reclamada nas diversas cidades onde há feiras. É ali que êle aparece para "curar". Sua "arte" tem função tanto preventiva como curativa. A "arte" de curar preventiva, é executada pelo Curador de Cobras nas feiras, ao ar livre, benzendo os "pacientes", evitando-lhes o perigo do ofidismo (V. Fig. 25, no fim do volume). É comum a crença de que pessoa benzida por êle pode ser ofendida por cobra que nada lhe acontecerá, já está de corpo fechado e "insensível ao veneno da cobra serpente", fica "curado de cobra". A "arte curativa" é feita sôbre o paciente que tenha sido vitimado.

O Curador de Cobras (Ver *Apêndice n.º 11*) aparece nas feiras trazendo uma caixa de madeira com uma ou duas cobras dentro. A roupa do curador chama a atenção por ser um terno de brim, de côr verde, como se fôsse farda do exército nacional. Era paletó comum, chapéu de couro, vários anéis nos dedos, óculos escuros. Caboclo de estatura pequena, porém, retacado de corpo, bem falante, bons dentes.

Palrador, tirando da caixa uma das víboras, começou a falar. Sua voz é matraqueada e cantante. Logo ao seu redor muitas pessoas se achegaram. Uma pediu para ser "curada". Não tinha sido "picada" por cobra. Outras mais foram se chegando para as curas. Da algibeira retira um crucifixo prêto, coloca sôbre a palma da mão do paciente. Sem chapéu, começa a dizer palavras quase incompreensíveis entremeadas de um latim estropiado e com a mão direita traça o sinal da cruz sôbre a mão

do paciente. Este, finda a cura, apanha a cobra que o curador lhe entrega. Uns medrosos, outros corajosamente seguram a víbora. Há os que deixam após o benzimento, que a cobra os morda. O curador recebe três cruzeiros pelo "benefício" feito.

O pesquisador submeteu-se à cura, porém, não teve nenhuma disposição para apanhar a cobra, ao que o curador disse, que sem fé, não poderia haver cura. Certamente o observador participante não ficou "curado de cobra" (V. Fig. 26, no fim do volume).

Se alguém queria pegar a cobra e ser por ela mordido, para verificar se ela mordida realmente, o "curador de cobras" o satisfazia, fazendo morder por uma salamanta. Um dos "clientes" informou-nos: "O curador cura tanto contra mordida de cachorro louco como de cobra. O fazendeiro Cel. Dionísio disse: "Eu já fui curado pelo Zé do Arvoredo lá da Cotinguiba, mas quis outra vez, é que eu queria ver se a cobra morde mesmo". Outro replicou: "Abaixo de Jesus Cristo é só este mesmo, o Zé das Cobras. Cura tudo que é nação de cobra até jacacuçu e cascavel, que dizem que depois que elas ofendem, vêm à noite para a sentinela (velório) porque é morte na certa".

Outra opinião que ouvimos sobre o curador foi proferida por Otávio Mole: "O Zé das Cobras cura pastos também. Ele benze um pasto e a gente pode ficar esperando que dali a pouco começam a passar as cobras. Saem todas do pasto que ele benzeu. Não deixa que a gente as mate. Eu vi ele benzê um pasto, dali há pouco vi passar duas cobras, eu quis matar mas ele não deixou. Ele é o melhor curador de cobra que existe por aqui".

Além dos benzimentos, das simpatias, das rezas para curar a "ofensa de serpente" é costume, enquanto se espera o curador de cobras ou benzedor, dar três colheres de "gás" (querosene) ao "ofendido". Deve-se também

esfregar no lugar das cicatrizes um pouco de "gás". Outras vêzes, dão ao doente pequenos pedaços de toucinho cru que ficou de mólho alguns minutos numa tijela de querosene, onde desmancharam uns nacos de fumo de rôlo (V. Fig. 27, no fim do volume).

Ao apontarmos a presença dêstes profissionais quanto aos remédios, devemos esclarecer que na comunidade não existe o tipo de charlatão, isto é, aquêle que exerce oficialmente a medicina sem ter a devida habilitação. Charlatanismo há é no campo dentário. Os três dentistas da comunidade são práticos, sem diplomas, portanto sem curso de odontologia. Um passa determinada temporada, sòmente por ocasião da colheita do arroz, outros dois fixaram residência. Estes são pouco mais que alfabetizados. Dentre os "dentistas" havia uma senhora paraibana que se intitulava "doutora", mas cujo gabinete dentário primava pela falta de higiene. Uma hemorragia causada por uma extração foi fatal, bem como, contavam, de haver uma pessoa, há algum tempo, morrido de tétano, por causa também de extração. Os três dentistas têm seus gabinetes, pagam impôsto e trabalham. A comunidade não os considera charlatães, até pelo contrário, são "doutores".

Charlatão na medicina não há, como acima afirmamos. Na lista dos profissionais quanto aos remédios, ocupam o último lugar quanto a procura e consideração da clientela, o farmacêutico e o médico.

O facultativo fixou-se recentemente em Piaçabuçu. Filho de família dominante, foi cursar a Faculdade de Medicina na capital baiana, tendo se formado no ano anterior à nossa presença na comunidade, ali estava com o consultório aberto, aguardando porém sua nomeação para a chefia do Pôsto de Saúde que se instalaria naquêle ano. Quando, por ocasião de nossa segunda viagem de estudos, já estava à testa dos serviços do Centro. Sua

clínica particular era praticamente pouco frequentada. Há sempre os percalços de quem se inicia e principalmente sofre a concorrência de uma clientela que está voltada quase que na sua totalidade para a prática da medicina rústica. Coincidência é verdade, mas é digno que se assinale: o “Doutor de Raízes”, monta a sua banca há anos e ainda o faz, colocando sua esteira com a raizama tôda, bem defronte ao prédio onde é o atual consultório médico. Até o momento que deixamos a comunidade, não havia o chefe do Centro de Saúde tomado qualquer providência que hostilizasse o “Doutor das Raízes”, continuava a pagar o impôsto anual “sôbre o chão da feira” e os fiscais da Prefeitura, hebdomadariamente recebiam dêle a taxa devida, tal qual faziam com os demais feirantes, pelo funcionamento de sua banca de raízes e remédios.

Como apontamos, há apenas um médico na comunidade, descendente da família dominante, primo do Prefeito e possivelmente seu sucessor no cargo administrativo. Pode-se esperar que se dedique mais à política do que propriamente à medicina. Sua clientela particular é quase nula, porém, no Pôsto Médico atende a um número crescente de pessoas que procuram êsse estabelecimento assistencial. Pela fichas verificamos, em 1953; podemos afirmar o número é crescente dos que procuram o Centro de Saúde.

Os doentes de recurso financeiro quando não estão muito mal vão à Penedo para o hospital. Porém, aquêles que precisam de uma intervenção mais delicada viajam até Maceió, Aracajú, Salvador e mesmo Rio de Janeiro.

Poucos procuram o médico, e uma das razões que alegam é que para tôda e qualquer doença receita infalivelmente penicilina. “Si é para eu tomá pinicilina, num preciso í no Dotô Fulano, vô lá com o Dotô Farmacêu-

tico e mando butá uma, disse Galdino, não preciso pagá a consulta”.

“Em casa de pobre médico não entra”, diz outro informante, Miguel Cabeção, ao se referir à doença que atacou sua filhinha: “De que adianta êle vim aqui, depois receita uns remédio que a gente não pode comprá. O pobre se arruma é cum cházinho e com as “benzineira”.

Outros, como Agnelo Bispo, velho pescador, são fatalistas em matéria de doenças e aceitam-na como inevitáveis e procuram justificar sua atitude. Por outro lado, a conformação com a morte de uma criança sem assistência é no fundo para os pais uma desculpa para si mesmo por causa da falta de recursos. “Não acredito que doença mate alguém; só morremos quando temos que morrer. A doença é só uma desculpa. Assim, se as doenças matassem tôda vêz que a pessoa adoecia, morria. Isto, no entanto, não acontece. Meu pai morreu de sarampo, doença corriqueira. Eu, de vários irmãos que éramos, era o mais doentio, aqui estou contando o fato, os outros morreram todos com exceção do mais velho⁽¹⁰²⁾, concluiu Agnelo.

(102) Lembrou-se de um fato passado para explicar melhor o presente. Certo homem muito rico, dono de várias propriedades, sofria de uma doença, aquela em que a vêia no pescoço ia engrossando e ficando cheia de caroços duros. Já havia gasto muito dinheiro sem esperança de cura. Um dia pela manhã, bateu-lhe à porta um caboclo muito pobre pedindo-lhe esmola. Este homem pedira-lhe leite com um pouco de farinha. O rico mandou que o empregado desse ao pobre o que êle pedia. Terminando, perguntou-lhe novamente se queria repetir. O caboclo aceitou. Quando bem satisfeito, após ter terminado de comer o que lhe havia sido oferecido, o caboclo virando-se para o homem, disse: o senhor sofre de um mal e porque não se trata? O proprietário riu-se, dizendo que já havia gasto muito sem obter melhoras, que seu mal parecia incurável. O caboclo disse que aquela cura era muito fácil, que êle sabia curar. Ensinou o remédio ao rico homem: que tomasse fôlhas de uma planta chamada sambacaitá, mastigasse bem, engulisse um pouco daquele *sumo* e o resto cuspiisse num pedaço de pano. Depois enrolasse aquêle pano no pescoço, repetindo êste trabalho 15 dias, tendo o trabalho de não molhar, de não tomar banho. Que fizesse isto 15 dias continuados sem parar, mesmo que nada estivesse sentindo. O homem seguindo o que lhe fôra ensinado fêz o remédio. No fim dos 15 dias os caroços todos estavam bem pequenos já, não mais incomodando. O médico foi procurado e constatou que

Os motivos apontados explicam, em parte, a posição derradeira que o médico ocupa entre os profissionais de cura em Piaçabuçu.

O chefe da família dominante tem dois filhos médicos, mas ambos preferiram clinicar em Penedo, cidade maior. Dr. João Lobo, filho mais velho, afirmou que cada vez que vem passar um dia com seus pais em Piaçabuçu é um tal de dar consultas para muita gente, parentes, empregados dos sítios e lagoas de seu pai, enfim pessoas para quem êle atende gratuitamente e dá amostras de remédios.

Provavelmente, em regiões como esta só a medicina socializada é que poderá penetrar até às camadas inferiores, ensinando, educando e assistindo. Esta conclusão provém da leitura das fichas que fizemos nos primeiros três meses de funcionamento do Posto Médico do SESP em Piaçabuçu, onde a procura da assistência médica gratuita foi grande, com tendência a aumentar.

O "Doutor" Farmacêutico. — Na comunidade, em 1952, funcionavam duas farmácias: a Santo Antonio e Drogaria Matias. Um ano mais tarde, quando lá estive-mos de novo, apenas uma, a Drogaria Matias, dirigida por um farmacêutico prático. Vende remédios preparados, muito purgante (limonada purgativa) e "pilas" (pílulas) porque os preços são proibitivos e o povo ainda se socorre mais das rezas e mezinhas para sanar seus males físicos.

Ao farmacêutico prático ou ao formado, o povo chama pelo título de "Doutor", "Doutô Framacêutico".

aquêle mal havia desaparecido. Havia um carocinho que êle aconselhou fôsse extraído, a fim de que o cliente ficasse completamente curado. A indicação do médico foi recusada pelo cliente que não quis se submeter à operação". Conclui o informante: Males considerados incuráveis são curados com coisas tolas, isto reforçando que as doenças não matam ninguém".

O farmacêutico diplomado, atualmente empolgado pela política vendeu ao prático sua farmácia que as fundiu em uma só. O farmacêutico diplomado adiantou-nos: "Aqui farmácia não dá nada, o melhor é cuidar doutra cousa. Se eu fôsse viver disso teria morrido de fome".

Observamos mesmo durante todo o tempo que lá estivemos o pequeno movimento comercial. A farmácia era apenas um bom ponto para o bate-papo das personalidades importantes, dos "grandolas", como sempre se referiam ao grupo dos que ao entardecer ali paravam para "dois dedos de prosa", sôbre os assuntos os mais variados.

O farmacêutico é também consultado acêrca das diversas moléstias. Avia algumas receitas suas e as raríssimas do médico. Em ambas as farmácias, observamos uma certa homogeneidade nos produtos farmacêuticos expostos nas prateleiras envidraçadas. Estes são os remédios que maior saída têm: Estreptomina, Penicilina (especialmente para doenças venéreas), Diolasa, Esplena (injeções), Calcigenol Irrradiado, Beglucil, Tussaveto, Pulmidia, Peitoral Angico Pelotense, Biotônico Fontoura, Capivarol.

Anotamos os nomes dos laboratórios fornecedores de remédios: *De Recife*: Silva Araújo, Squibb, Labor-Terápica, Instituto Bio-químico, Oliveira Júnior, Moura Brasil, Jesa, Labor Farma, Fontoura, Idebert, Wander do Brasil, Monte Negro, Piam, Pinheiros, Farmacêutico. *De Maceió*: Raul Leite, Andrômaco, Lutecia, Tôrres. *Do Rio*: Maleteix.

"Consultórios"

Os "consultórios" dos oficiais da Medicina Rústica descritos, situam-se nas casas da cidade e da roça e nas feiras. Nesta há permanentemente os raizeiros que ali

comparecem hebdomadariamente. Estendem sôbre esteiras a banca da raízes e sentados num caixão de que-rosene atendem à clientela.

O “doutor das raízes” faz seus diagnósticos com perguntas a respeito dos “fundos sujos” ou “trazeiros carregados” (diarréia), “trazeiro empitado” (prisão de ventre), língua suja, a côr da urina, “barriga empedrada”, bucho fôfo, malemolência das pernas, “bom de bôca” ou “mau de bôca” (apetente ou inapetente). Conforme a informação é indicado o remédio.

Vêrificamos que o “doutor de raízes” não cobra as consultas, certamente porque vende o remédio receitado. Alguns poucos clientes dão “agrados”, isto é, pequenos presentes. Ele vive é da venda de sua raizama e “aperparos”. Não encontramos a “crença de que o remédio que se paga é mais eficaz do que o gratuito”, como assinala Cadocan no Paraguai⁽¹⁰³⁾.

Na feira, de quando em vez, aparece o curador de cobras. O curador, quando convidado percorre a zona rural para “curar os pastos”, isto é, mandar que as cobras dali se retirem, recebendo pagamento pelos seus trabalhos por parte dos interessados, geralmente fazendeiros proprietários de criatórios de gado. Quem se incumbem de combinar com o curador de cobras é o vaqueiro que o hospeda e o acompanha no “servicinho de limpar o pasto” das cobras.

O curandeiro e o benzedor, principalmente aquê, ao diagnosticar, realiza em parte a psicanálise: “escara-funcha a gente de pergunta, até os sonhos êle procura conhecer e interpreta as cousas boas e más”, afirmou Zezé cuja maior doença eram os males de amor contra-

(103) CADOCAN, LEON, *Apuntes de Medicina Popular Guaireña*, Imprensa Nacional, Asunción, Paraguay, 1957, p. 12.

riado e não correspondido. Curandeiro não cura apenas mazelas do corpo, as da alma também. Os bons conselhos do curandeiro, fizeram E. J. C. abandonar a prostituição e voltar para seu lar, foi o que a cozinheira Tonha informou. Psicoterapia foi o que êste curandeiro fez.

OS CLIENTES

A CONCEPÇÃO DO MUNDO da população estudada se revela através do ensejo intenso de restabelecer a sua saúde, porque a vida vale a pena de ser vivida. A doença, por algumas pessoas é considerada um castigo de Deus, para outros intromissão de elementos estranhos que os fazem sofrer. Tratam da doença porque na vida, embora sejam tantas as dificuldades, seja tão grande o cortejo de necessidades materiais, há valores que êles prezam: os amigos, os compadres, as diversões, o trabalho tudo isso significa algo, daí tratarem das enfermidades para gozar. Certamente, o desprezo pela saúde, indicará da parte de quem assim procede, um não cumprimento dos códigos de moral por êles aceitos.

Sôbre os clientes de Medicina Rústica procuramos nos capítulos anteriores dar alguns informes. Apresentamos algumas das perguntas que nós fizemos a nós mesmos quando procurávamos esquadriñar as atitudes e comportamento dos pesquisados. Eis algumas delas: “Como se comportam os tipos humanos desta região ante a Medicina Rústica?” — “Qual a atitude para com a Medicina Científica?” — “Qual a influência dêstes elementos estudados na sociedade?” — “Qual a concepção do mundo da população estudada?” — “Qual o conceito de moralidade e etiologia das enfermidades?” — “A maneira pela qual recebem os fiscais do Serviço de Febre Amarela ou os médicos enfermeiros do S. E. S. P. (Serviço de Saúde Pública)?” — “É apenas a fome e a razão das desordens mentais dos penitentes?” — “Quais as consequências das doenças e a desorganização social?”

Problemas êstes que nós mesmos levantamos e procuramos estudar. Vislumbramos apenas algumas facêtas dêles, porque a nosso ver, maior teria que ser a nossa permanência no local a fim de assenhorearmo-nos proficientemente de um acervo maior de dados com os quais pudéssemos comprovar as hipóteses de trabalho levantadas em campo.

Para se ter uma idéia mais nítida acêrca dos clientes das “benzinheiras”, dos frequentadores das casas de curandeiros, descreveremos alguns aspectos da vida comum dos moradores de Piaçabuçu, destacaremos, por exemplo, fatos marcantes da vida de seus membros, como sejam a gravidez, o nascimento, os primeiros cuidados com o recém-nascido e finalmente a morte, entêrro e luto. Daremos também algumas crenças (Ver *Apêndice n.º 12*), que evidenciarão a mentalidade dos clientes da Medicina Rústica, será UM ESCORÇO DO MUNDO MENTAL DOS HABITANTES da comunidade estudada.

Em Piaçabuçu, como já apontamos, a religião dominante é o catolicismo romano. Na cidade há apenas 18 pessoas que são cristãs evangélicas — são os protestantes ou os “bodes” como desprezivamente a êles se referem. Verificamos, no entanto, que entre êsses “crentes” não assinalamos tais usanças a não ser o uso de cházinhos (de hortelã, camomila, puejo) para as crianças. Protestantes não usam rezas, não fazem promessas, não fazem romarias e não frequentam toré ou candomblé. “Fazem”, como nos informou Jessé de Matos, dirigente dos batistas, “orações, consultam médicos e compram remédios na farmácia, mas quem determina a cura ou a morte é Deus”.

Ao referirmo-nos à religião dos “clientes” da Medicina Rústica, repetiríamos dizendo que há dois tipos: a católica romana e a católica brasileira ou de “folk”. Aquela à qual pertencem fiéis seguidores realmente da

religião, esta onde seus membros realizam vários mandamentos e sacramentos da Igreja, batizam-se, casam-se às vezes, frequentam missas, muitos confessam, porém, tomam parte ativa no toré ou no candomblé, é o catolicismo brasileiro, uma religião sincrética. A ela pertence a maioria dos moradores de Piaçabuçu.

Além deste aspecto referente à religião dos clientes da Medicina Rústica, a pesquisa revelou-nos outros: os homens procuram os benzedores, curadores ou raizeiros em duas fases bem marcadas de sua vida. A que precede ao casamento e depois quando começam atingir a curva da vida e “as mazelas da mocidade dão mêdo do próximo encontro com a magrela (morte)” outros caracterizam tal época assim: “já é hora de rezar, de andar com o rosário na mão”. As mulheres quase a vida tôda se utilizam da medicina rústica, quando não é para si é para seus filhos. É através das mulheres que a tradição perpetua. Crenças e simpatias lhes são confiadas e elas próprias as transmitem de geração em geração.

Para que se tenha um melhor conhecimento dos “clientes” necessário se faz, como já assinalamos, descrever aspectos comuns da vida de seus moradores. Começemos pela gravidez, depois quando a mulher “vai ficar doente”, isto é, dar à luz. Completaremos o quadro acompanhando o homem comum de Piaçabuçu desde o bêrço até ao túmulo. Assinalaremos também a formação de sua mentalidade, através de suas crenças, de seus sonhos (Ver *Apêndice n.º 13*). A mudança social, numa comunidade assim, é lenta, perdurará portanto a Medicina Rústica ainda por muito tempo.

GRAVIDEZ

Após o casamento o casal espera o aparecimento do filho. Este geralmente não se faz demorar. É cor-

rente entre os moradores da comunidade uma brincadeira que os amigos dos nubentes fazem ao felicitá-los: "Então está tudo bem, me convide para o batizado que logo aí vem".

A mulher, logo após o casamento, fica sob a observação de outras pessoas da comunidade, pois estão curiosas para transmitir a notícia: "fulana está esperando". Quando a mulher começa a ter os primeiros sintomas de gravidez, há, por parte de todos, satisfação, alegria. Logo após os primeiros meses de gravidez, deixa de interessar a comunidade o fato da espera de um novo membro. Só os pais, principalmente a mãe, continuam naquele estado de ansiedade.

É claro que o estado de gravidez traga uma satisfação grande para o casal, porque na comunidade a mulher que não tem filhos é "maninha", isto é, estéril e conseqüentemente olhada com certo desdém. Há mesmo curiosidade para saber-se qual é o membro do casal que é "maninho". O homem depois de algum tempo de casado, não tendo filhos com sua espôsa, caso não tenha tido quando solteiro com outras mulheres, se lança arduosamente em aventuras extra-conjugais procurando testar sua capacidade genitora. Quando consegue verificar, ter filhos fora do leito conjugal e sua espôsa fica sabendo do que se passou, não se agasta com tal atitude. Ela é "maninha", daí redobrar então as promessas para que os santos interfiram e venha a ser mãe. As promessas são feitas, principalmente para Nossa Senhora Mãe dos Homens, outras para Nossa Senhora do Perpétuo Socôrro. A santa invocada pelas mulheres durante o parto é Nossa Senhora do Bom Parto. Trazem as parteras ou a própria paciente o chamado "breve", isto é, a oração da referida santa prêsa dentro de um saquinho de pano que será prêso ao pescoço por um cordão. Há "breve" de São Vicente também usado nestas ocasiões.

Dentro devem estar as palavras escritas: “ajude-me com sua capinha me despachar”. A “assistente” (a parteira) na hora do parto dentre outras “práticas resolvedoras do despacho” lê (é o caso de D. Dindinha, ela sabe ler) a oração de Nossa Senhora do Bom Parto utilizando-se do livro “A Cruz de Caravaca”. Nos partos duplos quem entra em apuros é a “aparadeira”, chegando às vêzes, a descuidar de um dêles. Em parte, tal descuido revive velho costume tupi.

Reproduzimos uma oração para o parto, gravada pelo pesquisador:

*“São Miliano se vestiu
e amarrou seu cordão,
Perguntou a Virgem Nossa Senhora
— onde vai Miliano ?
— vou a terra senhora,
Livrar as mulheres do parto,
Que na casa em que eu entrar
Mulher de parto não morrerá,
Que não morrerão,
Nem bois abismados,
Nem crianças abafadas,
Os meninos nascerão para pirão
E as mães contentes ficarão.”*

Em seguida a “assistente” reza um Padre Nosso e uma Ave Maria. Disse a informante que esta oração foi-lhe ensinada por uma velhinha.

Quando o homem é estéril recorre em geral às garrafadas e à pirótica, atribuindo tal fato aos muitos desregramentos sexuais que praticou e às moléstias venéreas que adquiriu na mocidade. A porcentagem dos homens que tiveram experiências sexuais antes do casamento acompanhadas de moléstias venéreas é, segundo afirmou o médico do Pôsto de Saúde local de noventa por cento. Na

comunidade referem-se ao homem “maninho” com certo desdém “fulano é carunchado, nem filho é capaz de fazer”.

Ouvimos apenas uma referência acêrca da esterilidade feminina como sendo castigo divino, da velha rendeira ao pedir esmola: “Sou viúva e pobre, fui casada e nunca tive a felicidade de ter filhos. Eu quando virgem era muito orgulhosa, por isso Deus me castigou, não permitindo que eu tivesse filho, fechou a mãe do corpo, não foi por doença do meu defunto marido, foi por castigo. Velhice e pobreza são duras, mas muito mais é nunca ter tido filhos, porque é nesta ocasião que êles valem”.

Certas mulheres casadas que não tendo filhos, preferem passar por solteiras para com certeza evitar a crítica ou a referência de que ela é “maninha”. A velha D. Zelinda, diz que ela não se engana, porque sabe fazer uma brincadeira distinguindo as “mulheres” das “môças”. Assim desmentia as que queriam passar por moças. A brincadeira é a seguinte: com um barbante ou cordão dobrado toma-se a medida do pescoço. Em seguida prende as duas pontas aos dentes e tenta passar o restante pela cabeça. Se passar é “mulher” se não, é môça solteira, virgem. (“Solteira” nessa região não é empregado para designar a não casada, aliás, seu significado é pejorativo — quer dizer prostituta).

Alguns trabalhadores do meio rural e pescadores deixam de tomar determinadas iniciativas enquanto a mulher está grávida. “Enquanto a minha mulê não se desacupá não farei tal”. Outros dizem: “minha mulê está cheia, depois disso...” “A minha mulê está cheia de vontades porisso preciso satisfazê os desejo dela, qué comê isto, qué bebê aquilo, e a gente num pode sacrificá ela, mode o inocente que aí vem.” Estas preocupações do marido revelam a solidariedade dêle para com o estado psíquico da grávida.

Algumas crenças acêrca da gravidez. “Mulher grávida que borda, a criança nasce trazendo no corpo os desenhos dos bordados”.

“A mulher grávida pode saber se seu próximo filho será do sexo feminino ou masculino. Se o feto aos três meses e meio de gravidez se mexer, será do sexo masculino. Isto acontecendo só no quarto ou quinto mês será feminino”.

“Quando a mulher está grávida e passa por cima das pernas do marido, fica com enjôo pelo marido. O homem precisa tomar cuidado porque senão só quando ela se desocupar é que perderá o enjôo pelo marido”.

“Tôda vez que a mulher fica grávida e sente dôres nas costas, ela deve pedir ao marido que faça com as mãos dêle fricções nas partes doloridas. Isto faz com que a dor desapareça”.

Falava-se sôbre parto. Zélia, estava com um menino no regaço, de cêrca de quatro meses, veio nos mostrar a criança, dizendo que era a mais robusta que conhecia. A criança é de uma vizinha. Zélia disse chamar-se José Ademir; como porém nascera “laçado” no pescoço, tiveram que dar também o nome de José. Tôda a vez que uma criança nasce com o cordão umbilical envolvendo o pescoço dão o nome de José, para que São José a proteja e para que possa desenvolver-se bem.

Constatamos uma reprovação pela atitude de Maneca Pistão: “aquêle homem não tem dó da mulé dêle, ela está sempre cheia, coitada vive sempre ocupada: dos catorze filhos que ela teve onze estão vivos, são todos uns ratinhos, mais parecem mocó⁽¹⁰⁴⁾, isso porque a Maneca Pistão não dá descanso para a coitada, é um filho atrás do outro”.

(104) Mocó — Roedor da família dos cavídeos (*Kerodon Rupes-tris*) semelhante à cobaia.

NASCIMENTO

“Antigamente e ainda é comum aí pelos matos a dentro, informou o Coronel Dionísio Góis, quando a mulher custava para ter menino, amarrava-se uma corda nos caibros da casa, passando-a por baixo dos braços da parturiente a fim de se despachar, fechando uma das mãos, assoprava como se estivesse soprando um canudo. As parteiras ensinavam uma rezinha para essa hora:

*“Santa Rita não estou prenha
nem estou parida
bote-me no rol
das suas escolhidas.”*

“Há algum tempo atrás, hoje não se faz mais isto afirma D. Dêzinha, as mulheres davam à luz sentadas numa gamela emborcada sôbre a qual se colocava uma rodilha de pano. Hoje, as “assistentes” já mandam as parturientes se deitarem a fim de ter a criança na cama. Fazem uma coisa que não acho certa: o cordão umbelical é só cortado após ter a mulher se despachado. O sexo também não deve ser conhecido antes disto, porque não faz bem à criança. Os médicos mandam, nascida a criança, lhe corte o cordão. Antigamente as mulheres tinham os filhos no chão, ficando a criança no chão sôbre a esteira, às vêzes batia sem querer com a cabeça na criança, o que aconteceu com um dos meus. Resultou um abcesso que foi tratado com óleo de amêndoa. Para que desaparecesse mais depressa fizeram uma touca de meia de mulher bem justa à cabeça. O marido está presente sempre ao parto, auxiliando a parteira. O meu auxiliou muito a assistente por ocasião de um dos meus partos difíceis. A criança botou a cabeça, as dôres e contrações passaram completamente. A parteira mandou que o marido levantasse a mulher e que esta fizesse bastante fôrça.

A criança nasceu prêta, não chorava. A parteira deu-lhe umas palmadas, e eu fiquei três dias com os olhos inchados tal a fôrça que fiz. Antes da criança nascer quando pedi auxílio do marido gritei: Valei-me minha nossa Senhora”.

Costumam, isto até hoje, defumar a criança, passando-a sôbre um recipiente com brasas no qual se coloca alfazema (*Lavandula augustifolis*) para perfumar a criança. Quando a fumaça envolve o corpo da criança, deve-se dizer seguidamente:

*“Nossa Senhora passou seu filho para cheirar,
boto o meu para ser feliz.”*

A tesoura que foi usada para cortar o umbigo costumam colocar debaixo da cama. Este após ter caído, quando não é guardado para fins medicinais, é enterrado na porteira do curral (para ter sorte na fazenda com plantação ou gado), na porta da Igreja ou da capela (para ser religioso) ou lançado ao rio (para ter sorte nas coisas ligadas ao rio). O umbigo é tratado com óleo de amêndoa. Após ter caído usa-se a canela em pó. Hoje usa-se também o anasseptil, informa D. Olindina. O paninho usado deve ser lavado anteriormente e passado. Depois com o auxílio de uma vela, faz-se um furo no centro a fim de colocar através dêle o umbigo. O cordão utilizado hoje já é comprado nas farmácias. Antes tomava-se um cordão enrolando-o a fim de que ficasse mais forte, mais resistente.

As parteiras costumam colocar antes do parto uma tira, ou melhor faixa, amarrada na barriga da parturiente para a criança não subir.

Para as dôres usa-se uma meia do marido dentro da qual colocam arruda, amarrando-se ao “pé da barriga” (púbis). Nos “matos” (interior a dentro) as mulheres usam tomar chá feito com um pedaço de pano utilizado

para a mortalha de anjo. Aquêlê pedaço recortado para que passe a cabeça do anjo, isto é, o pequeno morto. Quando a mulher não se despacha, costuma-se vestir nela a camisa do marido de trás para diante. Usa-se colocar a criança no seio da mãe para chupá-lo e dá à mãe também uma colher de óleo para tomar. O chá da alfavaca de cheiro tem a mesma finalidade. Quando a criança está em má posição uma toalha felpuda que foi previamente aquecida ao fogo. A toalha é colocada naquêlê bôlo que se forma o qual a parteira reconhece, indício da referida posição.

Dieta do parto

O resguardo, de trinta dias, deve ser feito do seguinte modo: oito dias de repouso, sendo que algumas se levantam até com três dias. A alimentação é constituída de sopa, caldo de galinha, caldo de carne de gado engrossado com farinha peneirada (esta sopa é chamada "pará"), alguns peixes, os não "carregados" como a traíra, piáu, xira (tirando-se-lhe o "fio"). Abóbora e maxixe não devem fazer parte da alimentação porque são comidas "carregadas". Os mariscos também só depois dos trinta dias.

A higiene da mulher é feita pela parteira, banho de meio corpo, nos primeiros dias, o mesmo acontecendo com a criança. Isto até cair o umbigo. O banho completo, até a cabeça é dado após quinze dias.

O umbigo é cortado tendo como medida dois dedos, amarrando-o duas vêzes com o cordão unto. Cordão é encerado, passando no sebo de carneiro. Em seguida limpa-se bem, com um algodão colocando-se talco sem perfume, talco "Ross". Algumas pessoas usam hoje o óleo de amêndoa, o que a informante condena porque suja tôda a criança e a roupa. Antigamente usava-se o

óleo bento que se ia buscar na Igreja. Após o umbigo ter caído usa-se o pó de quina, conservando (o umbigo) para ser enterrado num cruzeiro, na porta da Igreja, no curral, lugar sagrado ou lançado ao rio. Não se joga fora, pois também é remédio. Cuidado com o rato porque diz o povo, caso êste o roa, a criança se tornará ladrão. Assim, quando uma pessoa é prêsa por roubo logo dizem “o rato roeu o umbigo dêle”.

A tesoura utilizada para o corte do umbigo fica aberta espetada num rôlo de fio que deve ser colocado na cabeceira da cama da criança. Isto impede que a criança sofra complicações no umbigo. Para “enjôos” a água de côco é muito usada, o mesmo acontecendo com o chá da fôlha de uva. Quando a mulher enjoa, o marido deve dar a ela para cheirar a cueca ou ceroula que êle já tenha usado. Quando a mulher fica enjoada do marido é porque passou por cima das pernas dêle, quando estava deitado. Os homens sabem disso e não gostam. Há também a crença de que a mulher que o fizer consegue desta forma dominá-lo. Há indícios, segundo várias senhoras entrevistadas, que podem predizer o sexo do filho esperado. Se a mulher fica com “panos” (manchas roxas), “tontice” (tonturas), se transforma, sente dôres no estômago o filho será homem. Se a “coroa” ao redor do bico do seio ficar muito prêta será homem. Se a mulher engordar muito, ficar “quartuda”, “cadeiruda”, será do sexo feminino.

PRIMEIROS CUIDADOS COM A CRIANÇA

Para a criança, logo após o nascimento dá-se uma colherinha de óleo de amêndoa, o que é sempre indicado pela parteira. Lavada a criança é a seguir vestida e a roupa usada é a seguinte: uma camisa, um casaquinho de flanela quando nasce na época de inverno, sapatinhos de

lã, touca ou não. Geralmente as toucas são feitas com meia de algodão da mulher. Para enrolar as pernas das crianças usa-se pano, trapos.

Além dos cuidados de ordem material que são dispensados à criança há outros, de ordem espiritual que poderíamos chamar de ritos protetivos, é a medicina espiritual: no caso de qualquer doencinha, soluço, quebranto, imediatamente a mãe corre procurando a “benzinheira” ou ela mesma executa certas práticas simpáticas capazes de debelar o mal. Ritos protetivos que acompanham a criança até adulto, porque aí nessa fase da vida vai praticar também os ritos produtivos.

Dentre os ritos protetivos mais comuns se destaca o benzimento que é feito por uma “benzinheira”. Esta, em geral, é a própria parteira, ali chamada a “assistente”, que os executa. Aliás, há muitas práticas que são observadas porque as “assistentes”, já ao penetrarem na casa, as vem executando: meizinhas, chás, óleos bentos, gôtas de água benta que se vai buscar na Igreja, são os remédios eficazes para os males infantis. Há um cego pedinte de feira, que é o mais procurado benzedor de crianças que estejam com bichas assustadas. As mães estão sempre alertas para evitar os males da primeira infância: “quebrante” ou “quebranto”, “ventre caído”, “mal dos sete dias”, “olhado nas tripas”, “ar do tempo” aliás doenças estas tôdas curadas por meio de simpatias, rezas etc., benzeduras que dizem da diminuição das bichas, de sete em sete, de seis em seis... de uma em uma...

Escolha do nome

Em geral a “Criança traz o nome”, isto quer dizer que seu nome é dado pelo santo do dia. Se a pessoa é analfabeta o “Dotô Farmacêutico” lê na “folhinha” ou no “manaque”. Esta é a forma mais usual de se escolher

o nome para o recém-nascido. Há também muitos José. É o nome mais encontrado para homem... e nem todos ao nascer estavam com o cordão umbelical enlaçando o pescoço...

Influi grandemente na escolha dos nomes o compadrio. Já em estado de adiantada gravidez se processa a escolha do padrinho da criança. É o compadre, não raro, intervém, dando nome ao afilhado.

Estes nomes foram tirados no cartório considerando-se um espaço de 10 anos, indicam haver lenta modificação quanto ao costume de dar nome de santo aos filhos como se fazia no passado usando a folhinha ou almanaque.

De 1943 copiamos os nomes dos nascidos no primeiro semestre: Acendinho, Adaicir, Adamiel, Adélia, Ademário, Afonso, Aguinaldo, Alcina, Alaíde, Alofzio, Aluízio, Altelina, Amacelho, Amália, Amantina, Anacleto, Ana, Ana Amélia, Ana Maria, Andira, Ananias, Anísio, Anelina, Antonio, Antonio, Antonio, Antonio, Antonio Carlos, Antonio Carlos, Antonio José, Antonio Maria, Antonio Pedro, Antonieta, Atainel, Aurélio, Belaniza, Bendito, Bernadete, Carlos, Carlos Josué, Carlina, Carmelina, Carmelita, Carmelita, Cícera, Cícero, Celestina, Clara Lúcia, Cleonice, Cleuza, Delora, Dijandir, Doraci, Dulce, Elias, Eliene, Elsa, Enualdo, Erilho, Esmeralda, Francisco, Havarina, Hélio, João Francisco, José, José Carlos, José Francisco, José Italo, José Maria, Laura, Luzia, Manuel, Maria de Lourdes, Maria Luíza, Maria Maura, Maria Valdete, Tarcísio, Raul, Sílvia, Vera Lúcia.

Apenas começando pela letra "A" vejamos uma lista de pré-nomes encontrados na mesma fonte, no primeiro semestre do ano de 1953.

A letra. — Abitalina, Adeilde, Adelaide, Adelino, Adimásio, Afrinha, Afrânio, Aguinaldo, Audalio, Alcides,

Alienaide, Alípio, há um de cada; Aloísio, Américo, Alzira, dois de cada; Amábilio, Amália, Amélia, Ameliano, há um de cada; Ananias, Angelúcia, Anésio, Anísio, Antoninha, há um de cada; Antonio há 33; Ariel, Aridai, Arinaldo, Arlindo, Arlinda, Aracy, Arsene, Aristóteles, há um de cada; Aster, Augusto, Avelino, há um de cada.

MORTE E ENTÊRRO

Dois tipos distintos de entêrro na cidade de Piaçabuçu: o “daquêles que podem” e “dos que não podem”. Os “que podem” o sino bate. O caixão vai à Igreja, o padre à frente do entêrro após à missa de corpo presente vai até ao cemitério e os sinos dobram a finados ininterruptamente. No caso de pessoas pobres, o “Caixão da Misericórdia” vai buscá-los. Aparecem alguns homens, poucos. Levam o caixão diretamente ao cemitério. Lá despejam o corpo e voltam com o caixão a espera de servir outro pobre.

Antigamente havia aqui um costume de, embora não se mandando encomendar o corpo segundo o ritual católico romano, passavam com êle por frente da Igreja. Era o suficiente. Só isto bastava, estava encomendado. O Prefeito Galvão, disse um informante, acabou com tal hábito, usando hàbilmente suas relações políticas com o padre, partindo do pároco a proibição. Daí por diante acabou-se tal costume dos pobres. Foi nessa época que o padre pediu ao delegado de polícia para acabar com as “sentinelas”. Vários informantes recordavam-se de uma sentinela feita na Paciência de Baixo que a polfícia surrou todo mundo até o defunto.

Ao morrer uma pessoa desde que seja de certo destaque social, bem aquinhoada econômicamente, o sino bate o dia todo, isto é “o sinal”. E foi há bem pouco que as famílias ricas deixaram o hábito de enterrar na

Igreja seus membros falecidos, passando a sepultá-los no cemitério. Há catorze pessoas das famílias importantes, dos “grandolas”, enterradas na Igreja. Certo padre, ao reformar a Igreja teve que remover um dêsse “enterrados” para o cemitério, o que causou certo descontentamento e forte reação política por parte dos seus familiares, sendo preciso o padre sair da cidade e ir “pregar noutra freguesia”, como nos informou um descendente dêsse enterrado. Os pais de D. Camaroa estão sepultados na capela de Santo Antonio. Capela que é zeladora há 60 anos, há também um padre e sua mãe, enterrados nessa exígua capela na cidade.

Quando um indivíduo pobre morre, se a morte ocorreu pela manhã enterram à tarde. Porém, se morre à tarde ou à noite, passam cantando a noite tôda e por ocasião de levá-lo ao cemitério a certa altura êles surram o defunto para que se torne mais leve para ser carregado. Isso é comum quando a rêde vem do meio rural para a cidade.

Várias são as observações que devem ser feitas nessa ocasião: a lavagem do defunto deve ser feita, às vêzes, pela pessoa que o falecido pediu, é a ablução, observância da lei mosaica. Ao sair o entêrro, duas pessoas, nunca uma só, devem varrer a casa e lançar os ciscos na direção que seguiu o entêrro. Há ainda muita choradeira na hora da despedida, porém, não há mais carpideiras.

Criança que morre sem batizar enterra-se nas encruzilhadas, não se enterra no “sagrado”, isto é, o cemitério. Enterra-se na encruzilhada das estradas e não se coloca cruz é o “Cemitério dos Pagãos”. Enterra-se também na biqueira da casa, o que é realmente comum em Piaçabuçu, principalmente nas pontas de rua, na zona suburbana e rural.

Manoel das Dôres informou que tem “um filho enterrado na biqueira de sua casa” (mora na cidade, perto

do Quadro, isto é, Praça da Matriz). “Minha mulher matou êle de desejo. Ela estava com desejo de comer feijão com carne de Ceará. Não tinha “ceará” em casa. Ela quando cheguei estava em cima da cama com dôres. Nasceu de cinco meses. Eu peguei e enterrei na biqueira da casa”. A biqueira da casa é onde a chuva cai. Quando é batizada só se enterra no lugar sagrado, onde o padre benzeu, no cemitério.

Quando morre uma criança, depois de se ter tentado os remédios da medicina rústica e mesmo, quando as posses econômicas o permitem, terem chamado o médico, é comum ouvir-se, frases como estas registradas por M. Rodrigues de Melo⁽¹⁰⁵⁾: “Era um anjinho... Deus quis... faça-se a vontade de Deus. Se era de ficar grande e dar desgosto à família, ser um ladrão, um valentão, arruaceiro, bebedor de cachaça, jogador, fazendo vergonha à família, era melhor assim,... que Deus o levasse”. O que muitas vêzes pudemos registrar, através da conformação com a morte da criança, podia-se ler, no fundo daquelas almas amarguradas, uma desculpa para consigo mesmo pela falta de recursos materiais. Pobreza que na falta de assistência à infância dá aos pais uma atitude de conformação e leva-os a falar de destino, de Deus...

Luto

Quando morre alguém na família, todos colocam luto. Se é o pai ou a mãe, até crianças de braço são trajadas de prêto. Mesmo quando morrem crianças, os pais usam luto. É, por tanto, muito comum tal uso. Tingem tôdas as peças de roupa — as de cima e as de baixo. É impressionante o número de pessoas de luto: pessoas de idade, mulheres e crianças. Guardam luto de parentes e até de compadre.

(105) MELO, M. Rodrigues de, *Cavalo de Pau*, Ed. Pongetti, Rio de Janeiro, 1953, p. 88.

De pai e mãe — luto fechado durante um ano, aliás, não há luto aliviado. O luto é camisa e calças pretas. As mulheres de vestido todo preto. Acreditamos que seja também uma roupa mais prática, pois a sujeira pouco aparece...

Luto por parte de filho, sendo casado ou maior, guardam seis meses. De filhos antes dessa idade, apenas três. De tio, avós, três meses. De irmão, seis meses. De compadre que se quer bem três meses. Quanto aos pobres também é assim. Últimamente há outro uso de luto, homens só trazem um fumo na lapela, braço e chapéu. Afirmam que aprenderam tal uso com a gente que voltou de São Paulo ou lá morou. Em casa as mulheres andam com outro vestido, só põem o de luto para sair. Os pobres não, é a mesma roupa o dia todo. Nossa lavadeira está de luto de seu irmão de 18 anos que morreu afogado no rio, informou que tôdas as peças de roupa da família são tingidas no dia imediato após o entêrro do membro falecido.

V e l ó r i o

Praticamente em desuso na cidade está o velório, chamado popularmente de “sentinela” (Ver *Apêndice n.º 14*). Feito durante a noite, quando velam o corpo do falecido, cantando rezas e benditos, é a maneira popular de encomendar o defunto. A sentinela é a missa laica de encomendação de defunto feita pelos pobres. A severa repressão policial inspirada pelos próprios padres vem contribuindo para o desaparecimento dessa usança, encontrada apenas nos lugares mais distantes da comunidade. Na cidade raramente após a morte de uma pessoa, costumam fazer novena, sendo porém comum nos bairros rurais, onde moram aquêles que não podem pagar missas de sétimo dia.

Na “sentinela”, a família do morto oferece umas garrafas de cachaça e alguma cousa para se comer. Através da noite, alternam os cantos religiosos com uns goles de cachaça para “melhorar a voz”. Não raro ao amanhecer há muita gente embriagada, sendo mesmo difícil para os que passaram a noite nestas libações e “guardamento” carregarem o defunto até ao cemitério. Êle está muito pesado, daí possivelmente o costume de surrar o defunto para ficar mais leve.

Ainda é uso transportar do bairro rural até a cidade o defunto em rêde, caso a caminhada seja feita por terra, porque, quando trazem das ilhas ou povoados marginais, vem em barco ou enterram por lá mesmo, nos casos de afogamento. Durante a viagem, os acompanhantes vêm cantando rezas apropriadas. A “pisa” (surra) no defunto é dada com vara ou cipó no caso de ficar muito pesado para atravessar o riacho. Dizem que no caso de ficar muito pesado para atravessar o riacho. Dizem que ao transpor as águas do rio é que sente mais o pêso, pois o defunto não quer atravessar as divisas da sua moradia.

A reza de “sentinela” é “puxada” ou “tirada”, isto é, dirigida por um capelão leigo. Há homens e mulheres que se desincumbem de tal mister, basta apenas ter um bom cabedal de conhecimento das rezas apropriadas para a ocasião. As “sentinelas” são um cantochão que se tornou rústico, guardando porém a melodia religiosa que enternece. As palavras, não raro incompreensíveis, se deturpam ao serem transmitidas de geração a geração o de rezador a outro.

Quando estão no velório e passa alguém perto, uma das pessoas grita: “chegai irimão das alma”! Há também um canto dirigido às pessoas que auxiliam na “sentinela”. É comum dirigirem-se ao defunto na hora em que o estão arrumando na esteira ou no chão. Ao ves-

tirem, às vezes, mandam “endurecer o braço”, “amolecer a perna”. Há uma série grande de observâncias postas em prática quando morre alguém. No final da “sentinela”, quando o defunto será levado para ser enterrado há um canto de despedida cantado pelo “tirador de rezas”. Presenciamos uma reza de despedida de um môleço que morreu em Piaçabuçu por causa dos espancamentos da polícia de Igreja Nova, por motivos políticos. Nessa reza, o “puxador” dirigia-se à mãe do morto, único parente que deixara.

No decorrer da noite cantam as “incelências”. Cantam sempre doze “excelências” número dos apóstolos. É um dever do bom cristão participar de uma “sentinela”, por isso ao ouvirem “*chegai irimão das alma*”, ninguém deixa de atender, ainda mais que é crença de que defunto enterrado sem ter cantado para êle as “doze incelência” não terá salvação. Para criança não há velório, e os pais não devem chorar para que as lágrimas não molhem as asas do anjo da guarda que virá buscá-la.

Há tanto respeito quando se canta a “sentinela” que os participantes dessa “missa de encomendação dos pobres” o fazem de joelhos ou em pé, e os que a escutam não devem permanecer sentados ou deitados, mas genuflexos.

VI

FEITIÇARIA

AO TRATARMOS DA MORTE, entêro e luto, há outro aspecto da cultura da comunidade que se torna necessário referir, é o da crença nas magias positivas, segundo G. Frazer⁽⁶⁾ a feitiçaria. Como esta provoca a doença ou morte os membros da comunidade buscam remédio na Medicina Rústica para livrarem-se de tais prejuízos ou destruição.

O "MAL FEITO"

Há na comunidade a crença de que certas pessoas têm capacidade para fazer o "*mal feito*" para adversários, inimigos, pessoas decaídas do agrado do "entendido". Muitas foram as pessoas que se referiram aos "mal feitos" e às artes do Maria Xangô. É, portanto, crença generalizada a existência de algo sobrenatural capaz de produzir prejuízo ao próximo. Podemos classificar em dois grupos distintos os manejadores da feitiçaria nesta região: os que fazem o "mal feito" e Maria Xangô.

Parece ser comum a prática do "mal feito", não havendo especialização. Certas práticas feitas por pessoas mesmo leigas podem ser consideradas como "mal feito". Algumas dessas práticas são tradicionais, e apontadas como sendo feitas por fulano e sicrano, assim estas duas fórmulas que algumas moças da comunidade já realizaram e cuja experiência apresentamos nas palavras dos nossos informantes: "A sogra de Mariazinha para que o noivo

(106) FRAZER, James George, *La Rama Dorada*, op. cit.

não desmanchasse o casamento, fêz porcaria (ou mal feito) para o môço. Raspou o pêlo do pé do pente (púbis) da filha, torrou-o bem e a noiva lavou as partes pudendas, com a água fêz um chá ajuntando os pêlos torrados e deu para o môço beber. O môço voltou e se casou com a môça. Ele é dominado pela muler. Foi porcaria que a sogra fêz para êle”. Outra: “Quando a môça está com o incômodo do mês, recolher e colocar no bôlo ou na comida. Comeu e já se sabe que ficam atrás da môça, casando, ficam dominados pela mulher”. “A Zezé botou uma gôta do incômodo no cuscus para o Toinho, êle anda feito cachorrinho atrás dela”. “No mungunzá da Maria Chagas tem baba dela, por isso que ela não dá conta de vendê o chá de burro que faz, todo mundo quer comprá êle aos sábados à noite”.

O “mal feito” não é praticado tão-sòmente pelas mulheres, também pelos homens. Em geral as mulheres o fazem em conexão com problemas amorosos. Já os homens parece que exclusivamente com o que se relacione a negócios.

Entre os fazedores de “malfeito” da atualidade não encontramos sequer uma referência acêrca de algo produzido com o fito de matar o indivíduo. Pareceu-nos, pelas observações feitas, que os prejuízos não iam além de prender e amansar o espôso, no caso das mulheres ou atrazar e atrapalhar os negócios no caso dos homens.

AS ARTES DE MARIA XANGÔ

Conhecida e temida em tôda comunidade foi Maria Xangô. Morava do outro lado do rio. Quando alguém desejava algo mais forte do que apenas pequenos prejuízos ao próximo, mas o seu aniquilamento completo, recorriam à Maria Xangô. Durante muitos anos, ela foi respeitada em tôda a região do baixo Rio São Francisco.

Nem os policiais queriam saber de negócios com ela, recusavam-se a ir prendê-la em seu pequeno sítio no Brejão.

Um informante disse: “Conta-se que certa feita, um delegado de polícia mandou dois soldados para buscar Maria Xangô. Estes se opuseram, mas, o sargento os obrigou, foram buscar a pobre negra velha, tão temida. Ela os recebeu em sua casa, como estavam cansados deu-lhes água para beber e ofereceu-lhes farinha para um pirão d’água, enquanto abria um côco. Quando estavam para acabar de comer o pirão d’água, Maria Xangô disse aos soldados, é bom levar um pouco dêsse pirão para o sargento, por enquanto êle só pode engulir pirão, logo nem isso. Esperaram o sol declinar um pouco, colocaram Maria Xangô na canoa, levaram-na à presença do sargento-delegado. Ficou prêsa alguns dias. Morreria de fome se não fôsse a intervenção de várias pessoas levando “o de comê” à preta velha, pois o sargento disse que não a surraria porque era muito velha, mas a deixava sem comer para castigá-la. Passados alguns dias o sargento mandou soltá-la. Maria Xangô volta para o Brejão, e o sargento, poucos dias após essa prisão foi levado para Penedo, desacordado no fundo de uma canoa. Deu-lhe qualquer cousa na garganta, não podia engulir nada. Disso veio morrer”.

Outro testemunho sôbre Maria Xangô foi dado por Dorival: “Meu pai morreu de feitiço, foi a Maria Xangô que fêz feitiço para êle”. Quando Dorival narrava as fases da doença do pai que atribuía sua morte às artes de Maria Xangô, uma pessoa disse: “Lembra-se do Oscarlino? Aquêle que trabalhava no Pôsto Fiscal, como guarda? Pois bem, certo dia prendeu a canoa de Maria Xangô. Não demorô mucho êle veio morrê. Coitado era môço mucho bom, mas por que foi besta de se metê a besta?”

Velho soldado do destacamento policial, o Quincas Correia, entrevistado a respeito de Maria Xangô, há pouco falecida, disse: "Cê tá besta, m'ermão, eu não, eu não que iria prendê aquela mulé, não". A narrativa longa do praça reformado a respeito de alguns casos de Maria Xangô foi concluída com o fato recente de enlouquecimento de um soldado que a empurrou para andar mais depressa por causa de seu passo trôpego de anciã. Continuou o informante: "Alvino aquê cabra da peste, era um soldado malvado. No dia que fazia um ano que a Maria Xangô tinha morrido, para comemorá tomô uma bebedêra de se matá com o lenço. A bebedêra foi tanta, tanta, que êle enlouqueceu".

"Maria Xangô entregou-se aos soldados porque ela quis", afirmou um informante, "pois ela tinha fôrças para se tornar invisível e caso ela quisesse, lá da outra banda do rio onde ela morava, podia fazer antes um servicinho e matar o delegado que mandou prender ela. Isso era tiro e queda. Estava nela querer".

Maria Xangô de cuja história de vida não nos foi possível arranjar mais detalhes, pois havia uma excusa que no fundo era um certo respeito medroso, relaciona-se com o que disse Levy-Bruhl⁽¹⁰⁷⁾: "Des sociers peuvent aussi, s'il leus plaît, se rendre invisibles. Ils savent, au besoin, s'élever dans les airs, monter jusqu'a la lune, descendre ao fund de l'ocean, se rendre au pays des morts et en revenir. Rien ne leur est plus aisé que de faire mourir un ennemi qui habite au loin, et qui ne se doute rien, en dressant contre lui leurs batteries magiques, ou même par le seule force de leur volonté".

Na feitiçaria a magia simpática está presente. Qualquer parte ou objeto pessoal ou que apenas tocou a pessoa a quem se quer fazer mal, é o melhor elemento para

(107) LÉVY-BRUHL, Lucien, *La Mythologie Primitive*, Paris, 1906, p. 188.

ser utilizado na magia simpática. Quando nada disso é possível obter-se, é o suficiente fazer um boneco de cêra ou mesmo de pano que êle representará a pessoa a quem se quer dirigir o mal. Maria Xangô fazia bonequinhas de pano. Onde ela espetasse um alfinete, era ali o local da doença, por causa daquilo morreria a pessoa. Ela botava sal em cima de um rastro, não precisava mais nada, a pessoa estava liquidada. Ela tanto sabia fazer pelas direitas como pelas esquerdas. Mas, o que ela fazia, ninguém desmanchava. Muitas vêzes ela botava dentro de uma garrafa, tampava com madeira que apodrecesse logo na água do mar, soltava a garrafa no rio, na maré vasante. O rio levava para o mar. Lá no mar, a tampa com o tempo se acabava e a água do mar entrava dentro do que ela fêz, daí a razão de ninguém desmanchar o que ela fazia. Este mal feito era pior do que o que ela fazia com as areias do cemitério. Quando havia alguma *sentinela* e Maria Xangô aparecia, já se sabia que o defunto levava alguma coisa junto para a cova. Ela botava mesmo um objeto, um fiapo de cabelo, qualquer cousa que ninguém percebesse para ser enterrado com o defunto. Ninguém tinha coragem de impedir sua entrada na *sentinela*, são unânimes em afirmar, embora tivessem certeza de que ela, além de cumprir um ato de solidariedade humana, cantando e rezando pela alma do morto, ela trazia um despacho qualquer. Não demorava muito, outra pessoa era “empacotada” às vêzes estava com saúde, alegre e morria repentinamente. Era um feitiço de Maria Xangô. Ninguém duvidava”.

Além daquelas formas usuais empregadas por Maria Xangô de preparar o “mal feito”, outras maneiras há de administrá-lo: na bebida (e nesta se destaca a cachaça, por causa de seu largo consumo), numa comida, num doce, num cigarro e até num apêto de mão pode-se transmitir um filtro, um feitiço. Das “cousas feitas” conseguimos apenas saber como são administradas, po-

rém, não obtivemos dados a respeito do seu *modus operandi*, no organismo ou no psíquico da vítima.

QUEBRANTO

Faz parte da magia negativa, pois quebranto é o poder que indivíduos maldosos e principalmente invejosos têm de, olhando para uma pessoa, esta ficar doente, definhar-se e até morrer. Velha crença, pois São Tomás de Aquino dizia que “os portadores de mau olhado viciavam o ar uma certa distância”. Em alguns lugares, algumas pessoas fazem a seguinte distinção: é quebranto quando se trata de ser humano e *mau olhado* quando de plantas e animais.

O sintoma de quem está com quebranto é: olhos lacrimejantes, bocejar constante, moleza de corpo, inapetência, tristeza. Animal com mau-olhado fica jururu, ave encoruja. Além das benzeduras, o remédio para uma providência imediata, é defumação com palha de alho.

Quando se trata de quebranto ou mau olhado, deve-se ter em conta que todas as pessoas possuem umas mais outras menos, uma irradiação maléfica ou benéfica. As que possuem irradiação benéfica, positiva, são as de “bons olhos” e as de maléfica são as que põe os “maus olhados”, os quebrantos. Nem sempre o quebranto pode advir de uma pessoa invejosa, o quebranto mais difícil de se cortar é aquêle que provém de pessoas que não são invejosas, mas que, por exemplo, achem muito bela uma criança. Esse quebranto é difícil de ser cortado: precisa benzer e defumar com a palha de alho no brasido manso (brasas com um pouco de cinza por cima), nove dias seguidos, é o prazo religioso das novenas. Pessoa que possua irradiação ou fôrça negativa, que tenha maus olhos, chega a desandar tachada de sabão, de açúcar que esteja refinando ou açucara algum doce que se esteja fazendo: chegam a derrubar passarinho do poleiro de gaiola.

Quebranto e mau olhado são curados com rezas e benzeduras. Plantas e animais são benzidos. Estes, quando xucros e de difícil captura, benze-se o rastro.

Então, tanto para feitiços, quebrantos e maus olhados, há *defesas contra* e nada melhor do que uma fitinha ou objeto de côr vermelha para desviar os raios maléficis dos olhos maus e fortes, repletos de inveja, capazes de transmitir o mal, a doença.

VII

REFRANEIRO DA MEDICINA

“A medicina da língua é árvore de vida, mas a perversidade nela quebranta o espírito”.

Provérbios de SALOMÃO, 15:4.

“O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos”.

Provérbios de SALOMÃO, 17:22.

O REFRÃO OU RIFÃO traz no seu bôjo quase sempre uma verdade; é sentencioso. Muitos recorrem a êle, não apenas para as necessidades de orientação na vida agrícola e suas relações com a meteorologia (o que é mais comum), mas buscam auxílio ou conselho das sentenças e máximas que lhes é útil nos casos de doenças. A meteorologia também não deixa de ser conhecida com certo interêsse, por causa das correlações com as doenças, os ataques epilépticos, os achaques reumáticos e principalmente os acessos de asma ligados às fases lunares. Pessoas idosas, por causa do reumatismo, têm melhor conhecimento de tais fenômenos, tem maior acêrvo de observações meteorofolclóricas: — “na fôrça da lua o velho geme, o louco grita e a grávida teme”. Há também relação da lua e fase catamenial: “Na fôrça da lua de todos os anos, o velho geme, o louco grita e a mulher bota os panos”.

É correntia a referênciã às pessoas que têm qualquer desequilíbrio psíquico: “está de lua, é aluado, a lua deixa-o assim”. A fase lunar é muito mais observada do que o sereno e a soalheira.

As observações meteorofolclóricas é um traço árabe que chegou até nós. Daí o interêsse de se conhecer a

astrologia (Lunário Perpétuo) e suas relações com a sorte e com as doenças dos indivíduos. Em parte isto justifica a procura que fazem dos adivinhadores do futuro, das ciganas da "buena dicha". O adivinhador revive o astrólogo, a cigana recorda a pitonisa.

A observação de certos rifãos⁽¹⁰⁸⁾ redundará em benefício de saúde, assim julgam, como por exemplo êste que justifica a razão de não se comer laranja à noite: "Laranja pela manhã é ouro, à tarde prata e à noite, mata".

O rifão é o médico invisível, presente nos momentos mais difíceis quando falecem outros recursos, dêe se socorrem prevenindo, o que é mais comum, do que remediando a enfermidade, pois "*mais vale prevenir do que remediar*".

No refraneiro da medicina percebe-se mais a sua finalidade preventiva do que terapêutica. Ao analisá-lo, pode-se perceber que o refraneiro da medicina tem sido um dos fatores da perpetuação de certos tabus alimentares através de gerações. Muitos estão ligados às crenças religiosas, daí não haver uma linha divisória nítida entre certos rifãos e as crendices: "Comer carne na sexta-feira Santa, almoça mas não janta (morrerá).

Em relação a medicina o refraneiro é deveras pobre, urge aplicar ao rifão o "*colligite fragmenta ne pereant*" porque ao coletá-los percebemos quão grande é a mobilidade. Tal mobilidade é apontada por Amadeu Amaral⁽¹⁰⁹⁾: "Há, sem dúvida, em cada época, um depósito que se pode considerar mais ou menos estratificado no espírito popular, mas é muito maior o número das formações em pleno movimento".

(108) CASTILLO DE LUCAS, Antonio, *Medicina en Refranes*, Temas Españoles, n.º 284, Madri, 1956. O A. assinala em seu valioso estudo os rifãos "los mas representativos del saber e del pensar del pueblo".

(109) AMARAL, Amadeu, *Tradições Populares*, Instituto Progresso Editorial S. A., São Paulo, 1948, p. 217.

Possivelmente, em Piaçabuçu o refraneiro da medicina tenha sido maior, alguns rifãos foram abandonados ou esquecidos e novos tenham entrado agora em uso. Recentemente, quando constatou-se a crítica feita ao único médico ali residente, pelo fato de só receitar penicilina. Ouvimos a seguinte crítica: “Para Dr. Fulano, todos os doentes têm uma sina — é entrar sem demora na penicilina”. Aliás, outros se recusam consultá-lo porque já sabem de antemão qual o remédio indicado, por isso os “filhos da Candinha” o chamam de “Doutor Penicilina”. É essa uma das maneiras pelas quais os refraneiros se enriquecem. Por outro lado, o refraneiro nos revela entre outras cousas, essa desorientação do povo quanto à aplicação dos remédios da farmácia.

Além dos rifãos recolhidos inesperadamente, sem constrangimentos, espontaneamente da bôca do povo, dos interlocutores ocasionais, tivemos a colaboração de antigo farmacêutico da “cidade” que abandonou a botica pela política. Ei-los:

- 1 — Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.
- 2 — Velho que se cura, cem anos dura.
- 3 — Quem no copo se detém, amigos não tem.
- 4 — Não comas cru, nem caminhes com pé nú.
- 5 — Não presta velho mudar de casa, morre.
- 6 — Morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho.
- 7 — Doente que se muda de cama, morte certa.
- 8 — Contra o flato, bicarbonato.
- 9 — Ninguém morre na véspera. Só o peru antes da festa.
- 10 — Grandes males, grandes remédios.
- 11 — Para dor de dente, salmoura tibia ou quente.
- 12 — Dor de barriga não dá uma vez só.
- 13 — Em ferida aberta não se põe sal.
- 14 — De médico, poeta e louco, todo mundo tem um pouco.
- 15 — O bom alimento dá entendimento.
- 16 — Já dizia minha avó: os erros do médico a terra os cobre.
- 17 — Loucura é mal sem cura.
- 18 — O homem robusto é o que dá o susto.
- 19 — Muito riso, sinal de pouco siso.

- 20 — Paciência é bom para a vista.
- 21 — Para febre a quina é a melhor medicina.
- 22 — Bôca sem dente, só a da noite, fortes e parelhos sejam òs da gente.
- 23 — Passar a pão e a laranja.
- 24 — Estômago vazio não leva ninguém à cova.
- 25 — Cuspir no fogo seca a saliva.
- 26 — Quem quer viver muito, coma pouco, quem o contrário faz, é louco.
- 27 — Pão quente, muito na mão, pouco no ventre.
- 28 — Quem abusa, mal usa.
- 29 — Procurar sarna para se coçar.
- 30 — Quem ama a gulodice, não chega à velhice.
- 31 — Nunca falta um chinelo velho para um pé cansado (ou inchado).
- 32 — Saco vazio não pára em pé.
- 33 — O que não mata, engorda.
- 34 — Bucho (barriga) cheio, pé dorminhoco.
- 35 — Onde há doença, haja paciência.
- 36 — Mão fria, coração quente.
- 37 — Casa onde o sol entra, médico não entra.
- 38 — Pior é a recaída do que a doença.
- 39 — Criança que morre no período da amamentação vai vomitar o leite no purgatório.
- 40 — Mais depressa morre o comilão do que os soldados que à guerra vão.
- 41 — Dentada de cão cura-se com o pêlo do mesmo cão.
- 42 — Para a doença há salvação, para a recaída não.
- 43 — A doença num minuto vem, para ir embora leva cem.
- 44 — Chuva não quebra osso.
- 45 — Comer para viver e não viver para comer.
- 46 — Galinha velha é que dá bom caldo.
- 47 — Enfermidade de nove meses e a barriga cresce, antes dos dez desaparece.
- 48 — Para soluço o que presta, linha molhada de cuspo na testa.
- 49 — Não é todo o dia que se come pão quente.
- 50 — Resfriado é no primeiro espirro que se trata.
- 51 — Alho é a triaga do pobre.
- 52 — Suco de limão, botica à mão.
- 53 — Azeite, vinagre e sal, remédios para todo mal.
- 54 — O que arde cura, o que aperta segura.
- 55 — Mocidade viciosa, velhice penosa.
- 56 — Quem muito queijo come, de tudo se esquece; coma cebola que o contrário lhe acontece.

- 57 — Em certos casos o que cura, não é a meizinha não, é o banho com caco de telha e sabão.
- 58 — Vento nas costas mata mais gente do que “peixeira”.
- 59 — Quem se põe com mulher-dama (prostituta): miséria, hospital ou cama (isto é doença).
- 60 — Quem canta, seus males espanta.
- 61 — Quem tem saúde a cara (rosto) conta (ou não esconde).
- 62 — Saúde é riqueza que não se esconde, a cara não mente, aponta onde está.
- 63 — Não há mal que sempre dure e nem bem que nunca se acabe.
- 64 — A bôca fala do que o coração está cheio.
- 65 — Quem quer que a morte o deixe, coma carne antes de comer peixe.
- 66 — Botar cabelo no fogo fica louco (endoidece).
- 67 — Se queres que seu filho cresça, lave-lhe os pés e raspe a cabeça (raspe ou pele).
- 68 — Criança piolhenta, mãe preguiçosa, pente-fino faz ela crescer viçosa.
- 69 — Quem tem um ôlho só não brinca na areia.
- 70 — Quem tem sezão, não deve olhar para a carne verde, volta a doença.
- 71 — Quem tem hortelã no quintal, nem que seja um pé, a criança fica doente porque a mãe qué (quer).
- 72 — Uns nascem com estrêla (sorte) outros estrelados.
- 73 — Quem não pode com a mandinga não carrega patuá.
- 74 — Quando Deus quer o remédio é água fria.
- 75 — Mortalha não tem algibeira (ou bôlso).
- 76 — Ferida de rico não sara porque vive embrulhada.

Um estudo mais detido e minucioso dos provérbios, uma atenção melhor dada a êsse capítulo da literatura⁽¹¹⁰⁾ oral — a paremiologia, poderá revelar, além da influência exercida pelo Lunário Perpétuo, outras. Tal volume é hoje raramente encontrado na comunidade, mas, como afirma Câmara Cascudo⁽¹¹¹⁾: “Foi durante dois séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador

(110) Os estudiosos da literatura oral encontrarão na medicina rústica muitos arcaísmos. Fernando São Paulo (op. cit. p. 29) assinala.

(111) Cascudo, Luís da Câmara, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, I. N. L., Rio de Janeiro, 1954, verbete Lunário Perpétuo, p. 804, 1.ª edição.

de ciências complicadãs, de astrologia, dando informações sôbre horóscopos, rudimentos de física, remédios estupefacientes e velhíssimos”.

Tal qual no passado, o Lunário Perpétuo, é comum e correntio nos dias de hoje o uso de almanaques, embora seja pequeno o número de pessoas alfabetizadas. Nos primeiros dias do ano pedem ao “Doutor farmacêutico” o seu “manaque”. O almanaque traz uma série de indicações sôbre agricultura, época de plantio, os signos zodiacais e ligeiros horoscópos, anedotas, provérbios, receitas culinárias, indicações de remédios etc.

Certamente outras fontes poderão ser reveladas, mediante pesquisas mais amplas, mas não há dúvida de que Lunário Perpétuo e almanaque distribuído pelos laboratórios farmacêuticos, têm sido os responsáveis por uma refoclorização de ditos, provérbios, enfim do refraneiro da medicina, entre os nordestinos.

Na literatura oral poderíamos apontar que além do processo verbal de transmissão de uma geração a outra das benzeduras e simpatias, alguns dêstes exemplos de medicina mágica assumem a forma de parlenda. Há algumas benzeduras de erisipela (zipra) e de bichas que são perfeitas parlendas. Também nestas fórmulas da literatura oral terapêutica pode-se enquadrar algumas simpatias para cortar quebranto ou cachumba, (parotite epidêmica) como esta: “Cachumba, cachumbinha, cachumbão, cachumba, cachumbada, de você não quero nada não, leva lá uma umbigada”. Repete três vêzes e dá uma umbigada num dos cantos de uma sala ou quarto.

Digno de nota é também o aproveitamento da rima que acaba emprestando a determinado santo o apadrinhamento de certas moléstias. É sabido que para a memorização, nada melhor do que a rima; entretanto, tal processo disvirtua em parte aquela forma tradicional de “corporação de ofício terapêutico”, (*herdada da Idade Média*

que atribui aos santos poderes de padroeiros de cura de certas moléstias), porque fazem entrar outras divindades estranhas para tais "sindicatos terapêuticos" (usando a linguagem moderna) tão-sòmente por causa da rima com o nome. O engasgo, nos traz um bom exemplo. São Brás é catòlicamente reconhecido como padroeiro das moléstias da garganta. Além do ritual mágico da igreja no dia 3 de fevereiro, há uma invocação, uma fórmula de simpatia quando um menino se engasga: "São Brás, acuda êste rapaz". O povo, por causa da rima, empresta a Santa Catarina padroeira das mães que aumentam, poderes terapêuticos semelhantes ao de São Brás: "Santa Catarina acuda esta menina", quando se engasga uma criança do sexo feminino.

Acêrca das relações da literatura oral com a medicina rústica poderíamos ainda apontar a forma comumente encontrada em certas benzeduras e simpatias para curar bichas de crianças e bichos das bicheiras de animais, acertadamente denominada por João Ribeiro de *extirpação verbal*⁽¹¹²⁾. Tal medicina mágica se refere à diminuição no corpo do doente dos elementos causadores do mal. O número do qual costumam partir para realizar a "extirpação verbal" é o nove: "Assim como o trabalho de domingo não vai para frente, que as imundícies dessa bicheira vão caindo de nove em nove, de oito em oito... de duas em duas, de uma em uma, nenhuma restará". O mesmo se dá com as bichas que vão diminuindo e se extirparão e "em água há de virar".

Afirmou Manoel Francelino que seu pai, quando vivia, era essa a benzedura que fazia para derrubar bicheiras dos animais, o que em Piaçabuçu é raro. Não precisava o animal estar presente, êle fazia a benzedura do lado onde a criação se encontrava e a pessoa interessada

(112) RIBEIRO, João, *O Elemento Negro*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1989, p. 129.

podia ir lá verificar se haviam caído todos. Os hospedeiros, passando um determinado período, certamente haviam caído de nove em nove, de oito em oito etc., quando alguém fôsse fazer a verificação e tal redobrava a crença no poder dessa “extirpação verbal”.

É comum ouvir-se a expressão “imundície” em lugar de lagarta, bem como não dizem que fulano foi mordido por uma cobra, mas “sofreu uma ofensa”. Acreditam que a troca de nomes trará benefícios à plantação atacada por lagartas e não arruinará o que sofreu a intromissão do veneno ofídico. O contrário, isto é, proferrindo-se os nomes reais — lagarta ou cobra — pode acontecer que aumente “as imundícies” na plantação e o mordido piore, porque os sêres mencionados poderão receber de maneira ofensiva a nomeação de seus nomes, daí aquela forma verbal de substituição.

Na literatura oral encontramos ainda certos têrmos que poderíamos chamar de “gíria medicinal”: “É tiro e queda”, “Remédio para tudo”, “Santo remédio”, “Deus no céu e fulano na terra para curar”, “Mão abençoada”, “Deus o livre e guarde”, “Tirou a doença com a mão”, “Deus te ajude ou crie”, quando alguém espirra.

Há frases feitas que revelam a conformação com o que está sucedendo e principalmente com a morte: “Que é que se havia de fazer?”, “Estava escrito”, “Que a terra lhe seja leve”, “Esse era o seu destino”, “Que Deus o tenha em bom lugar”. Há, por outro lado, certas frases que revelam uma certa irreverência: “Apitou na curva”, “Esticou as canelas”, “Encostou o rabo na cêrca”, “Foi vender vinagre lá no...”, “Foi pro país dos pés juntos”, “Vai ser plantado que nem maniva de macaxeira”, “Foi pros sete palmos de fundura”. As pessoas mal-queridas recebem o: “Foi pros quintos dos infernos”, “Foi para a caldeirinha do Pero Botelho”, “O Cão o levou”, “Desceu direitinho pro tacho de enxôfre”.

O praguejar é desejar mal ao próximo, é imprecicar para que aconteça males, desgraças e doenças ao seu desafeto. Não registramos aqui as pragas e “nomes feios”, reconhecemos porém que o “boquejar”, isto é, proferir insultos, palavras obscenas, exerce uma função catártica. No Brasil, o registro da cropolalia daria um capítulo para a literatura oral.

Além do refraneiro poder-se-ia entrar no vasto campo da literatura oral e no da música⁽¹¹³⁾ para se estudar as relações destas artes com a Medicina. Sobre as relações da medicina com a música, poderíamos apontar aqueles fenômenos do transe, que embora Roger Bastide⁽¹¹⁴⁾ afirme não ser fenômeno nervoso e sim de pressão da sociedade, podemos assinalar o torpor que a monótona repetição de alguns cantos do candomblé empresta àquelles devotos participantes, chegando mesmo ao êxtase. O próprio pesquisador ao frequentar as muitas sessões de terreiro, teve em certas ocasiões a experiência de sentir uma intensa excitação coreofílica ao ouvir o adarrum dos tambores, outras vezes, de um estado de cansaço ou abulia que o apoderava, dando-lhe uma sensação de preguiça para a execução de movimentos, por exemplo o de retirar-se daquele ambiente onde o cheiro hircino de corpos suarentos se misturava com o ritmo ditado pelos atabaques enfurecidos e do canto que parecia não ter mais

(113) ARAÚJO, Alceu Maynard, *Cem Melodias Folclóricas*, Editora Ricordi, São Paulo, 1957. Todas as melodias citadas nesta monografia estão publicadas nesse volume. Os interessados em estudar as relações entre a música e a medicina, terão ali farto material.

(114) BASTIDE, Roger, *Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*, op. cit.: “A explicação do transe deve ser procurada na sociologia, na coersão do melo sobre o indivíduo”, p. 88.

“Sim, o transe é um fenômeno de pressão da sociedade e não um fenômeno nervoso”, p. 90.

“O transe determina uma mudança de personalidade. Essa mudança, que se nota até mesmo no rosto, depois dos primeiros estremecimentos dos ombros, do corpo ferido pela flecha divina, o gingar característico da queda do santo, também é um fenômeno a ser estudado” p. 90.

fim. Estes fenômenos e suas relações com a música erudita, folclórica ou mesmo a populária e outros fatores, necessitam ser estudados, pois Artur Ramos⁽¹¹⁵⁾ afirmava: “A *possessão* pelos “estados de santo” alcança, com o toque *adarrum*, até pessoas estranhas ao culto, assistentes ou curiosos”. Para os estudos de relação da medicina com as artes, a sua melhor auxiliar será a antropologia cultural: — o refraneiro é um capítulo do folclore.

(115) RAMOS, Artur, *O Negro Brasileiro*, op. cit. p. 241.

VIII

CONCEITOS E TEORIA DA MEDICINA RÚSTICA

DE MODO GERAL, pode-se afirmar que a medicina rústica é um dos agentes de solidariedade entre os membros da sociedade, dando até certo ponto uniformidade nos padrões de comportamento do grupo, orientando a conduta dos indivíduos. Por outro lado, impõe certas sanções aquêles que não compartilham dessas atitudes. Poucas são as críticas oriundas da secularização da cultura, existem, porém, e quem sabe contribuem para que a mudança cultural seja lenta, mesmo porque o significado das práticas mágicas não tem sofrido grandes alterações e aquêles indivíduos que poderiam apresentar valores novos, são mais ou menos postos de lado. Todavia, há outros fatores que atuam para que haja mudança, é o que apontaremos no decorrer deste capítulo.

Em Piaçabuçu, provavelmente por causa do isolamento geográfico e conseqüentemente cultural, persistem ainda traços da medicina de "folk". Mudança lenta se processará e está se processando e tal se deverá, entre outros fatores, à instalação do Centro de Saúde do Serviço Especial de Saúde Pública do Ministério de Saúde e Comissão do Vale do São Francisco.

Acreditamos que o momento de nossa pesquisa coincidiu justamente com a instalação do Centro de Saúde. Na primeira fase da pesquisa (1952) não existia, porém, em 1953, quando lá estivemos no mês de julho para "testar" os dados colhidos anteriormente, havia poucos meses que funcionava o C. S., do S. E. S. P. Parece-nos

que a pesquisa surpreendeu os primeiros momentos dessa mudança — isto é, a procura do médico no Centro de Saúde por vários membros da comunidade. Aliás, a própria analogia pode ser um fator de mudança cultural: como estavam acostumados a ir à casa do curador, vão agora ao C. S.

Certamente a atuação do médico transformará embora lentamente, as práticas referentes à medicina rústica, provocando quem sabe ceticismo em referência às práticas mágicas medicinais. Será, no entanto, um trabalho lento porque encontrará vários tipos de resistência. Assim sendo, alguns aspectos terão que permanecer por mais tempo porque há condições propícias para sua conservação. Dentre os elementos que poderão favorecer tal continuação, pode-se apontar aqueles que se encontram nas esferas culturais relacionadas com a medicina: religião, economia, vida familiar, etc.

Não há por parte da religião católica romana, que não é oficial, porém oficiosa na região, uma severa condenação aos seus fiéis portadores de amuletos, santinhos, carântulas, nômimas, rosários para benzimento o que se utilizam de rezas para determinadas simpatias, usos medicinais de fitas antropométricas de santos, águas bentas, etc. Não há uma repulsa e, aquela atitude hostil que desenvolvem contra os seguidores do candomblé ou toré, não se aproxima em grau e intensidade àquela repressão contra os seguidores das religiões cristãs-evangélicas, a praticada pelos “bodes” e “sapos” como são desprezivelmente chamados os protestantes nessa região. Não havendo uma tomada de atitude adversa por parte da religião católica romana, campeará o catolicismo brasileiro ou rural com tôdas as suas relações com a medicina rústica, numa simbiose tal que não se poderá facilmente separar o que é prática religiosa ou medicinal, poderia a religião salvaguardada pela Igreja opor-se, mas o que

caracteriza a religião do povo nessa região é o catolicismo rural, no qual se confundem: medicina, religião e magia. A religião então não figurará entre os ritmos e fatores de transformação, como sejam a urbanização, secularização, diferenciação profissional e agora a própria atividade oficial ora surgida com o aparecimento do Centro de Saúde. Graças à interferência dos elementos mágicos, há uma associação de prática e certos atos sociais, não sendo possível fazer-se uma distinção nítida ou dissociação entre êles, que se repete através daquela ligação entre o natural e elementos mágicos.

Não basta o médico do Centro de Saúde ensinar, porque os outros padrões continuarão imutáveis ainda por muito tempo, graças a essa inércia, a essa não tomada de posição. Um fato explicará melhor: o médico deu remédio para solitária e o rapaz no Centro, em jejum tomou-o. Voltando para casa, como estava demorando o efeito do purgante, sua mãe chamou o vizinho para benzê-lo. Logo mais, expele vastíssima tênia e a glória coube a Luís Brinquinho e não ao remédio que o médico deu, foi o que se propalou. Outro caso, em que não houve a participação de uma pessoa mais velha (a mãe), porém do próprio beneficiado. Renato Aço, lavrador, plantador de arroz, foi "ofendido" por uma cascavel. Aplicado o sôro antiofídico, ficou são. Mas, quem o curou não foi a injeção, foi a promessa que fêz. Quando fomos visitá-lo noutra dia, pela manhã, estava esculpindo um pé em madeira mulungu (*Erythina crista-galli*), seria o ex-voto que levaria até à Santa Cruz do Cigano, logo que pudesse andar, para cumprir a promessa de sua cura.

Não sòmente a religião contribuirá para a permanência daquelas condições de conservação dos traços da medicina rústica, a própria economia. A miséria em que vive a maioria dos trabalhadores rurais de Piaçabuçú, cuja economia caracterizamos como da *mão para a boca*, im-

pedirá mudanças nos padrões porque é mais fácil, mais barato fazer um cházinho, tomar uma garrafada, mandar benzer do que comprar um remédio na farmácia receitado pelo médico. Em páginas anteriores anotamos a experiência de Miguel Cabeção nesse sentido.

Possivelmente, as diferenças de posses, bem como a de classes e mesmo os tipos diferentes de atividade poderão contribuir para tal mudança. Os "grandolas" do lugar já estão adotando a medicina científica, não só porque têm posses, também para manifestarem seu aprêço ao médico que afinal de contas é filho de um dos maiores latifundiários do município. Acontece que os pobres terão também oportunidade de se consultar com êle porque as consultas no C. S. são gratuitas, embora não possam comprar os remédios como alegam.

Influiu e influirá na aceitação da medicina científica a determinação emanada do encarregado do pôrto, levando os pescadores registrados na Capitania a fazer exames no Centro de Saúde. É um tipo diferente de atividade além da comum que é de plantadores de arroz, e foi, conforme informaram, os pescadores os primeiros a buscar o C. S. A coação exercida pelo representante da Capitania, nos primeiros meses de funcionamento do Centro foi benéfica, pois "hoje os pescadores levam também as pessoas da família para se consultar no C. S." É claro que tal atitude invade a esfera da vida familiar; terá, portanto, relação com a educação, bem como a socialização do indivíduo, dentro da família.

Há um outro elemento, e êsse se deve aos "mais velhos" que ajudarão a emperrar em parte o processo da mudança cultural.

Uma sondagem diacrônica poderia nos revelar fatos da valorização de indivíduos da geração passada, bem como da adulta atual. Dionísio Góis, ex-prefeito municipal de Piaçabuçu e que concorreu pelo P. S. D. à vice-

presidência do Estado de Alagoas, não sendo eleito voltou para seu sítio de coqueiros no Biribiri. Conversávamos na feira quando Zé das Cobras estava “trabalhando”, curando. Dionísio disse: “Curador de cobras era o Zé do Arvoredo, aquê sim, eu fui curado por êle, aquê sim era curador, o resto é conversa. Velho cutuba, chegava num pasto, dizia umas palavras e as cobras iam saindo uma por uma. Faz uns vinte anos que êle morreu, mas trabalho que êle fêz, ficou”.

A valorização da geração adulta atual ainda se sente e é comum ouvir-se: “os mais velhos agiam assim, isso os mais velhos não faziam, naqueles tempos tal não se daria, no nosso tempo de mocinho não se procedia assim”. Há, portanto, uma mudança em andamento que a geração adulta atual sente. No que concerne à medicina rústica, uma das fórmulas comuns que se ouve é: “Isso não se dá, não acontece, não cura porque falta fé; os moços ou a gente de hoje não tem fé, por isso não se curam”. Certamente a filosofia objetiva se funda em que a cura não sucede, acontece, por falta de fé.

Após têmos nos submetidos ao benzimento do curador de cobras (enquanto gravámos em fita magnética suas rezas), pelo fato de não pegarmos com a mão a cobra (uma jibóia) êste disse: “O dotô não está curado praquê num tem fé”. Outras pessoas que presenciaram “a cura”, foram concordes em afirmar ao pesquisador: “De nada valeu tudo que se fêz, faltando a fé nada feito”.

Há os que não crêem, mas não abusam. É justamente com êstes elementos que se dará com mais facilidade os conflitos de geração. Messias dos Santos teve sérios atritos com seu pai e sogros, porque aquê se submeteu ao benzimento do Zé das Cobras e Messias, além de duvidar da eficácia, zombou. “Lá no sul, ninguém sabe o que é isso, meu pai: cobra mordeu, pra sarar só furar o pa-

ciente com injeção de sôro”. Messias morou no Rio de Janeiro e no interior do Estado de São Paulo. Os “sam-pauleiros” são agentes de mudança cultural.

Ainda sôbre os “mais velhos”, aquêles que provaram em si ou viram as experiências do remédio com os outros. No próprio círculo familiar pode residir um dos fatores de conservação das práticas da medicina rústica.

O não consultar a experiência dos pais, dos mais velhos, além de diminuir-lhes o “status”, o que não se deve fazer principalmente onde as formas patriarcais da família imperam, traz para os que agirem fora das normas preestabelecidas, a reprovação dos demais membros da comunidade e do ponto de vista psicológico um obstáculo para a cura.

O filho de Juquita ficou doente. Sua espôsa, môça criada na Capital, contrariando as benzeduras e simpatias que sua sogra vinha aplicando ao neto enfêrmo, chamou o médico. Este lutou com os poucos recursos que dispunha e a criança faleceu. A sogra, propalou aos quatro cantos que a criança morreu porque o médico deu remédios frios, não mandou dar comidas especiais e que se tivesse continuado com os benzimentos, ela teria sarado. Esqueceu-se, porém, de dizer que a criança tinha no pescoço um cordel com uma série de santinhos e outros amuletos sanitários que ela avó havia colocado; que na testa febril estava sempre um lenço com gôtas d'água benta que ela ia buscar na Igreja duas vêzes ao dia; que enquanto a criança agonizava, ela acolitava as benzeduras de uma “benzinheira”, no quarto contíguo, rezando Padre Nosso e Ave Maria. De permeio com a dor de ter perdido o neto, havia também o ressentimento de sua nora ter desprezado tôda aquela velha rotina medicinal da avó, ter chamado o médico, desdenhado dos conselhos dos “mais velhos”, porque o respeitar o mais velho é uma forma de manter o contrôle social.

Ao apontarmos alguns elementos que poderiam retardar a mudança cultural, cabe-nos mencionar que há fatores de mudança e dentre êles indicariamos a nova estrada de rodagem que transformou o obsoleto meio de comunicação secular entre Piaçabuçu e Penedo — a canoa, substituída pelo ônibus diário. Esta cidade é um dos grandes centros econômicos do Estado, passagem obrigatória dos caminhões e automóveis que fazem a ligação entre o nordeste e o sul do país.

A eleição do prefeito (atual na época da pesquisa) foi também um fator de mudança. Mõço culto, dinâmico, diplomado pela Universidade da Bahia, em farmácia, com vistas a uma cadeira de deputado estadual, trouxe para o município uma série de progressos urbanísticos e com êles a urbanização virá. A instalação do Centro de Saúde se deve a êle que preferiu enfrentar as injunções políticas, as facções adversárias que desejavam instalar um ginásio estadual onde apaniguados políticos poderiam ter cargos e vários professores da mesma grei seriam nomeados, saciando assim o nepotismo e filhotismo tão comuns da política administrativa brasileira. Investiu contra a politiquice e instalou um “Centro de Saúde” onde teriam emprêgo apenas dois funcionários subalternos, um enfermeiro e um médico, porque visou a melhoria da saúde do povo. O Serviço Especial de Saúde Pública do Ministério da Saúde instalou o Centro de Saúde que julgamos seja um dos fatores mais atuantes de mudança cultural, principalmente no que concerne à medicina rústica.

A técnica avançou num certo sentido, mas nem tôdas as práticas acompanharam tal avanço. Há um hiato cultural. A medicina rústica como sobrevivência aí se coloca. Mas, sendo a medicina rústica folclórica, não deve ser encarada apenas como sobrevivência porque ela é atuante, daí sua função de contribuir para a manutenção da estrutura social e da configuração cultural.

Há, portanto, nesta monografia uma teoria implícita na exposição dos fatos da medicina rústica e essa é justamente a do hiato cultural. Há uma conexão íntima entre o folclore e a estrutura social em aprêço. Conexão esta no sentido de *significado* (subjetivo) e *função* (objetivo sócio-cultural). A medicina rústica, como o folclore, é parte da cultura e como tal se liga à sociedade.

O folclore, apesar de revelar o hiato cultural uma maior tendência à conservação, não se entende sem colocá-lo, sem integrá-lo na configuração sócio-cultural total.

Às vêzes, as mesmas observações, os mesmos elementos de ordem descritiva, poderiam em outro contexto sócio-cultural ter *significado* e *função* diferentes. Quer dizer, poderiam significar cousas diferentes para os indivíduos e poderiam desempenhar papel diferente no sistema de vida do grupo.

A medicina rústica nordestina do baixo São Francisco revela um entrosamento mais ou menos acentuado com as condições sócio-culturais da região. Provavelmente o toré com outras práticas curativas não serão encontrados no Estado do Paraná porque não estará ali a influência do índio nas zonas pioneiras como se constata em Piaçabuçu. No toré, onde hoje se confundem descendentes próximos de índios, os brancos e os negros, não seriam encontrados os mesmos elementos no sul brasileiro. Possivelmente, fenômeno idêntico se daria com o candomblé no mencionado Estado pelo fato de seu povoamento não se ter dado e nem situado no ciclo açucareiro e nem no da mineração, onde a presença do negro era indispensável. Nos banguês alagoanos, no ciclo açucareiro de nossa história econômica, o negro estava presente. No candomblé há maior presença de negros, poucos brancos e praticamente nula a de índios. Já no toré, tal não se dá, índios, brancos e negros buscam a cura, to-

dos têm suas doenças e a fitoterapia estêve presente na arqueocivilização africana, ameríndia e européia. Traço de união invisível que os reúne sob a dispensação terapêutica do toré. A magia da defumação não é estranha a nenhuma das raças que buscam o candomblé: Artur Ramos, citando A. B. Ellis, asinala a presença da defumação entre os africanos; para o pajé, o feiticeiro, para o “medicine-man” ameríndio é remédio fundamental; o branco a conserva nas cerimônias religiosas, nos turíbulo onde o incenso e a mirra, que vieram da África branca ou da Ásia, passaram pela Roma milenar e ainda hoje pela manhã prepararam o ambiente desde as catedrais até as igrejas do mundo católico romano. A prática da defumação tem no toré o significado exclusivamente medicinal, não tem caráter religioso, nem de cerimonial coletivo. No toré a defumação é individual. O dirigente do toré defuma um por aqueles que desejam. A defumação apenas do dirigente de uma cerimônia religiosa não tem significado idêntico ao do toré, pois neste, um indivíduo, dirigente que seja, não simboliza o grupo, é o indivíduo que busca cura para si, a prevenção contra possíveis ataques da inveja ou de outros agentes imateriais.

Enquanto no ritual católico romano ou dos cultos hindus, é dos turíbulo ou vasos turícremos dos quais evola a fumaça, no toré, a defumação é a continuação do próprio hálito, a fumaça vem do sôpro do defumador através do cachimbo. O assoprar é dar o “hálito da vida”. Esse é o processo da defumação no toré.

Abandonarão certamente muitas práticas com o correr do tempo, conservarão outras da medicina rústica, porém, não há dúvida que se abalará com isso o “status” social dos “médicos” dessa medicina.

Não cairíamos em exagero ao afirmar que, no momento da pesquisa, o “status” social de um profissional

da medicina rústica era invejável: curandeiro, benzedores e “benzinheiras”, curador de cobras, doutor de raízes ou presidente do toré são respeitados. Há uma aura de simpatia a envolver tais profissionais da medicina rústica. São tratados com uma certa deferência e isso realça um “status” privilegiado o que revela também ser a prática da medicina rústica um fator de distinção social. Na verdade, as práticas do candomblé, do toré, das romarias, criam normas de relações sociais, bem como nasce com elas a diferenciação social por causa das funções específicas: curador de cobras, doutor de raízes, curandeiro, “benzinheira”, “assistente”, escultor de ex-votos ou “milagreiro” como são chamados tais artistas populares que se especializam em preparar ex-votos de madeira ou barro.

O conselho dado por um benzedor, pela “assistente”, passa além das raias da medicina, atinge outros domínios culturais. O curandeiro, deu bons conselhos para um rapaz que desejava passar a peixeira num desafeto; um pescador estava em dúvida se compraria ou não uma canoa, foi aconselhar-se com êle. Transcende à esfera da medicina.

Pode-se afirmar que nas doenças de fundo histérico, o curandeiro demorará maior tempo para perder seu “status” frente ao médico científico, a não ser que êste seja um psiquiatra, porque nesse tipo de doença, graças àquela paramentação, aquêle ritual todo que infunde confiança ao doente, é mais fácil o curandeiro obter resultados opimos imediatos do que o facultativo.

Exercem tal “status” encabeçando não raro certas festinhas “batalhões” (ajuda vicinal no trabalho rural). Um vereador disse que tôdas as vêzes que se mete em eleição, tem o apoio do seu curandeiro.

O chefe da família dominante conseguiu a remoção de um delegado de polícia que perseguiu e prendeu um

curandeiro. Em recompensa, todos os amigos e aquêles que têm relações com o beneficiado pela soltura da prisão, votam nos candidatos do seu benemérito.

A maldade exercida contra a velha feiticeira Maria Xangô foi vingada pela população que se sentiu feliz com a morte do delegado que a mandou prender.

Como agiram para ter tal "status"? O curandeiro, foi, como descrevemos, um benzedor, passou por êste estágio primeiro. Como se tornou benzedor? Pelo fato de ser filho de antigo benzedor ou "benzinheira", herdou tal habilidade, ou por estar em contato com tais, passou a praticar aquelas rezas, benzimentos e práticas que lhes foram ensinados. Como apontamos em capítulo anterior, o benzedor ensina suas "artes" em determinados dias. Nesses, o futuro benzedor teria aprendido e passou a praticar. Benzedor faz suas rezas a domicílio e quando, pela experiência somada, passa a fazê-las exclusivamente em sua própria casa, paramenta-se, complica o ritual é porque se tornou curandeiro. Êste sim, goza de um elevado "status" social na comunidade. Quando foi perseguido pela polícia, a opinião pública revoltou-se contra a atitude atrabiliária do delegado-sargento. A própria política interferiu para sua remoção, indo uma pessoa especialmente pedi-la ao Secretário do Interior, em Maceió.

Do curandeiro, benzedores e outros, são exigidas qualidades positivas, por isso precisam aperfeiçoar-se. A maneira de agir é vigiada pela comunidade e aquêles que passar a praticar a magia negra decairá no conceito, no consenso geral. Então, não apenas precisa obter qualidades que o aperfeiçoem, bem como "fechar tôdas as possibilidades de fazer qualquer cousa pelas esquerdas, o mal-feito".

Do testemunho acêrca do aprendizado, disse o doutor de raízes, ter sido feito com seu avô paterno. Afir-

mação idêntica fêz o curador de cobras. Na feira observamos um futuro raizeiro, môço ainda e que tem a banca ao lado da do “doutor de raízes” Odilon, prestando atenção às consultas e conselhos dados pelo mais velho e experiente. O adestramento dêsse futuro raizeiro está se dando através da transmissão oral. De ouvir vai fixando o nome das plantas e para que servem.

A idade e o adestramento na profissão têm papel definitivo. Muitos se recusam a consultar o raizeiro jovem, quando porventura o “Doutor de Raízes” não tenha vindo aquela semana à feira, esperam até a outra, porque “êle é muito môço ainda”.

Nesta atitude de procrastinação, da não utilização dos serviços do mais novo e valorização do mais velho, pode-se entrever uma forma de gerontocracia, a importância dos mais velhos na estrutura social.

Gozam os médicos da medicina rústica de atenções especiais por parte de grande maioria das pessoas da comunidade, de seus clientes. Quem sabe por causa da saúde restabelecida, em sinal de agradecimento, Herculano trouxe uma galinha gorda de presente para o Doutor de Raízes, para êle comer com sua espôsa no domingo, dia de São Pantaleão, 27 de julho. Cícero da ilha Gondim trouxe rapaduras e Etelvina Conceição uma cuia de saborosa farinha d'água. Os “agrados” aos profissionais da medicina rústica são comuns. Zé das Cobras afirma que jamais deixaram pagar as despesas da pensão por onde viaja. E só faz as viagens de cura quando é convidado.

A história de vida de um “presidente” de toré é pontilhada de aventuras. Relatam as curas, não ouvimos contar um insucesso. São uns andejos. Do antigo dirigente do toré mais puro de Piaçabuçu, falecido há alguns anos, relatou-nos seu filho, o seguinte: “Meu velho pai não tinha parada. Êle dizia que pedra que pára cria limbo; precisa é rolar. Todos os anos êle ia lá no tabu-

leiro pras bandas de Pôrto Real do Colégio, no Ouricuri. Ele tinha sangue de índio real, mas era pior do que o Samuel Belibete (o judeu errante da lenda) para andar, não tinha parada. Estêve no Ceará, no Amazonas e não se acostumou com o frio de São Paulo. Veio morrer aqui”.

O atual dirigente do toré, Artur Ferreira da Cruz é pernambucano de nascimento, morou no Pará, trabalhou na construção da base aérea de Parnamirim no Rio Grande do Norte, foi homem de ganho em João Pessoa na Paraíba e não se acostumou com a vida nas salinas de Mossoró. Trabalhou na fábrica de tecidos de Penedo, hoje mora em Piaçabuçu. Anda bem barbeado, roupa sempre limpa, não bebe cachaça e é uma das poucas pessoas da cidade que usa chapéu de feltro, sinal de distinção. Gentilhomem, não apenas com os que se acercam de sua banca de bugigangas na feira, mas no trato quotidiano e com aqueles que rodeiam sua “piana” lá na rua do Socorro, no bairro da Coréia. Só o vimos zangado e chegou mesmo a ser ríspido, quando nós, inadvertidamente apanhamos uma fôlha de juremeira no quintal de sua casa onde funcionava o toré. Mais tarde, porém, no dia de nossa partida para São Paulo, quando já havíamos nos tornado amigos e frequentado seu toré por várias vêzes, defumados que fomos por êle, ofertou-nos u’a muda de juremeira que devia ser plantada em nossa casa para defesa dela. “O dia que eu aparecer por São Paulo, disse Artur, quero ver a minha lembrança lá na sua casa”, foi a sua recomendação.

O seu “status” social é bem alto na sociedade local. Admiram-no e o respeitam por causa de seu comportamento. O “Pernambucano” é um homem limpo, é a frase que se ouve. “Ele não faz nada pela esquerda, nem que paguem a maior fortuna do mundo, o trabalho dêle é só pela direita, para o bem e nunca para o mal”, afirmou outro informante.

Daria um capítulo caso nos detivéssemos para estudar a medicina rústica e as relações de vizinhança. Sem dúvida, a “benzinheira” teria sublinhado o seu papel na comunidade: ela ensina a vizinha as muitas simpatias que conhece: sai de sua casa para ir benzer lá n’outra ponta de rua. Já apontamos anteriormente o seguinte fato: basta uma pessoa dizer que está com uma dor e dela dê conhecimento à cinco pessoas diferentes e em lugares diferentes, poderá ouvir, para o mesmo mal, cinco receitas diferentes, porém tôdas são “um santo remédio, o único remédio para isso, tiro e queda para tal doença”. A própria maneira de se transmitir uma simpatia estabelece ou reforça as relações de vizinhança.

Há “benzinheiras” e muitas, porém, nenhuma delas é tão querida como D. Olindina que tem uma “mundão de afilhados”, gente que ela viu nascer. É a “assistente”, mais procurada. Não só a idade provecta que é digna de atenções, mas a sua maneira lhana de tratar, a sua permanente boa vontade, grangearam-lhe um “status” social ímpar na comunidade. É respeitada e a sua palavra é “a última palavra”, como afirmam. Até há pouco, quando não existia médico na “cidade” as parturientes das melhores famílias locais chamavam-na. Para os casos difíceis, para os partos complicados, ainda é D. Dindinha quem dá solução.

Outras “benzinheiras” também são idosas e parece haver uma inter-relação entre a idade crítica da mulher e o trabalho nas “artes”, na benzedura. A mulher após a menopausa é que pode realizá-lo com segurança. Acreditam que no período do catamênio a mulher tem irradiação negativa. Assim é que nesse período não visitam uma criança recém-nascida, não vão à missa, não entram no cemitério, há enfim uma série de proibições.

Cecília de Melo, filha de D. Dindinha, é uma senhora quarentona que também sabe benzer, pois tem ben-

zido várias vêzes os filhos do Prefeito (que é farmacêutico formado pela Universidade da Bahia). Quando a filha caçula de D. Sinhá começou a chorar inexplicavelmente, estava pálida, inapetente, é porque alguém havia lhe pôsto quebranto. “Ela é uma garotinha bonita e não faltava quem a invejasse” e como afirmou Marcelina, “não faltavam olhos que botassem quebranto”. Foram chamar Cecília para benzê-la. Esta recusou-se, pois, naquele dia, tudo saíria ao contrário, pois ela “estava nos seus tempos”, pediu então que D. Sinhá, mãe da criança, a levasse até à casa de sua mãe, para D. Dindinha benzê-la, pois: “Mulher “com boi”, incomodada até para estreiar panela nova de barro quando vai pela primeira vez ao fogo, não presta, ela racha⁽¹¹⁶⁾ e então para benzer, dá tudo para traz”.

Outra forma de proibição vamos também encontrar para o homem que lida com as artes medicinais. Zé das Cobras afirma que no período que sai para fazer as curas, permanece em absoluta abstenção sexual. O mesmo faz seu pai, como afirmou na entrevista (Ver *Apêndice n.º 11*). Disse que êsse preceito lhes ensinou seu avô que era índio e curador de cobras afamado em todo Estado de Alagoas. O raizeiro relatou que, quando aparece uns casos difíceis, precisa “não se chegar à mulher para não estragar as fôrças para o trabalho”. Egon Schaden⁽¹¹⁷⁾ afirma que entre os guarani a abstenção sexual por parte do médico da tribo é frequente. Não afirmáramos que tal preceito entre os médicos da medicina rústica seja uma influência ameríndia, porque o próprio celibato dos padres é também uma forma mágica, para

(116) MONTEIRO, Mário Ypiranga, *Memória Sobre a Cerâmica Popular do Manaquiri*, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Publicação n.º 1, Rio de Janeiro, 1957, p. 19: “Durante a operação da queima, a oleira não admite a presença de mulheres em estado catamenial e nem ela própria trabalha nesse estado”.

(117) Ao Professor Dr. Egon Schaden, da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, os agradecimentos do A. pelas valiosas sugestões.

ter maiores forças para lidar com os cousas da religião. No candomblé, há também para o iniciando, um período de abstenção sexual.

Procuramos focalizar os diversos aspectos da medicina rústica e para finalizar trataremos do conceito das doenças, havendo os que consideram a feitiçaria a sua causa, a sua explicação. No fundo, a doença revela uma insegurança pessoal.

Vário é o conceito da doença na comunidade. Para uns ela é o que de estranho foi pôsto no corpo, é algo de imaterial, para outros são humores, isto é, um líquido mau, outros um calorão como se fôra fogo, produzindo febre, bem como existem os que acreditam que ela seja oriunda de micróbios.

Há os que acreditam que a doença é oriunda do pecado. Praticou-se algo que quebrou um determinado código de moral, consequentemente a doença é um castigo. Outros afirmam que a doença é um castigo de Deus. Castigo que para muitos tem função purificadora. D. Yayá, era muito má, judiava muito de seus enteados, ficou no fundo da cama durante vários anos e quem cuida dela é justamente uma enteada.

Há os pobres coitados caídos em desgraça e a doença é para afligir-lhes, padecem na terra, mas irão gozar no céu. Para muitos a doença é uma provação. Fêz alguma cousa má na terra, terá que passar por uma provação expiatória. A velha Mariquinhas era muito faladeira, teve um câncer na língua. “Aquela ferida brava que deu na língua da Mariquinhas é porque ela difamou muita gente que não devia. Cortava casaca de todos, das mocinhas principalmente. Aquilo é uma provação para ela se arrepender aqui na terra do mal que fêz para os outros”.

Acompanhamos os últimos dias de vida de João Gama, uma das personalidades marcantes que muito admiramos em Piaçabuçu. No dia que nos despedimos, disse: “Meu

amigo, tenho sofrido muito, o amigo tem visto, estou pagando tudo o que fiz de mal para os outros. Só espero que Jesus tenha dó de mim. Eu primeiro tinha medo de morrer e maldizia esta doença, agora não. Tenho pago e bem pago o que fiz, morro em paz”.

A doença é por alguns encarada como uma forma de santificação. A velha Zelinda, na passagem de idade teve algumas perturbações mentais. Sarando tornou-se uma “benzinheira” famanaz. Parece que nesse caso pode-se apontar o fato que se relaciona da “benzinheira” ter maiores fôrças, ou plenitude delas, pós-menopausa, da doença ter dispensado uma graça. Os informantes ressaltam o valor do sofrimento como elemento purificador e de ter dado poderes mágicos, excepcionais.

Os sistemas de valores são diferentes. Apontemos a etiologia de certas doenças, por exemplo, as mentais. A civilização condiciona a forma de doença mental de maneira tal que os sintomas serão diferentes em sociedades diferentes, daí certos traços da cultura facilitarem não só a manifestação, mas a própria sublimação.

Poderá ser bem claro o que acima foi afirmado, caso tomemos dois tipos distintos aqui propostos: Paraná e Piaçabuçu. Nesta não há outras formas populares de diversões além daquela que é a de preencher as horas de lazer à noite, contando estórias, narrando as visões e os mitos. O contar estórias tem também a função de manter aceso e vivo um determinado ideal de cultura, como é o caso da valorização do “cabra macho”. Eles se vêem retratados nessa estória. Daí o interesse que suscita a história de Carlos Magno, por ser o herói. Então, o beiradeiro sãofranciscano toma os próprios elementos que a sociedade lhe dá, por exemplo, o zumbi ou o negro d’água, João da Lavínia ou Janaína dos quais nararam seus feitos ou tomam a atitude deles. Os mitos então saciam uma manifestação de tendências psicológicas, de

impulsos sublimados, válvulas de escapamento de suas tendências psicológicas.

O mito não se compreende bem fora daquela sociedade — forma de manifestação, de impulso condicionado por aquela sociedade. O mito se fixa porque traduz a manifestação dos seus impulsos e as proibições do mundo exterior, porque interpreta com grande riqueza de conteúdo psicológico.

Aquela forma de narrar apontada⁽¹¹⁸⁾ quando se estabelece também a transmissão oral, folclórica portanto do mito, é uma oportunidade para se gastar nela o impulso de quem conta e também de quem ouve, o que é uma forma catártica.

Seria então o folclore apenas uma sobrevivência ou é ainda atuante? Ele é, como apontamos, atuante. Tal certamente não se daria no norte do Paraná, onde o elemento humano, habitat e o próprio tipo de trabalho são outros, onde outra é a forma de se ocupar as horas de lazer. O folclore como sobrevivência coloca-se no hiato cultural, mas como atuante tem funções de manutenção da estrutura social e da configuração cultural. É portanto vivência!

(118) ARAÚJO, Alceu Maynard, *A Literatura Oral em Duas Comunidades Brasileiras*, op. cit.

CONCLUSÕES

A NOSSA EXPERIÊNCIA no campo de pesquisa social, quer no Estado de São Paulo, quer no Vale do São Francisco, e outras regiões brasileiras, leva-nos a tomar a liberdade de sugerir ao Governo de nosso país a necessidade de uma colaboração mais íntima entre antropólogos sociais e médicos(*). O Brasil através de seu Ministério da Saúde está criando Serviços Especiais de Saúde Pública, pode-se assinalar também a tendência moderna da socialização da medicina, daí o que existe estar necessitando de uma revisão que se estenda até o currículo das Faculdades de Medicina preparadoras dos médicos para a grande missão da Medicina Social. O que é necessário é dar aos novos médicos um curso de demopsicologia na sua verdadeira acepção, como diria Basílio de Magalhães, ensinar o folclore. Vejamos a experiência apontada em *Anthropology Today*, que poderá servir-nos de meta. "Há razões práticas urgentes para incrementar a aplicação da ciência social na medicina, na crescente incidência de doenças crônicas e mentais na sociedade ocidental e na participação do Governo no Ponto IV, o que significa que nossas técnicas médicas e idéias precisam ser interpretadas para os povos de outras culturas. Num nível mais acadêmico, muito vantajoso seria a formulação de novos problemas inter-relacionando áreas de conhecimento previamente distintas: observações teóricas e mesmo práticas poderiam advir da comparação de fenômenos tão distintos quanto os processos sociais presentes

(*) O presente trabalho, como tese, foi apresentado e unânimemente aprovado pelo III Congresso Pan-Americano de História da Medicina, realizado no Rio de Janeiro, em abril deste ano (1958).

numa cerimônia dos Navajo e aqueles processos espontâneos que ocorrem entre pacientes de um hospital, ou a relação existente entre a experiência interior individual de cultura e o aumento de úlceras gástricas em certas classes sociais nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Poderia-se parafrasear o título do livro de Laurence K. Frank (1948) e dizer que precisamos investigar a sociedade como um médico. Como disse Ackerknecht (1945), o etnógrafo moderno está perfeitamente qualificado para noticiar sobre um enorme número de fatos sobre medicina primitiva, mas é frequentemente cegado pelo próprio treinamento. Como Jules Henry diz (1949): "Quase vinte anos atrás, quando eu era um estudante graduado de antropologia, os índios Apache do Novo México mencionaram certas contorsões que sentiam em várias partes do corpo. Como estas contorsões foram discutidas, não como um sistema de doença, mas como acontecimentos que permitiam aos Apache predizer acontecimentos futuros, não me ocorreu no momento relacionar aquelas contorsões a qualquer tipo de doença".

"Saber onde a antropologia poderia entrar no esquema das coisas é um problema complexo. A própria Medicina está hoje em um estado de fluxo: velhas definições de doença e saúde estão sendo discutidas; há muitas concepções competitivas de medicina compreensiva, medicina do meio ambiente, medicina social, medicina psicossomática, medicina preventiva, etc.; e campos de medicina têm ficado tão especializados que é somente com dificuldades que eles podem conseguir integração mesmo em um hospital. Há muita discussão sobre se as ciências sociais hão de achar seu lugar num currículo médico já ultra-cheio (Sigerist 1946). Não é, então, simplesmente uma questão de determinar onde a antropologia aplicada se encaixa na confusão que agora constitui o campo das ciências sociais em medicina. Se an-

tropólogos e médicos querem conseguir uma íntima colaboração, ambos os grupos devem estar de sobreaviso acêrca das várias dificuldades escondidas na pesquisa interdisciplinar”.

Embora muitos folcloristas tenham colhido dados sôbre medicina popular e alguns tratado tais fatos folclóricos como sendo “exotismo”, “superstições”, “medicina primitiva”, “práticas ilógicas”, “bobices de caboclos” etc., queremos lembrar que Ackerknecht em seus trabalhos, após dez anos de observações “sustenta que a medicina primitiva não é uma esquisita coleção de erros e superstições, nem pode ser simplesmente explicada pela afirmação de que, no campo médico, os primitivos usavam encantamentos, rezas, sangrias, gordura humana e saliva. “O que vale não é a forma, mas sim o lugar ocupado pela medicina na vida de uma tribo ou povo, o espírito que domina sua prática, o modo com que se mistura com os diferentes ramos do conhecimento”. (Ackerknecht, 1942 b). Discutindo medicina e padrões de cultura primitivos, Ackerknecht ressalta três pontos:

- 1) não há *uma* medicina primitiva, mas várias medicinas primitivas;
- 2) as diferenças entre as medicinas primitivas são muito menos diferenças de “elementos” (elas têm muitos elementos em comum) do que diferenças nos padrões médicos, condicionados fundamentalmente pelo padrão de cultura;
- 3) o grau de integração dos diferentes elementos da medicina em um todo e o da medicina tôda nos padrões da cultura, varia consideravelmente.

Ackerknecht, sumariando sua opinião no simpósium, acha ser a medicina primitiva frequentemente bem suce-

dida e aponta primeiramente o grande número de fatores objetivamente eficientes achados na medicina primitiva: banhos, cauterização, cirurgia que vai do tratamento de fraturas até à trepanação, inoculação contra varíola e mordida de cobra, e uma enorme quantidade de drogas, incluindo ópio, quinino, digitália e muitas outras úteis. É necessário lembrar, no entanto, que tal tratamento “não é feito num sentido racional, mas num sentido inteiramente mágico acompanhado por encantamentos e orações ou ritos manuais e danças (Ackerknecht, 1942 a). Outro motivo de sucesso da medicina primitiva está nas suas qualidades psicoterapêuticas. Estas podem ser usadas para *curar*, como na comparação de Opler (1936) do tratamento de desordens funcionais pelos feiticeiros Apache e pelos psiquiatras modernos e para *destruir*, como em Cannon (1942), discussão da morte por feitiçaria. A força do psicoterapeuta primitivo vem não somente das relações interpessoais entre o médico e o paciente, mas também do forte efeito da participação da comunidade inteira no tratamento. Além disso, há os fenômenos dos movimentos restitutivos como na dança dos fantasmas”.

As crenças ninguém as extirpa de um dia para o outro. Lei, decreto e regulamento não são bisturi. O processo tem que ser lento e é preciso antes de tudo, saber contornar para poder substituir. A fé que eles têm nas causas miraculosas e não científicas leva-os a afastar-se da ciência, da verdade. Será apenas falta de assistência, a falta de médicos, como Dornas Filho aponta em seu valioso estudo? ⁽¹¹⁹⁾.

(119) DORNAS FILHO, João, *Capítulos da Sociologia Brasileira*, Coleção Rex, Rio de Janeiro, 1955, p. 11: “A medicina empírica e todas as suas consequências foi no Brasil o produto da falta de médicos formados ou licenciados, fazendo aparecer o curandeiro, o caribamba e o benzilhão, entidades estas que recorriam à espantosa riqueza de nossa flora cujos conhecimentos os jesuítas receberam dos pajés e divulgaram entre os colonos”.

Que se deve fazer? Perseguir ou aproveitar algo destes conhecimentos? Como poderá o médico utilizar-se dos conhecimentos, da sabedoria popular, das crenças do povo? É o antropólogo social que lhe dará os dados que fará uma tentativa como esta que um estudioso procurou realizar com a *Medicina Rústica na foz do rio São Francisco*.

Seja permitido, pelo leitor, que narremos duas experiências nossas em Piaçabuçu: quando ali chegamos, deixamos a barba crescer, quem sabe para imitar inconscientemente a figura inesquecível do mestre Claude Lévi-Strauss (que muito nos impressionou ao voltar do Mato Grosso e proferir palestras em nossa "Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo) e o pesquisador passou a ser chamado pela população só por "Doutor" ou "O doutô pôlista". E doutor deve saber de tudo, embora sempre afirmássemos que não eramos médico e sim advogado (bacharel em ciências jurídicas e sociais e também bacharel em ciências políticas e sociais, em antropologia) estavam sempre dispostos a acreditar que sabíamos de tudo, isso também era reforçado pelo fato do pesquisador social prestar na comunidade alguns socorros de urgência, ter encanado braço quebrado, ter aplicado respiração artificial num afogado com resultados positivos, daí as emergências aparecerem e como dever de solidariedade humana procurado na medida do possível prestar sua colaboração nesse terreno como qualquer leigo como nós que aprendeu, quer no escotismo ou escola normal, quer na educação física, por onde passamos, prestaria. Certa feita, ao passarmos perto de uma ilha, alguém nos chamou aflitamente. Era o marido de uma parturiente que nos levou até sua choça onde sôbre uma esteira estava em labores de parto uma senhora bem jovem. Foi uma dura experiência inesperada!

Quem sabe, pela assídua freqüência do pesquisador às muitas reuniões de candomblé e toré, ao nosso constante conversar e dar muita atenção às “benzinheiras”, doutores de raízes, curador de cobras (e com êste chegou a estreitar amizade), alardearam na cidade que o “Doutô pôlista” era entendido também em curar cobras. Um dia removeram um rapaz que fôra mordido por uma cascavel, queríamos que benzessemos o doente, recomendando-nos que não aplicássemos injeção, pois a droga acarretaria a morte certa do lavrador, daí não o terem levado até a farmácia do Dotô Toinho.

Tivemos o seguinte expediente que deu resultados lisonjeiros. À pessoa que trouxe o “ofendido” — e não se deve pronunciar o nome de cobra para não piorar — mandamos buscar um ramo de juremeira na casa do Durval Farias, dono de um toré lá na rua do Socorro, nos confins do bairro da Coréia. Isto fazia parte de nossa encenação. Nesse interregno, esterilizamos a seringa e agulha de injeção, preparamos o sôro anticrotálico que havíamos providentemente levado em nossa bagagem de pesquisador social de comunidades rurais.

De volta o emissário, removemos o “ofendido” do corredor para nosso quarto no sobrado onde moramos durante o primeiro período de nossa pesquisa. Mandamos que o ajudante saísse do quarto. Fechamos as portas e ficamos sós. Dissemos, então, ao doente: “Eu vou benzer você”. Apanhamos a seguir o ramo de juremeira e começamos a dizer em voz bem compassada uma das lições do tempo ginásial, quando jocosamente adulterávamos: “No quiosque também os abutres da Catarina que com paciência enrosca no tempo as serpentes”. Dissemos a seguir que a cobra que o picou apareceria novamente e quando esfriasse o seu corpo, que êle paciente não poderia mover-se que ela viria dar-lhe a picada de alívio do contra-veneno. E repetíamos o nosso latinório —

que nos fêz suar tanto no colégio e agora nos salvava de uma situação inesperada... e falávamos alto os trechos de Cícero, ou Vergílio ou de Homero que nos acudia para que aquêles que lá fora estava, ouvisse também a “reza de benzimento”. Dissemos depois: “Cubra a cabeça, tire a calça e fique imóvel enquanto eu rezo benzendo”. E a reza continuou. Tínhamos éter sulfúrico para desinfecção do local da aplicação. Passamos o algodão bem embebido e perguntamos: “Esfriou? Não se mova é ela que vem chegando, está molhada do orvalho das águas do rio sagrado, não se mova que ela está chegando, caso você olhe para ela, estará morto”. Introduzimos a injeção no paciente. Depois falamos com voz imperativa mandando que a cobra seguisse o seu fadário e que deixasse aquêles devoto do “Meu Padrim Cirço” são e em paz para poder trabalhar. Mandamos que respirasse forte para sentir o “bafo da cobra” que havia ficado... eram os vapores do éter sulfúrico que impregnaram o ambiente. Mandamos que jogasse o ramo da juremeira nas águas do rio São Francisco, sem olhar e para completar o ritual recomendamos abstenção sexual por sete dias.

Pontofinalizando o relato da experiência, não é preciso dizer que a fama do “Dotô de São Polo” cresceu, “pois êle tem reza forte que cura até mordida de cobra”.

Caminhando pelo caminho do povo — com a medicina de folk — para atingir a meta colimada, a cura de um “ofendido” que só acreditava no poder dos benzimentos e jamais do sôro, um “beradeiro”, cujo nome não nos lembramos, Dorgival de tal, de mais ou menos vinte e cinco anos de idade, prêto retinto, casado e com três filhos. Êle durante algum tempo ficou crendo em nosso poderoso e medicinal latinório escolar como sendo reza forte, pois só mais tarde é que lhe contamos que o que o salvou foi o sôro do Instituto Butantã. Só mais tarde é que veio a saber a verdade, pois para nós, aquêles

momento da encenação o que nos interessava era salvar uma vida. Procedemos assim, pois tínhamos a certeza de que essa era a única maneira de curar êsse jovem. Através da medicina de folk, aplicamos o sôro e assim ficou salvo mais um trabalhador braçal, mais um plantador de arroz do vale do São Francisco, que na sua profissão humilde está também trabalhando para a grandeza do nosso Brasil.

Medicina Rústica é uma contribuição, embora modesta, da antropologia social à Medicina.

APÊNDICES

APÊNDICE N.º 1

S I M P A T I A S

Dona Olindina uma das “benzinheiras” mais afamadas de Piaçabuçu nos ensinou esta simpatia: “Dente de jacaré serve para mordida de cobra. Pega-se um dente de jacaré e traz-se sempre no pescoço. Uma vez, sabe, meu santo, um menino aqui foi ofendido por uma cobra e me veio falá (diz a senhora esclareceu que o menino falou alto, o que não devia fazer, pois se houver uma pessoa de sangue mau, a mordida da cobra “arruina” e se houver uma senhora grávida, a mordida da cobra vai contra), e eu peguei um dente de jacaré e puz na perna, sabe meu santo. Daí dei uma capa de fumo (lasca de fumo) para o menino dissolvê na bôca e adepois eu coloquei o dessolvido na mordida. O menino foi-se, sabe. Noutro dia pela manhã mandaram chamá a pobre velha aqui, sabe, quando cheguei tinha na perna do menino uma roda preta como se fôsse de compasso. O veneno estava ali e passô quinze dias, desmanchando de pouquinho em pouquinho, sabe meu santo. O menino sarou e ficou de recôio (dieta) quinze dias passando a carne, e farinha, pão e café. Curou-se. O pai era empregado aqui não sabe, e foi para Maceió. Depois de dois ano, o menino (que na época tinha doze) era um moção e bateu cá na porta e disse: “Boa tarde”. — “Boa tarde Abelardo”. — “Me conheceu?” — “Conheci, provave, meu santo”. — “Vim agradecê para a senhora a minha mordida de cobra, não sabe”. — “Tem que agradecê a Deus Nosso Senhor, Abelardo”. A informante termina a narração dizendo que não foi ela que “sarou” o menino, mas Deus, pois no

momento em que mataram a cobra (foi um padeiro quem o fêz) disseram que o menino não tinha cura”.

Outro remédio e simpatia ensinados por outra “benzineira”: “Cabacinho serve para a pustêma (podridão), para pessoas que levaram uma pancada. Aquêlê cabacinho se abre, se corta no meio e se faz em cruz $4/4$ e se tira tôda a semente e se bate com o dedo pra tirá o pó (dá cólica êste pó ingerido), se cozinha em água (a quantidade da água é indicada pela largura da mão aberta). É cristel intestinal e no espaço de três a duas horas tem que se defecá; se tem cólica, não sabe, mas arrasta tudo, se a pustêma fôr na fonte (cabeça, qualquer parte) o remédio é outro, não sabe? Se tem muita cólica dá o leite de peito, não sabe. É contra veneno, não sabe; se tem dieta de cinco dias. Toma chá, pão. Se a pessoa não fica boa não, não sabe? Dá-se, também, a escolhê os seguintes chás: mineiro, cidreira, erva doce, mate, hortelã”.

“Para curar soluço dar meio copo de água à pessoa que está soluçando e perguntar: — Fulano que é isto?

— É sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Pois beba que é bom prá isto.

E dá-se a água pra beber. Deve-se fazer três vêzes”.

Na época de nossa pesquisa estava processando um surto de cachumba na cidade. Vimos duas pessoas, uma mocinha de 16 anos, mais ou menos, branca, com um colar feito de pedacinhos de “carrapateira”, espécie de canudo de mamona em pequenos pedaços e enfiados num cordão e a seguir amarrado ao pescoço. Um homem, prêto, com um colar também feito daquêlê mesmo geito, procurando com tal colar livrar-se da “papeira” que o atacou. No primeiro caso, a mãe da mocinha havia amarrado no colar de talos de mamona mais três dentes de alho.

Contra o “ar de vento” usa-se um colarzinho feito “com espinhos de guandu (caça do mato, como o porco-espinho) enfiados em uma linha. Para quem sofre do coração usa-se, pendurado ao pescoço, um colar de “coral do sertão”, feito de sementes, metade vermelha, metade prêta, conhecida em São Paulo e Sul como “ôlho de cabra”.

Maria Gabriel, senhora prêta de mais de 40 anos de idade usa vários anéis, sendo dois no dedo mínimo, um de ouro e outro de prata, os quais disse ela, eram “anéis de galanteria”, no médio usa também um anel de aço, e, no indicador, outro. Contou que o anel de aço “é benzido”. Leva-se o anel depois de comprado à Igreja, coloca-se no dedinho de N. S. Morto, e está bento”. O anel quando dá a “passageira” uma doença, êle se parte e então “sacode” no mato. Acreditam que a doença passou para o anel, daí o motivo dêle ter se partido e razão de lançá-lo fora.

O menino Paulo pediu o cabelo da pequenina (a quem êle serve na qualidade de pajem), alegando que “pondo no ôlho da bananeira, o cabelo crescerá bonito... e se deixar atoa, sapo come... pode acontecer as coisas feia”. As mocinhas, além de enterrar o cabelo na bananeira, por ocasião da lua nova dizem:

“Abença, dindinha lua,
Deus le dê boaventura,
Fazendo que meus cabelo
Cresça até à cintura.”

Maria Chagas, proprietária da pensão nos ensinou: — “Quando se anda muito colocá uma fôlha atrás da orelha para curá aquela dô que dá no lado e é conhecida pelo nome de dô de veado”. Informou a seguir: “para defecá todo o dia de manhãzinha, a gente daqui pensa,

que se deve depois de agitá na bôca três golinhos d'água separadamente e engoli adepois. Para criança falá, dá-se água no bilro (da renda) ou água de chocalho; para andar, pega-se na criança e passa-se lama de água do mar nas suas pernas. Para o ar do sol faz-se o seguinte: Toma-se um vasilhame com água fria e entorna-se com uma toalha na bôca, sôbre a cabeça. Quando a água começa a fervê, logo se vê que a doença foi retirada”.

Simpatias há em relação aos animais e plantas. Em vários quintais há cascas de ovos nas pontas dos paus das cêrcas. Uns disseram que aquilo é para enfeite, mas outro redarguiu: “Enfeite nada, é para evitar mau olhado. Onde há alguma plantação é que funciona a casca de ovo. Usam também um chifre de boi ou cavcira para evitar que o mau olhado cáia nas plantações”.

Nossa arrumadeira, mulher branca, de cêrca de 50 anos de idade, nos ensinou como acabar com as pulgas: “Quando elas atacam a gente e não dão sossego, é bom colocá casca de cedro verde, de tanto que ela cheira que as pulgas despartam, vão se embora”.

APÊNDICE N.º 2

REZAS CONTRA PERIGOS, DOENÇAS
E MALES

Eis algumas rezas que nos foram ensinadas, quer por benzedores ou “benzinheiras” ou recolhidas no contato diuturno com informantes, outras vêzes, era o pábulo das conversas em nossas longas horas de travessia nas canoas, subindo ou descendo o rio São Francisco para a observação participante nos povoados do município de Piaçabuçu.

Agenor, prêto, residente na ilha do Gondim, vive sempre embriagado e quase nú, ensinou-nos algumas rezas. Para sair de casa, com o pé direito no batente da porta, rezar: “Eu saio da minha casa, Jesus Cristo tá me veno, todo leão de dentro dêste cerrado e todos meus inimigo de braço trancado”.

Para os que são medrosos do rio e têm mêdo de atravessá-lo: — “Chagas abertas, coração ferido, o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo se meta entre nós e o perigo. Rezar em seguida um Padre Nosso”.

Para evitar o perigo das cobras: “Deus adiante e Pai na guia, me acompanhe Deus e a Virxe Maria. A cruz de santilena (santo lenho) na minha frente, Pai domis sussum corda. Aleluia. Rezano esta oração pode saí, não há perigo nenhum das cobra”, concluiu o informante.

Para a cura da malária, informou o canoeiro Zé Véinho, “se reza pra istrela do ceu e se escreve na mesma hora no papel. Adepois se enrola o papel e se coloca num fio e bota no pescoço. Êste fio se parte e arrasta

a peste”. Acrescentou: “quando se está com íngua é costume dos antigos olhá prá uma istrela qualqué, melhor se soubé o nome e dizê: minha istrela, minha íngua diz que viva ela e morra vós, eu le digo, vós é que viva ela é que morra. Isto se faiz treis noite seguida. Às vez na tercêra noite”, disse o informante’, já não terá mais nada”.

Porfírio Santana ensinou que não se deve cortar as unhas de uma criança recém-nascida antes de ser batizada. Logo que a criança nasce, a mão deve, quando apontar a primeira lua nova, apresentar a criança para a “Dindinha Lua” e dizer:

“Lua, luá levai o meu mal
mi dai vosso bem
e deixai meu filinho
filiz se criá. Amém.”

Para a cura de “espinhela caída” é generalizada a crença de que se deve rezar com um ramo de planta para benzer, preferivelmente a “vassourinha”; uma no primeiro dia, duas no segundo e três no terceiro dia. Deve-se observar que um galho de “vassourinha” não serve para dois doentes porque “após a reza êle estará sêco”. A “vassourinha” deve ser queimada ou jogada nas águas correntes, estando a pessoa de costas para o rio.

APÊNDICE N.º 3

As pessoas manifestam preferências pelas orações. As prostitutas, as “mulé dama”, por exemplo, procuram sempre a oração de Santa Catarina. Esta custa nas feiras, apenas cinqüenta centavos e as vêzes um “cruzado” (quarenta centavos). Nesse opúsculo estão as orações da Pedra Cristalina, N. S. da Guia e de Santa Catarina. Eis a sua reprodução, na qual observamos a grafia e a mesma disposição tipográfica:

“ORAÇÕES

— DA —

PEDRA CRISTALINA

— De —

NOSSA SENHORA DA GUIA

— E DE —

SANTA CATARINA.

ORAÇÃO

— DA —

PEDRA CRISTALINA

Minha pedra Cristalina
que no mar foste achada
entre o calix e a hostia
consagrada; treme a terra
mas não treme N. Senhor
Jesus Cristo no altar, assim
treme os corações de
meus inimigos quando
olharem para mim. Eu te
benzo em cruz e não tu
a mim, entre o sol e a lua
as estrelas e a Santissima
Trindade. Meu Deus, na
travessia avistei meus

inimigos e que faço com eles ? Com o Manto da Virgem Maria serei coberto e com o sangue de N. Senhor Jesus Cristo serei valido; meus inimigos tem vontade de me atirar porem não atiram, se atirarem água pelo cano da espingarda correrás se tiverem vontade de me furar a faca das mão cairá; se me amarrarem os nós se desatarão; se me trancarem as portas se abrirão. Amem.

OFERECIMENTO

Salvo fui, salvo sou, e salvo serei; com a chave do sacrario eu me fechei. Resa-se um Padre N. 3 A. M. 3 G. P. e oferece-se as 5 chagas de N. S. J. C.

ORAÇÃO

— De —

NOSSA S. DA GUIA

Eu, coberto com o manto de Nossa Senhora da Guia andarei e não andarei, meus inimigos encontrarei mal não me farão nem eu lhe farei andarei, e não andarei, um cruzeiro ou encontrei, foi o Anjo Gabriel que encontrou Nossa Senhora e lhe saudou resando a Ave Maria. O Braço Onipotente descairá sobre quem

me queira fazer mal, que fique imóvel como pedra enquanto o que eu triste pecador faço que ando no serviço de Deus N. Senhor Amem.

ORAÇÃO
— DE —
SANTA CATARINA

Minha beata Catarina vos sois linda como sol formosa como a lua, brilhante como as estrelas; vós foste aquela senhora que na casa do Padre Eterno entrasse a mil homens abrandasse? Assim abrande o coração de fulano para mim que quando ele me veja fique contente; e quando me veja ande, chore e suspire; assim como a Virgem Maria andou e chorou e suspirou atrás da Vera-Cruz, atrás do meu bento filho Jesus Cristo, pelas areias do mar, pelas 3 missas de Natal, pelos 3 padres santos de Roma revestidos assim fulano pelas pedrarias que os padres não dizem missa sem elas; assim fulano não seguirá daí para adiante enquanto comigo não vier falar. Fulano pelos 3 arrancos que Jesus Cristo deu quando arrancou sua alma do santíssimo corpo assim fu-

lano há de arrancar
 para me obedecer. Assim
 como os apóstolos
 amaram e obedeceram a
 Jesus Cristo até a última
 assim minha beata Cata-
 rina, virai o coração de
 fulano para mim como
 Jesus virou-se para a
 escuridão disse: Pax Do-
 minus! Pax Dominus! A-
 leluia!

FIM

Juazeiro 1-4-1952

As mulheres casadas, sempre preocupadas com o parto, jamais deixam de trazer uma oração do Glorioso Mártir, São Sebastião, pois à página 10 há uma recomendação expressa do Pe. Cícero Romão Batista: "Com a força desta oração qualquer mulher estando em perigo de parto será logo aliviada".

ORAÇÃO

— DO —

GLORIOSO MARTIR

SÃO SEBASTIÃO

*Advogado contra a
 Peste e a Guerra*

ORAÇÃO

Do Glorioso Martyr, S. Sebastião
 advogado contra a peste e a guerra.

ORAÇÃO PARA APLACAR
 A PESTE

Oh! meu Glorioso Martyr
 S. Sebastião servo de Nosso
 Senhor Jesus Cristo, filho de

Deus todo poderoso, Sebastião que foi cristão martirizado transpassado por agudas setas n'um pé de laranjeira, por amor a Jesus Cristo, nosso bendito salvador, sê Sebastião! o meu advogado Celestial contra a peste e doenças contagiosas no meu corpo.

Eu creatura de Deus (ou cristão.) vos peço por amor de Deus pae, Deus filho e Deus Espirito-Santo, por Santos fortes, Santos Deus, Santos Anjos, todos os Santos Martyres e por vosso Santo nome; vos suplico, que defendais a mim, creatura de Deus; curai-me da peste contagiosa, dos máos humores, doenças de máos nomes da gôta coral, da tuberculose e do coração, de bichos peçonhentos.

Senhor Deus! Senhor Deus! socorrei a mim creatura vossa! Eu vos peço humildemente e ao vosso servo e glorioso Sebastião que foi martyr por vosso divino amor, que por mim intercedei a vós meu bendito salvador, creador e consolador.

Reze 3 P. N. 3 A. M. e 3 G. P. e ofereça a Virgem Nossa Senhora das Dores e ao santíssimo Coração de Jesus, e confesse-se ao menos uma vez cada ano, e cumpra fielmente os deveres da santa Madre Igreja Catolica.

Reze 7 misterios no dia
S. Sebastião (a 20 de Janeiro.) todas
as pessoas que
tiverem a felicidade de tra-
zerem consigo esta santa-
Oração ou resa-la, estarão
livres da peste, como seja,
febres de máu carater, bu-
bonica, peste negra, ar de
fora, gôta, tísica, doenças
da garganta, e do coração.

Havendo contraste nas la-
vouras como lagartas, ratos e for-
migas; resando esta
Oração nas sexta-feiras
ao amanhecer do dia, a pes-
te terá que com três dias de-
saparecer d'aquelle lugar
sem ofender a ninguem.
Reze com fé viva e tenha
confiança, que verá o mila-
gre que grandes são as mi-
sericórdias e o poder de
Deus, dos seus santos e anjos.

Oração para livrar de muitos perigos,
fechar o corpo e quebrar as forças dos ini-
migos carnaes do domonio e aplacar a guerra
consumidora, etc.

Oh! meu glorioso martyr
S. Sebastião! soldado fiel e
servo de Nosso Senhor J. C.
assim como vos fostes martyr
transpassado e cravado com
agudas sétas n'um pé de la-
rangeira por amor de N. S.
Jesus Cristo filho de Deus
vivo e onipotente, creador do
céo e da terra.

Eu creatura de Deus im-
ploro a vossa divina prote-
ção perante Deus. Os Anjos.

santos apóstolos; martyres, Arcanjos e a todos que estão na divina presença do Eterno pai, filho do Espírito Santo.

Imploro o vosso divino auxílio e proteção, que guardai-me e defendei-me dos meus inimigos, andando, viajando, dormindo, acordado, trabalhando e negociando quebrantai-lhe as suas forças, odio, vingança, furor ou qualquer mal que tiverem contra mim.

Olhos tenham não me vejam; mão tenham não me peguem nem me façam mal nenhum pés tenham, não me persigam, boca tenham, não fale e nem mintam contra mim, armas, não tenham poder de me ferir, cordas, correntes não me amarrem as prisões para mim se abram as portas, arreentem-se as chaves, esteja eu livre de guerra, o meu corpo esteja fechado contra todo mal que houver contra mim: fome peste e guerra, com o poder de Deus Padre, Deus Filho, Deus Espírito-Santo Jesus Maria José, pela sagrada morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelas sete espadas, de Dores de Maria Santíssima.

Com o seu divino manto me cubra e encape dos meus inimigos. Eu creatura de Deus fecharei o meu corpo contra todos os perigos,

naufragios, infortunios e adversidades de minha sorte, com Deus-andarei servirei viverei e feliz serei.

Eu creatura de Deus me uno de corpo e alma ao meu redentor, Jesus Cristo perdão de meus pecados, senhor Deus, paz, a minha alma Senhor Deus, lembra-se das almas meus paes, amigos parentes e inimigo senhor Deus dai-me saude e força, valor para sofrer com paciência as fraquezas do meu proximo.

Arrancai e quebrantai de mim os máos pensamentos e fraquezas.

Lembra-te de mim lá no teu paraizo como lembra-te do bom ladrão na cruz do Calvário amem. N. B. reze 3 P. N. 3 C. P. e ofereça ao martyr S. Sebastião e a Virgem Nossa Senhora das Dores pelas 5 chagas de nosso senhor Jesus Cristo, para aplacar a soberba, o ódio, a vingança, a inveja, o crime dos homens, guerra consumidora que assola o mundo inteiro, e feichar o teu corpo e alma contra todos os perigos e as tentações do demonio.

Virtudes Poderosissimas

Serão bemaventuradas e felizes todas as pessoas, homens, mulheres e meninos que consigo trouxeram esta divina oração andando dia ou noite, estão livres dos grandes perigos, presentes

e futuros, o seu corpo viverá fechado contra todos os males, e os inimigos não terão mãos nem forças para lhes ofender.

A peste e todos os bichos peçonhentos, cães danados e cobras, não os ofenderão.

Com a força desta oração será aplacado o furor da justiça, das injustiças dos máos homens; será aplacada a peste em qualquer lugar: (cidade, vila ou povoação.) Será aplacada a ira do inimigo contra si.

Todos que trazer esta oração consigo, estará izento de perigos, podendo tê-la em casa ou traze-la consigo em suas viagens por terra e aguas, os males afugentar-se-ão de si.

Note: quem trazer consigo esta oração, seja em segredo (isto é) em suas viagens.

O que não acreditar nesta oração é blasfemar dela, será castigado. O seu corpo será aberto a peste a guerra e ao inimigo, e seus amigos lhe farão traição.

Com a força desta oração, qualquer mulher estando em perigo de parto será logo aliviada.

Uma pessoa estando com uma grande dor em agonia, botando-a no pescoço será logo aliviada, ou outro encomodo será o mesmo.

Foi aprovada por vários Arcebispos e Bispos do Bra-

sil e Portugal. Recomendada
a todas as pessoas pelo vir-
tuoso e digno sacerdote.

Pe. Cicero Romão.

Batista

FIM

A oração de Santo Lenho, além das proteções pro-
metidas há aquela de livrar de feitiço e doenças con-
tagiosas!

ORAÇÃO DE SANTO

LENHO

de

NOSSO SENHOR

JESUS CRISTO

Oração de Santo

Lenho

de

Nosso Senhor

Jesus Cristo

Para defesa de muitos males e misérias;
livrar-se do poder dos inimigos corporais.

Oração do Santo Lenho
de Nosso S. Jesus Cristo.

Deus vos salve cruz de N.

S. Jesus Cristo, com a cruz
eu me benzo, oh! santo pre-
cioso Lenho em que Nosso S.
J. Cristo foi crucificado para
amparar-me e salvar-me do
mortal pecado, do poder do
demonio do inferno e das
cruentas chamas do purgatorio
e do poder dos meus ini-
migos carnis e espirituais.

Eu me benzo com a santa cruz de Jesus Cristo, em nome de Deus Padre, Deus Filho, de Deus Espirito Santo e de Maria Virgem pura, com o seu divino santo. Deus Santo, Deus imortal que eu me encante diante dos meus inimigos que não tenham poder de me ofender. Pés tenham e não me persigam, mãos tenham e não me ofendam, olhos tenham e não me vejam. Serei salvo de seu furor; deles não terei medo e nem pavor, andando de dia ou de noite serei salvo de toda perseguição serei salvo com o poder de Deus padre Deus Filho, de Deus Espirito Santo do cruel contagio pestifero a da terrivel mortandade e do cruel flagelo da guerra; serei salvo de todas as dores cruciantes e oprobios no meu corpo, serei salvo e curado com o poder de N. S. J. C. de dor de dente dor reumaticas, dor de gota, dor no ventre, dor de cabeça, dor no coração, dores no corpo serei salvo com o poder de Deus Padre, Deus Filho, de Deus Espirito Santo, a santa cruz de Jesus Cristo e a hostia consagrada e o calix bento, amparado e guardado serei eu, entre a cruz de N. S. Jesus Cristo e o manto sagrado da Virgem Nossa Senhora que serei salvo de raio mortal do veneno peçonhento do cão danado, da mortal serpente, do intento e traição mortal dos

meus inimigos carnis, serei salvo do tiro mortal, faça e punhal com a cruz de N. S. Jesus Cristo o sagrado Lenho onde foi cruelmente chagado e morto o nosso bom Jesus confiando em seu infinito amor todos os meus pecados e crimes serão perdoados.

Toda chaga maligna e cruel do meu corpo por Jesus serei curado de todo mal que comigo tiver de acontecer será afastado de mim, assim como se afastaram os inimigos de Cristo, sejas comigo cruz de Cristo, encantai-me diante dos olhos de meus inimigos andando de dia ao meio dia de noite serei salvo com o poder de Deus Padre, com o poder de Deus Filho com o poder de Deus Espirito Santo; Deus por mim e ninguem contra mim serei salvo do poder e força da justiça, serei salvo da morte de desgraça de qualquer sorte, serei salvo das prisões perigos e aflições de toda, sorte Deus por mim ninguem contra mim porque serei amarrado, guardado e encantado no sagrado manto da virgem Maria Jesus C. pelo poder da hostia consagrada e o calix bento na hora da sagrada missa. Deus por mim ninguem contra mim. Salvo sou, salvo serei, salvo andarei, digo com o poder de Deus Padre de Deus Filho de Deus Espirito Santo e a rainha dos céus que serei salvo de toda sorte de

desgraça miserias e alcançarei o perdão dos meus pecados e salvação de minh'alma. Amem Reze 1 P. N. uma A. M. e 1 C. P. e oferece em tenção das 5 chagas de N. S. J. Cristo.

Todos os homens, mulheres e meninos poderão trazer consigo esta preciosa oração do santo Lenho de N. S. Jesus Cristo com toda fé e confiança serão salvos de muitos perigos e aflições, de toda sorte de misérias que lhes possam acontecer, serão felizes e bem aventurados. Não serão ofendidos pelos seus inimigos nem morrerão de desgraças nem atingido por nenhum flagelo de pessoas ou doenças como sejam: peste bubonicas, e bexiga; estarão livre de serem mordidos de cão danados e de cobras venenosas.

As mulheres que tiverem consigo esta oração do santo Lenho não terão perigos nos seus partos nem deles morrerão nem sofrerão da mencionada dor de mulher. Aqueles que consigo trouxerem esta oração não serão atacados de congestão e nem gôta coral: a casa onde houver esta oração estará livre de desgraças e miserias. O que cura é a fé de cada um pois, quem a trouxer consigo estará livre de pragas, feitiçarias e doenças contagiosas pois, nada lhe pegará esta oração do Santo Lenho é recomendada pelo digno de

virtuoso Pe. Cicero R. Batista
 aprovada e recomendada pe-
 las autoridades Eclesiásticas
 da Santa Madre igreja cato-
 lica apostolica romana.

FIM

Muito divulgada, preferida porém pelos comercian-
 tes e vaqueiros as orações de S. Marcos e São Manso
 e pelos pescadores e barqueiros, a de São Miguel.

ORAÇÕES DE
 S. MARCOS
 SÃO MANSO
 E DE
 S. MIGUEL

Para livrar dos inimigos

JUAZEIRO — CEARÁ

ORAÇÕES DE
 S. MARCOS
 SÃO MANSO
 E DE
 S. MIGUEL

Para livrar dos inimigos

JUAZEIRO — CEARÁ

ORAÇÃO DE
 S. MARCOS E S. MANSO

Para livrar dos inimigos

e me aparte o sangue
 C. me abrande o coração
 Manso me amanse, Jesus
 S. Marcos me marque S.

mau: a hostia consagrada entre em mim se os meus inimigos tiverem mau coração, não tenham cólera contra mim; assim como S. Marcos e S. Manso foram ao monte e nele havia touros bravos; mansos cordeiros e os fizeram presos e pacificos nas moradas de suas casas, assim os meus inimigos fiquem presos e pacificos nas moradas de suas casas, debaixo do meu pé esquerdo, assim como as palavras de S. M. de S. M. são certas diz; Filho, pede o que quiserdes que seraes servido e na casa que eu pousar se tiver cães de fila retirar-se-ão do caminho que cousa alguma se mova contra mim nem vivos nem mortos e batendo à porta com a mão esquerda desejo que imediatamente se abra.

Jesus Cristo senhor nosso da cruz descera, assim como Pilatos, Herodes e Caifas foram os algozes de Cristo e Ele consentiu todas essas tiranias, assim como o poder de Jesus Cristo quando estava no Horto fazendo sua oração, virou-se e viu-se cercado por seus inimigos e disse: Sursun corda! Cairam todos no chão até acabar a sua santa

oração. Assim como as palavras de Jesus Cristo, de S. Marcos e de S. Manso abrandai o coração de todos os homens de máus espiritos os animaes ferozes e de tudo que consigo se quizer opor tanto vivos como mortos tanto na alma como no corpo e dos máos espiritos, tanto viziveis como inviziveis: não serei perseguido da justiça nem dos meus inimigos que me quizerem causar dano; tanto no corpo como na alma. Viveis sempre socegado na minha casa; pelos caminhos e lugares por onde transitar; vivente de qualidade alguma me possa estorvar; antes todos me prestem auxílio naquilo que eu necessitar. Acompanhada da presente oração santissima, terei a amisade de todo o mundo e todos me que- rerão bem; de ninguem serei aborrecido.

Amem.

ORAÇÃO DE SÃO MIGUEL

Protetor dos navegantes e deve ser escrita no dia de S. Miguel e antes do sol sair.

Miguel Arcanjo, que obtiveste a guarda do paraíso, vindo socorrer ao povo de Deus e compen-

sai-vos em nos defender
 contra as tentações do
 demonio e em geral, con-
 tra todos os nossos ini-
 migos que são muito po-
 derosos e levai-nos à pre-
 sença de Deus na man-
 são dos bemaventurados.

Senhor Deus, meu,
 cantarei vossos louvores
 em presença de vossos anjos.

Eu vos dedicarei
 as minhas humildes homenagens, em vosso
 Santo templo e publicarei
 a grandeza de vosso San-
 tissimo nome por todos
 os seculos dos seculos
 Amem.

Fim. 8-3-1952

Para os lavradores, além de trazerem em mochilinhas esta oração, ela está na casa, pendurada em algum canto, pois ela livra das pragas das plantas, principalmente das terríveis lagartas.

ORAÇÃO

DE

Nossa Senhora do Desterro

Aprovada pelas autoridades Eclesiasticas
 do Arcebispado de Braga e do Porto.

JUAZEIRO — CEARÁ

*Oração de Nossa
 Senhora do Desterro*

Aprovada e licenciada pelas
 autoridades Eclesiasticas do
 Arcebispado de Braga e o
 Bispo do Porto. Havendo o

edito requerido aos Exmos. Revdmos. Snrs. Arcebispos de Braga e do bispo do Porto, houve por bem dar a petição com o seguinte despacho e assinatura dos mesmos.

Braga 9 de Janeiro de 1919

José, Arcebispo Primaz
 Segundo aprovação foi dada e selada por ordem Eclesiastica a 8 de Maio de 1872 pelo Bispo do Porto.

D. Americo Bispo do Porto
 Pe. Antonio José
 de Mesquita

Oração de Nossa S. do Desterro

Oh! bemaventurada Virgem Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, salvador do mundo Rainha do Céu e da terra, advogada dos pecadores, auxiliadora dos pobres, consoladora dos tristes amparadora dos órfãos e viúvas, alivadora das almas penantes, socorro dos aflitos, desterradora das indigencias das calamidades dos inimigos corporais e espirituais, da morte cruel dos tormentos eternos, de todo bicho e animal peçonhento, dos maus pensamentos, dos sonhos pavorosos das cenas terríveis e visões espantosas do rigor do dia do juizo, das pragas das bruxarias e maldições, dos malfeitores e ladrões. Oh minha

divina mãe ! eu prostado agora em vossos divinos pés, com piedosissimas lagrimas, cheio de arrependimento das minhas pesadas culpas a quem imploro o perdão: rogai por mim ao vosso divino filho para que me desterre de todos estes males e alcance o perdão dos meus pecados, seja enriquecido da vossa divina graça coberto com o vosso divino manto e de vossa infinita misericórdia. Oh ! divina estrela resplendor dos montes ! ouve a minha piedosissima supplica ! Abençoai a mim, meus paes, irmãos mulher, filhos, parentes, amigos, inimigos e maldições. Curai-me de todas as doenças, afugentar de mim a pestilencia, a guerra, a fome os desassossegos; eu vos peço e rogo com dor em meu coração, confiado na vossa divina misericórdia, para obter o perdão dos meus pecados ser participante da vossa preciosa morada, encontrar as portas dos céus abertos descançar por toda a eternidade do teu reino, por seculos dos seculos. Amem.

Reza-se 5 P. N. 5 A. M. e C. P. e ofereço aos Santissimo Coração de Jesus pelas 7 espadas de dores da virgem. mãe As virtudes desta oração

Todos os fieis cristãos homens, mulher e meninos que a trazer consigo tão grandes e admiraveis prodigios e

destrerão de todos os castigos que houver contra eles nem fome, nem peste, nem guerra, nem doenças contagiosas lhes afligirão.

Os seus inimigos carnaes não terão mãos nem poder de ofendê-los nem rouba-los estarão livres das tentações do demonio; nem de insetos, nem serpentes lhe ferirão, o gafanhoto, a lagarta, ratos e formigas lhes serão destruidos das lavouras, caindo em precisão ou outros tormentos resando com fé vivo tudo com brevidade será destruido; todos que tiverem confiança nas misericórdia da grande excelsa Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo tudo lhes serão abençoados os seus bens lhes serão acrescentados serão felizes nos seus negocios nas viagens por terra e mar, não morrerão sem confissão e estarão livres da morte repentina. Rezem sempre nas sextas feiras em tempo de guerra de fome, de peste ou outra qualquer aflição.

*Oração a Nosso Senhor
Jesus Cristo*

Assim como vejo a luz do dia, vejo meu Senhor Jesus Cristo e a Virgem Maria: tão guardado estou eu neste dia assim como andou meu Senhor Jesus Cristo, no ventre purissimo da sua mãe Maria

Santissima, Deus por mim
ninguem contra mim; corpo
e sangue de meu Senhor Je-
sus Cristo estão em cima de
mim (dizendo trez vezes em
cruz) valha-me Jesus, a flor
de sua Mãe Santissima
hostia sagrada e o mis-
terio da cruz Amem.
Reza-se 5 P. N. 5 A. M. e 5
C. P. ofereça-os desta manei-
ra: Estes P. N. e estas A. M.
ofereço a Sagrada morte
e paixão de Nosso Senhor Je-
sus Cristo, em louvor das
suas 5 chagas para que me-
livre dos meus inimigos visi-
veis e invisíveis; andando
viajando, dormindo, ou acor-
dado não tenham poder de
me ofender.

Nem faca, nem armas, nem
fogo, prisões, nem falsos, na-
da seja contra a mim, com o
poder de Deus Padre Filho
e Espirito Santo. Jesus Maria
José e o anjo da minha guarda,
tudo seja minha guia a
luz nesta vida e na outra. Fim.

Para evitar incêndios nas frágeis casas de palha, nada
melhor do que esta oração:

Prodigiosa oração de
N. S. do Monserrate
Apresentada com varias
e divinas Orações e o
Responso de
Santo Antonio
Prodigiosa Oração de
N. S. do MONSERRATE

Apresentada com varias e divinas
orações e o responso de
Santo Antonio

JUAZEIRO – CEARÁ

Grande Milagre

Que fez Nossa Senhora do
Monserrate na companhia do,
menino Jesus ao pé de Bar-
celona.

Apresentada com varias e divi-
nas orações e o Responso de
Santo Antonio oferecido ao
SANTÍSSIMO CORAÇÃO

DE JESUS

Em louvor muitas chagas
que sofreu para salvar
nossas almas.

Publicada pelo seu autôr
Padre Manoel Inacio C.
Maria.

Divina Oração

Esta oração é de Jerusalem
e chama-se oração de Nossa
Senhora de Monserrate ao pé
de Barcelona e como a mes-
ma Senhora obrou tão gran-
de milagre.

Bemdito louvado seja a sagra-
da paixão e morte de N. Se-
nhor Jesus Cristo Rogai por
nós Santa Formosura dos an-
jos: Tesouro dos apóstolos
deposito da arca da aliança
Senhora Santa Maria mos-
trae-nos em tão belo dia vos-
sa face Gloriosa.

Dita oração foi achada no
Santo Sepulcro de Jerusalem
no pé da imagem do Divino

Jesus e aprovada por todos os inquisidores e o Divino Jesus disse: Todo homem que consigo trazer esta oração não morrerá da má morte nem repentina não será ofendidos dos seus inimigos morrerá sem aflição: não morrerá afogado no mar nem nos rios não será queimado por fogo não passará trabalhos por mar nem será ferido na guerra, nem tentado pelo demonio do inferno; que é o proveito para a alma prazer para o coração. Não será mordido de cães danados nem de outros animais peçonhentos. Toda mulher que estiver em perigo de vida por causa do parto será logo aliviada com a virtude desta oração e livre também de ter gota coral mas é necessário ter muita fé porque não havendo fé não pode haver milagres nem salvação.

EIS O GRANDE MILAGRE

A 22 de Março da era de 1517, indo um homem para uma romaria de N. S. do Monserrate ao pé de Barcelona no caminho lhe saíram 3 ladrões e lhe cortaram a cabeça. No fim de 3 dias passou por ali um cavalheiro, e a cabeça lhe falou e disse: Volta atraz cavalheiro. Vai a Barcelona dar parte a justiça e a um padre de missa para vir me confessar; o cavalheiro voltou a Barcelona

a dar parte a justiça e a gente que se pode ajuntar para o dito assunto e que tudo se executou e vieram todos. Quando ao pé do morto chegaram a cabeça lhe falou pedindo confissão depois de confessado e absolvido o cadaver tornou a cabeça a falar para o dito auditorio disse: Procurem no meu corpo da parte do coração entre o colete que hão de achar uma oração de Jerusalem a qual para o futuro ficará com o nome de oração de Nossa Senhora do Monserrate e do menino Jesus Cristo terem ambos juntos feito um tão grande milagre admirado de todos de eu ressuscitar e não morrer sem confissão. Por isso se tirará o meu corpo e se venerará para nunca ir a sepultura. Assim peço a todas as creaturas que quizerem ter a gloria e a graça desta oração, trazer ao peito sendo mulher, e ao pescoço sendo homem. Rezem uma salve Rainha ao deitar; quando se lembrar e quando forem a missa entre o calix e a Hostia, mas tudo com muita fé e devoção. A casa onde houver esta oração será conservada em paz não será queimado o homem nem a mulher serão muito felizes com os amigos, seus filhos bem educados e se forem a guerra não serão vencidos nem feridos e estão livres da justiça e de testemu-

nhos falsos e de mas tentações: O Anjo S. Miguel lhe assistirá na hora da morte e S. Pedro lhe abrirá as portas do Céu para viver na gloria eterna Amem.

Padre Nosso Ave Maria

Na era de 1715, um homem que navegava ao pé de Normandia, e chamava-se Pedro de Nazareth, foi pillhado pelos piratas e roubado e lançado ao mar com uma tranca no pescoço, porem como trazia consigo esta oração, de N. Senhora do Monserrate e do menino Jesus, andou três dias a lutar com as pesadas ondas do mar sem comer nem beber vendo-se já muito cansado, lembrou-se da sagrada oração de Nossa Senhora do Monserrate, rezou uma Salve Rainha e salvou-se, no fim de oito dias já podia trabalhar e foi levar a Nossa Senhora uma grande promessa.

Meus queridos filhos sabeis que as chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo recebeu em seu santissimo corpo, foram, cinco mil e quatrocentas e cinquenta e cinco, e por isso vos digo, quem delas se lembrar e rezar algum P. N. e Ave Maria eu livrarei do Purgatorio a alma de seu pai de sua mãe de seus parentes lhe perdoarei todos os bens da bema-venturança de N. S. J. C. para sempre Amem. P. N. A. M.

ORAÇÃO AO SANTÍSSIMO CORAÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Jesus Filho de Deus vivo
tende misericórdia de mim
que sou mil' vezes pecador
salvai a minha alma Madre
de Deus Senhora do Céu
da terra e dos nossos cora-
ções. O' Bemaventurada e lou-
vada de todos os santos! ro-
gai por mim pecador o vos-
so precioso Filho, formosura
dos Anjos flôr dos ARCAN-
JOS dos patriarcas coroa dos
martirios das virgens ajudai-me
Senhora naquela verdadeira
hora, da minha morte, para
que possa ir ajuntar-me na
vossa preciosa morada oh!
virgem Bemaventurada! pro-
curadora dos cristãos, nas
vossas mãos entrego, a minh'alma e o
vosso Santo Filho
me ampare, com a vossa
santa glória, Amem.

A pessoa que trazer esta
oração, estará livre dos raios
e coriscos 4 dias antes de
sua morte verá a virgem Nos-
sa Senhora com os seus o-
lhos naturais. Esta oração
também foi aprovada pelo
padre Santo de Roma e por
todos os padres inquisidores e
são concedidos 10 dias de in-
dulgencias e perdão de todos
os pecados, a quem trazer e
consigo rezar quando se lem-
brar um P. N. e duas Ave M.
oferecidas ao santissimo Cora-
ção de N. S. J. Cristo, pe-

las muitas chagas que sofreu para nos remir e salvar. Amem Padre Nosso Ave Maria.

— Ó Coração de Jesus abrando tantas dinezas arrancae desta minh'alma pecados paixões vilezas. Ó Coração de Jesus centro de toda brandura abrandai meu coração que está como pedra dura, Ó Coração de Jesus por meu amôr tão ferido usai de misericórdia com quem vos tem ofendido.

OFERECIMENTO

Dignai-vos amante Deus, o meu afeto aceita, porque só em vós Senhor, eu desejo empregar, ajudai-me que vos ame de modo que mereceis e seja tal esse amôr que dele vos agradeis Amen. P. N. A. V.

Oração do Anjo da Guarda

— Anjo do Senhor a quem Deus ordenou que me guardasse em todos os meus caminhos por quem me advém toda sorte de bem! Como posso eu agradecer-vos que me fazeis? Está comigo pela vontade do senhor eu bendigo e adoro a sua misericórdia anjo de caridade não me abandonais, guardai-me durante todo o curso desta vida mortal e quando eu dela sair para voar a patria celestes onde semelhante a vós adorável o louvarei para sempre o Deus Soberano que nos criou para servir e amar.

ORAÇÃO BREVE

Anjo da minha guarda
 semelhança do Senhor
 ou por ele enviado
 para ser meu guardador
 peço-vos anjo bendito
 me de graça e poder
 e dos enganos do demonio
 me ajude a defender.

RESPONSO DE SANTO ANTONIO

Se procuras milagres pelo
 patrocínio de Santo Antonio
 a morte, o erro a calamidade
 põe-se em fugida Levanta-se
 os enfermos com saude apla-
 cam-se os mares tempestu-
 osos restabelecem-se os mem-
 bros paraliticos e aparecem
 as cousas perdidas (assim os
 conseguem-se bem o suplicam
 tanto os velhos como os man-
 cebos.) Desaparecem os pe-
 rigos, cessa a indigencia di-
 gam todos os moradores de
 Padua e os mais que ex-
 perimentam-nos outros luga-
 res da terra assim o conse-
 guem etc.

Gloria ao Padre, ao Filho e
 ao Espirito Santo, assim o
 conseguem etc.

V. Rogai por nós Bema-
 venturado Antonio.

R. para que sejamos
 dignos das promessas de
 Cristo Amem.

Tip. S. Francisco

Rua Santa Luzia, n.º 263

JUAZEIRO — CEARÁ

19-12-1952. FIM

APÊNDICE N.º 4

CONSELHOS DE “BENZINHEIRAS”,
COMADRES E “ENTENDIDOS”

Registramos uma série de indicações, receitas recolhidas na comunidade. São conselhos de “benzinheiras”, de comadres e de “entendidos”. Pessoas de ambos os sexos nos forneceram os dados abaixo e dentre elas podemos destacar Dona Olindina, senhora de 64 anos de idade, “assistente”, isto é, parteira com largo tirocínio. Em Piaçabuçu todos são unânimes em apontá-la como a mais hábil.

Ao arrolarmos as várias receitas verificamos que algumas vezes, uma planta é apontada para os males do coração, outras para pele e rim, daí nosso interesse em registrá-las.

Durante nossas observações acêrca da medicina rústica pudemos perceber uma certa atitude de despeito manifestado por Dona Olindina quanto aos remédios indicados pelo raizeiro Odilon. Ela sempre colocava em evidência tais discordâncias procurando ressaltar as suas receitas, oriundas de sua larga prática. Ei-las:

Purgante: “Rala-se o côco, apura-se o óleo, toma-se, pois êle trará a defecação. No dia deve-se guardar dieta. Porém, a defecação para que seja bem feita deve-se tomar cuidado, afirma a “benzinheira” que esta defecação “arrasta a doença.”

Lavagem de sal torrado: “Pegar uma colher de sal bem limpo. Põe-se num “caco” (panela de barro) e torra-se: quando êle começa estalar põe-se numa bacia bem limpa e ferve-se menos de um litro d’água e se põe aí com o sal. A lavagem está pronta. Coloca-se no irrigador e se dá o *chá de bico*. Serve para dôres internas, para prisão de ventre. A informante diz

“descarregar tôda a podridão parada nos intestinos.” Faz a lavagem tibã (mais ou menos morna). Muitas vêzes usa-se para mulher que vai dar a luz. Serve até mesmo para facilitar o parto, porque facilita a saída da criança. Serve também para a febre (refere-se ao tifo, que diz téfi).”

Prisão de ventre: (dor interna) “Toma-se o purgo leite com o chá de arruda.”

Outros remédios: “O leite preparado com o mastruz ou chá dêle é remédio para tosse, catarro. O chá do alecrim é remédio para dor do lado, estômago, falta de fôlego. A erva cidreira é usada para dor de barriga, barriga fôfa. Para criança doente com dor de barriga, obrando água ou obra vermelha. A fôlha de laranjeira para calmante. Quebra pedra, pega-pinto, ambos para rim, fígado, bexiga. Salsa de costa; pinica-se um bocado, apanha verdosa e com a água do caju, põe-se no fogo até que fique na metade do que bota, é depurativa. Serve pras doenças venéreas, por ex. mula... o couro do teiú pra defumação (neste ponto D. Olindina discorda de Odilon e diz: “não é o de teiú, é o do jacaré”); raiz de manacá no vinho é pra dor, pode fazer chá também e tem resguardo, por exemplo não comer limão ou essas tolices de azêdo.”

Remédio para pustêma na cabeça: “Torra-se o fumo, um pouco de mostarda (menos de uma colheirinha de chá), a jandiroba e a mostarda. Toma-se agora Pixilinga (crua) e a noz-moscada e ralam-se, pisa-se tudo, coa-se tudo com um pano bem fino e coloca-se num vidro bem tampado com tampa de vidro e toma-se o *tabaco* (nome do remédio) “pelas ventas” (narinas) aspira-se fortemente.”

Jandiroba é remédio para o ar (congestão).

Mostarda — pisa-se a mostarda crua e faz-se o “castro” (emplasto) e coloca-se na dor, amarrando-se com um pano para segurar. Não se coloca nem no ôlho, nem na fonte se fôr o caso, mas sim e sômente nas costelas, nas costas, nas pernas. Para beber a mostarda deve ser torrada. Para beber usa-se uma colher de chá e para o “castro” uma colher de sopa.”

Gericó — é remédio para defluxo. Cozinha-se o gericó, agrião e faz-se o chá para defluxo.

Alcaçús — é para curar defluxo. Tiram-se os pedacinhos, cozinham-se com erva-doce, aniz e toma-se. É bom para expelir o catarro. Depois do chá pronto e bem fervido, coa-se e de acôrdo com a porção de chá, coloca-se o açúcar.

Faz-se um “lambedô” (xarope) e toma-se uma colher de sopa por vez. Cozinha-se a erva-doce e quando fria coloca-se uma colher de sopa no açúcar. Cozinha-se o aniz estulado por meia hora. Bota mais de meio caneco de água. Quando ficar à altura de meia xícara d’água se põe uma colher de sopa de açúcar branco. Depois de tudo já frio coloca-se a aguardente alemã deve-se coar tôda a mistura. Dá-se então ao doente que esteja com febre ou muita dor de cabeça ou com congestão. Ele tem de defecar muito e a defecação arrasta tudo. Tem de ficar durante cinco dias de dieta com chá, pão. Aqui, em muitas doenças, não se deve beber café.”

Para *hérnias*: uma colher de sopa de óleo de babosa, um cálice de cachaça (50 centavos). Mistura-se no cálice e toma. Coloca-se sôbre o local um emplastro de breu bem quente que tome todo lugar da hérnia. Botar o breu no fogo e colocá-lo derretido sôbre a hérnia.”

Para *falta de ar*: “bate-se em nove águas o leite de pinhão branco. Bebe-se depois das nove batidas, em nove águas.”

Indisposição estomacal ou *gastura*: “mastigar a casca de laranja, sêca, corta a gastura.”

Para *reumatismo*, *tipi* ou *araticum*. Amorna a fôlha e coloca-a em cima, do local dolorido. Serve também para dor de cabeça, bem como fôlha de pinhão rôxo.

Para curar *soluço* colocar a língua dentro de um copo com vinagre.

Para *vermes* de criança e adultos mesmo, pisar a semente do mamão e fazer chá, tomar ao deitar-se, é um santo remédio,” conclui Dona Olindina.

A influência de algumas leituras, as suas muitas observações levaram-na a ser considerada a mais entendida em curas. Sendo muito procurada, sempre aconselha. A influência do Lunário Perpétuo, às vêzes traz estas confusões. Dona Olindina ao explicar os males da “conjunção do sol”, assim definiu o que seja tal conjunção: “a conjunção do sol com a lua apareceu pela veiz primeira quando Jêsus nasceu, não sabe? Jamais foi gerado pela conjunção do sol. Do Devino Espírito Santo rodando pela cabeça da virgem nossa senhora. O sol

sôbre o Espírito Santo é o Espírito Santo sôbre Nossa Senhora. Foi a conjunção do sol com a lua sôbre a cabeça de Nossa Senhora que deu Jésus, não sabe? Foi uma grande guerra, não sabe? Nunca mais nós tiramo a conjunção do sol com a lua". Gostando de leituras, Dona Olindina poderia ser atingida pela influência de bons livros sôbre orientação prática e higiênica de seus clientes.

Receitas de *comadres entendidas*:

Constipação (gripe). — O eucalipto ("eucalípio") com alecrim e o fedegoso; a isto chama-se chá morno. Isto mesmo pode ser suadouro (suadó)."

Para *sarna* — coceira — Sambacaitá com a casca branca do cajueiro branco no vinho da jurubeba.

Papeira. — Cana pátria branca. Usa-se o talo cortado, que é colocado no pescoço em forma de colar. Papeira — (parotite ou cachumba). Doença que na época da pesquisa apresentou-se com caráter epidêmico pelo grande número de pessoas atacadas por ela. Dizem alguns que é doença que aparece por ocasião do inverno. Grassou a cachumba na cidade: um homem está tomando injeções de penicilina, enquanto que um menino está tomando umas "pilas" (pílulas) e passando uma pomada de beladona, outros, e isso muitos, trazem no pescoço um colar de talos de fôlha de mamona (carrapateira). Alguns amarram um lenço onde colocaram gôtas de água benta. Eis vários remédios para o mesmo mal.

É crença que sapo quando morde produz uma ferida que leva sete anos para sarar.

A felicidade está condicionada ao dia, mês, hora e posição (se ainda estava deitada, ou trabalhando) em que vem a menstruação.

Tumor que não se vê o olho, são perigosos.

Para curar embriaguês, "Ovos da Hora" misturado na cachaça. Os ovos do Dia da Hora, isto é, que a galinha põe no dia da Ascensão de Nosso Senhor, são prodigiosos conservam-se frescos, e a gêma quando sêca, tem poderes medicinais.

Remédio para olhos. — Deve-se banhar com água de arruda.

Remédio para menstruação. — Pau brasil no vinho quinado.

Lavagem. — Faz o chá de macela. Coa-se e faz-se a lavagem intestinal pelo clistér ou “chá de bico”.

“*Rosário da batata de purga.* — Purgante. Rala-se a batata de purga e faz-se o pó. Se bota uma colher do pó de mé de abelha para quem está inchado e para quem não está inchado (“defluxo” por exemplo) com mé de açúcar.”

Perguntaram ao Zé da Muda (sua mãe é muda) por quê ela estava assim, muda? Respondeu, foi porque sua avó deu-lhe um purgante de jalapa e a seguir perdeu a fala antes mesmo de aprender a falar, isso quando ela teve ar.

A prática de rezas e benzeduras é sempre justificada. Maria, crioula, empregada da pensão disse: “cum sete dias de nascido dá o mal de sete dias, meu irmão teve isso, ficou amalucado. Isso acontece quando a gente dá muito remédio, é por isso que é melhor rezá ou mandá benzê”.

APÊNDICE N.º 5

OBSERVÂNCIA PARA EVITAR PERIGOS,
DOENÇAS E MALES

Anotamos algumas crenças cuja inobservância determinará prejuízos, doenças, males, perigos, porém, a observância os evitará, é algo de terapêutica mágica.

- “Não entrar no cemitério com ferida; esta não se curará mais.”
- “Não presta judiar de sapo e nem pegar nêle, pois uma ferida feita ao pegá-lo, demora sete anos para se curar.”
- “Caindo açúcar na toalha, sinal de morte.”
- “Quando se vê uma estrêla cadente, fazer-lhe um pedido.”
- “Quando se come ôvo, não se deve tomar leite, faz mal.”
- “Não presta comer melancia, dá pneumonia.”
- “Deve-se usar um galho de pinhão rôxo dentro da casa para evitar mau olhado. O galho serve também para rezar benzendo contra qualquer mal, mau olhado.”
- “Para evitar mau olhado na plantação colocar uma caveira de gado.”
- “Não se deve deixar uma vassoura com a palha para cima, morrerá o pai da família.”
- “Se a coruja passa sôbre a casa e rasga mortalha”, dizem: “seu fulano não dura muito não.”
- “Não se lava prato à noite porque a pessoa morre pobre que nem Job.”
- “Nas bodegas não vendem sal à noite, pois é atrazo para a casa. Só durante o dia.”
- “Dormir com os pés para o lado da porta, não presta, amanhece morto.”
- “Mordida de cachorro louco, pode tomar injeção, mas só sara se tiver tomado dois banhos de mar.”
- “Se passar um “delfino” (defunto criança) e a porta estiver fechada, não demorará três ou quatro dias para que morra uma pressoa da casa.”
- “Passar por debaixo da escada dá azar.”

- "No sábado de aleluia, colocam uma bacia com água e ficam olhando uma réstea de sol. Dizem que o padre só acha aleluia a hora que vê entrar uma bolinha vermelha, no reflexo do sol n'água."
- "Galinha que canta como galo o cão (diabo) está perto. "Cê (Você) viu o cão (diabo) é o que dizem. Matam-na e jogam fora."
- "Não presta queimar casca de ovo, dá dor no ovário da galinha."
- "Cachorro de caça se pegar uma casca de ovo e uma mulher gritar com êle, não presta mais para caçar."
- "Espingarda que matou gente deixando de bôca prá baixo no inverno ou no verão ela pinga sangue ou uma água vermelha que é a mesma coisa que sangue."
- "Quando dão uma topada dizem: "Deus te salve", porque é uma alma que está debaixo daquêle tóco, raiz ou pedra."
- "Biriba foi mordido pelo cachorro do compadre e estava com o mal (raiva) agora quando há lua nova, cheia e quarto crescente êle fica esquisito, tenho medo quando há lua", disse D. Adolfina, espôsa do Cel. Dionísio.

Nossa assistente de pesquisa, Srta. Natália Bettencourt, recolheu uma forma novíssima de crença, pois fôra a primeira vez que assistiram a um filme colorido de 16 mm. rodado no local pelo chefe da equipe de pesquisas sociológicas: "Em casa de seu Cazuzinha comentavam o filme colorido que fôra exibido em Piaçabuçu. Aparece na fita uma velhinha, membro da família, há pouco falecida. Certamente pelo fato de estar fazendo renda de bilro a velhinha aparece de lado, de perfil. Diziam, e a mim perguntavam se era realmente verdade, o fato dela não ter aparecido de frente estava ligado à sua morte. Se uma pessoa depois de morta aparecer num filme de frente significa pena para sua alma. A velha saíra de lado e isto queria dizer que estava morta, descansando o que muito os alegrou, a velhinha não está penando".

APÊNDICE N.º 6

A MACONHA

A maconha não é originariamente brasileira e sim africana. Para o Brasil foi trazida pelos escravos, certamente pelos negros que vieram de Angola porque, além de seu nome popular de diamba ou liamba, o cânhamo (*Cannabis sativa*, L.) é conhecido por *fumo de Angola*. Cá e lá os negros a usavam como agente inebriante, estupefaciente. É sabido que essa planta da família das sativas nunca foi explorada no Brasil para fins farmacêuticos e mesmo industriais (fibra têxtil) e sim fumada, mascada, bebida em infusão ou aspirada.

Seu uso é bastante difundido na comunidade, principalmente entre as pessoas da classe destituída de fortuna. São pessoas muito pobres e sem instrução. Em Piaçabuçu há um barbeiro que recebe maconha provinda do município de Coruripe, revende-a na cidade e a leva para ser vendida nos navios que ancoram em Penedo e descem depois para o sul, para o Rio de Janeiro, Santos.

Não tivemos conhecimento de que membros da elite fizessem uso da maconha. Apenas ouvimos a seguinte referência: "Muita gente boa deste Estado ficou rica a custa de vender maconha. Muito grandola de comum acôrdo com os policiais, passam muita carga para os navios que entram pelo rio São Francisco".

Por causa de uma irregular repressão policial, ora severa ora acumpliciadora, as plantações de maconha são clandestinas. Estão localizadas nos estados de Sergipe, Alagoas, Piauí e Maranhão. Nos dois primeiros Estados citados, as plantações estão na região são franciscana. Em São Brás, Traipu, Pôrto Real do Colégio, Coruripe,

Muguengue, Estado de Alagoas há muitas plantações da “erva maldita” e em Piaçabuçu há algumas. O plantador da diamba tem, além das precauções que deve tomar contra o policiamento, nem sempre severo, outras de ordem “supersticiosa”, por exemplo acredita que pessoas portadoras de “mau olhado” caso passem entre as plantações da liamba é o suficiente para que ela murche, definhe. Afirmam que é uma planta de uma sensibilidade exagerada. Vimos algumas amostras de maconha apanhada recentemente do pé e achamos que tem um cheiro ativo de mato verde.

Explicou-nos Alírio, prêto idoso, plantador de maconha que o tratamento “do fumo da Angola” requer cuidados especiais: “Tal qual o fumo é preciso capar para que não se torne repolhuda e sim delgada e o que perde com a capação das fôlhas ganha dando bolotas maiores, mais fornidas”. As sumidades floridas — as bolotas — é que produzem o material melhor para ser fumado.

Após a colheita das sumidades floridas, depois de curtidas e dessecadas, são vendidas em pacotes de 100 gramas a Cr\$ 12,00. A remessa da erva para o sul se dá através de alguns navios que sobem o rio S. Francisco e em Penedo apanham a “carga” para vendê-la depois em Salvador, Rio de Janeiro e Santos. Nesse “contrabando” as bolotas (flôres) vêm misturadas com galhos e fôlhas da diamba. E como o produto contrabandeado produz muito dinheiro, pode-se pensar que não seja pequeno o tráfico excuso feito com a maconha nas proximidades de Piaçabuçu.

Se no sul os viciados fumam a maconha em cigarros, no nordeste ela é queimada nos cachimbos. Cachimbos originais que nos dão a impressão de um narguilê primitivo: um vidro comum, de bôca estreita, com uma porção d'água, onde está mergulhado o canudo de um cachimbo. É claro que o canudo do cachimbo não vae

diretamente à bôca do fumador, mas passa por um reservatório d'água para "lavar a fumaça", como dizem os fumantes. No forninho de barro colocam as sumidas floridas da maconha, acendem-no com fósforo e tem início "a roda de fumar". Provavelmente seja influência árabe usar a maconha fumando-a neste cachimbo parecido com um narguilê.

O uso da maconha produz euforia, loquacidade, vontade de dançar e quase sempre uma fome intensa. Não ouvimos referência sequer sôbre sua utilização como afrodisíaco. Provavelmente alguns efeitos somáticos um ou outro fumante possa ter, como exemplo perturbações perestésicas com sensação de formigamento o que poderá ser interpretado como sensação de vôo; algumas reações vaso-motoras, porém, por mais que desejássemos encontrar um efeito psíquico não o constatamos.

Acompanhou-nos nas pesquisas com os fumantes de maconha o Prefeito de Piaçabuçu, Sr. Antônio Machado Lobo, farmacêutico diplomado pela Universidade da Bahia, de quem registramos a seguinte frase: "Não creio que haja efeito estupefaciente o que pode haver é o *estupidificante* tão-sòmente para aquêles que têm a mente predisposta para as taras, para as fantasmagorias. Eu me lembro que em Salvador, quando estudava, os rapazes se reuniam para fumar maconha, preparavam por assim dizer o ambiente, eu vejo agora esta gente, êstes matutos fumando e nada sentem. Pode crer que a maconha é um mito que precisamos acabar com êle. Já ouvi um professor falar a êsse respeito. E êsse mito ainda não se acabou porque a polícia é a maior interessada nêle. Veja que é nas prisões, nas penitenciárias onde há maior tráfico com ela e quem é que ganha com isso? São os perna-prêtas (soldados da polícia), os tiras como dizem lá no seu São Paulo. A maconha tem dado é muito dinheiro para a polícia, essa é a verdade. Agora, mais do

que nunca eu estou de acôrdo com o professor de farmacologia — a maconha é um mito”.

Nossa experiência não constatou uma alteração psíquica, porém, que traz fome é um fato. Foi-nos difícil conseguir fotografar e filmar uma roda de maconha⁽¹⁾. E claro que para um pesquisador de ciências sociais, acostumado ao trabalho de campo e que tem a presunção de se julgar especialista em estudos de comunidades rurais, uma, duas ou mais investidas não constituem derrota e sim falha na abordagem, o seu “approach” está necessitando de uma revisão. E foi o que aconteceu. Um dia conseguimos filmar, noutra conseguimos gravar as célebres loas de maconha. Algumas pessoas de Piaçabuçu que se prontificaram fumar para que pudessemos levar a efeito nosso estudo sociológico com bases concretas, após o trabalho do sociólogo ter sido realizado, os “artistas” comeram nada mais, nada menos, do que um samburá cheio de camarões “torrados”. E beberam muita água depois. Acontece que havia muito sal no camarão...

Entre os fumadores de maconha encontramos uma cerimônia, um ritual que consiste na reunião dos maconeiros e o uso das loas composição poética em louvor da diamba. No nordeste somente fumam quando estão reunidos vários fumadores e não há, ao que parece, o uso individual. Uma vez feita a roda de fumantes, quando vão passar a “Marica”, outro nome do cachimbo de maconha, para seu companheiro, diz: “Ajoéie Marica” e a seguir profere a sua loa. Este “ajoéie”, isto é,

(1) O Autor produziu para programa de televisão um documentário em 16 mm, sonoro, de 100 pés, intitulado “A MACONHA” e que foi ao vídeo da TV a 10-8-1953. Projetou também em palestras sobre o folclore nacional em sessão para os médicos na Sociedade Paulista da Medicina e nas aulas do “Curso de Medicina Social”, abordando *Antropologia e Medicina*, ministradas aos alunos do 5.º ano da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, no Instituto “Oscar Freire”.

ajoelhe, nos dá a impressão de que antigamente se fazia uma genuflexão em homenagem à diamba, ao recebê-la.

Recolhemos algumas loas de maconha numa roda de fumantes onde havia oito dêles. A pessoa que está com a "Marica" dá três ou quatro cachimbadas e, ao entregá-la ao companheiro, profere, antes de dizer sua louvação, as seguintes palavras, também repetidas pelo companheiro que a recebe: "Ajoéie Marica".

Observamos que entre as lôas de Cachaça e as de Maconha atualmente pequena diferença há, algumas são proferidas num e noutro cerimonial. Vejamos algumas lôas da maconha, por nós gravadas quando entre nove fumantes rodou a "Marica" para ser fumada. A maconha que nos faz lembrar o cerimonial árabe do narguilê, correu de mão em mão e os fumantes foram proferindo lôas:

- A — "Ajoeia Marica,
gonga sapionga
não me meta em cipoá,
me bote em campo franco
onde eu possa me manιά."
- B — ao receber a garrafa, diz "ajoéia Marica" e a seguir:
"Cinco é um ponto
quatro é um catulé
quem tem seus olhos bem vê,
engana si se engana é porque qué,
pescoço cheroso neste mundo.
só é do bicho mulé.
Ajoéia Marica."
- C — "Marica, quando eu vim lá do sertão
que passei pela taquara
topei um cachorro prêto
comprido como uma vara,
o sol dava pela cara
e o vento pelos ôvido
por detrais da Conceição
ouve ingrata o meu gemido,
Ajoéia, Marica."

- D — “Ajoéie Marica,
 Eu sô um cordero manso
 para onde me chamá eu vô,
 sô como boi de boiada
 que não dá rodiadô.
 Meto pau no meio de gente
 seja na cabeça de quem fô.
 Ajoéia Marica.”
- E — “Marica, quando eu vim de minha terra
 meu bem pegô a chorá.
 dá-me um aperto de mão,
 para de mim te alembirá.
 Chegô Mané dos Prazê,
 são vorta que o mundo dá.
 Ajoéie Marica.”
- F — “Eu vô fazê minha casinha
 da casa véia pra lá
 tem a madêra do chão
 farta a madêra do á,
 chegô Mané dos Prazê,
 são volta que o mundo dá.
 Ajoéia Marica.”
- G — “Marica, no lugá onde vadêio
 para o homem que compriende
 é como uma casa nova
 quando a madêra num pende,
 é como a areia cavada,
 quanto mais tira, mais rende.
 Ajoéie Marica.”
- H — “Marica, eu vi uma jóia perdida,
 dois variante a caçá,
 três embarcação no má,
 quatro poeta na lida,
 cinco vapô de saída,
 pá carregá seis princêsa,
 são sete mulé de nobresa
 cunversa com oito dotô,
 são nove governadô,
 e déis capitá de riqueza.
 Ajoéie, Marica.”
- I — “Marica, cum déis eu pego na casa,
 cum vinte chego os esteio,

cum trinta reparto o meio,
cum quarenta eu faço a barra
cum cincoenta eu me atraso,
cum sessenta obra singela,
cum setenta porta e jnela,
cum oitenta chego o barro,
cum noventa ripo e amarro,
cum cem tô dentro dela."

APÊNDICE N.º 7

O TABAGISMO

O tabagismo, traço cultural que o indígena nos legou, está presente na comunidade e o encontramos sob três aspectos: *cigarro*, "*torrado*" que é o rapé, e *naco de fumo para mascar*.

Nesta região fazem distinção entre os tipos de cigarros: há o feito de fumo, na hora, pelo próprio fumante na palha e há os cigarros comprados, ou "da praça". O uso da caixa de fósforo é generalizado porém encontramos alguns isqueiros de gasolina. Há também a binga, pedra e faiscador (pedaço de lima de aço) possivelmente é o mais primitivo dos isqueiros usados. Os fumantes de cigarro de palha usam também guardar o fumo numa pequena bolsa de borracha.

Na comunidade há também o uso de cachimbo de barro, popularmente chamado pito. Poucos usam os de madeira.

O torrado é o tabaco em pó, no sul é conhecido por rapé. O torrado tem grande saída, não só em Piaçabuçu mas em toda a região do vale do Rio São Francisco. É feito da seguinte maneira: "torra-se o fumo no forno, a seguir pila-se no pilão, peneira-se numa urupema (peneira) três vezes. Depois mistura-se pixilinga, noz-moscada, emburama de cheiro, hortelã-pimenta. Estas são piladas separadamente e a seguir é que se mistura. Então coloca-se também algumas gotas de água de Colônia ou outro perfume". Logo depois de pronto, para

não perder seu “sabor”, é colocado no chifre para ser vendido na feira, em pacotinhos de 0,50 centavos.

A procura é enorme. Pessoas da “elite” local também têm êsse hábito. Guardam o torrado em pequenas latas ou peças de chifre chamadas “cornimboque”. A latinha para uso individual onde guardam o torrado, dão o nome de buceta. Acreditamos seja, depois da forma de mastigar, a de tomar torrada, a mais comum. Muito mais comum do que a de fumar cigarro ou cachimbo. O tomar torrado é um hábito antigo e que vicia muito. Chega-se a uma roda de amigos ou conhecidos, oferecem logo o torrado. Um cornimboque corre de mão em mão e todos aspiram.

Embora seja comum o nome de torrado, não deixa de existir o de rapé no provérbio popular proferido pela Tônhã: “Conselho e rapé dá-se a quem qué. Conselho não peço porque se dá a todo mundo”.

Mascar fumo. O uso de mascar fumo é mais comum do que o de fumar, isto é, aspirar o fumo do cigarro do que o de aspirar o torrado. Homens e mulheres, principalmente os do meio rural, quase sempre estão com um naco de tabaco, mastigando e como provoca intensa salivação, daí o hábito de a todo momento cuspirem no chão. Tanto homens como mulheres vivem mascando tabaco. Em segundo lugar, como já apontamos, virá o uso do torrado, em grande voga entre os homens e praticado também por algumas mulheres já idosas. O cigarro de papel ou “da praça”, ocupa o terceiro pôsto nestas formas de tabagismo e é mais usado pelos môços da cidade e pelas meretrizes.

O tabaco usado para as três formas acima apontadas, é, com exclusão dos “cigarros da praça”, proveniente do fumo de corda adquirido na cidade de Arapiraca.

O tabaco é um alimento de poupança. Segundo o testemunho de fumadores e mastigadores de tabaco chega-se a essa conclusão. “Estava com uma fome danada, preparei um cigarro, peguei a fumar, logo me esqueci que tinha fome”. Certo mascarador de fumo afirmou: “Não tínhamos o que comer, peguei um naco de fumo, comecei a mascar, a fome passou”.

APÊNDICE N.º 8

LOAS

“Peguei a tomá cachaça
pensando que bem me fazia,
era coisa qu’eu não queria
meter-me nessa desgraça.
Bondade em mim ninguém acha,
na casa que tem função
bebendo com o meu dinhêro
caindo pelos terrêro
servindo de mangação.”

“A cachaça trouxe uma sina
a todos ela sujeita.
Fui todo de barba feita
de barrete e barretina,
só trajo na rôpa fina,
não trato ninguém por tu,
viva Deus e todo mundo,
viva a *menina de azú*.”

“A *menina de azú*
uma continha me deve,
é uma continha furtada
quando morrê Deus a leve.
Na festa da Tatubinha
onde ela apareceu
pela beleza que tinha
o grande prêmio recebeu.”

“Cupido na mão bateu
pelos andores do sul,
fala cabôco Fichú
e fala comigo tombém,
mata deis, aleja cem
e viva a *menina de azú*.”

“As mulé não digo nada
que elas pode se zangá,

mais ela bem de vagá
bebe suas bela copada
aquela mais disfarçada
bebe por traiz da porta,
o sumo da cana torta
não é defeito o bebê.”

“Cachaça é moça branca
filha de um home triguêro
quem puxa mucho por ela
fica pobre e sem dinhêro,
por isso eu vi um morrêno
lá no Rio de Janêro.”

“Adeus Manué de Loanda
Adeus, meu filho Noguêra
eu quero que me venha contá
o que foi que viste lá na fêra.”

“Eu vi o Cirino bebo
Jisué no chão deitado,
como chão não é furado
eu im jejum ti arrecebo.”

“De primeiro só bebia
negro, cabôco e mulato,
hoje até os home alto
véve bebo todo dia,
na rua tombá e pendê
contano os passo errado
até o seu delegado
já tenho visto bebê.”

“Aguardente giribita
feita da cana torta
erpe na língua lhe dê
quem fala o que não lhe importa
a língua encaranguêja
quem confirma o que não vê.”

“Eu juro garanto e faço
não dô caminho a ninguém
desse poeta venha cem
juro pela luz do sol
onde eu botá o meu anzol
o vai, ou papoca ou vem.”

“Muler minha num passeia,
só si fô mais o pai dela,
lá em casa a vorta é séria;
caçuô vai pa curreia,
não falo da vida alêia
nem também de má vizinho,
não quero mais teus carinho,
não gosto de mulé feia.”

Sabino ao receber disse:

“Marica, tu deste um peido
na casa do Venceslau
derrubô cinco girau.
os gato correu cum medo,
na casa do Azevedo
passô uma catinga de sul
fedendo como um urubu
Marica tu deste um peido,
que o mundo ficô azú.”

João Sacristão, ao beber o último gole disse a lôa
abaixo que nada mais é do que a gesta de Cirino:

“Cirino tava durmino
êle cum a morte assonhô.
Quando foi noutro dia
êle com a morte encontrô.
O cavalo de Cirino
de novo estrivo, estrivô.
As arma qu'êle tinha
de novo escorva, escorvô.
Amonto-se em seu cavalo,
seu caminho caminhô,
foi treis sarto qu'êle deu
foi treis tombo que levô.
Cirino caiu no chão
com os bofe dependurado
êle cumo má criado
meteiu a mão e arrancô:
corre-corre meu cavalo,
vá até Jatobá
chamá meu irmão

prá minha morte vingá.
Chegô o cavalo de Cirino
veio enfreado e sorto
vamo vê é meu irmão
o está preso ou morto,
sinhô padre capelão
me bota na sua lista
que hoje num fica gente
que me pertença ao Batista
até as galinha do terrêro
eu hoje pertendo a matá
pra morte de meu irmão
muito cedo eu vingá.”

Outras lôas gravadas pelo Autor:

Manoel Dorés — “O menino que se cria
na prôa de uma barçaça,
não há neste mundo coisa
que êsse sujeito num faça.”

“Si êle na barçaça é bom
salta pá terra é milhó,
trabalha até de inxó
e véve desapertado.
Sujeito civilizado
que entende de marisia
que sabe jogá a chia,
não há quem le faça guerra
e o menino em que se cria
véve no mar ou véve im terra.
Ainda vendo-se naufragado
que possa ganhá terra,
chega no pé de uma serra
vai trabalhá no gado.
Dali a pôco no roçado
pra num sê de segunda
nem que seja vagabunda
porta-se como um bom estudante
onde as moças são perdida
contra êle o supricante.”

Sabino: — “Esse cabôco dexe que avance
bote a faca na bainha,
o teu coro é como o meu
a tua vida é como a minha
minha bola não marêia
meu pensamento adivinha.”

“De duro você num venha
que encontra ca guerra civi,
dois bacamarte armado
e as bala querendo i,
o chumbo dizêno eu vô
e as bucha dizêno, espere aí.”

Porfírio: — “Poeta, deixe de arranco,
num vê que tô na amarração?
Eu só cumo boi brabo
quano tá no pé do morão,
não engeito e num gabo,
mas dexa de sê valentão.”

“Sô cascavé de varêdo
sô onça do boquerão;
eu de uma banda sô ortiga
da otra sô cansação,
quem duvida venha vê,
quem não subé, ponha a mão.”

“Oia, amanhã vô m'imbora
já estô me arrumano
o cavalo de viage
tá no mato se criano,
é porque vacê não sabe
do sentido em que eu ando.”

“Setestrela tá em cima
e o Cruzeiro tá virano
quem furta na roça alheia
é hora, pode i chegano,
com licença de mim mesmo
eu já vô me arretirano.”

As lôas já nem tôdas se referem à cachaça, embora, proferidas quando estão bebendo. Estas, por exemplo:

Sabino: — “Quando eu era pequenino
vaquejava umas ovelha
encontrei um ninho com ovos
e passarinhos com orelha
o bichinho era tão mau
e tinha a boca tão feia.”

Juvêncio: — “Minimo eu vô m'embora
que meus male são conforme
quem vive como eu vivo
só descansa quando dorme,
o amô é como o sangue
que por tôda vêia corre.”

Porfírio: — “Eu vi uma casa de páia
encostada im duas de têia
de cabôco treis aldeia,
quatro matriz na Ataláia
cinco mulé não se trabalha,
com seis máquina de cruzê,
são sete telegra a escrevê
são oito empregado de fama
com nove carrada de cana
pa deis usina movê.”

Manoel Dorés: — “Marica, aminhã vô m'imbora
tome conta de seu rancho
eu vô vê a mulatinha
apricando passo-balanço,
É na passage que eu fizé
você quera arrepará
que chegô Mané dos Prazê
são vorta que o mundo dá,
eu fui fazê minha casa
da casa vêia pra lá.

APÊNDICE N.º 9

HIGIENE E HÁBITOS CORPORAIS

Na comunidade não há completo desconhecimento de certos hábitos higiênicos e para tal muito tem contribuído a escola. Isto é, o Grupo Escolar para onde são designados professores diplomados vindos em geral de fora, principalmente da Capital. Tal não sucede no meio rural porque em geral as professoras residem ali mesmo, são semi-alfabetizadas e pouco permeáveis aos hábitos higiênicos.

Há no Grupo uma professora muito exigente não permitindo que seus alunos se apresentem com as mãos sujas, e sim de rosto lavado, cabelos penteados. Ensina há 18 anos. Repercute favoravelmente a atitude dessa professora na comunidade. Há algum tempo atrás foi tachada de “enjoada”, cheia de “coisinhas”, “luxenta”, mas, hoje, as próprias pessoas, que passaram pelo grupo como alunas, enaltecem sua atitude.

Uma andorinha só não faz verão, diz o adágio, porém, tal professora tem conseguido ser imitada pelas suas colegas e, hoje em dia, é apreciável a atitude das educadoras quanto à formação de hábitos higiênicos.

“Não é por faceirice que ando limpo”, diz Zérreis, “mas é porque me sinto bem depois de um banho e com roupa limpa. Na lagoa de arroz ando mais sujo do que um caranguejo uça, mas, antes de ir dormir, estou mais limpo do que bunda de santo”.

Se por um lado há pessoas que adotam princípios de higiene, há uma boa porcentagem dos que não os praticam. Há casas onde a sujeira é parte integrante dela, outras porém são cuidadas.

Em algumas casas é hábito lavar os pés para dormir, isto entre as famílias de melhor condição econômica. As môças em geral fazem uma pequena toailete como seja o lavar do rosto, escovar os dentes. O banho nem sempre é diário, mas tomam “banho de assento”, do “umbigo para baixo”, em bacias, à noite. Mulheres, porém, que trabalham no arroz, lavam diariamente os pés e braços ao sair das plantações, antes de tomar a canoa que as conduzirá para “a rua” que é a cidade. O banho completo só é tomado semanalmente.

Nas proximidades da cidade, num sítio abrigado há dois lugares para o banho: Pôrto dos Homens e Pôrto das Mulheres, distantes um do outro servidos porém pelas águas do mesmo riacho — o Coitizeiro. Aí aos sábados à tarde e domingos pela manhã, as mulheres tomam seu banho geral. Outras vão ao rio São Francisco. No rio, costumam banhar-se não com maiô, mas com vestido comum, velho. No Pôrto das Mulheres, algumas se despem totalmente para o banho, outras, não, usam o vestido velho.

O mesmo se dá com os homens. O banho geral é comumente uma só vez na semana, quer no rio ou no Pôrto dos Homens, no riacho. Aos domingos pela manhã e sábado à tarde o Pôrto dos Homens é bastante movimentado. Acontece, porém, que há muita imundície nas proximidades onde vão banhar-se, porque, antes das abluções, costumam fazer suas necessidades fisiológicas nas imediações. As fezes e a urina cheiram mal; tornando-se insuportável a permanência nesse local.

No Pôrto das Mulheres elas podem banhar-se despidas porque há rigorosa sanção por parte da comunidade àqueles que desejam dar uma olhadela.

No inverno, os banhos são coisa rara, poucas pessoas tomam-no diariamente. Lavam braços, pés e rosto,

mas... "os impossíveis" raríssimamente. E lavam sem sabão.

Estávamos certo dia tomando banho no rio e entraram nágua algumas crianças com sua mãe. Ela estava lavando umas peças de roupa. Oferecemos-lhe sabonete para que lavasse as crianças. Foi uma satisfação enorme para a mulher lavar os "*meninos com sabão de gente rica*".

No rio, no verão, todos se banham. Usam os homens um calçãozinho, as mulheres algo que lhes cubra, também, até os seios. Porém, há outros meios para o banho. Em casa de Dr. Machado Lobo há um excelente chuveiro. Na pensão uma barrica cheia d'água e uma caneca, num quarto, resolvem o problema.

Se na zona marginal ao rio, onde há facilidade de captação de água por meio de latas, potes e mesmo entrar nêles para o asseio, os banhos gerais são hebdomadários, é de se notar como são mais espaçados nos povoados mais afastados onde a água provém das cacimbas e é escassa.

O banho por ocasião da maré cheia, preferido pelos banhistas, tem o inconveniente de, represando as águas sobrenadar tôda a imundície que lançam ao rio. Nada-se às vêzes nas proximidades donde está flutuando um cadáver de cão, carneiro ou galinha que morreu de peste.

Dizem que o banho na maré cheia a água é mais quente e que na maré vasante a água é mais fria além de trazer sujeiras das lagoas.

Raríssimamente há alguém que se lave de madrugada ou à noite. A hora do banho é à tarde, pouco antes do crepúsculo. Mesmo com lua cheia jamais vimos alguém banhar-se no rio. Quando as águas ficam barrentas por ocasião das enchentes que vêm das cabeceiras, há muito comedimento nos banhos devido às piranhas, daí citarem nomes de fulano, beltrano e sicrano

que estavam tomando banho e algo lhes sucedeu. Aliás é mais uma justificativa para aquêles que pouco apreciavam os banhos, a limpeza corporal.

O banho no rio nem sempre é convidativo, principalmente quando estão boiando nas proximidades cadáveres de animais, sendo muito comum o de aves. Prefere-se então o banho de tambor, principalmente se a água foi colhida na vasante. Um tambor aberto, na parte superior cheio d'água do rio São Francisco. É o banho de cuia: apanha-se a água com esta cuia e vae-se derramando sôbre a cabeça. O banheiro da pensão fica num cubículo escuro, ladrilhado e de telha vã, onde às vêzes estão caranguejos soltos. A água do tambor não foi mudada desde o dia anterior em que havíamos tomado banho. Também notamos dois ratos correndo espavoridos por causa da água que lançávamos à cabeça com a cuia. Assim era o nosso banho de cuia.

Embora o banho geral seja raro, é hábito generalizado a lavagem do rosto pela manhã. Outro hábito é o uso de ingredientes graxos nos cabelos. Por ocasião das feiras, bons negócios fazem os vendedores de brilhantina, vaselina para os cabelos. É uso corrente o óleo no cabelo e a poeira aí caída, com os poucos e raros banhos aumenta a pastosidade.

D. Cândida, cega de um ôlho, mora de favor no sobrado, no andar térreo. Vive miseravelmente. Comendo o peixinho que pescou. Seu filho de criação trabalha, mas gosta de beber. Daí já se conclui, a miséria não é atenuada. Estava raspando um côco. Perguntamos-lhe para que era, ao que respondeu: "Vou fazê um óleo para passar no cabelo. Pena que não é cheiroso".

Quanto ao traje, sua limpeza deixa muito a desejar. Há pessoas que passam vários dias com a mesma roupa. Trabalham com ela, dormem com ela. O suor ali empapado e depois enxuto produz um cheiro hircino comu-

mente chamado pelos moradores de Piaçabuçu de “cheiro de xexéu”.

É muito comum as mulheres limparem o nariz na gola do vestido, justamente naquela parte que fica sôbre o colo. A fazenda fica em contato com o corpo. Elas levantam a gola do vestido, abaixam a cabeça e limpam o nariz.

As roupas são lavadas no rio, com sabão feito em casa ou comprado na feira. Peça por peça é lavada, esfregada, batida na pedra ou táboa e depois exposta ao sol para corar. Enxaguada, a seguir torcida e depois posta para enxugar ao sol, em varal ou estendida nos arbustos. É costume esfregar a roupa com fôlhas de uma trepadeira, dizem que ajuda a limpar melhor.

Não havendo por parte de grande maioria da população cuidados higiênicos pessoais, com relação à sua moradia é ainda maior o desleixo na prática de hábitos higiênicos.

Na cidade, as casas de “triângulo” são bem cuidadas e às vêzes, pode-se ver através da janela, ao passar, as camas bem arrumadas e limpas. Já no “quadrado”, há casas assejadas, como as há imundas. Destas, vê-se uma esteira no chão com alguns farrapos mulambentos. Não há bancos. A cozinha é o poial e umas vasilhas de barro enegrecidas pela fuligem por fora e internamente mal lavadas. Generalizado é o hábito de se fazer um girau e sôbre êle colocam uma esteira de piri-piri onde dormem.

Não é tão generalizado como se havia de esperar o uso da rêde. Esta últimamente vem sendo gradativamente substituída pela esteira. A rêde custa hoje preço elevado e a esteira uma bagatela, daí o desaparecimento da tradicional rêde, hábito deixado pelos nossos índios. “Ah! si eu pudesse, só dormiria na rêde, não ficava com

os meus ossos se retorcendo na esteira dura, mas, como pobre vive é de teimoso, corpo velho acabou é se acostumando na esteira”.

É quase inexistente a privada. Raríssimas são as fossas e isso mesmo rasas. O recurso mais comum é defecar no “mato” ou fundo do quintal. Desconhecem o papel higiênico, às vêzes, são usadas fôlhas do mato.

Cenas como esta anotada por nossa assistente são muito comuns entre os moradores pobres de Piaçabuçu: “Na casa de D. Zelinda, não há privada. Como o quintal é cercado por cêrca de “pau em pé”, a parte atrás da cozinha, último cômodo da casa, é reservado para a micção. D. Zelinda enquanto conversava conosco, andando pela casa soltava gases o que despertava certo riso por parte das pessoas que lá estavam: a irmã, duas senhoras casadas e uma môça, estas últimas riam. Logo depois D. Zelinda se dirigiu para trás da casa. Em pé, com as pernas abertas, com as mãos puxando a roupa para a frente, urinou. Em seguida abaxou-se, defecendo. Voltou depois para o seu trabalho, rendas de bilro, que fôra interrompido”.

Se os fundos do quintal constituem um local pouco limpo, em contraste, algumas casas apresentam a sua frente que dá para rua, sempre limpa. Outras porém, não cuidam e é comum ver-se grande quantidade de cascas de cana atiradas ao chão, pois é generalizado o hábito de chupar cana à porta da casa ao anoitecer.

Raramente se vê uma pessoa com os pés descalços. O uso do tamanco é muito generalizado. Tal medida não é por compreensão da necessidade de andar calçado para se evitar a possível contaminação por germes pela planta dos pés, mas é uma defesa contra o calor. O sol aquece demasiadamente o solo e o areião é intransitável a pé descalço. Para enfrentá-lo é preciso o uso de alpercatas ou tamancos. É comum as crianças andarem

completamente nuas até uma certa idade e meninos, de sete anos ou mais, andam sem calça.

É bem provável que a marca do latifúndio açucareiro, esterilizador como é, tenha deixado seus estigmas na população: a fome crônica como conseqüência do arrasamento total das florestas existentes nesta região onde houve o plantio da cana de açúcar que conseguiu alterar os regimes das chuvas, modificou o clima e as plantas e as matas tropicais transformaram-se em carrascais. Primeiro a busca do pau brasil pelo índio que para derrubar um tronco levava de roldão as árvores próximas, depois o branco com o machado na mão do escravo arrasou o restante para o plantio da cana de açúcar. Esta dendroclastia atuou sobre as condições edáficas desta região. Flora sacrificada, conseqüentemente, fauna também. Os alimentos que poderiam buscar na fauna são escassos, a não ser o caso da ictiológica ainda abundante e salvação do regime alimentar de parte considerável da população de Piaçabuçu. Hoje as deficiências alimentares se espelham nas arcadas dentárias, falhas, estragadas dos moradores.

A vaidade feminina fura as orelhas das meninas quando pequenas. As môças acham chique mostrar no sorriso um dente de ouro e os lábios carminados pelo "baton". Enfeitam-se com uma flôr no cabelo untado de vaselina.

As filhas das famílias de mais recursos econômicos usam pó de arroz, perfume e algumas, unhas esmaltadas, "baton". As pobres põem no entanto todo requinte no untar o cabelo. Algumas mulheres do meio rural usam passar farinha de trigo no rosto, ficando esbranquiçadas. Muitas caboclas, que assim procedem, não dispensam um lenço amarrado na cabeça.

O fato de apresentar-se bem trajada não condiz com a higiene, pois não raro uma pessoa tôda adereçada, com

“baton”, pó de arroz, vestido limpo, etc., colocou-o sobre o corpo sem ter tomado um banho geral. Isto se dá tanto com homens, como também com as mulheres. Lavam as partes aparentes: pernas, ante-braços, mão e rosto.

Na comunidade há apenas duas famílias de protestantes. Há pouco um môço de côr aproximou-se da seita religiosa. Ele que andava sempre sujo, mal lavado, transformara-se. Agora anda sempre limpo, embora com roupas remendadas, mas limpas. Toma banho diàriamente. Enfim, procura imitar os demais membros daquela seita religiosa que primam por andar sempre limpos, cabelos penteados e dentes tratados. Uma pessoa, quando se referiu a êsse môço que se converteu ao protestantismo, disse: “não é atoa que êsses protestantes andam limpos, pois até o batismo dêles é de mergulhar o crente n’água. José Gomes andava mais sujo do que um baié (porco), depois que foi batizado em Penedo, acabou gostando de tomar banho, à noitinha depois do dia de trabalho lá está êle no rio tirando as “cracas” (sujeira). Assim dêsse geito acaba até perdendo o cheiro de xexéu que é o característico da raça (êle é prêto), não sei para que tanta limpeza... toma banho até no inverno”...

APÊNDICE N.º 10

RAÍZEIRO

Apresentamos a seguinte entrevista, gravada:

“Sou vendedô de raís prá remédio, garrafada é pra quem tá cum dores, reumatismo, todos incômodos. Sei benzê. Faço as seguintes feira: Piaçabuçu, Ilha dos Boi e Berume. Faiz uns 15 ano que lido com raíz. Quem me ensinô foi meu vélio pai que conhecia tudo que é raiz do mató. Êle era cabôco (isto é, índio), êle aprendeu cum o avô e continuô, eu fui chegano na convivência du vélio e fui aprendendo e ajudando a recolé raíz, andando nas feira e me acostumei, e dá prá i vivo. O pessoal me chama de Dotô de Raíz, me chama de Dotô. Dô consulta pró pessoá, não cobro nada, só vendo a raíz. Si cobrasse era bom. Êles chega: Seu Dotô eu estô sofrendo um incômodo aqui, numa perna, na barriga. Eu ensino: Passe o remédio tal que você melora, toma a raíz de pega-pinto, a papaconha tome a armêxa, a goma de batata de purga, misture, bote num litro com cristá de minerá bote na cerveja prêta, bote prá serená no sereno, notro dia tome um banho, e beba que é refresco. A pessoa sofre mucha tontura, ataca o purmão, as trazêra está suja, o remédio purga mucho, descarrega a metade daquelas torturas, a pessoa alivia, melora, o freguês toma é um refresco, melora, sara, alivia o pacífico. Eu trabalho bastante nas treis feira, mas aqui em Piaçabuçu é melor. Em minha casa dô também mucha consulta. Eu também rezo. Esta é uma reza de benzimento para curá dô de cabeça: *“Estais Santa Polônia, sentada em cima de uma pedra mármore, vivia chorando de noite*

e de dia. Foi quando chegou Nossa Senhora e le perguntô que tem Polônia que chora por noite e dia? É uma dô tão grande e tão forte que aparece a dô da morte. Assim como Nosso Sinhô foi refutado no meu ventre, assim será Fulano, livre e salvo da dô de cabeça, dô de pontada, dô de sereno, dô de estuporado, à da gre-guês, á du vento e cum os pudê de Deus e da Virge Maria, nome do Padre e du Fio e Espirito Santo. Amém Jesus!" Depois tem o ofricimento, com o Padre Nosso e esta Ave Maria ofereço para o santo, para a cura da cabeça de Fulano. Sei também fazê reza de prejuízo, mas isso só quano é perciso. Sei fazê as cousas para o bem e também para o mal. Para o bem, reza uma ora-ção, para qualqué incômodo, a defesa da pessoa. Para o mal, são outras rezas. Este eu cobro caro e só faço para quem merece. Já fiz uma vez e deu certo. Quando se faz o mal é repartido, por isso eu trabalho por bem. Havendo percisão eu faço. Mas do contrário é melhor não fazê. Há encanto, ôlho grande. Para evitar isso, faça defumação com cuminho nas brasas viva. A fumaça defuma e a pessoa vai sendo feliz. Não compram na feira, quando chego na barraca ajuntam. Tudo corrige com Deus, sem Deus nada no mundo. Em Penedo eu compro na farmácia o que precisa para as garrafadas. Sei rezá outras reza: a da Torre de Belém, de São Cipriano de Caiporismo: da Torre de Belém, para tirá dô de cabeça; de São Cipriano, para amansá bicho bravo e de Caiporismo, para lagarta i no coqueirá do outro".

Estas não quiz contá-las ao pesquisador.

APÊNDICE N.º 11

“ZÉ DAS COBRAS”

A fim de apresentar mais dramaticamente as atitudes, idéias e o “mundo mental” de Zé das Cobras, foi gravada a seguinte entrevista, reproduzida em seu inteiro teor:

— Amigo, como é o seu nome todo ?

— “José Cândido da Silva conhecido por Zé das Cobras porque trabalho com a iarte dada pelo meu avô, me deu a iarte de curandêro de cobra, mucho conhecido, provava o que fazia e me dexô alimentando essa fôrça e até o presente venho alimentando”.

— Cura a ofensa de qualquer cobra ou só de uma espécie delas ?

— “Curo tôda nação de cobra, da fração em que nós vemos não tem uma que eu não beneficie, cavalêro”.

— Me conte o que é que o amigo faz. Ouvi dizer que você pega cobra, amansa, gostaria que o amigo me ensinasse bem direitinho.

— “Amanso, as cobras também domestico com as mesmas palavras em Salamão foi na fé”.

— Amigo, poderia me ensinar repetindo as palavras que diz ?

— “As palavras são esta, é uma estória que traduz inveja, eu vô contá tôda: Salamão encontrô o doente. Sendo cientista Salamão — pela sua fôrça humana dada pelo o nosso pai Senhor Jesus Cristo; agora Salamão sendo irmão de Sansão invejô mesmo de um para otro a fôrça e a fé. Fé sem fôrça não é nada e fôrça sem fé não é nada. Salamão beneficiando e sendo prático nas suas ciência humana de receitá, qualqué um sinhô na sua ciência e seu golpe de vista em querendo encontrá em Salamão. Sansão sendo reis da fôrça topô dos dois jeitos na ciência. Um estava nas suas ciências ocultas, Sansão, mas Sansão não sabia que êle tinha fôrça. A cobra, Salamão domesticando a cobra, trazendo a cobra domesticada, fala para Sansão, a serpente te mata. Sansão sendo dono da fôrça disse: a mim não. Não tinha

medo. Sansão não tinha medo. Êle vendo amedrontado os outros, porque nenhum era cheio de fôrça, só podia se amedrontá. Salamão prosto-se pois com seu coração crédulo, sacudiu a serpente em cima de Sansão. Sansão via, e, pega a serpente. Quando Sansão pegô a serpente que a serpente foi ofendê êle, ela ficô com a bôca aberta, ficô alí parada. Agora, disse Salamão, e não te atinge não? Não, porque eu sô reis da fôrça, da fôrça humana. Começô Salamão chamando Sansão para viajá junto. Êle viaja junto comigo, somos dois ermão, somos dois ermão na iarte e fôrça e im fé e subiu e foro falá com Jesus, os dois. Jesus o ordena a êle que não tivesse inveja de um para outro, não invejasse para não deixá o globo todo cheio de cercunstância. Vai êles e descêro com a licença de Deus e foro beneficiando como êle mandô. Sansão encontra uma serra e tira. Salamão encontra uma serra adiante que não subia e nem descia naquela estrada, primitida por Jesus, Jesus butô para vê a opinião dêle qual era o coração dos dois. Sansão foi e pegô a estrada e estapô em cima da serra e foi Jesus quem butô a serra. Agora Sansão foi e pegô a serra com sua fôrça, Sansão a retirô e a estrada abriu. Salamão ficou olhando para Sansão invejô aquilo e disse: ô i eu também não terá essa fôrça, não? Sansão disse, não tem visto que essa fôrça não pode você pegá. Ai, quando encontrô doente receitava Salamão no gorpe de vista receitava e Salamão disse eu não compriendo e cada quá no seu, e não adianta você sê sabido no seu mistério, e nem eu sê sabido no seu mistério, êle já invejô e ficô o mundo assim, como nois já disse, cheio de cercunstância. Eu não tenho inveja por isso aprendi a curá com o mesmo gorpe de vista”.

— Amigo, quando você cura quais são as palavras que diz?

—“Eu coloco o cricifico do Sinhô São Bento na matéria. A mão do home é uma carta aberta. Agora ali i eu coloco e elevo estas palavras que êle levava: Pai, Domis, Sinhô são con-corde. Aleluia iá devemos jaculetóris e é jô inte méia ai já devemos, gemus gérico e afundamento — com a lei de Deus, com Deus eu te pego com o sangue aprécioso na cruz de Nosso Sinhô Jésus Cristo e cum êste sangue aprécioso de Nosso Sinhô Jésus Cristo com êle se banhasse i se matriculasse e dissesse que ficô livre para todo insensive de veneno, as doze palavras de Nosso Sinhô Jésus Cristo, são doze palavras apostólica e inscrito pela Igreja Romana Católica e estava sentado e disse se matriculasse e se dissesse com o sangue da Santissima Virge Maria. A Virge Maria por que Santissima i virge? Por que foi

virge no parto e depois do parto ficô ela virge para sempre virge. Adepois faço o sinal da cruz na mão da pessoa. Eu pego adepois no dedo da pessoa para ligá fôrça, a minha matéria humana, eu pego e visga, e não tando cum fôrça posso pegá que nada faiz”.

— Como o amigo adquire fôrças e como pode conservá-las?

— “Arrespeitando o prestígio humano na matéria (abstenção sexual) assim é que eu obtenho fôrça”.

— A reza que o amigo me ensinou é para livrar a pessoa antes de ser picada pela cobra, fechando o corpo, como disse. Como o amigo faz para curar a pessoa doente, isto é, que já foi picada pela cobra?

— “É a reza da Estrêla que eu faço. É assim: — Ó minha estrêla gloriosa do mar, assim como fulano, diz o nome que arrecebeu na pia, assim como ela estava sentada e disse ó meu filho da Santissima e disse o motivo da Santissima e que foi a nossa mãe, virge e sempre virge, apóis e tira o insensive dêste veneno e que uma água se vire para sempre, sem fim, Amém. Cum Deus Padre, cum Deus Filho, cum Deus Espírito Santo e são treis déus? Não, é um só Deus um finíssimo home e verdadêro, e a única virge no céu na terra e que o mundo chama por êle apóis ó meu Deus de piedade, assim como foi um Deus de piedade tivesse compaixão para cum Fulano, assim assim, que im água si vire, im sempre si vire e im água se sujeite. Amém. Serpente infeliz segue: de uma em uma, de duas em duas, de treis em treis, de quatro em quatro, de cinco em cinco, de seis em seis, de sete em sete, de oito em oito, de nove em nove, de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de treis em treis, de dois em dois, de um em um. E daí a dô desaparece imediatamente”.

— Fora as doenças motivadas pelas cobras, o amigo José faz mais alguma cura?

— “Não sinhô, só de cobra”.

— E para o amigo José fazer uma cobra amansar tem alguma regra especial, para ela ficar mansa, tem alguma palavra?

— “Tenho. Chamo a cobra. Eu domestico. Ela vem como vinhé, sentamo a mão em cima dela, ela deitô. Eu digo: ó meu sinhô São Bento; vaquêro das nossas almas vaquera do fundo do purgatório, e cumo estava assentada e assim mesmo diz multiplicando a fôrça, de nosso Pai verdadêro. Quem era nosso Pai Verdadêro, aquêle sinhô é que veio na cruz e por nois se aderramô apóis assim serpente humana ficará sem seu valô humano e cum Deus Padre, e cum Deus Filho, e cum Deus Espírito

Santo, que afugentará serpente humana, o teu insensível para sempre sem fim, Amém. Ela amedronta. Ali ela abaixa. Eu grito a ela, para, adomestico. Eu já tenho tado em Instituto, mais de uma veis. Ela para. Agora a matéria humana pricisa tá im orde porque sinão tivê, nada feito porque a cobra é serpente, é insensive de veneno. Tenho 21 ano de iarte, e observo para guardá a fôrça”.

— O amigo recebeu a arte de quem ?

— “Do meu avô, passô pra mim. Meu avô era índio, chamava Cândido Viturino, tá asseputado em Parmêra dos Índios, tudo mundo, de grande a pequeno se beneficiô cum êle. Agora, êle era cientista em muitas parte. A propósito da cura de cobra, quando apocava isto, no meio de deiz filio êle deu para mim a iarte”.

— Você não perde a sua fôrça de estar rezando assim nas feiras, todo mundo vendo e ouvindo ?

— “Não sinhô”.

— Quanto que o amigo cobra para curar ?

— “Treis cruzeiros”.

— “Só três cruzeiros ?

— “Êle ordenô dois, pois bem, agora, do tempo que eu comecei a curá não havia impôsto: êle me falô pra mim, si algum dia lhe cobrare o impôsto, então você cobra deiz rustões mais do que eu ordenei”.

— Para quem o amigo paga impôsto ?

— “Para a Prefeitura. Pago na feira, tem feira que pago Cr\$ 10,00 e é conforme a camaradage do fiscal, eu pago para a Prefeitura, menos”.

— Quantas pessoas cura por sua vez que aparece numa feira ?

— “De cada vez curo uma pessoa só. Aquela fica pronta para sempre. Arretira aquela vem outra. É conforme a quadra o número das que eu curo, às vêzes deiz, quinze, outras vêzes vinte ou só duas, tudo conforme a quadra”.

— O amigo vive disso ?

— “Não. Eu sô proprietário. Eu sô proprietário, vivo do trabalho da lavoura, eu ando é abeneficiando o povo. Eu ando só seis meses neste trabalho. Passo seis meses que não boto a mão im riba de cobra, porque não posso butá. Eu cumeço a trabaia durante a época de inverno eu estô trabalhando de roça. Ainda não era tempo, mas eu tô aqui agora porque atrazei

dentro dos meus méis. Eu tinha que vim aqui a negóço cum um primo que tenho aqui, eu atrazei. Eu trabalho de seis a seis, cumeço do ano e acabo em julho. Daí acabo e vô tocá a roça. Tô aqui, pois bem, tenho uma rocinha pequena, sô fanático pelo trabalho. Eu tô é fazêno benefício para a população. A população me chama, me procura para cura. Muita gente me chama, me procura. Eu só trabalho de janêro até o mês de julho. Aí eu paro. Quando eu atrazo e tenho uma viagem eu peço a Deus para fazê um atrazo, e consegui”.

— Fora desta época então o amigo perde a fôrça? E como sente que perdeu a fôrça?

— “Bem, isto eu le falo muito im particulá. Eu sô casado, nesses seis meses que estô curando eu não encosto im muler. Já cumpriu de? Eu sô casado, tenho dois filinho, nesses dois meses o sr. sabe, não encosto em minha muler. Durante o meis que eu não trabalho é meu pai quem trabalha. Por uma pricisão chamam o velho. Êle trabalha na agricultura também”.

— Nesses seis meses que você não trabalha e que o senhor seu pai fica trabalhando o que é que êle faz para ficar com fôrça?

— “É a mesma orige que eu falei para o sinhô, o meu pai não procura a vélia minha mãe, e tem as mesmas palavras que eu tenho”.

— Quais as feiras onde o amigo trabalha?

— “Em tôdas as feira: Propriá, Arapiraca, Igreja Nova, Penedo, Palmeira dos Índios e outras, vô virando”.

— O amigo conhece mais alguêm que faça benzimento e cura de cobra?

— “Até o presente não achei positivo, só achei negativo, êsses se mete noutras curas e o serviço naufragô. Êsses meu colega se anaufraga, êsse culega não tem respeito pelo prestígio humano, mete-se no alco, nas bebedêra, na vida do mundo, ondi a poco é matéria sem nada e morre. Aqui mesmo tinha, mas foram se acabando já morreu quase tudo. Fiquei eu, arreservado”.

— Qual é a religião do amigo José?

— “A minha religião é a católica romana apostólica. Eu faço as cura por meio de fé, de fé em Deus”.

— Que dizem os médicos acêrca das suas curas de cobras?

— “Sòmente pelo médico? O Dotô Carlos em Propriá, me chamô no consultório, eu contei o caso pra êle, êle pensô assim,

e sendo médico então disse, me pruibiu para eu não trabalhá dentro da cidade, e me disse porque, eu me convenci e no direito como eu era, me deu a liberdade para trabalhá longe. Saí fora da rua (cidade) ali por um quilômetro ou dois eu trabalhava. Adepois êle mudou-se para a Aracajú, e seu Zé Olnias percisô de um serviço positivo e então êle mandô eu trabalhá por conta própria, e eu continuei nas feira outra veis, há uns onze ano ou mais, isso acônteceu.

— Há quanto tempo o amigo trabalha ?

— “Tenho 21 ano de iarte.”

— O amigo faz alguma reza especial para não perder a fôrça ?

— “Faço uma reza, é umas palavras, é uma devoção, mas essa eu não posso cuntá. Porque si eu contá perdo a fôrça. São umas palavra. O sinhô sabe, tudo pricisa fôrça, prá sê assim a carne humana, aí não pode”.

— Essa palavra misteriosa o amigo fala todos os dias ? Quando, e há hora especial ?

— “Faço uma veiz, duas por meis. Agora tem dia próprio para fazer. Ê na sexta-feira”.

— Por quê na sexta-feira ?

— “Porque, assim se deve. Nosso Sinhô Jêsus Cristo foi amortecido de sexta-feira para sábadô. E o homem, sejá êle quem fô, é negativo si êle fôsse positivo, como deveria de sê ? Positivo só foi Jêsus Cristo, mas desfaleceu, adepois de desfalecê por sê misterioso, por certo, porque o home que tem mistério às vêzes sofre. Eu tenho visto bastante, mas sem culpa, mas condena. As fôrças maió combate as menô. Eu posso tê muita fôrça enquanto o meu prestígio, mas si eu não tenho elemento. Eu quero está sempre ao lado de quem tem compreensão. Eu só faço benefício ao próximo. Dizem e falam o que há e terá os benefício que atingirá um mal eu nunca alcancei, eu só vejo o bem. Porém, me falam que tem benefício para o mal, eu nunca alcancei, eu só vejo a miséria. Agora me diga uma cousa, os spiritistas é positivo ?”

— Não sei, amigo, nada posso dizer-lhe sôbre o assunto. Você vai me desculpar. Quantos anos de idade o amigo tem ?

— “Tenho 36 anos de idade, nasci em 1915”.

APÊNDICE N.º 12

ALGUMAS CRENÇAS

Dias, meses, anos e números de "sorte" e "azar". Há dias fastos e nefastos. A existência dêles se deve em parte à religião oficial. Nos dias de guarda e festa religiosa, não se deve trabalhar, são nefastos para quem deseja ter saúde, fortuna, felicidade. O domingo é um dia fasto para quem o guarda, o observa, porém, nefasto para aqueles que não o guardam. "Trabalho de dia de domingo não vai para a frente". Quando uma cousa é começada, não é terminada e durante o transcorrer dos trabalhos nela empregados não há sucesso, logo dizem: "isso é trabalho de domingo".

Jóca Machado, barreou sua casa nova lá na rua do Socorro num domingo. Passados alguns meses, o barro havia caído todo... Manoel Dores observou: "tá vendo, isso é trabalho de domingo, não vai pra frente".

Outra recomendação para não se iniciar serviço algum é nos dada através dêste provérbio rimado:

"Quando mingua a lua
não comece coisa alguma."

As fases da lua têm grande influência na vida agrícola, de guarda. Afirmam que antigamente nem feira havia. "Já se foi o tempo que na sexta-feira da Paixão, havia tanto respeito que os homens-de-bem da cidade, iam à igreja de luto fechado, só o tiravam no sábado depois da aleluia", suspirou o velho Pedro de Castro, narrando cousas do passado de sua terra natal. No "dia da Hora" ou da "Ascensão" é comum encontrarmos nas casas ramos verdes

— é a simpatia para que as m^oscas se mudem para a casa dos amancebados. Há outro pedido que deve ser feito em jejum, em qualquer sexta-feira pela manhã:

“Moscas malvadas,
da sexta pro sábado
estejam mudada.”

Coincide com os dias das feiras na comunidade a data da mudança das m^oscas incômodas que aborrecem os moradores.

Não percebemos a existência de m^os aziágo além de agôsto. “Mês de agôsto não presta pra fazê negócio”. “Eu evito trabalhá nas matas no mês de agôsto”, disse o velho Anísio Jacaré, “eu não sei porque é, mas não gosto”.

“Meis bom e feliz é o de São João e de Sant’Ana” (junho e julho) dizem várias pessoas da cidade, unindo a estas referências o fato das festas das fogueiras. O mês do São João é muito alegre na comunidade. Em três dias distintos há festas: Santo Antônio, São João e São Pedro. Com a festa de Sant’Ana (26 de julho) encerram-se as festas cíclicas do solstício do inverno, as festas das fogueiras.

“Quando eu era mais m^oço”, disse Porfírio, “o mês que eu mais gostava era o de São João, eu festava o que dava”.

É provável que o fato das festas, da alegria reinante por ocasião do solstício de inverno, lhes condicione uma apreciação favorável ao mês nas quais elas se realizam.

O mês de agôsto é também deixado de lado para os casamentos, “não presta casá em agôsto, morre logo um”; “não presta casá em agôsto, a gente nunca é feliz, tudo dá pra traz na casa”. “Não presta também casar-se na Quaresma”.

Dos anos, só o bissexto é perigoso. Alguns os acontecimentos de triste memória acontecidos na comunidade, quando lembrados, passaram-se num ano bissexto, ou relacionam com êle.

Mané do Dores, o maior conhecedor de adivinhas, de parlendas, de lendas, verdadeiro almanaque vivo da população, ao se referir aos meses veio com esta parlenda e depois fêz uma conta nas juntas dos dedos com os ossos do metacarpo para elucidar melhor o que procurou ensinar:

“De trinta dias é setembro;
abril, junho e novembro;
feverêro vintoito dias tem
sendo bissexto mais um lhe dêm,
e os mais mês sete são
trinte-um dias todos terão.”

O número 13 é o único portador de azar. O 7 é número de mentiroso. Há uma parlenda infantil que ensina a contar, e o número “3 foi o Cão quem fêz”. O cão é o diabo. Aliás, tal parlenda existe no Estado de São Paulo: “um, dois, três foi o diabo quem fêz”. A variante de Piaçabuçú é: “um dois, feijão com arroz; três quatro, feijão no prato; cinco, seis... foi o Cão quem fêz”. Acreditamos que não signifique número de azar, porém, uma rima fácil apenas, auxiliadora da memorização.

Os jogadores acreditam que êste ou aquêle número seja de sorte ou de azar, e como o jôgo é bastante disseminado, há as mais variadas prevenções contra os números e cartas de baralho.

Disse um informante, “eu gosto muito do barrufo ou do francês, mas quando jogo os dados a primeira vez e cai a soma três, já sei que êsse dia estou com o azar trepado no cangote, mas si dá o cinco, eu sei, tá prá mim, desforro”.

APÊNDICE N.º 13

SONHOS, PRESSAGIOS E ADIVINHAÇÕES

O desvendar o futuro tem sido sempre uma das maiores ambições dos homens em todos os tempos. O pressagiar uma boa caçada, uma boa colheita, uma boa pescaria, um bom negócio, tem levado a observação de fatos, de gestos, de canto de aves, de sopro de vento, de lua, enfim de fenômenos físicos metereológicos e outros. Às vezes a combinação de alguns fenômenos é que determinará um bom negócio. O levantar-se da cama com o pé direito, tudo lhe correrá bem naquêlo dia. Mas, êste presságio só se dará os da classe abastada, porque para o pobre "beradeiro", que amanhece na esteira no chão, nunca poderá saber qual o pé que irá primeiro ao solo.

Na comunidade crê-se que não presta ver passar entêrro, se êste parar defronte de alguma porta de casa, é morte para alguém da família que ali mora. Ao sair de casa e encontrar-se com o entêrro, é melhor ficar porque tudo correrá às avessas nesse dia.

O chapéu não deve ficar com a copa para baixo, nem se deve colocá-lo sôbre a mesa. Roupa não se deve colocar sôbre a mesa, porque só defunto é que vai sôbre ela, quando vestido.

Na casa, os pés da cama não devem ficar para o lado da porta da rua, trará a morte para seu dono.

Pelo vôo dos urubus pode-se saber a aproximação de chuvas. Outros pássaros, como o anu, também servem para as indicações de tempo.

Os sonhos também indicam algo que venha acontecer no futuro. Grande importância tem o sonho no

jôgo do bicho. Para êste, as adivinhações são muitas, desde riscar um fósforo e colocá-lo numa vasilha contendo café para ver a figura desenhada até a interpretação dos sonhos. Sonhar com homens de cabelo crespo dará o carneiro, com dente é elefante, com criança brincando n'água é jacaré, se estiver pescando, então confirma; sonhar com corda ou fumo é cobra, com anjo, asa, é borboleta. Antes de se jogar há em geral uma severa consulta e análise do sonho. O pesquisador, sem saber qual a relação existente, tôdas as vêzes que sonhavam com êle, jogavam na cabra. Posteriormente ficou sabendo por quê. Homem de barba é bode, bode dá cabra. Certa vez o banqueiro de bicho, disse ao pesquisador: "eu sei quando sonham com o senhor, pois o pessoal carrega o jôgo na cabra".

Há casos curiosos de sonhos. Em Penedo, quando um môço Zé Gomes, filho de Piaçabuçu, ali estava morando, sonhou que sob o sinal de uma cruz nas pedras da rocheira encontraria alguma coisa que lá estava escondido. O sonho se repetiu por várias noites. Resolveu um dia ir até à rocheira e examinar. Encontrou a cruz divisada nos sonhos. Cavocou no local e encontrou um caixote onde haviam várias jóias e moedas de ouro. O rapaz, de posse disso, não resistiu, contou para muitos, espalhou a notícia. A polícia apreendeu parte dos objetos e algumas moedas. Em Propriá o môço dos sonhos foi prêso e levado para Penedo. Depois que o delegado tomou posse do que foi encontrado, soltou-o. Houve uma verdadeira correria na rocheira chegaram até a instalar fios de luz elétrica e lá puseram-se a esburacar, remover pedras para ver se achariam mais alguma coisa do tesouro deixado pelos flamengos. Em Penedo, entrevistamos o "môço dos sonhos", Sr. José Gomes, conhecido por Zé-Pica Fumo, o qual confirmou o que ouvimos a seu respeito.

Antigo Prefeito de Piaçabuçu, Coronel Dionísio Góis, contou que tinha sonhado certa vez que, em sua casa em Penedo, um vulto chegou-se a êle e mostrou no seu quarto uma grande pedra no chão para que a removesse. O sonho se repetiu. Certo dia, resolveu revolver a pedra. Para surprêsa sua, ali estava o início de uma escada que descia para o subsolo. Sua surprêsa foi enorme, mas nunca pôde concluir a descida até o fim do túnel existente sob sua casa porque uma enorme pedra obsta. O Coronel Dionísio, ao concluir sua narrativa, disse: "não creio que ali haja algum tesouro, que os flamengos tenham deixado. O forte de Nassau fica nas proximidades da minha casa, quem sabe ali era algum caminho de comunicação ou retirada secreta dos holandeses. No meu sonho tive apenas um aviso para mostrar, porque se houvesse ali tesouro escondido, tenho certeza que receberia novo aviso".

Sr. José Tojal, vulgo Zé Cocó, contou um sonho seu, e relatou-nos como um jornal de Penedo noticiara o fato: "José Tojal, morador em Piaçabuçu, sonhou que nas terras do Brejão, junto a umas ruínas de pedra havia uma cisterna e que, tirando uma pedra encontraria uma caixa de estanho. Noutro dia, mal havia clareado, lá estava José Tojal a remover as pedras da ruína. Encontrou uma espécie de poço. Removeu pedras e mais pedras. De fato, encontrou a caixa de estanho. Dentro da caixa havia um papel e nêle letras incompreensíveis. Levou ao padre o papel, êste disse ser um pergaminho e que as letras ali escritas eram em hebraico. Seus conhecimentos eram parcos de tal língua morta, mas que o bispo de Penedo poderia ler. Levaram o documento ao prelado. Depois de traduzido voltaram ao local, mas nada foi possível fazer porque as referências ali contidas estavam completamente destruídas ainda mais que nos últimos dias, após o sonho, e quando seu

documento era levado para Penedo, uma verdadeira horda assolou o local, revolvendo tudo, na esperança de abocanhar algum tesouro que por lá houvesse. Nunca foi possível localizar o que por ali ficou escondido desde o tempo dos holandeses”.

Do relato acima pode-se concluir que os tesouros dos tempos dos flamengos, os tesouros enterrados ainda escaldam a imaginação de muitos moradores de Piaçabuçu.

Miguel Cabeção contou-nos que uma vez sonhou e durante o sonho recebeu um sinal. Devia passar por uma parede e de fato passando por aí encontrou um caco de côco com vintens. Cabeção não gostou e lançou fora esta dádiva. Certamente, seu medo tem relação com o que narrou posteriormente: “o dinheiro de alma é encantado”. Continuou dizendo: “aqui por perto sempre que passavam por um lugar, ouvia-se: “Quem qué vê o laço do mardito? Todo mundo corria e uma vez três camaradas resolveram ir até o local. Logo que chegaram o finado mostrou um espaço de terra cheio de dinheiro. Daí um dêles foi à cidade buscar um saco para colocar a gaita. Mas, voltando comprou vinho e o envenenou para os dois. Os dois que lá ficaram quiseram matar o terceiro e mesmo combinaram de fazer a sua morte. Daí quando êle voltou os dois mataram o que foi buscar comida e com pena por êle ter trazido pão e vinho, começaram a beber e comer. Ambos morreram. Aí está o laço do mardito”.

Quando o sonho não ajuda para encontrar qualquer objeto perdido apela-se para São Longuinho e se deve dizer: “São Longuinho, se eu achar êsse objeto que perdi, eu dou três gritos”. Achando dá então três gritos: “Achei São Longuinho”. Mas esta fórmula é só para as cousas da vida quotidiana: uma tesoura, um dedal, um canivete, uma faca, um cutelo que se perca.

“Uma vez perdi uma peixeira. Sonhei que ela estava debaixo de um poste quebrado. Fui lá e estava mesmo”, concluiu Quincas Correia.

Quando presentes na comunidade, as ciganas conseguem fazer bom dinheiro com a leitura da sorte. Cobram geralmente Cr\$ 3,00 (três cruzeiros) para ler a “buena-dicha”. A freguesia das ciganas é recrutada sua maioria entre mocinhas de idade núbil. As ciganas, tôdas as vêzes que lêem a sorte, logo a seguir dizem que é preciso, se quiserem que as pague mais alguns cruzeiros, que façam um benzimento porque há muita inveja e “cousa feita” que só elas têm fôrça para tirar.

Famílias do “Quadrado”, mandam, com certa reserva, ler a sorte de suas crianças e é claro, aproveitam para benzê-las pelas ciganas.

APÊNDICE N.º 14

SENTINELAS

(Cantos de Velório)

"INCELÊNCIAS"

"Uma incelência
ô mãi amorosa,
seu filhinho vai morto
na vida saudosa."

"Duas incelências," etc....

Cantam até doze "excelências". Enquanto estão cantando as "sentinelas", caso passe alguma pessoa, um daquêles que ali está grita: — "Chegai irimão das alma!" Sendo pequeno o número de participantes do velório chamam os irmãos das almas para cantar "sentinelas", ou cantam esta reza para ver aumentado o número de guardadores do defunto:

"Chegai pecadô que há de morrê,
chama por Jesus para tê valê."

"Chama por Jesus enquanto é tempo
quando a morte vem, mata de repente."

"Quando a morte vem, calada, sòzinha,
dizendo consigo, esta hora é minha."

"Chama por Jesus que Êle mandará
um anju da guarda para te ajudá."

"Torna a chamá, que êle vem também,
com o seu ao lado, para sempre. Amém."

Eu ofereço esta reza
ao Sinhô que tá na cruz,
que nos livre do inferno
para sempre. Amém Jesus.

REZA

“Nos domingo e dia santo
que as igreja tão chamano,
que nós no nosso batuque
é tu é que Jesus crama.

E tu é que deu a morte
tanta morte arrependina
tanto castigo que vorta.
Castigo havêmo tê,
raio, curisco e trovão
tudo isso é de se vê.

Essas arma que morreu,
não se salvaro nenhuma
selada êste misterio
talvez que salvasse alguma.

Valei-me Santa Teresa,
Valei-me Santa Isabé,
Valei-me meu anjo da Guarda,
Me acuda São Gabrié.

Quem rezá êste bendito
com tôda sua farnia
as portas do ceu se abre
e o inferno treme de dia,
que nos livre do inferno
para sempre, Amem Jesus.

DESPEDIDA

Cantam como se fôsse o defunto que estivesse des-
pedindo-se:

“Sua bençã mãi,
nos queira butá,
os anju me chama
não posso esperá.”

“Não posso esperá
esta dispidida,
hoje é o dia
da minha partida.”

“Meus irmão não chore
que eu não posso,
peço que me reze
outro Padre Nosso.”

“Si foram rezado
de bom coração,
peço que me ofereça
em minh'intenção.”

“Dê a ismola aos cego
e aos filho sem pai,
quem faz pra Jesus Cristo
merecemo mais.”

“Adeus minha mãi,
meu povo também,
eu vô pra eternidade
para sempre. Amem.”

ILUSTRAÇÕES



FIG. 1 — Xapanã. Com tições e pisoteamento de brasas é recebida esta divindade nos terreiros de candomblé. (Íconoteca do Autor).



FIG. 2 — Orações e literatura de cordel são encontradas nas bancas dos "Doutores de Raízes", nas feiras nordestinas. O autor adquire os "romances".



FIG. 3 — Lenços com pingos de água benta para curar "papeira".

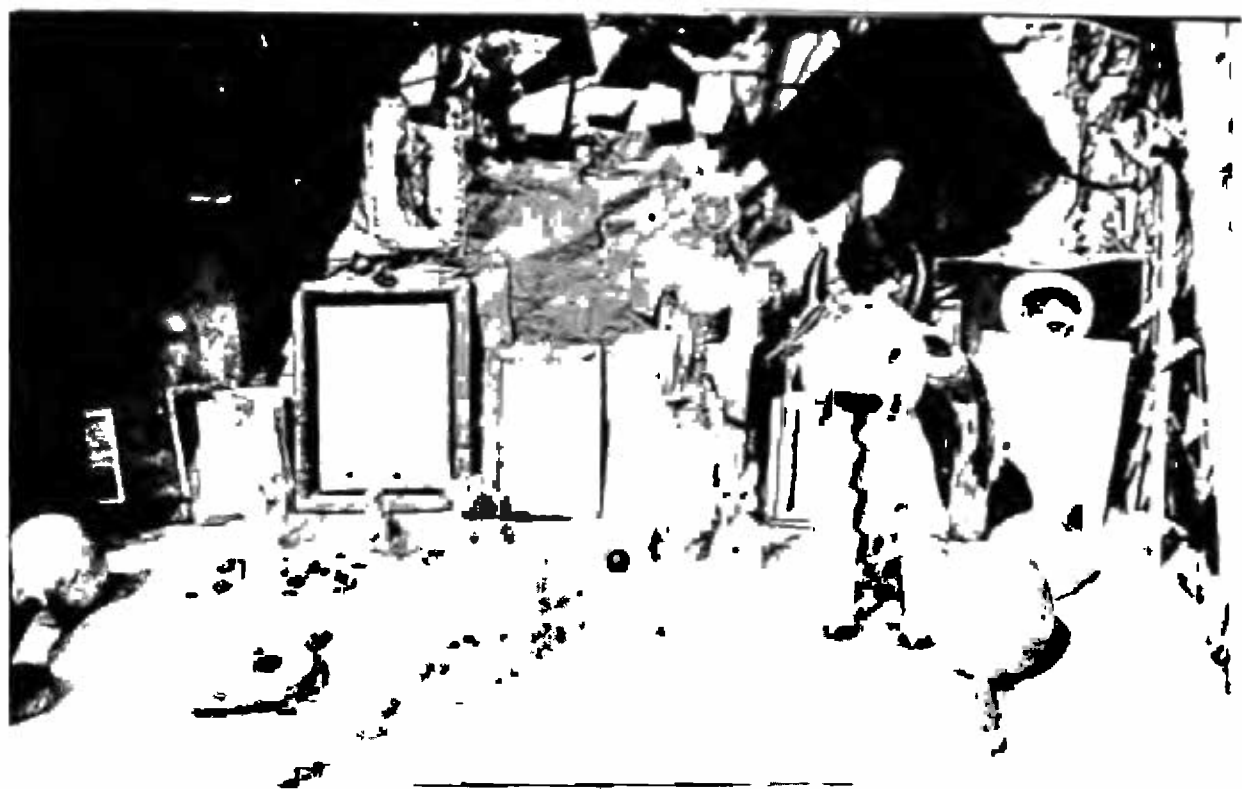


FIG. 4 — *A Piana do Toré*. Em primeiro plano, os maracás.



FIG. 5 — *Ex-votos* feitos de pano. Ao centro, a mortalha usada numa procissão por uma criança que sarou. Depois de cumprida a promessa, ofereceu-a à Santa Cruz do Cigano.



FIG. 6 — Nas mãos do devoto estão Santo Antônio (o menor) e São Pedro (o maior). As fitas amarradas são as "promessas".
(Iconoteca do Autor).



Fig. 1 - Kachapas de barro, feitas pelo "milagreiro" ou imaginário.

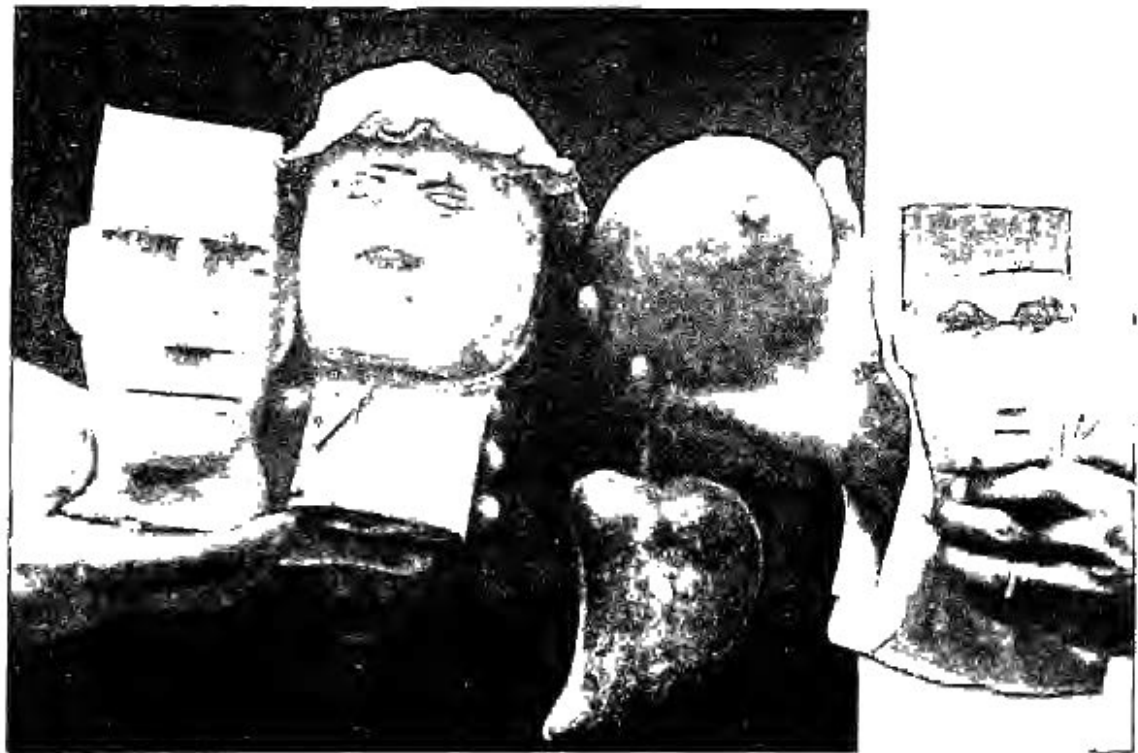


FIG. 8 -- Ex-votos de madeira, feitos pelos que foram curados.

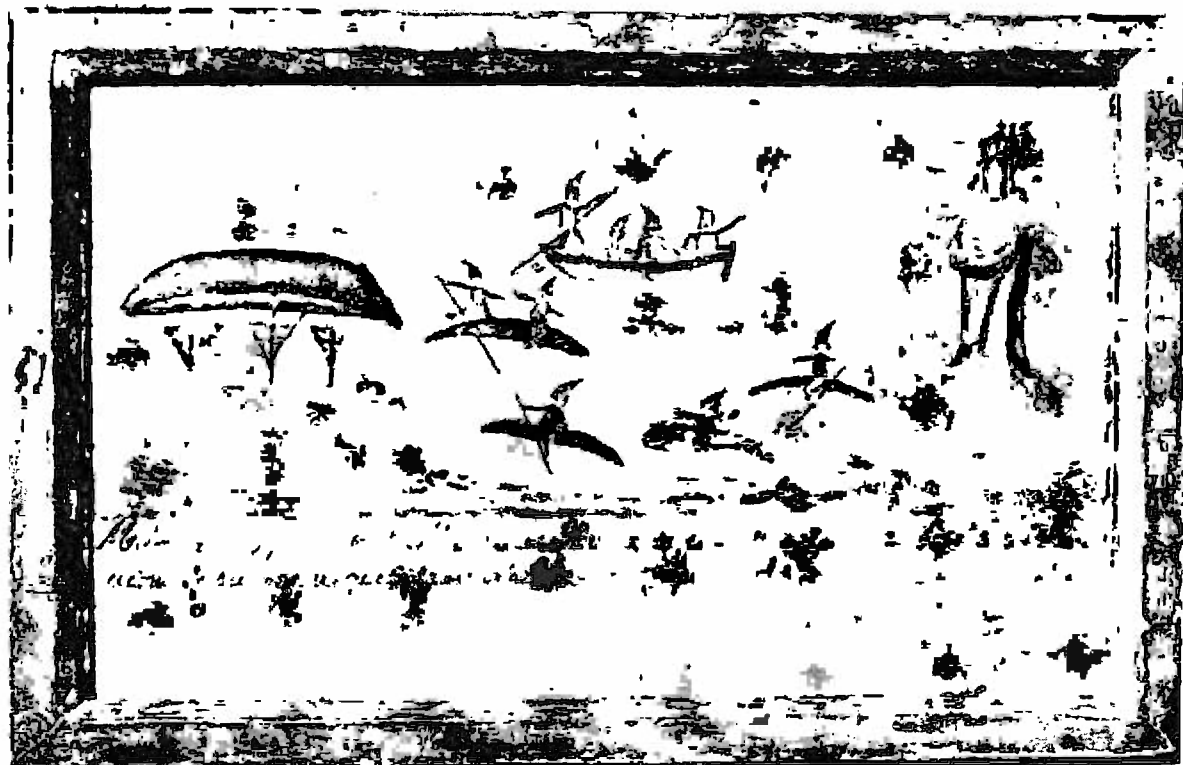


Fig. 4 - Escena pintada reunida no larva de N. S. Mãe dos Homens da guerra



FIG. 10 — A volta da romaria que os fiéis fizeram até Felix Deserto para buscar a imagem de N. S. Mãe dos Homens, imagem que ficará de fins de setembro até 31 de dezembro na Igreja Matrix de Piaçabuçu, pagando hospedagem. Esta é paga pelos devotos ao vigário.



FIG. 11 Os componentes do Candomblé.



FIG. 12 — Pai e mãe-de-santo despaçando os orixás no terreiro de Candomblé.



FIG. 18 — A mãe-de-santo com as Jataínas.



FIG. 15 — Para fumar *maconha* utiliza-se da "Marica".



MARICA

FIG. 16 Marica.

FIG. 14 — Aspirando o "torrado" (rapé), forma comum de tabagismo.





FIG. 17 — Rótulos de garrafas de cachaca de Piaçabuçu.



FIG. 18 — Nas bodegas pode faltar tudo, menos cachaça...



FIG. 19 — *Fogo corredor* ou *João da Lavina*. O mito segundo o pintor popular Miguel Azupard de Sibra (1889). (Iconotaca do Autor)



FIG. 20 — Dona Olindina — a “assistente” e “benzinheira”.

FIG. 21 — *Cegos na feira, mendigando.* O primeiro, da esquerda para a direita, é “seu” Liberato, farmanaz benzedor de crianças.





FIG. 22 — *Doutor de Raízes*, depois de receitar, vende os “preparos” para uma cliente. Seu “consultório” é ao ar livre, uma banca na feira de Plaçaçuçu.

FIG. 23 — *Vendendo “torrado” na feira*. Com o chifre na mão o “Doutor de Raízes”.





FIG. 24 — Parte da "farmácia", ou banca, do "Doutor de Raízes".



FIG. 25 — O "curador de cobras" em pleno exercício nas feiras nordestinas. O que está sendo "curado de cobras, enquanto é benzido, tem na palma da mão direita o crucifixo e no pescoço uma serpente.

FIG. 26 — O "curador de cobras", mostrando duas serpentes aos presentes para que se tornem "curados de cobra" apenas com um benzimento seu.

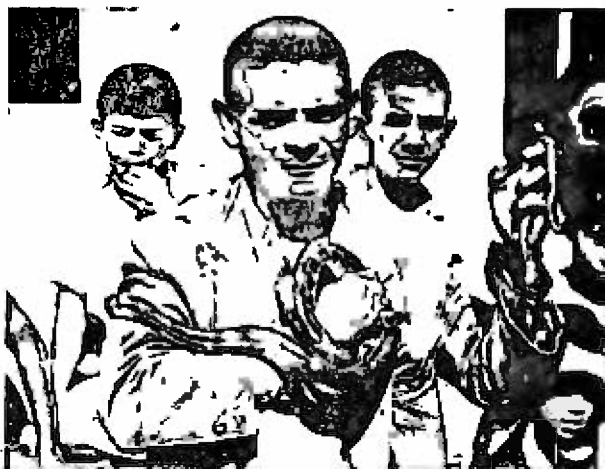




FIG. 27 — O "curador de cobras", óleo de José Gomes (1952).
(Iconoteca do Autor).



Orações

— DA —

Pedra Cristalina

— DE —

N. S. da Guia

— DE —

Santa Catarina

Oração de Santo

Lenho



de

Nosso Senhor

Jesus Cristo

ORAÇÃO

—DA—

Pedra Cristalina

Minha Pedra Cristalina que no mar foste achada entre o calix e a hostia consagrada; tremê a terra mas não treme N. Senhor Jesus Cristo no altar, assim treme os corações de meus inimigos quando olharem para mim. Eu te benzo em cruz e não tu a mim, entre o sol a lua as estrelas e a Santissima Trindade. Meu Deus, na travessia avistei meus

inimigos o que faço com eles? Com o manto da virgem Maria serei coberto e com o sangue de N. Senhor Jesus Cristo serei valido; meus inimigos tem vontade de me atirar porem não atiram se atirarem agua pelo cano da espingarda correrá se tivêrem vontade de me furar a faca das mãos cairá; se me amarrarem os nós se desatarão: se me trancarem as portas se abrirão. Amen

OFEREGIMENTO

Salvo fui, salvo sou, e

Oração do Santo Lenho de Nosso S. Jesus Cristo

Deus vos salve cruz de N. S. Jesus Cristo, com a cruz eu me benzo. oh! santo precioso Lenho em que Nosso S. J. Cristo foi crucificado para amparar-me e salvar-me do mortal pecado, do poder do demonio do inferno e das cruentas chamas do purgatorio e do poder dos meus inimigos carnaes e espirituais. Eu me benzo com a santa cruz de Jesus Cristo, em nome de Deus Padre, Deus Filho, de Deus Espirito Santo e de Maria Virgem pura. com o seu divino manto. Deus Santo, Deus imortal que eu me encante

—3—

diante dos meus inimigos que não tenham poder de me ofender. Pés tenham e não me persigam mãos tenham e não me ofendam, olhos tenham e não me vejam. Serei salvo de seu furor; deles não terei medo e nem pavor, andando de dia ou de noite se eu salvo de toda perseguição serei salvo com o poder de Deus padre Deus Filho, de Deus Espirito Santo do cruel contagio pestifero e da terrivel mortandade e do cruel flagelo da guerra; serei salvo de todas as dores cruciantes e oppriliões no meu corpo, serei salvo e curado com o poder de N. S. J. C. de dor de dente dor reumaticas, dor de gota, dor no ventre, dor de cabeça, dor no coração, dores no corpo

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Abcessos, 154
Ablução, 80, 110, 153
Abstenção sexual, 138, 180, 260, 261, 270
Acalanto, 50
Acessos de asma, 236
Achaques reumáticos, 236
Açoterapia, 58, 61, 62, 174, 178
Adarrum, 244, 245
Adjá, 113
Afrodisíaco, 74
Agogô, 112
Agourento, 172
"Agrado", 161, 196, 208, 257
Águas do mar sagrado, 86
"Ajuda", 59, 153
Ajuda vicinal, 163
Alimento carregado, 151, 152
Alimentos proibidos, 150
Almeida Prado, João Fernando (Yan), XIV
Altenfelder Silva, Fernando, 98
Altitude, 23, 31
Alvarenga, Oneyda, 76
Amaral, Amadeu, 237
Amuleto, 58, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 247, 251
Anárgiros, 129
Andejos, 257
Anel bento, 68, 72, 73
Antigo leito do rio São Francisco, 24, 25
Antiofídico, 248
Antropologia cultural, 164
Antropólogo social, 264, 268, 271
Antropometria miraculosa, 99, 157
"Aparadeira", 214
Apito, 86
Ar, ramo de ar, 64, 196, 221
Arco-iris 171
Arqueocivilização, 97, 254
"Arte curativa", 201
Asma, 148
Aspermatismo, 155
"Assistente", 60, 196, 214, 217, 221, 255, 259
Astrologo, 237
Ataques epilépticos, 236
Aventais maçônicos, 120
Azevedo, Aroldo, 19, 31

B

- Babalaô, 125
Babalorixá, 117
Bafo de cobra, 164, 270

Baixo-espiritismo, 14
 Baldus, Herbert, 53, 54, 158
 Balneoterapia, 59, 153
 Banca do raízeiro, 180, 181, 190
 Bangüê, 29
 Banho de defesa, 153
 Banquete dos maracás, 77, 88
 Basilisco, 149
 Bastide, Roger, 18, 76, 109, 110, 244
 "Batalhão", 163, 255
 Batim, 169
 Batismo, 144, 169, 224
 Beatos, 58, 102, 103, 105, 106
 Beber querosene, 201
 Beijar o solo, 121, 123
 Beiradeiro, 14
 Bênditos, 226
 Bentinho, 58, 63, 68, 69, 71
 Benzedor, 55, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 145, 192, 195, 197, 208, 212, 255, 256, 268
 Benzaduras, 1, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 195, 196, 241, 242, 251
 Benzimento, 64, 65, 66, 194, 195, 196, 198, 202
 Benzimento pelo rastro e pelo ar, 66, 235
 "Benzinheira", 54, 58, 61, 62, 65, 66, 92, 151, 192, 195, 196, 197, 205, 211, 221, 251, 255, 256, 262, 268
 "Benzedeiras itinerantes", 198
 Benzoar, 74
 Bettencourt, Natália, R., 196
 Bichas, 59, 153

Blenorragia, 175
 "Boquejar", 244
 Breve, 213
 "Brincadeira", 118, 121, 138
 Bruxa, 166, 170
 Buchada, 152

C

Caboclo, 52, 94, 105, 127
 (outra acepção de "caboclo")
 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 86, 89, 122, 124, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 138
 "Cabra", 199 (no rodapé)
 Cabral, Osvaldo, R., 156
 Cachaça, 158, 160, 161, 162, 163
 Cachumba, 241
 Cafunê, 50, 173
 Campos, Cantídio de Moura, XIII
 Candomblé, 13, 14, 56, 57, 59, 75, 80, 82, 83, 92, 97, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 127, 137, 140, 145, 158, 211, 244, 247, 253, 261, 268
 Cangaceiro, 199 (rodapé)
 Canoa de tôlda, 24, 106
 Canzoal, 111, 116, 118, 119, 125, 131, 137
 Cão (o diabo), 150
 Capangueira, 120
 Capelão leigo, 227
 Carneiro, Edison, 57
 Carpideiras, 224

- Carvalho, Arnaldo Vieira de Prêmio, XIII
- Carvalho, Hilário Veiga, de XIII
- Casamento, 212, 213
- Cascudo, Luís da Câmara, 76, 240
- Castigo de Deus, 210
- Castillo de Lucas, Antonio, 96, 237
- Catamenial, 236
- Catamênio, 259
- Cataplasma, 59, 141, 180
- Catimbó, 75, 76
- Catolicismo brasileiro, 91, 105, 211, 212, 247 ou
- Catolicismo de "folk", 9, 58, 60, 90, 98
- Catolicismo rural, 248
- Catolicismo romano, 14, 90, 103, 105, 211, 212, 247 (Ritual Romano), 156, 254
- Católica romana, 13, 78, 82, 83, 84, 90, 107, 116, 117, 140, 144, 195, 223, 254
- "Cavalo", "cavalo de santo", 122
- Celibato dos padres, 260
- Cemitério, 160, 224, 225
- Cemitério dos pagãos, 169, 224
- Centro de Saúde, 204, 252
- Chá de barata, 173
- Chá de bico, 153
- Chazinho, 4, 56, 59, 142, 143, 146, 180, 221
- "Chamada", 76
- Chão de lagoa, 32
- Chão de praia, 32
- Charlatão, 203
- Chatas, 23
- Chiliques, 159
- Ciganas, 198, 237
- Cobras venenosas, 172
- Coelho, Duarte, 26
- Comadre, 58, 59
- Comidas especiais, 150, comidas "quentes ou frias", 179
- Compadre, 222, 225
- Configuração cultural, 252, 253, 263
- Congresso (III) Pan-Americano de História da Medicina, XIII
- Consulta coletiva, 125
- "Consultório", 180, 207, 208
- Contrôle social, 251
- Cordão umbilical, 159
- Corso, Raffaele, 70, 71
- Costa, Waldemar, 13
- Couina, 78, 86, 88, 158, 191
- "Cousas feitas", 233
- Couto, Miguel, 105
- Couvade, 180
- Cristãs evangélicas, 211
- Cultos pirolátricos, 156
- Cultura rústica, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 103
- Curador, 58, 60, 62, 92, 255, 260
- "Curado de cobras", 147, 201, 202
- Curador de cobras, 39, 54, 58, 60, 192, 197, 200, 201, 202, 208, 250, 255, 257, 260, 268

Curador de pastos (cobras),
202, 208

Curandeiros, 5, 54, 61, 63, 92,
141, 192, 193, 195, 197, 208,
209, 211, 212, 255, 256

Currais de gado, 11, 21

Curtimento, 159

Curupira, 167

D

Dantas, André Rocha, 22, 28,
43

"Defesas contra", 235

Defumação, 58, 75, 76, 78, 81,
84, 85, 88, 125, 140, 142,
172, 234, 254

Defumar, 56, 218

Dentista, 203

Desordens mentais, 210

Desorganização social, 210

Despachar o ebó, 117

Deuterose brasílica, 157

Dia da Hora, 174

Dias, A. Jorge, 55

Dias, Jaime Lopes, 55

Dieta, 150, 199

Dieta do parto, 219

Dispensação terapêutica, 254

Dispermatismo, 155

"Doenças de mulher", 150

Doutor de raízes, 39, 59, 144,
146, 169, 181, 192, 197, 198,
199, 200, 204, 208, 257, 268

Duarte, Paulo, XIV

E

Elefantiase, 174

Elevação do cálice, 166

"Encantados", 78, 79, 80, 83,
84, 87, 89, 97, 168

Encantamento, 165, 168, 169

Enchentes, 26

Encomendar o defunto, 223,
226

Enramar, 56, 79, 87

Enramado, 84, 86

Enterrar na biqueira da casa,
225

Enterrar na igreja, 224

Enterro, 211, 223, 229

Enurese, 150

Envultamento, 165, 168, 169,
171

Erisipela, 148, 172

Ervas medicinais, 142

Escambo, 10, 12

Escola de Sociologia e Polí-
tica, XVI

Escravos, 28, 29, 99

Espírito, 170, Espírito branco,
134, 135, Espírito caboclo,
138.

Espírita, 13, 78

Espiritismo, 77

Esterilidade feminina, 215

Estórias, 165, 168, 171, 262

Estradas (tipos de), 23

Estrutura social, 252, 253, 257,
263

Etiologia, 178, 210, 262

"Excelências", 228

Excitação coreofílica, 244

Excretoterapia, 59, 144, 147,
149, 160, 180
Extirpação verbal, 242, 243
Exorcismo, 171
Ex-voto, 93, 94, 95, 96, 97,
248
Ex-voto imaterial, 171
Exu, 126

F

Fadas, 168
Falcão, Edgard de Cerqueira,
XIV
Farmácia, 192, 199, 207, 211,
238, 249
Farmacêutico, 154, 192, 206,
207, 238
Farmacopéia folclórica, 154
Farmacopéia rústica, 141
Fávero, Flaminio, XIII
Febre aftosa, 175
Fechar o corpo, 88
Feitiçaria, 229, 230, 232, 261
Feiticeira, 256
Feitiço, 72, 229, 233, 235, 256
Fernandes, Florestan, XIV
Fernandes, Gonçalves, 76
"Ferrado", 147
Ferrari, Alfonso Trujillo, 27
Freire, Arnaldo Amado,
XIII
Fêzes humanas (beber), 147
Figa, 64, 68, 70, 72, 73, 181,
235
Filariose, 174
Filha-de-santo, 124, 135
Filhos de Candinha, 238

Fitas antropométricas, 191,
247
Fitas curativas, 99, 157, 235
Fitoterapia, 59, 77, 140, 141,
143, 154, 254
Flebotomia, 154
Flôres brancas, 151
Fogo corredor, 165, 166, 167,
171
Folclore, 18, 147, 253, 263,
264
Folclorólogo, 3
Fôrças misteriosas, 164
Forma de santificação, 262
Franco, Cid, 106
Fumigações, 173
Função catártica, 244, 263
Furúnculos, 154

G

Galvão, Eduardo, 76
Garrafada, 144, 180, 194, 200,
214
Gata borralheira, 168
Geofagia, 148
Gerontocracia, 257
Gia de padre, 150, 172
"Gíria medicinal", 243
"Grandola", 192, 207, 224,
249
Gravidez, 211, 212, 213
Grilo torrado, 173
Guardamento de defunto, 227

H

Hálito de vida, 254
Hemostático, 172
Hiato cultural, 252, 253, 263

Hidroterapia, 153
 Holanda, Sérgio Buarque de,
 XIV, 141
 Horóscopo, 240, 241

I

Iabá, 114
 Içá (comer), 174
 Icterícia, 148
 Idiofônio, 83, 89, 113
 Iemanjá, 82, 116
 Ilhas, 23, 31, 46, 49, 102
 Impotência generandi, 155
 "Imundície", 243
 Inalação, 159
 Índios, 153, índios Caeté, 25,
 27, índios Cariri, 27, 79, 89,
 155
 Inquices, 112, 113
 Instituto de Administração da
 Universidade de São Paulo,
 XVI
 Inveja, 145

J

Janaina, 96, 97, 111, 114, 115,
 124, 262
 Jasmim do campo, 149, 180
 João da Lavínia, 167, 262
 Jurema, 56, 73, 75, 76, 77,
 78, 81, 84, 89, 125, 127, 132,
 142, 190, 191
 Juremado, 77, 78, 79, 81, 135,
 136, 191
 Jurubari, 78, 138

L

Lacombe, Américo Jacobina,
 XIV
 Lagoa, 40, 42, 43, 44, 49
 Lagoa sagrada, 114
 Lambedouro, 59, 143, 180
 Lampião, 136
 Lavagem das contas, 117
 Lei mosaica, 224
 Lepra, 148, 177
 Leprê, 120, 135
 Levitar-se, 128
 Liberalli, Carlos Henrique
 Robertson, XIV
 Limites, 22
 "Linho", 76, 78, 85, 86, 121,
 122, 123, 125, 126, 127, 129,
 130, 132, 135, 136
 Literatura de cordel, 69, 104,
 181, 197, 200
 Literatura oral, 240, 241, 242,
 244
 Lôas, 157, 162, 163
 Louco, 61, 236
 Lôxa, 121, 122
 Lubisomem (lobisomem), 165,
 166, 169
 Lunário Perpétuo, 196, 197,
 237, 240, 241
 Luto, 211, 225, 226, 229

M

Maçaió, 23
 Maçonaria, 170
 Maconha, 142
 Maculo, 178

- Maçunim, 9
Mãe d'água, 165, 166
Magia negativa, 234
Magia negra, 256
Magia simpática, 232
Mal feito, 150, 229, 230, 233, 256
Maleita, 148
Malunguinho, 83, 84, 87, 122
"Mana", 197
"Maninha", 213, 214, "maninho", 213, 214
Mar sagrado, 145
Maria Bonita, 137
Maria Xangô, 230, 231, 232, 233, 256
Massagens, 159
Matecai, 79
Mau olhado, 64, 73, 85, 145, 198, 234, 235
Mecas religiosas, 176
Mecônio, 147
Medicina cabocla, 52, 53
Medicina científica, 249
Medicina Empírica, 2, 55, 56, 59, 140, 154, 180
Medicina espiritual, 221
Medicina de "folk", 1, 246, 270
Medicina folclórica, 56
Medicina mágica, 2, 55, 56, 57, 60, 75, 92, 106, 107, 140, 154, 180, 242
Medicina popular, 53, 54, 141, 142
Medicina religiosa, 2, 55, 56, 57, 59, 107, 140, 154, 180
Medicina sertaneja, 52
Medicina social, 264
"Medicine-man" 254
Médico, 192, 205, 206, 249
Meizinha, 59, 143, 180, 206, 221
Membranofônio, 83, 108, 113
Menopausa, 259, pos-menopausa, 262
Menstruada, 151, 152
Menstruo, 230
Meteorologia, 236
Meteorofolclóricas, 236
Mijação, 149
Mijar na cova, 148
Milagre, 93
"Milagre" (ex-voto), 18, 93
Milagreiros, 58, 102, 103, 105, 106
Missa do sétimo dia, 226
Mistura, 159
Mito, 164, 171, 262, 263
Mitos primitivos, 165, Mitos secundários, 165
Mochilinha, 63, 68, 69, 73
Moléstias da garganta, 242
Moléstias venéreas, 214
Morféia, 177
Mortalha de anjo, 219
Morte, 223, 224, 229
Muçulmanos, 85, 119
Mudança cultural, 246, 247, 251, 252, Mudança social, 212
Mula de padre, 166, 170
Mula sem cabeça, 165, 166, 170

Müller, Antônio Rubbo, 52
Mundo mental, 164, 199, 211

N

Nascimento, 211, 217, 218
Nassau, Maurício de, 21, 28, 29
Negro d'água, 96, 97, 116, 167, 171, 262
Nepotismo, 252
"Nomes feios", 243
Números cabalísticos, 159

O

Observação participante, 7
Observador participante, 55, 202
"Ofendido", 248, 269, 270
"Ofensa", 155, "Ofensa de serpente", 202
Ofidismo, 200
Ogam, 140
"Olhar a doença", 193
Oligospermia, 155
Orações, 194
Orixás, 57, 89, 90, 109, 112, 114, 133, 135

P

Pacheco e Silva, Antonio Carlos, XIII
Padre Cícero (Padrim Cirço), 63, 65, 71, 73, 81, 86, 98, 99, 103, 104, 176, 270
Padrinho, 222
Padrões de comportamento, 164, 246
Pajelança, 76
Palmatória, 120, 135

Panacéia folclórica, 157
Panelinhas, 192
Paremiologia, 240
Parteira, 213, 217, 218, 220
Parturientes, 175, 213, 217
Patuá, 58, 68, 69
Pecado, 148
"Peixeira", 163
Penicilina, 175, 204, 238
Penitência, 90, 98
Penitente, 100, 101, 102, 210
Pesquisa social, 264
Pesquisador social, 268, 269
Piaçabuçu (origem do vocábulo), 30
"Pianas", 79, 80, 81, 82, 85, 87, 89, 191, 258
Pierson, Donald, XIV, 63
Piolhos, 173
"Pingafobia", 160
Pingaterapia, 1, 59, 157, 160
Pirajá da Silva, XIV
Pirótica, 154, 155, 156, 214
Pirótica mágica, 157
Pitonisa, 237
Pneumonia, 154
Poligamia, 106, 135
"Ponto", 120
Populária, 245
Posologia, 159
Povoados do arroz, 1, povoado dos coqueirais, 10
Prado, A. de Almeida, 55
Praguejar, 243
"Práticas imundas", 147
Predição de sexo do nascituro, 220
Pregão, 49
Prêmio "Brasileira", XIV

"Preparos", 143, 153, 180, 181
 Preventivo (ex-voto), 96, 97
 Prisão de ventre, 154
 Produtivos (ritual mágico), 94, 95, 96
 Profilaxia mágica, 58, 60, 68
 Promessas (ex-votos), 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 107, 176
 Promiscuidade, 104
 Protestante, 13, 211, 247
 Protetivos (ritual mágico), 94, 95, 96
 Psicanálise, 164, 194, 208
 Psicoterapia, 64, 209
 Psiquiatra, 255
 Psiquiatria, 171
 Purgante, 146, 179, 180

Q

Quebra de poderes, 179
 Quebranto, 61, 62, 64, 65, 66, 72, 73, 221, 234, 235, 241, 260
 Queimadura, 148
 Quelê, 111
 "Quente", 161, 162

R

Raízeiro, 54, 69, 168, 198, 212, 260
 Rameiras, 175
 Ramos, Artur, 194, 244, 254
 Recém-nascido, 211
 Refraneiro da medicina, 176, 236, 237, 238, 241

Regiões culturais de Wagley, 7
 Relações de vizinhança, 259
 Relique, 58, 68, 69, 70, 73
 Remédios frios, frescos e quentes, 199, remédios frios, 251
 Resguardo, 146, 160, 178, 179, 180, 199, 219 (quebra de resguardo), 146
 Reumatismo, época do, 34, para curar reumatismo, 174
 Reza, 64, 91, 92, 194, 202, 206, Reza e amor, 62
 Rezador, 61, 64, 92
 Riachos, 23
 Ribeiro, João, 157, 242
 Ribeiro, Joaquim, 141
 Ritos mágicos, 1, 14 (ritual mágico), 94, 242
 Ritos protetivos, 221
 Ritos produtivos, 221
 "Rodada", 162, 163
 Rodrigues de Melo, M., 225
 Romaria, 72, 98, 99, 103, 176
 Rosário, 63, 64, 68, 71, 73, 80, 87, 92, 93, 99, 100, 119, 124, 138, 193, 212, 247

S

Saci-pererê, 167
 Sagrado (o sagrado, cemitério), 169, 224
 Sal, 145
 Saliva, 150
 Sampaio, Teodoro, 45
 "Sampauleiro", 251

Samuel Belibete, 258

Sangue de saturno, 149

Sangue-suga, 153

Sangria, 154

Santinho, 58, 68, 99, 247

Sapo, ("mijo" de), 172, (intruso), 192

Sarampo, 149, 205

Sarapatel, 152

Sarna, 149

Sentido lunar, 124

"Sentinela" (velório), 202, 223, 226, 227, 228, 233

Serpente, 137, 200 (venenosas), 172

"Serviço de mesa", 77

Sífilis, 175

Simpatias, 1, 58, 60, 61, 67, 202, 221, 234, 241, 242, 251

Simposium de Antropologia, 2

Sincretismo, 9, 14, 80, 84, 89, 107, 108, 117, 118, 140

"Sindicatos terapêuticos", 241

Sobrenatural, 164 (sêres), 165

Socialização da medicina, 176, 206

Sociedade Paulista de História da Medicina, XIII

"Sombreada", 86

Sôpro, 54

Suadouro, 59, 146, 180, 199

Surrar defunto, 227

Susto, 58, 67

T

Tabu, 150, 151, 152, 160, 194, 237

Talismã, 58, 68, 70, 71, 74, 75

Taparica, 23

Terapêutica mágica, 156, terapêutica ritual, 59, 131

Terçol, 149, 173

Teixeira, Fausto, 177

"Terrera", terreiro, 119, 125, 140

Tertúlia, 192, 193

Tifo, 173, 174

Toré, 13, 14, 55, 56, 57, 58,

60, 75, 76, 77, 78, 79, 80,

81, 82, 83, 84, 88, 89, 92, 97,

107, 108, 117, 118, 129, 130,

136, 137, 140, 149, 158, 191,

211, 247, 253, 258, 268, 269

"Trabalho", 81, 89, 92

Trancoso (estórias de), 168

Transferência, 58, 61

Tríplice abraço, 124

Troca de cabeça, 117

"Trocada" ("trocar" o santo), 191

Tuberculose, 176

Turíbulos, 254

U

Umbigo, 159, 220 (queda do umbigo), 219

Unheiro, 149

Uxoricídio, 170

V

- Variola, 149
Vaz, Zeferino, XIII
Velhos (os mais velhos),
251
Velório, 226, 227
Ventos, 34
"Vidência", 120
Violeiros (órgãos da opinião
pública), 106
"Virtude", 62, 68, 92, 140,
153
Visagem, 168
Vomitório, 56, 59, 146, 180

W

- Wagley, Charles W., 7
Willems, Emílio, 53

X

- Xangô (cerimônia), 138 (di-
vidade, 126
Xapanã, 57, 59, 96, 97, 123,
131, 156

Z

- Zelador dos inquices, 111
Zumbi, 165, 167, 262

Uma execução em virtude de
São Paulo Editora S. A. São Paulo, Brasil

MEDICINA RÚSTICA

Prêmio Brasileira

(1959)

Exemplar Nº 1160

1961

Direitos desta edição reservados à
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639
SÃO PAULO, BRASIL

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

BRASILIANA

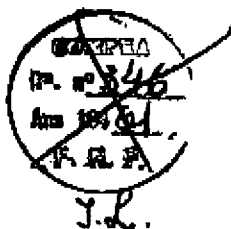
VOLUME 300

ALCEU MAYNARD ARAÚJO

MEDICINA RÚSTICA

Prêmio Brasileira

(1959)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO

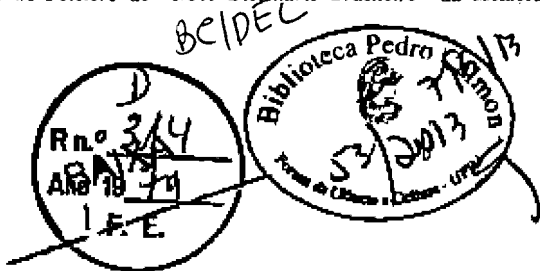
FAC. EDUCAÇÃO **Baixa** BIBLIOTECA

DO MESMO AUTOR

- Seis Lendas Amazônicas* (Documentário fotográfico editado pela Gráfica da Prefeitura Municipal de São Paulo), 1942.
Clubes de Menores Operários (Idem), 1943.
Acampamento Permanente "Ajuricaba", (Idem); 1946.
Cururu, 1948.
Danças e Ritos Populares de Taubaté, 1948.
Folias de Reis de Cunha, 1949.
Rondas Infantis de Cananéia, 1952.
Documentário Folclórico Paulista, 1952.
Instrumentos Musicais e Implementos, 1954.
Literatura de Cordel, 1955.
Canta Brasil, 1950.
Cem Melodias Folclóricas, 1957.
Ciclo Agrícola, Calendário Religioso e Magias Ligadas às plantações (1.º Prêmio de 1950, conferido pela Discoteca Municipal de São Paulo. Editado em 1957 pela Gráfica Municipal).
Alguns Ritos Mágicos (2.º Prêmio de 1951, conferido pela D. M. de S. Paulo). Editado em 1958.
Poranduba Paulista, "Festas", 1958.
Populações Ribeirinhas do Baixo São Francisco, 1960.
A Congada Nasceu em Roncesvalles (1.º Prêmio literário "Camaru Municipal de São Paulo", de 1959. Editado pela Gráfica Municipal, 1960).
Achegas à Galeria dos Presidentes de São Paulo, 1960.
Chefes do Governo Paulista, "Tempos Tumultuários", 1960.

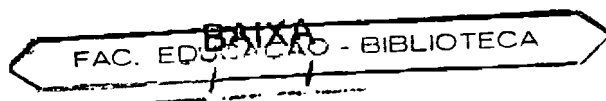
NO PRELO:

- Escôrço do Folclore de uma Comunidade* (2.º Prêmio "Mário de Andrade", de 1956, conferido pela Discoteca Municipal de São Paulo).
Passagem Grande, Cidade Ribeirinha (estudo sociológico de uma comunidade do baixo São Francisco).
Verbetes de Folclore do "Novo Dicionário Brasileiro" da Melhoramentos.



ÍNDICE

<i>Nota dos Editôres</i>	IX
<i>Explicação Preliminar</i>	XI
<i>Introdução</i>	1
I – História e Geografia	19
II – Medicina Rústica	52
III – Causas das doenças	164
IV – Os oficiais da Medicina Rústica	192
V – Os Clientes	210
VI – Feitiçaria	229
VII – Refraneiro da Medicina	236
VIII – Conceitos e teoria da Medicina Rústica	246
<i>Conclusões</i>	264
<i>Apêndices</i>	273
<i>Ilustrações</i>	361
<i>Índice Remissivo</i>	385



NOTA DOS EDITORES

Quisemos que o tricentésimo volume da “Brasíliana” fôsse uma edição representativa da fidelidade ao espírito que a inspirou. Esta coleção foi fundada para melhor conhecimento do Brasil, e tem cumprido a sua função de divulgar os vários aspectos da nossa terra.

Êste volume, que representa um marco dessa caminhada, devia ser uma prova de que não foi perdida de vista a idéia inicial. Por isso, uma comissão especializada, em dois anos sucessivos, seleccionou entre vários trabalhos apresentados, algum que fôsse não sòmente uma demonstração de cultura, mas ainda que representasse esfôrço científico de estudo e compreensão da terra.

Pode-se concordar ou discordar de alguns pontos de vista do Sr. Alceu Maynard Araújo, mas o que desde as primeiras páginas nos empolga é a seriedade e a tenacidade com que êle pesquisou a fundo o setor que se propôs a analisar. Com algumas amostras dêsse tipo estaremos habilitados a elaborar um retrato autêntico do país, e não resultado dos devaneios de improvisadores.

É, pois, uma contribuição honesta que traz a coleção “Brasíliana” aos estudos brasileiros. Não pode haver mais satisfação para uma empresa do que a de não haver

traído a seu ideal. E o ideal dos criadores da coleção veterana entre tôdas as que se destinam à divulgação das coisas do Brasil está não sòmente vivo, mas pujante e ativo, capaz de manter suas publicações não apenas no nível em que foram concebidas, mas ainda de lançá-las a planos mais arrojados.

Esta a significação do Prêmio *Brasiliana* de 1959.

Queira Deus que o mesmo possamos repetir ao erigir outros marcos simbólicos nessa caminhada pela cultura do Brasil.

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

A convite do Prof. Dr. Hilário Veiga de Carvalho, proferimos, em 1956, uma palestra na Sociedade Paulista de História da Medicina, sôbre alguns aspectos da doença e sua cura no Vale do Rio São Francisco. Nesse dia, recebemos o convite para dar aulas sôbre "Antropologia Social e Medicina" no curso de extensão universitária que todos os anos a Cadeira de Medicina Legal realiza no "Instituto Oscar Freire". Em 1957, demos aulas nesse curso e seu diretor renovou o convite para 1958, quando então ampliamos o esbôço de nossas palestras, que se tornaram os capítulos dêste livro. Assim nasceu Medicina Rústica.

O Prof. Dr. Arnaldo Amado Ferreira, presidente da Sociedade Paulista de História da Medicina, incentivou-nos concorrer ao prêmio "Arnaldo Vieira de Carvalho", instituído há 18 anos por essa associação científica e cultural. Tivemos o privilégio de ser o primeiro ganhador da láurea — Medalha de Ouro — tendo apresentado êste trabalho, que recebeu o exame da comissão composta pelos professores doutores Flamínio Fávero, Cantídio de Moura Campos e Antônio Carlos Pacheco e Silva, merecendo o parecer aprovador. O prêmio foi conferido em 1958 e entregue em sessão solene realizada na séde da Academia Paulista de Medicina. Medalha e diploma foram entregues

pelo Prof. Dr. Zeferino Vaz, vice-reitor da Universidade de São Paulo, no dia 22 de agosto de 1958.

Em 1959, na qualidade de diretor da Seção de Medicina Folclórica da Sociedade Paulista de História da Medicina, inscrevemo-nos no III Congresso Pan-Americano de História da Medicina, realizado em abril no Rio de Janeiro, e apresentamo-lo como tese. Não podendo estar presente ao congresso, o trabalho foi lido e apresentado pelo nosso ilustre confrade Prof. Dr. Carlos Henrique Robertson Liberalli. Conforme nota de "O Estado de São Paulo", de seu correspondente no Rio de Janeiro, de 16-4-58, assim se expressou: "O trabalho do Prof. Maynard Araújo, sobre medicina folclórica, uma verdadeira monografia, é uma das mais notáveis contribuições ao Congresso, foi comentado pelos professores Xavier Pedrosa, Luís de Pina, Arnaldo Tavares e Horácio Figueirôa".

Em 30 de julho de 1958, Medicina Rústica é entregue à União Brasileira de Escritores para concorrer ao Prêmio "Brasiliana", instituído pela Editora Nacional. Os originais ainda inéditos da pesquisa, passam pelo crivo de uma comissão examinadora composta pelos professores Américo Jacobina Lacombe, Florestan Fernandes, João Fernando de Almeida Prado (Yan), Paulo Duarte e Sérgio Buarque de Hollanda. Nos últimos dias de dezembro de 1959, mereceu da conspícua comissão a aprovação e é classificado em primeiro lugar entre os demais concorrentes àquele ambicionado prêmio — ser publicado como o volume número 300 da Coleção Brasiliana da Editora Nacional.

Por ocasião das comemorações do “Ano Pirajá da Silva”, mereceu a medalha “Pirajá da Silva” que foi entregue ao autor em sessão solene de encerramento do “Ano”, em dezembro, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, venera concedida por proposta de Edgard de Cerqueira Falcão, visto o trabalho — um têma da medicina tropical — ter sido o ganhador do prêmio “Brasíliana”.

Apresentamos Medicina Rústica. Sua fonte primeira foi a pesquisa sociológica realizada no baixo São Francisco. Tal investigação foi possível graças ao convite que nos fez o sociólogo Prof. Dr. Donald Pierson, para que, como seu associado de pesquisa, sob o patrocínio da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Comissão do Vale do São Francisco, e representante do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, realizássemos o estudo naquela área tropical.

O AUTOR

MEDICINA RÚSTICA

MEDICINA RÚSTICA

Prêmio Brasileira

(1959)